

5 a 7 de setembro 2018

TERESINA - PI - BRASIL

IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E GÊNERO

I COLÓQUIO NACIONAL
DE IMPRENSA FEMININA

*Descolonização, Gênero
Corporeidade e Resistência*



PROGRAMAÇÃO GERAL E LIVRO DE RESUMOS

Realização



Apoio



ORGANIZADORES

Algemira de Macêdo Mendes
Alody Costa Cassemiro
Francisco Herbert da Silva
Maria Desterro da Silva Oliveira
Silvana Maria Pantoja dos Santos

**CADERNO DE RESUMOS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E
GÊNERO
I COLOQUIO NACIONAL DE IMPRENSA FEMININA**

FUESPI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
GOVERNADOR DO ESTADO
José Wellington Barroso de Araújo Dias

REITOR

Prof. Dr. Nougá Cardoso Batista

VICE-REITOR

Prof. Dr. Evandro Alberto de Sousa

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS
HUMANOS – PRAD**

Prof. Dr. Geraldo Eduardo da Luz Júnior

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E FINANÇAS – PROPLAN

Prof. Msc. Raimundo Isídio de Sousa

PRÓ-REITORA DE ENSINO E GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Pedro Antônio Soares Júnior

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo

**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO, ASSUNTOS ESTUDANTIS E
COMUNITÁRIOS**

Profa. Dra. Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino

**DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS –
CCHL**

Prof. Esp. Omar Mário Albornoz

**COORDENADOR DO NÚCLEO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
PIAUIENSES NELIPI / NÚCLEO DE ESTUDOS DE LITERATURA E
GÊNERO / NELG**

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes

COORDENADORA DO MESTRADO EM LETRAS/UESPI

Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho

COORDENADORA GERAL DO EVENTO

Profa. Dra. Algemira Macedo Mendes (UESPI)

Profa. Ms. Maria do Desterro da Silva Oliveira (Secretária / UESPI)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes (UESPI / UEMA)
Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI/UEMA)
Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)
Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)
Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)
Profa. Msc. Joselita Izabel de Jesus (UESPI)
Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)
Profa. Dra. Stela Viana Brito (UESPI)
Profa. Msc. Jurema da Silva Araújo (UESPI)
Profa. Dra. Ana Cristina Meneses (UESPI)
Prof. Dr. Alcione Correa Alves (UFPI)
Profa. Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI)
Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)
Prof. Dr. Sebastião Lopes (UFPI)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI/UL)
Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)
Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)
Prof. Dr. Fábio Mário da Silva (UNIFESSPA/CLEPUL)
Prof. Dr. Orlando Luiz Araújo /UFC - CAPES -
Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca / UFRPE
Prof. Dr. Sebastião Lopes (UFPI)
Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI / UFPI)
Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)
Profa. Dra. Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)
Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)
Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UEMA)
Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)
Profa. Dra. Tânia Lima (UFRN)
Profa. Dra. Assunção De Maria Sousa E Silva (UESPI)
Profa. Dra. Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)
Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM)
Profa. Dra. Telma Borges da Silva (UNIMONTES)
Prof. Dr. Carlos André Pinheiro (UFPI)
Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja do Santos (UESPI / UEMA)
Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)
Profa. Dra. Maria do Socorro Carvalho – UEMA
Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)
Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (UFMA)
Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa (UERN)
Iêdo Paes de Oliveira (UFRPE)

COMISSÃO DE APOIO

Abílio de Monteiro Neiva (Mestrado / UESPI)
Francisco Herbert da Silva (Mestrado / UESPI)
Nayra Bianca Costa Mendes (PIBIC / UESPI)
Alody Costa Casemiro (Mestrado / UESPI)
Lígia Vanessa Penha Oliveira (Mestrado / UESPI)
Nátali Conceição Lima Rocha (UESPI)
Érika Ruth Melo da Silva (Mestrado / UESPI)
Maria Vilani de Sousa (Mestrado / UESPI)
Vilma Rodrigues Mascarenhas (Mestrado / UESPI)
Maria Lanaya Pinheiro Borges (UESPI)
Antonio Robert Vieira (UESPI)

ARTE DO EVENTO

Marleide Lins Albuquerque

Editoração e diagramação

Marleide Lins

Revisão Geral

Jurema da Silva Araújo

Revisão dos resumos

Os Autores

Colóquio Internacional de Literatura e Gênero (4. : 2018 :
Teresina, PI).

Anais do IV Colóquio Internacional de Literatura e
Gênero : descolonização, gênero, corporeidade e resistência /
[organizadores] Algemira de Macêdo Mendes... [et al.]. -
Teresina, PI : FUESPI, 2018.

201 f.

ISBN: 978-85-8320-212-7

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. PROGRAMAÇÃO GERAL.....	9
3. COMUNICAÇÕES DOS SIMPÓSIOS/ COMUNICAÇÕES LIVRES/POSTERS	17
4. MINICURSOS	49
5. LANÇAMENTO DE LIVROS	50
7. PROGRAMAÇÃO CULTURAL	52
8. INFORMAÇÕES ÚTEIS	52
9. MAPAS	58
10. RESUMOS COMUNICAÇÕES DOS SIMPÓSIOS/ COMUNICAÇÕES LIVRES/POSTERS	59

APRESENTAÇÃO

O IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E GÊNERO: visa estabelecer discussões entre os saberes regionais, nacionais e internacionais através da investigação científica e da interdisciplinaridade com as áreas afins. Com isso, objetiva-se a partir deste evento promover o debate, sob a ótica da pluralidade, do respeito às diferenças, visando à troca de experiências através da transmissão de conhecimentos e conteúdos disciplinares atualizados nas áreas de literatura, história, cultura, gênero, dentre outras. Acrescenta-se, ainda, o fato de contarmos com um grupo de pesquisa voltado para os estudos de Literatura e gênero, vinculado ao Mestrado em Letras, voltado para a divulgação da produção científica sobre A Mulher na Literatura, junto à comunidade acadêmica desta IES, de outras instituições de ensino superior de outros Estados e de docentes e discentes do Ensino Básico.

Por se tratar de um evento de âmbito Internacional e pela sua contribuição aos estudos de gênero, o **IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E GÊNERO** cria novas perspectivas para o Mestrado em Letras da UESPI (Literatura, Memória e Cultura), primeiro Curso de Pós-Graduação stricto sensu desta IES, aprovado pela CAPES, intercambiando o diálogo científico, pedagógico e cultural entre a comunidade acadêmica, professores e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, e de outros países como Argentina, Chile, Portugal, dentre outros. Ressaltamos, ainda, que este é o único evento de caráter internacional da Universidade Estadual do Piauí nessa área. E junto com o IV CILG estamos promovendo o I COLÓQUIO DE IMPRENSA FEMININA, como forma de divulgar a participação das escritoras nos períodos brasileiros e latino-americano.

Nesse sentido, a finalidade do evento é promover a discussão sobre a pesquisa, a extensão e o ensino nas áreas de Literatura, História, Cultura e Gênero, bem como o fomento e a divulgação da produção científica junto à comunidade acadêmica das IES, aos pesquisadores de outras instituições de Ensino Superior e aos docentes do Ensino Básico.

Nessa edição, contamos com os apoios da CAPES, governo do estado do Piauí através da secretaria de Cultura, Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Buenos Aires (UBA), pesquisadores do CLEPUL (Universidade de Lisboa) NELIPI, INTERLIT, DIRETORIA DO CCHL Pró-reitorias de Ensino, Pesquisa, Extensão, Finanças, e AVAN GUARD Editora.

**IV COLÓQUIO INTERNACIONAL LITERATURA E GÊNERO – Descolonização, Gênero,
Corporeidade e Resistência
I COLÓQUIO NACIONAL DE IMPRENSA FEMININA
HOMENAGEM – ESCRITORAS LATINO-AMERICANAS**

05 A 07 DE SETEMBRO DE 2018

PROGRAMAÇÃO GERAL

	HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
05/09/2018	14 h	Credenciamento	Galeria do Teatro
05/09/2018	18 h	Abertura Oficial Concerto Lírico-poético: Poesias musicadas de Luiza Amélia de Queiroz e Maria Firmina dos Reis – Por Socorro Lira – Escritora e Musicista	Teatro
05/09/2018	18h30	CONFERÊNCIA DE ABERTURA: Gênero e processos de subjetivação no Brasil Profa. Dra. Valeska Zanello (UNB)	Teatro
05/09/2018	20 h	Atividade Cultural: Apresentação Musical do Grupo As Fulô do Sertão ; Exposição de fotografia das escritoras homenageadas; Exposição: Releitura da Frida Kahlo – Curador: Valdson Braga; Coquetel.	Galeria do Teatro
06/09/2018	08 h às 12 h	MINICURSOS	SALAS DO SETOR 10, 12 e 15
06/09/2018	08 h às 9h40	MESA PLENÁRIA - 1: Feminismos e a crítica-feminista Profa. Dra. Ana Cecília Acioli Lima (UFAL) Profa. Dra. Rosana Cassia Kamita (UFSC / CNPq) (Coordenadora)	AUDITÓRIO DO NEAD

06/09/2018	08 h às 9h40	<p>Profa. Dra. Sayonara Bessa Cidrack (UFC) – Homenagem Póstumas à Profa. Dra. Edilene Ribeiro (UFC)</p> <p>MESA-REDONDA – 2: Literatura e Arte Produzidas por Mulheres Africanas Sexualidade e Corporeidade</p> <p>Profa. Dra. Nazareth Fonseca (PUC / Minas / CNPq)</p> <p>Profa. Dra. Roberta Maria Alves (UFVJM)</p> <p>Profa. Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI) (Coordenadora)</p>	AUDITÓRIO DO PIRAJÁ
06/09/2018	08 h às 9h40	<p>MESA-REDONDA – 3: Perspectivas sobre Tradução e Gênero: um olhar sobre os trabalhos de mulheres tradutoras no contexto brasileiro</p> <p>Prof. Ms. Dennys Silva-Reis (POSLIT / UnB)(Coordenador)</p> <p>Profa. Dra. Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis (UNIFAP)</p> <p>Profa. Dra. Luciana de Mesquita Silva (CEFET/RJ)</p>	AUDITÓRIO DO GERATEC
	09h40	<i>Coffee Break</i>	Pátio Central da UESPI

06/09/2018	10 h às 11 h	<p>MESA-PLENÁRIA – 4: Lya Luft e o Universo Ficcional: ressignificações dos espaços femininos</p> <p>Profa. Dra. Edileuza Costa (UERN) Profa. Dra. Iara Christina Silva Barroca (UFMG) Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes (UFRPE)(Coordenador)</p>	AUDITÓRIO DO PIRAJÁ
06/09/2018	10 h às 11 h	<p>MESA-PLENÁRIA – 5: Literatura Latino-Americana de Autoria Feminina</p> <p>Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)(Coordenadora) Profa. Dra. Karine da Rocha Oliveira (UFPE) Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI)</p>	AUDITÓRIO DO NEAD
06/09/2018	11 h às 12 h	<p>MESA-PLENÁRIA – 6: Maria Ffirmina dos Reis: um discurso de Resistências</p> <p>Prof. Dr. Alcione Correia (UFPI) (Coordenador) Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA) Prof. Ms. Rafael Balseiro Zin (PUC/SP)</p>	AUDITÓRIO DO GERATEC
06/09/2018	11 h às 12 h	<p>MESA-REDONDA – 7: A Literatura Queer Contemporânea e as Formas de Resistências</p> <p>Prof. Dr. Anselmo Alós Peres (UFSM) Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva (UESPI) (Coordenador) Depoimentos Prof. Ms. Rubenil da Silva Oliveira (UFPA)</p>	ANFITEATRO – SETOR CCN
06/09/18	12 h às 14 h	<p>Mostra de Filmes Latino-Americano</p> <p>Julie Taymor – filme “Frida Khalo” Claudia Llosa - filme "A teta assustada" Wanderson Torres (Coordenador)</p>	ANFITEATRO – SETOR CCN
06/09/2018	14 h às		Salas do

06/09/2018	17h30	<p>SIMPÓSIOS / COMUNICAÇÕES LIVRES/ PÔSTERES</p> <p><i>Coffee Break</i></p>	<p>NPG/CCHL/CCSA</p> <p>Pátio Central da UESPI</p>
06/09/2018	18 h	<p>CONVERSA COM AS ESCRITORAS – 01 Cintia Moscovich (RS) Tania Maria de Araújo Lima /(RN) Carola Saavedra (Chile/Brasil)Olívia</p>	<p>AUDITÓRIO DO PIRAJÁ</p> <p>Mediadora: Profa./Escritora Lisete Napoleão (PI)</p>
06/09/2018			

06/09/2018	18 h	CONVERSA COM AS ESCRITORAS – 02 Livia Maria Natália De Souza (BA) Myriam Graciela Leguizamón Rodríguez (Uruguai) Socorro Lira (PB) Inês Pereira Maciel (MA)	AUDITÓRIO DO NEAD Mediadora: Escritora Marleide Lins (PI)
	18 h	CONVERSA COM AS ESCRITORAS – 03 Lorena Nery (Coletivo Leia Mulheres / Teresina) Daniely Marques (Desembucha, Mulher) SÉrgia A. Martins (Mulherio das Letras)	ANFITEATRO DO CCN – PÁTIO CENTRAL Mediadora: Olívia Candeia (PI)
06/09/2018	19 h	ATIVIDADE CULTURAL	PÁTIO CENTRAL
	19h30	SARAU LÍTERO-MUSICAL – Desembucha, Mulher LANÇAMENTO DE LIVROS Exposição de Fotografia das Escritoras Homenageadas Exposições Feira de Artesanato	
07/09/2018	08 h às 12 h	MINICURSOS	SALAS DO SETOR 10, 12 e 15
7/09/2018	08 h às 9h40	MESA-PLÊNÁRIA 8: Imprensa Feminina Profa. Dra. Constância Lima Duarte (UFMG / CNPq) (Coordenadora) Profa. Dra. Cristiane Tolomei (UFMA) Profa. Dra. Tânia Regina de Lucca (UNESP)	AUDITÓRIO DO GERATEC
07/09/2018	08 h às 9h40	MESA-REDONDA – 9: A Escrita Feminina Portuguesa no Séculos XX e XXI: representações, espaço e memória Profa. Dra. Silvana Pantoja (UESPI / UEMA) (Coordenadora) Profa. Dr. Fábio Mario da Silva	AUDITÓRIO DO NEAD

07/09/2018	08 h às 9h40	(UNIFESSPA / CLEPUL) Profa. Dra. Marcia Manir Miguel Feitosa (UFMA) MESA-REDONDA 10: Metaficção e Escrita de Autoria Feminina Profa. Dra. Telma Borges (UNIMONTES) Prof. Dr. Sebastião Teixeira Lopes (UFPI)(Coordenador) Profa. Dra. Suely Lopes de Oliveira (UESPI)	AUDITÓRIO DO PIRAJÁ
07/09/2018	09h40	<i>Coffee Break</i>	PÁTIO CENTRAL DA UESPI
07/09/2018	10 h às 11 h	MESA-REDONDA – 11: Literaturas Africanas Profa. Dra. Rosilda Bezerra Alves (UEPB) (Coordenadora) Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca Freitas (UFRPE) Profa. Dra. Tânia Maria de Araújo Lima (UFRN)	AUDITÓRIO DO PIRAJÁ
07/09/2018	10 h às 11 h	MESA-REDONDA – 12: Hilda Hilst a Escrita do Corpo Profa. Dra. Carola Saavedra (Chile/Brasil) Prof. Ms. Cristiano Diniz (CEDAE/IEL/UNICAMP) Profa. Msc. Joselita Izabel de Jesus (UESPI) (Coordenadora)	AUDITÓRIO DO GERATEC
07/09/2018	11 h às 12 h	MESA-REDONDA 13: Escritoras Afro-brasileiras: Escrivência e Resistência	

07/09/2018	11 h às 12 h	<p>Profa. Dra. Livia Maria Natália de Souza (UFBA) Profa. Dra. Terezinha Taborda Moreira (PUC – MG)</p> <p>Roda de Conversa: Discutindo Interseccionalidade de Gênero e Etnia Haldaci Regina da Silva (Coordenadora de Políticas Públicas para as Mulheres) Marinalva Santana (Coordenadora do Grupo Matizes) Profa. Ma. Ana Kelma Cunha Galles (UNI-FSA)</p>	<p>AUDITÓRIO NEAD</p> <p>ANFITEATRO DO CCN – PÁTIO CENTRAL</p>
07/09/2018	14 h às 17h30	<p>SIMPÓSIOS/ SESSÃO DE COMUNICAÇÕES LIVRES / PÔSTERES</p>	<p>Salas do NPG/CCHL/SALAS DE VÍDEO</p> <p>Pátio Central da UESPI</p>
07/09/2018	17h30	<p><i>Coffee Break</i></p>	<p>Pátio Central da UESPI</p>
07/09/2018	18h30	<p>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO</p> <p>“MEMÓRIA E INVENÇÃO: uma fronteira fluida”</p> <p>Escritora Valéria Rezende</p>	<p>AUDITÓRIO DO PIRAJÁ</p>
		<p>JANTAR POR ADESÃO</p>	

DURANTE O COLÓQUIO

EXPOSIÇÕES DE FOTOS DE ESCRITORAS LATINO AMERICANAS -

JORNAIS DA IMPRENSA FEMININA PIAUIENSE – XIX/XX

FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI: sementes da cultura


EXPOSIÇÃO: *Releitura da Frida Kahlo*
CURADOR: *Valdson Braga*



AS FULÔ DO SERTÃO

LOCAL: CLUBE DOS DIÁRIOS – TEATRO 4 DE SETEMBRO



E a Tauana é Fulô 

Adnayane é Fulô 

E a Écore, é Fulô sim senhô 

 As Fulô do Sertão 

**SIMPÓSIOS, COMUNICAÇÕES LIVRES E PÔSTERS– QUINTA-FEIRA
06/09/2018**

**1. ATIVISMO FEMININO, LUTA E RESISTÊNCIA NAS LITERATURAS AFRICANAS
ESCRITA POR MULHERES / LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA FEMININA:
ATIVISMO POLÍTICO E FEMINISMO LITERÁRIO**

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 01 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(es):

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

Profa. Dra. Tânia Lima (UFRN)

Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas(UFRPE)

**1. A MATRIARCA: MESTIÇAGEM, MITO DE ORIGEM E REPRESENTAÇÃO
FEMININA NUM ROMANCE CABO-VERDIANO**

Tatiana Raquel Reis Silva (UEMA)

**2. AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES AFRODESCENDENTES E DE GÊNERO EM
AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: DIÁLOGOS E REFLEXÕES A
PARTIR DAS ESCRIVIVÊNCIAS DE IFEMELU**

Milaynne Christina Barros do Nascimento (UESPI)

Elio Ferreira de Souza (NEPA/UESPI)

**3. ATIVISMO FEMININO E DESCOLONIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: A
FORÇA DA ESCRITA FEMININA NO ROMANCE HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE**

Flavia Aledandria Pereira Pinto (UERJ)

**4. HIBISCO ROXO OU SOBRE AQUILO QUE NÃO FLORESCE QUANDO NEGADOS OS
DIREITOS ÀS MULHERES**

Márcia Letícia Gomes (IFRO)

Xenia de Castro Barbosa (FRO)

**5. OS CASAMENTEIROS: DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
FEMININA AFRICANA**

Ylana Karla de França Lopes e Tavares (PPCL – UERN)

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa (PPCL – UERN)

Sebastião Cardoso Marques (PPCL – UERN)

**6. “NÓS” VERSUS “OS OUTROS”: O ATIVISMO POLÍTICO NA POÉTICA DE
MANUELA MARGARIDO, NOÉMIA DE SOUSA, ODETE SEMEDO E VERA DUARTE**

Carlos Alberto de Negreiro (IFRN)

Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

7.TERRA FÊMEA DOMESTICADA: ASPECTOS DO SUJEITO FEMININO EM CONTO DE PAULINA CHIZIANE

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa (UERN)
Ylana Karla de França Lopes e Tavares (UERN)
Sebastião Cardoso Marques (PPCL – UERN)

8.A ESCRITA DO ALÉM-MAR: CORPOS FEMININOS E ESCRITOS DE RESISTÊNCIA EM UM MUNDO DE VIOLÊNCIA NOS ROMANCES CONTORNOS DO DIA QUE VEM VINDO DE LÉONORA MIANO E HIBISCO ROXO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Natalia Regina Rocha Serpa (UFRG)

9.O CORPO FEMININO COMO PERFORMANCE NA LITERATURA MOÇAMBICANA: O CASO DE NIKETCHE, DE PAULINA CHIZIANE

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)
Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)
Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

10.TRADIÇÕES E SUBALTERNIDADE NO MOÇAMBIQUE DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Rosa Áurea Ferreira da Silva (UESPI)

2. AS DIMENSÕES DO FEMININO NA IMPRENSA PERIÓDICA DOS SÉCULOS XIX E XX / A IMPRENSA FEMININA E A HISTÓRIA DA LITERATURA

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 02 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UEMA)
Prof. Ms. Rafael Balseiro Zin (PUC)

1. ANTIESCRAVISMO SOB A ÓTICA DA MULHER NEGRA: ÚRSULA E A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (UFPI)

2. RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E A IMPRENSA CEARENSE NA ESCRITA FEMININA DE ALBA VALDEZ

Keyle Sâmara Ferreira de Souza (UFPB)

3. REVISTAS FEMININAS BRASILEIRAS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DA MULHER NO SÉCULO XX

Samanta Petersen da Rocha Lima (UFPI)
Gustavo Fortes Said (UFPI)

4. “JORNAL DAS MOÇAS”: UM OLHAR SOBRE O FEMININO NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

Jayra Barros Medeiros (UESPI)

5. “O TRABALHO QUE ELAS DERAM”: A REVISTA REALIDADE E OS DISCURSOS SOBRE/PARA AS MULHERES NOS ANOS SSESSENTA

Lanna Karen Lima Araújo (UFPI)
 Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (SEDUC – PI)

6. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES AFRICANAS NA AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

Rayra Atsley Carvalho Lima (UFBA)
 Karla Íngrid Pinheiro De Oliveira (SEDUC – PI)

7. LUGAR SANTO: A MULHER, A SACERDOTISA DO LAR SOB ÓTICA DO JORNAL CRUZEIRO EM CAXIAS MARANHÃO (1950)

Jakson Santos Ribeiro (UNICID)

3. A MULHER NA LITERATURA E NOS OUTROS SISTEMAS SEMIÓTICOS – PRODUÇÃO, AUTORIA E REPRESENTAÇÃO / REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO (1995 À ATUALIDADE)

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 03 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)
 Profa. Dra. Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)
 Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes (PUC)
 Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito (UFRN)
 Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)

1. A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA E NAS ARTES VISUAIS, NA OBRA ELOGIO DA MADRASTA DE MARIO VARGAS LLOSA

Ana Suzane Martins do Nascimento (UFPI)

2. CRUZANDO FRONTEIRAS: O USO DAS CORES NA TRADUÇÃO INTERSEMÍOTICA DE O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD

Sergia Antonia Martins de Oliveira Alves (UESPI)

3. DEUS HÁ DE SER MULHER: REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA DE ELZA SOARES

Carolina Veloso Costa (UFSC)
 Luísa Menin Garcia (UFPI)

4. POEMA, CANÇÃO E PERFORMANCE: LEITURA DE “A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES”

Jaquelânia Aristides Pereira (UECE)
 Maria de Fátima Vasconcelos da Costa (UFC)

5. A (RE)LEITURA DO FEMININO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Ana Vitória Teixeira Lima (UESPI)
 Débora Lívia Cunha da Costa (UESPI)
 Raimundo Isídio de Sousa (UESPI)

6. A LIBERDADE DA MULHER NA ARTE LITERÁRIA E NA FOTOGRAFIA

Lana Sara Fonteles Lopes (UESPI)

7. A MATERNIDADE NAS PERSONAGENS ROMANESCAS DE JORGE AMADO: UMA INVESTIGAÇÃO

Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)

8. A MULHER SEGUNDO MIA COUTO: A IDENTIDADE FEMININA NOS CONTOS DO ESCRITOR MOÇAMBICANO

Susane Martins Ribeiro Silva (UEMA)

9. A NUDEZ FEMININA COMO ESTEREÓTIPO DO PROFANO NAS TELAS DE RENOIR, MASACCIO E BOTTICELL

Vilma Rodrigues Mascarenhas (UESPI)

10. A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA TRILOGIA JOGOS VORAZES: LIVRO E FILME

Douglas de Sousa (UESPI)

Ellen Carolyne Cerqueira Lopes (UESPI)

11. DA LITERATURA À TRANSMUTAÇÃO FÍLMICA EM A HORA DA ESTRELA

Maria Fátima Paula dos Santos (UESPI)

Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)

12. ABUSO, TRAUMA E CURA: A POESIA DE RUPI KAUR E DE AMANDA LOVELACE

Sharmilla Ohana Rodrigues da Silva (UFPI)

4. CONTROLES E INSURGÊNCIAS DO CORPO FEMININO NA LITERATURA E EM OUTRAS ARTES**QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30****Local:** Sala 04 do Setor 12 (CCHL)**Coordenador(as):**

Profa. Dra. Assunção De Maria Sousa E Silva (UESPI)

Profa. Dra. Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

1. A CRUELDADE DO ESTUPRO NA ARTE E NA LITERATURA

Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC - MG)

2. AS IMPLICAÇÕES DE SE PROTAGONIZAR O CORPO NEGRO NUMA SOCIEDADE COLONIALISTA: UMA ANÁLISE DO LIVRO “O SEGREDO DA CHITA VOADORA”

Márcia Evelim de Carvalho (UESPI -NEAD)

3. AUTOIMAGEM E AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO EM O OLHO MAIS AZUL, DE TONI MORRISON

Alicia Dandara Tavares de Sousa Santosn (UESPI)

Elio Ferreira de Souza (UESPI)

4. COLONIALIDADE: MÁSCARAS DE SILENCIAMENTO - RESPOSTAS DE MULHERES AFRODESCENDENTES NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Emanuella Geovana Magalhães de Souza (UFPI)

5. IDENTIDADE FEMININA EM LYGIA FAGUNDES TELLES: IMAGENS DE VERÃO NO AQUÁRIO

Luciana Lis De Souza e Santos (UFPI)

6. NAS MARGENS DO CORPO E DA ESCRITA

Terezinha Taborda Moreira (PUC – MG)

7. O CORPO FEMININO E A ESCRITA PRESCRITIVA DE CLODALDO FREITAS

Mara Lúcia Fernandes Costa (UESPI)

8. O ESPAÇO DE CONTESTAÇÃO DO CORPO FEMININO EM “A OBSCENA SENHORA D”, DE HILDA HILST

Danielle Ferreira Costa (UFRGS)

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

9. O LUGAR DE FALA DA MULHER NEGRA EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Amanda Gomes da Silva (UESPI)

10. “ABOTOOU A CALÇA, ENQUANTO ALGUNS SOLDADOS APLAUDIAM”: VIOLÊNCIA SEXUAL EM MEIO SOL AMARELO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Mariana Antonia (UFC)

11. IMAGENS DISCURSIVAS DO CORPO NA LITERATURA E OUTRAS ARTES

Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI)

12. ESCRITA, EXÍLIO E HOSPITALIDADE NO FILME-POEMA "NOM À LA MER", DE SAFAA FATHY

Mírian Sousa Alves (CEFET – MG)

13. O DILÚVIO EM SABELA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Wilany Alves Barros (UESPI)

5. CORPO TRAUMA E MEMÓRIA NA LITERATURA E NAS ARTES DAS AMÉRICAS / MULHER LITERATURA E SEXUALIDADE

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 05 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(es):

Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM/CNPQ)

Profª. Ms. Sueleny Ribeiro de Carvalho (UFSM)

1. AUTOBIOGRAFIAS TRANS EM CONTEXTO DE DITADURA: A POTÊNCIA DO TESTEMUNHO

Leocádia Aparecida Chaves (UNB)

2. CORPO, EXÍLIO E HOMOSSEXUALIDADE EM "PASSAGEM PARA O PRÓXIMO SONHO", DE HERBERT DANIEL

Anselmo Peres Alós (UFSM)

3. NARRATIVA EM RUPTURA: A ALTERIDADE NO INDIANISMO PELO AVESSE EM D. NARCISA DE VILAR, DE ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO

Sueleny Ribeiro Carvalho (UFSM)

4. O CORPO DISCIPLINADO: UMA LEITURA DE "SARGENTO GARCIA" (1982), DE CAIO FERNANDO ABREU

Anselmo Peres Alós (UFSM)

5. O CORPO E O CORPUS AUTOFICCIONAL: UMA LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA PRECOCE DE GUADALUPE NETTEL

Anselmo Peres Alós (UFSM)

6. O CORPO TRANSGRESSOR EM "OS SAPATINHOS VERMELHOS", DE CAIO FERNANDO ABREU

Raquelle Barroso de Albuquerque (UFPI)

Sebastião Alves (UESPI)

7. ADÈLE, A PERSONAGEM DE DANS LE JARDIN DE L'OGRE, DE LEÏLA SLIMANI

Patricia Isabel Ferreira de Lima Rikaoui (UFC)

Adriana Almeida Colares (UFC)

8. RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA: REPRESENTAÇÕES DA HOMOAFETIVIDADE EM PARIS NA DÉCADA DE 1950

Thiago Coelho Silveira (IFMA)

9. AS AULAS DE SEDUÇÃO DE CLARICE LISPECTOR PARA MULHERES

Cristine de Mesquita Alves (UNAMA)

10. A MEMÓRIA DO TRAUMA DA PERSONAGEM PRETA E O NARRAR-SE A SI MESMA EM "ÚRSULA" DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Marcos Antonio Fernandes dos Santos (UEMA)

6. ESCRITAS DE SI: AUTOBIOGRAFIA, AUTOFICÇÃO, LITERATURA DE TESTEMUNHO EM TEXTOS PRODUZIDOS POR MULHERES NA AMÉRICA LATINA

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 06 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(as):

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UFPI)

Profa. Dra. Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

1. AUTOFIÇÃO E TESTEMUNHO EM "OUTROS CANTOS", DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Thiago Felício (UFPI)

2. A ESCRITA PERFORMÁTICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEU DIÁRIO DE VIAGEM PELA AMÉRICA DO SUL

Aline Arruda (IFMG)

3. A VOZ E O SILÊNCIO DA MULHER VIAJANTE EM *EL MUNDO DE LOS RECUERDOS* DE JUANA MANUELA GORRITI

Joselma Maria Noal (FURG)

4. AS ESCRITAS DE SI NA DRAMATURGIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Marina Stuchi (UEL)

5. CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA COMO A ARTE DA ESCRIVIVÊNCIA – DIÁLOGOS COM CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Ana Claudia Oliveira Neri Alves (UESPI)

6. ESCRITA EPISTOLAR E FICCIONALIZAÇÃO DE SI EM FLORES AZUIS

Josye Gonçalves Ferreira (UFU)

7. MEU PAÍS INVENTADO: GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL NO CHILE

Joelma de Araújo Silva (IFPI)

Sebastião Alves (UFPI)

8. SUBJETIVIDADES E POESIA ECOADAS NA OBRA “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Macksa Raquel Gomes Soares (UEMA)

9. TEMPO, MEMÓRIA, AUTOFIÇÃO: VOZES CONTEMPORÂNEAS NO ROMANCE BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

7. ESPAÇO E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 01 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(es):

Prof. Dr. Carlos André Pinheiro (UFPI)

Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja do Santos (UESPI/UEMA)

1. A MULHER E A ESCRITORA NAS CRÔNICAS D'A DESCOBERTA DO MUNDO, DE CLARICE LISPECTOR

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UTAD)

Odalice de Castro Silva (UFC)

Maria Luísa de Castro Soares (UTAD)

2. ESPAÇO E MEMÓRIA: INTERFACES NO ROMANCE PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Amanda Kelly (UFPI)

3. “TERRA, MINHA... ETERNAMENTE”: ESPAÇO E MEMÓRIA NA POESIA DE ALDA LARA

Susane Martins Ribeiro Silva (UEMA)

Silvana Maria Pantoja Dos Santos (UESPI/UEMA)

4. A DIALÉTICA ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA INDIVIDUAL EM O CORAÇÃO DISPARADO, DE ADÉLIA PRADO

Douglas dos Santos Silva (UEMA/UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

5. A PRESENÇA DA CRÔNICA NAS PRODUÇÕES OPINATIVAS FEMININAS PARAIBANAS

Maryellen Ingrid de Araujo Badarau (UFPB)

Sandra Raquew dos Santos Azevêdo (UFPB)

6. A VOZ POÉTICA FEMININA E OS ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO: REMEMORAÇÃO EM DESPIDA, DE INÊS PEREIRA MACIEL

Rhusily Reges da Siva Lira (UEMA)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

7. ESPAÇO E MEMÓRIA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT

Abílio Monteiro(UFPI)

8. ESPAÇOS DO EXÍLIO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS E A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Cristianne Silva Araújo Dias (SEDUC – MA)

Joseane Mendes Ferreira (SEDUC – PI)

9. MEMÓRIAS DO SILÊNCIO, EM “A MANTA DO SOLDADO” DE LÍDIA JORGE

Lígia Vanessa Penha Oliveira (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

10. O ESPAÇO COMO REFÚGIO PARA MEMÓRIA EM A CASA QUE AMEI, DE TATIANA DE ROSNAY

Pablo Rodrigo da Silva Martins (IFPI)

11. O ESPAÇO EXPERIENCIADO: UMA ANÁLISE SENSORIAL DA OBRA PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Simone Nunes Barbosa Silva (UESPI)

12. ESPAÇO E MEMÓRIA: INTERFACES NO ROMANCE PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Amanda Kelly de Paula (UFPI)

8. HISTÓRIA E FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES EM OBRAS DE AUTORIA FEMININA

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 02 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Tânia Maria Cemin Wagner (UCS)

Prafa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

1 A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA DO EXÍLIO EM *DESMUNDO*, DE ANA MIRANDA

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Danglei de Castro Pereira (UNB)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

2. A DESCONSTRUÇÃO LYGIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM CIRANDA DE PEDRA

Leylanne da Silva Lima Melo (UFPI)

Sebastiao Alves (UFPI)

3. A ESCRITA DE SI E DO COTIDIANO EM CORRESPONDÊNCIA INCOMPLETA, DE ANA CRISTINA CESAR

Ana Cristina Meneses de Sousa (UESPI)

4. ALEXANDRA KOLLONTAI E AS MUDANÇAS NA VIDA FEMININA EM A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL

Joseanne Zingleara Soares Marinho (UESPI)

5. A REPRESENTAÇÃO E O JULGAMENTO DA MULHER-MÃE NA OBRA CANÇÃO DE NINAR, DE LEILA SLIMANI

Adriana Almeida Colares (UFC)

Patricia Isabel Ferreira de Lima Rikaoui (UFC)

6. A REVOLUÇÃO MEXICANA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM ARRÁNCAME LA VIDA, DE ÁNGELES MASTRETTA

Rebecca Demicheli Sampaio (UCS)

7. HISTÓRIA E FICÇÃO EM DUMBA NENGUE: HISTÓRIAS TRÁGICAS DO BANDITISMO, DE LINA MAGAIA

Alody Costa Casseiro (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

8. A INSURREIÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX: O LUGAR DO EU-LÍRICO AFRODESCENDENTE E PERIFÉRICO EM DIÁRIO DE BITITA (2014)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI /UEMA)

9. LILITH, MEDEIA E TITUBA: O ENTRELAÇAR DOS SEGREDOS DA NATUREZA SOB A ÓTICA LITERÁRIA

Elaine C. Prado dos Santos (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Lilian Cristina Corrêa (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

9. MEMÓRIA, HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 03 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Profa. Dra. Maria do Socorro Carvalho (UEMA)

1. A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA OBRA O TIGRE NA SOMBRA, DE LYA LUFT

Leane Amaral Paz Andrade (UESPI)

2.A REPÚBLICA DOS SONHOS DE NÉLIDA PIÑON, SOB A PESPECTIVA DA MEMÓRIA

Tatiane Moraes (UESPI)

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)

3.A VIDA E OS VERSOS DE ANNA NOGUEIRA BAPTISTA NA LITERATURA CEARENSE DO SÉCULO XIX

Carla Pereira de Castro (UFC)

4.A VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM FOGO-FÁTUO, DE PATRÍCIA MELO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM AZUCENA

Vanessa de Carvalho Santos (UFPI)

Naira Suzane Soares Almeida (UFPI)

Margareth Torres de Alencar (UFPI)

5.AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira (UFPI)

6.AS VOZES DA ÁFRICA MANIFESTADAS NUM DEFEITO DE COR: A MEMÓRIA RESSIGNIFICANDO A HISTÓRIA SOB A ÓTICA FEMININA

Layne Rodrigues dos Santos (IESM)

7.CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NEGRAS BRASILEIRAS NA OBRA AS LENDAS DE DANDARA, DE JARRID ARRAES

Mayssa Maria Sudário Santos (UFPI)

10. MULHERES, ESPAÇO E MEMÓRIA: A PERSPECTIVA DA VELHICE

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 04 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(as):

Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (UFMA)

1. A NECESSIDADE DO FAZER LITERÁRIO FEMININO EM “O PAPEL DE PAREDE AMARELO” DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Laísse Prado Chagas (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

2. A QUESTÃO DA RELIGIÃO E DO GÊNERO EM PERSEPÓLIS

Ellen Mariana Moreira Reis de Jesus (UFMA)

3. A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM O CONTO DA AIA

Thaynná Camilla Martins Matos (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

4. ANÁLISE DA OBRA ORLANDO DE VIRGÍNIA WOOLF SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS QUEER

Fernanda Pereira Cantanhede (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

5. O (DES) SILENCIAMENTO DA IDENTIDADE FEMININA EM A CONFISSÃO DA LEOA (2012) DE MIA COUTO

Flamilla Pinheiro Costa (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

6. O DISCURSO FEMINISTA NA PERSONAGEM ERENDIS EM “ALDARION E ERENDIS, A ESPOSA DO MARINHEIRO”, DE J.R.R. TOLKIEN

Débora Furtado Morais (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

7. OBJETO DE PODER: A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NO ANIME KILL LA KILL

Allana da Silva Araújo (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

8. PASSAGENS, DE TEOLINDA GERSÃO: EMERGÊNCIAS DO VIVER E DO RECORDAR NO ÂMBITO DA VELHICE

Rosângela Guedêlha da Silva (UFMA)

9. FIGURAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DA MULHER IDOSA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Marcia Regina Schwertner (PUCRS)

10. MULHERES: EXPERIÊNCIAS PELO ESPAÇO POÉTICO CECILIANO

José de Mota de Souza (UFMA)

11. SIMONE DE BEAUVOIR: REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO E DO FEMININO NO “MAL ENTENDIDO EM MOSCÓU”

Solange Aparecida de Campos Costa (UFPI)

12. “POR VEZES, UMA FIGURA EMERGIA”: NOTAS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES FEMININAS PARA CONQUISTA E IMPOSIÇÃO DE TEXACO, NO SERMÃO DE MARIE-SOPHIE LABOURIEUX

Lívia Maria da Costa Carvalho (UFPE)

Paula Antunes Sales de Melo (UFPE)

Silvana Carvalho da Fonseca (UFPE)

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA – 01

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala de Vídeo do CCSA – Setor 10

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Ana Cristina Meneses (UESPI)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista – *In memoriam*

Prfa. Ms. Sayonara Bessa (UFC)

1. BERILO NEVES E AS MULHERES: UMA ANÁLISE DO FEMININO NA OBRA A MULHER E O DIABO

Cleane Da Silva de Lima (UFPI)

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI / UFPI)

2. VILLANELLE: A (DES)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO EM A PAIXÃO, DE JEANETTE WINTERSON

Natália Lima De Andrade (UFSJ)

3. A CARACTERIZAÇÃO SUBMISSA DE DONA EVARISTA NA OBRA MACHADIANA “O ALIENISTA”

Naysa Christine Serra Silva (UFMA)

4. A ESCRITA FEMININA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XXI: UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS

Lívia Maria Rosa Soares (UFPI)

5. A MULHER AS CARTAS E A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM MACHADO DE ASSIS

Carlos Gildemar Pontes (UFCG)

6. A PERSONAGEM LORENA “AS MENINAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES E RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER

Maria Vilani de Sousa (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

7. A RELAÇÃO DE GÊNERO E PODER DA MULHER NEGRA NO CONTO TAPETE VOADOR DE CRISTIANE SOBRAL

Márcia Rios da Costa (UNEB)

8. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR E LYA LUFT: IDENTIDADES SILENCIADAS

Maria Edileuza da Costa (UERN)

9. A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO LAS MEDIAS ROJAS DE EMILIA PARDO BAZÁN

Naira Suzane Soares Almeida (UFPI)

Vanessa de Carvalho Santos (UFPI)

Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI / UFPI)

10. ADÍLIA LOPES E AS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: DE MARIANA ÀS MARIAS

Clêuma de Carvalho Magalhães (FURG-RS)

11. RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CLODOALDO FREITAS

Fabiana dos Santos Sousa (UESPI)

12. A VOZ E O CORPO. O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA: AS MULHERES DE TRAVERSÉE DE LA MANGROVE, DE MARYSE CONDÉ

Jéssica Andrade de Lara (UFPA)

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA – 02

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 02 do NPG

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista – *In memoriam*

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa (UERN)

Profa. Ms. Sayonara Bessa (UFC)

1. ÁGUA, SANGUE, LÁGRIMAS E ANCESTRALIDADE: AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO E RAÇA NOS POEMAS A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E VÁRIOS DESEJOS DE UM RIO, DE ESMERALDA RIBEIRO

Juliana De Andrade Marreiros (UFPI)

2. AS FACES DO FEMINISMO NEGRO NA ESCRITA DA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Sanmanth do Nascimento Araújo (UFPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

3. ENTRE A ESTIAGEM E O BROTAR PATRIARCA: UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA EM “O QUINZE”

Irio José do Nascimento Germano Júnior (UERN)

Leandro Lopes Soares (UERN)
 Maria Edileuza da Costa (UERN)

4. ESCRITAS IMORTAIS: PARTICIPAÇÃO FEMININA EM PERIÓDICOS DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Gislane Cristiane Machado Tôrres (UFG)

5. IMAGENS DE MULHER NA FICÇÃO DE MÁRCIA DENSER

Solange da Luz Rodrigues (UESPI)

6. LITERATURA E GÊNERO: A FIGURA FEMININA NAS OBRAS LITERÁRIAS

Waléria Guimarães de Sousa (UESPI)

7. MARIA FIRMINA DOS REIS: O LUGAR DA AUTOBIOGRAFIA MATERNA E DA CONDIÇÃO FEMININA EM CANTOS À BEIRA MAR

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

8. MEMÓRIAS COMPARTILHADAS POR MULHERES MARGINALIZADAS EM GAYL JONES E JULIA ALVAREZ

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira (UFLA – MG)

9. “TEATRO, LO TUYO ES PURO TEATRO”: A POLÍTICA DO ARTIFÍCIO EM SIRENA SELENA, DE MAYRA SANTOS-FEBRES

Felipe Vieira Valentim (UERJ)

10. AS CARTAS DE FLORBELA ESPANCA COMO PREFÁCIO E COMO MÉTODO DO FAZER POÉTICO

Iracema Goor Gamarano (PUC – SP)

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES LIVRES – 01

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 03 do NPG

Coordenador(es):

Prof. Ms. Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI – FURGS)

Profa. Ms. Olívia Candeia Lima Rocha (UNICAMP)

1. A PERSONAGEM FEMININA NA OBRA DE LYA LUFT: UMA ANÁLISE DO CONTO “O PERDÃO”

Asussena Noleto de Santana (UEMA)

Marcos Antônio Fernandes dos Santos (UEMA)

2. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO A JANELA

Teresa Cristina de Oliveira Porto (UEMA)

3. EDUCAÇÃO POPULAR, FEMINISMOS E PEDAGOGIAS INSUBMISSAS

Ana Célia de Sousa Santos (UESPI/UFPE)

4. O DIÁLOGO ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DAS PRODUÇÕES

Brenda Mouzinho de Paula (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

5. O EU SAGRADO E O EU PROFANO NA PROSTITUTA LÚCIA DE LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR

Gil Derlan Silva Almeida (IFMA)

6. A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO CONTO 'LAGUNA', DE MIGUEL DEL CASTILLO

Maria Clara de Sousa Cardoso (PIBIC/UESPI)

Fabricio Flores Fernandes (UESPI)

7. MULHERES NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E LUÍSA DE O PRIMO BASÍLIO

Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University)

8. REPRESENTAÇÃO FEMININA, MEMÓRIA E ASPECTOS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Laura Virgínia Tinoco Farias (UEMA)

9. REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM MIA COUTO

Aline Teixeira da Silva Lima (UnB)

10. A TRANSGRESSÃO ERÓTICA DA PERSONAGEM FEMININA N' O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY, DE HILDA HILST

Maiele Carvalho da Silva (UESPI)

11. A MULHER CONTESTA O SEU DESTINO: A TOMADA DE CONSCIÊNCIA EM LES BELLES IMAGES, DE SIMONE DE BEAUVOIR

Ludmilla Carvalho Fonseca (UNESP)

12. ESCRITAS DO CORPO: A CEGUEIRA NA ESFERA DA SEXUALIDADE

PATRÍCIA DE OLIVEIRA LEME (USP)

13. VERONICA STIGGER LÊ ANGÉLICA FREITAS: DOIS ÚTEROS ERRANTES INCOMODAM, INCOMODAM MUITO MAIS

GABRIELA MARIA HOLLANDA FERREIRA DE FARIAS (UFPI)

SUSANA SOUTO SILVA (UFPI)

14. A REPRESENTAÇÃO DE SI COMO OUTRO: OS DISFARCES MUÇULMANOS DE RICHARD FRANCIS BURTON (1821-1890) E ISABELLE EBERHARDT (1877-1904)

Paula Carolina de Andrade Carvalho (UFF)

15. O DITO E O NÃO DITO NO ROMANCE A DIVORCIADA (1902)

Vanessa Pinto (UFC)

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES LIVRES – 02

QUINTA-FEIRA: 06/09/2018 – 14h às 17h30

Local: Sala 04 do NPG

Coordenador(as):

Prof. Dr. Iêdo Paes de Oliveira (UFRPE)

Prof. Dr. Ana Maria Bezerra do Nascimento(PUC)

1. FEMINISMO NEGRO VIA A LITERATURA DE CORDEL SOBRE HEROÍNAS NEGRAS: A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EJA

Michele Lopes da Silva Alves (UFMG)

2. VOZES FEMININAS NA POESIA CEARENSE: ALGUMAS REFLEXÕES PARA A SALA DE AULA

Maria do Socorro Pinheiro (UECE)

3. A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA: UMA LITERATURA ‘ESQUECIDA’

Ilka Vanessa Meireles Santos (UEMA)

4. ANATOMIA DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XXI PELA ANÁLISE DE CONTOS

Emmanuele Vale Silva (UEMA)

Theresa Crystina Vieira Sousa (UEMA)

Antonia Stephanie Silva Moreira (UESPI)

5.O EMPODERAMENTO DE MENINAS NEGRAS ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE “MEU CRESPO É DE RAINHA” – BELL HOOKS

Gabriela de Almeida Furtado (UFPI)

6. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO DISCURSO PUBLICITÁRIO-ELEITORAL: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Janaina Tomaz Capistrano (IFRN)

7. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA PUBLICIDADE: IDEIA DE “BELEZA REAL”

Meire Patrícia Domingues (FLUC)

8. HERMENGARDA, DE ALEXANDRE HERCULANO, E OFÉLIA, DE SHAKESPEARE: UMA RECOMPOSIÇÃO?

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

9. A EVOLUÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS E A IGUALDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE: DA RIGIDEZ LITERAL À INTERPRETAÇÃO LIBERTADORA

Georges Cobiniano Sousa de Melo (TJPI)

Leila Cláudia de Farias Manguera Carneiro (Uniasselvi)

10. RAÇA E CIVILIZAÇÃO NO DESENHO INTELECTUAL DE RENATO CASTELO BRANCO

Ana Maria Bezerra do Nascimento (PUC)

11. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

Maria Luana Caminha (UFPE)

12. SONHO E TRAUMA NO CONTO “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Karoline Zilah Santos Carneiro (UECE)

Carlos Eduardo de Sousa Lyra (UECE)

13. TRAJETÓRIA DE ERCÍLIA NOGUEIRA COBRA NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL NA DÉCADA DE 30

Kátia Cardoso Nostrane (UFPI)

14. O PIAUÍ NA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XIX: TRABALHO E COTIDIANO

Mateus Charlene Veras de Araújo (UFPI)

15. O LUGAR DE FALA DA MULHER NEGRA NA LITERATURA AMERICANA CONTEMPORANEA: ÚRSULA , UM DEFEITO DE COR E MOI TITUBA, SORCIERE...

Carla Vanessa Sousa Diniz Araujo (UFPI)

Alcione Correa Alves (UFPI)

SESSÃO DE PÔSTER – QUINTA-FEIRA 06/09/2018

Local: PÁTIO CENTRAL DA UESPI

Coordenadores:

Profa. Msc. Joselita Izabel de Jesus (UESPI)

Prof. Dr. Alcione Correa Alves (UFPI)

1. A CRÍTICA FEMINISTA PRESENTE EM: STAR WARS - O DESPERTAR DA FORÇA

Eloiza Alves Muniz Costa (UESPI)

2. ANÁLISE DO FILME MULHER MARAVILHA SOBRE A LENTE DA TEORIA FEMINISTA

Ana Maria Carvalho Veloso Mendes (UESPI)

Renata Cristina da Cunha (UESPI)

3. I’M NOT AN EASY MAN, O FILME DA NETFLIX: SOB AS LENTES DA TEORIA FEMINISTA

Felipe Lopes do Nascimento (UESPI)

Renata Cristina da Cunha (UESPI)

4. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E A OBRA LAÇOS DE FAMÍLIA CLARICE LISPECTOR

Francisca Aline Albuquerque Pereira (UESPI)

5. REPRESSÃO SEXUAL FEMINISTA SOB OLHAR DE MARILENA CHAÚ PRESENTE NO CONTO 'SENHOR DIRETOR' DE LYGIA TELLES

Alana de Macedo Almeida da Silva (UESPI)

Ana Victoria Santos Natur (UESPI)

6. A FIGURA FEMININA RETRATADA NA POESIA MACHADIANA EM CRISÁLIDAS

Irami Soares Mineiro (UFPI)

Ana Carla Da Silva França (UESPI)

7. A IMAGEM DA MULHER NUMA PERSPECTIVA ERÓTICA EM A MULHER E A CASA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Gilberto dos Santos Sousa (UESPI)

Bianca do Nascimento Silva (UESPI)

8. AS MULHERES DO CORTIÇO: UM OLHAR PARA AS IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE ALUISIO DE AZEVEDO

Paulo Eduardo Bogéa Costa (IESM)

Layane Rodrigues dos Santos (IESM)

9. LUTANDO EM SUAS VEREDAS

Alanessa Nikole Carvalho da Silva (UEMA)

10. RELIGIOSIDADE EM LUZIA-HOMEM (1903), DE DOMINGOS

Beatriz Araújo Brito (IFCE)

Ana Célia Francisca de Santiago Carvalho (IFCE)

Mariana Antonia (UFC)

11. HISTÓRIA SILENCIADA: COLONIALIDADE NA OBRA DE CLÓVIS MOURA

Rodrigo Guimarães de Azevedo (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

12. AS RELAÇÕES ENTRE A FAVELA E A SENZALA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA EM BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Laynna Aryel Parente Santana (UFPI)

13. A IDENTIDADE NORDESTINA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Josileia Ribeiro Dantas Souza (UESPI)

Eliane da Conceição Cardoso (UESPI)

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

17. VOZ FEMININA NEGRA EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: ASPECTOS DA MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

Alice Maria Araújo da Fonseca (UFRJ)

Lucelia de Sousa Almeida (UnB)

18. MEMÓRIA E AUTONOMIA FEMININA DAS PERSONAGENS DONA SENHORA E ARCANJA DA OBRA CARTILHA DO SILÊNCIO DE FRANCISCO J.C. DANTAS SOB O OLHAR DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO DO AUTOR HERASMO BRAGA

Joanice de Jesus Guimarães (UESPI)

19. MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E AUTONOMIA FEMININA EM QUARENTA DIAS DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Jéssica Sabrina Souza Pereira (UESPI)
Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

20. NAS TRILHAS DO ROCK: HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE DE 1972 A 1990

Sabrina Thays Bezerra Santos (UESPI)
Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

21. O CONTRASTE ENTRE OS PERFIS DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA DE ANTONIO TORRES OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS

Daniela Sousa da Rocha (UESPI)

22. REPRESENTAÇÕES DA AUTONOMIA FEMININA NA OBRA OS TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUÉ MONTELLO

Janaira Rodrigues (UFPI)
Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

23. IDENTIDADE CULTURAL E CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO ROMANCE CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Amanda de Araújo Carvalho (UESPI)
Patrick Lustosa Brandão (UESPI)

24. LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA BALADA DE AMOR AO VENTO DE PAULINA CHIZIANE

José Sarney de Sousa Martins Júnior (UFPI)
Flavia de Carvalho Silva
Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

25. OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE E VIDAS SECAS: OS FENÔMENOS REGIONALISTAS E RELIGIOSOS

Virna Inácia do Nascimento Carvalho (UESPI)

26. PREDADORES: CRÍTICA A UMA SOCIEDADE “MILITANTEMENTE” HIPÓCRITA

Jéssica Mineiro Alves (UESPI)

SIMPÓSIOS E COMUNICAÇÕES LIVRES – SEXTA-FEIRA 07/09/2018

1. A MULHER NA LITERATURA E NOS OUTROS SISTEMAS SEMIÓTICOS – PRODUÇÃO, AUTORIA E REPRESENTAÇÃO / REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO (1995 À ATUALIDADE)

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 01 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(es):

Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)

Profa. Dra. Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)

Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes (PUC)

Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito (UFRN)

Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)

1. ENTRE MULHERES E NÃO MULHERES: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA DISTOPIA DE “THE HANDMAID’S TALE”

Fabiana de Oliveira Gomes (PUCRS)

2. ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM MEMÓRIAS DE LÁZARO DE ADONIAS FILHO

Wellington Vinícius Ferreira de Souza (UESPI)

3. ETHOS MACHISTA NA CANÇÃO NORDESTINA: O CASO DE JOÃO DO VALE

Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)

4. ORALIDADE E ESCRITURA EM BECOS DA MEMÓRIA

Marcia Milena Galdez Ferreira (UEMA)

5. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM FEMININA SOB INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO LITERÁRIO NO FILME O CÉU DE SUELY (2006)

José Wanderson Lima Torres (UESPI)

Sayara Saraiva Pires (UFPI)

6. MUCAMAS: NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES

Maria José Lopes Moraes de Carvalho (SEDUC-PI)

Jonas Rodrigues de Moraes (PUC)

7. O EMPODERAMENTO MATERNO EM GAME OF THRONES

Antonia Karine do Nascimento Rosendo (UEMA)

Cristiane Silva Araújo Dias (UEMA)

8. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM A HISTÓRIA DA ETERNIDADE

Teresa Cristina de Oliveira (UFPI)

9. DAS FRATURAS DA MÍMESIS À MÍMESIS FRATURADA: REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM O CAVALO DE DUAS PATAS (ASBE DU-PA), DE SAMIRA MAKHMALBAF

José Wanderson Lima Torres (UESPI)

10. O FEMININO EM NÉLSON RODRIGUES: UMA ANÁLISE DA PEÇA TEATRAL OTTO LARA RESENDE OU BONITINHA, MAS ORDINÁRIA (1962) E SUA TRADUÇÃO PARA O CINEMA

Alfredo Werney Lima Torres (IFPI)

11. O NEORREGIONALISMO CINEMATOGRAFICO BRASILEIRO ATRAVÉS DA AUTONOMIA DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS PRODUÇÕES DE CLAUDIO ASSIS E KLEBER MENDONÇA FILHO

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

2. AS DIMENSÕES DO FEMININO NA IMPRENSA PERIÓDICA DOS SÉCULOS XIX E XX / A IMPRENSA FEMININA E A HISTÓRIA DA LITERATURA

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 02 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Cristiane Navarrente Tolomei (UEMA)

Prof. Ms. Rafael Balseiro Zin (PUC)

1. MODA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA VOGUE BRASIL

Émille Cristhine de Passos (UFPI)

Monalisa Pontes Xavier (UFPI)

2. MULHERES ILUSTRES DA LITERATURA: LITERATAS BRASILEIRAS E A EXALTAÇÃO DA ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX

Laila Thaís Correa e Silva (UNICAMP)

3. TRADUTORAS BRASILEIRAS: INFLUÊNCIAS NA IMPRENSA DOS SÉCULOS XIX E XX

Maria Eduarda dos Santos Alencar (UFPE)

4. EDUCAÇÃO E IMPRENSA FEMININA EM ESCOLAS CONFESSIONAIS NO PIAUÍ (1930-1940)

Olívia Candeia Lima Rocha (UNICAMP)

5. HUMBERTO DE CAMPOS VERSUS AMÉLIA BEVILÁQUA: POLÊMICA LITERÁRIA E SAGRAÇÃO DO PRESTÍGIO NA IMPRENSA CARIOCA

Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI – UFRGS)

6. MULHERES ESCRITORAS NA IMPRENSA PIAUIENSE: OS CASOS DE TERESINA E PARNAÍBA (1870-1930)

Erika Ruth Melo Da Silva (UESPI)

8. A LITERATURA DE MULHERES BRASILEIRAS: PAGU, UM NOME ESQUECIDO
Fernanda Silva da Silva (UEMA)

9.A VISIBILIDADE DE FRANCISCA CLOTILDE NA IMPRENSA CEARENSE NA SOCIEDADE FINISSEULAR
Vanessa Pinto (UFC)

3. HISTÓRIA E FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES EM OBRAS DE AUTORIA FEMININA

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 03 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Tania Maria Cemin Wagner (UCS)

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

1. AGREGADAS E SOLTEIRONAS NO UNIVERSO FICCIONAL DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Rossana Rossigali (UNC – SC)

2. LITERATURA E IMPERIALISMO: UMA LEITURA DAS RELAÇÕES DO ORIENTE COM O OCIDENTE NA OBRA INTÉRPRETE DE MALES, DE JHUMPA LAHIRI

João Batista Sousa de Carvalho (IFMA)

3. MALINCHE E A CONQUISTA DO MÉXICO: PERSONAGEM E MITO

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

4. MULHERES NO COMANDO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS NA ANGOLA DO SÉCULO XIX: REPRESENTAÇÕES EM ANGOLA, AS RICAS-DONAS, DE ISABEL VALADÃO

Eliana Pereira De Carvalho (UERN)

5. O AMOR COMO VIVÊNCIA SUBLIMATÓRIA: HISTÓRIA E FICÇÃO

Tania Maria Cemin Wagner (UCS)

6. O INDIGENISMO PERUANO EM AVES SIN NIDO DE CLORINDA MATTO DE TURNER: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Emília Rafaelly Soares Silva (UFC)

7. O NARRADOR ROMANESCO EM MARIA VALÉRIA REZENDE: EXPERIÊNCIA E HETERODISCURSIVIDADE

Candice Azevedo (UFPE)

8. A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA DO EXÍLIO EM DESMUNDO, DE ANA MIRANDA

Claudia Letícia Gonçalves Morais (UNB)
 Danglei de Castro Pereira (UNB)
 Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

9. A DESCONSTRUÇÃO LYGIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM CIRANDA DE PEDRA

Leylanne da Silva Lima Melo (UFPI)
 Sebastião Alves (UFPI)

4. MEMÓRIA, HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 04 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Profa. Dra. Maria do Socorro Carvalho (UEMA)

1. CUTRUVIAS, MULHERES PÚBLICAS E A DESGARRADA NA TRILOGIA DA MALDIÇÃO, DE JOSÉ ALCIDES PINTO

Maria Antonia (UFC)

2. DO CORPO À VOZ: ELEMENTOS DE RESISTÊNCIA DO CORPO GAY

Rubencil da Silva Oliveira (UFPA)

3. ESCRIVIVÊNCIAS HISTÓRICAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE KEHINDE/LUÍSA MAHIN EM UM DEFEITO DE COR DE ANA MARIA GONÇALVES

Jeane Virginia Costa (UESPI)

4. IDENTIDADES FEMININAS E AFRODESCENDÊNCIA: VOZES DA MEMÓRIA NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Fernanda Regina Martins Pinheiro (UEMA)

5. MEMÓRIA, HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM O SEGREDO DA CHITA VOADORA, DE MÁRCIA EVELIN

Maria Daise de Oliveira Cardoso (UNB)

6. OS MULTÍMODOS PERFIS FEMININOS EM MEMÓRIAS DE MARTA, A FAMÍLIA MEDEIROS E A SILVEIRINHA, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Cristiane Viana da Fronza (UESPI)

7. “NÓS POBRES, SOMOS PINTOS; OS RICOS SÃO OS GAVIÕES”: MARIA DO CÉU, CONCEPÇÕES DE UMA MULHER SERTANEJA

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

5. A COZINHA DOS CONTOS DE FADA E OUTROS CONTOS: UM LUGAR DE DEBATES DE PATRIMÔNIOS ALIMENTARES, ÉTNICOS E DE GÊNERO

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 05 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(a):

Profa. Dra. Rozélia Bezerra (UFRPE)

Profa. Dra. Gabriela Borba de Lima (FAFIRE)

1. AS QUESTÕES DE GÊNERO, A COZINHA E OS PATRIMÔNIOS ALIMENTARES NO CONTO “A DONA BARATINHA”

Profª Drª Rozélia Bezerra (UFRPE)

2. A SOCIEDADE DENTRO DA CESTA: O CHAPEUZINHO VERMELHO E OS INGREDIENTES SÓCIO-CULTURAIS DO CONTO

Profª Drª Gabriela Borba de Lima (FAFIRE)

3. O CALDEIRÃO DE CERRIDWEN E A MAGIA DO ALIMENTO

Liliane Faria Corrêa Pinto (UFMA)

4. O FEMININO, O CLÁSSICO E O MODERNO: UMA ANÁLISE DE UMA, DUAS, TRÊS PRINCESAS (2014), DE ANA MARIA MACHADO

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira (SEDUC-CE)

5. RESGATE E REPRESENTAÇÃO: A MÃE NOS CONTOS DE FADAS A PRINCESA QUE ESCOLHIA E UMA, DUAS TRÊS PRINCESAS DE ANA MARIA MACHADO

Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB)

Roseli Meira Gomes Rocha (UESB)

6. SEGREDOS E AROMAS ENTRE RECEITAS NÃO REVELADAS: A ESCRITA DE SI COMO REPRESENTAÇÃO DE PATRIMÔNIOS ALIMENTARES, ÉTNICOS E DE GÊNERO EM EL DIÁRIO DE TITA, DE LAURA ESQUIVEL

Fábio Marques de Souza (PPGFP-UEPB)

Ana Luzia de Souza (PPGFP-UEPB/IFPB)

7- A METAMORFOSE DAS PRINCESAS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS

Mônica Cardoso Silva (UESPI)

8. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS NA LITERATURA JUVENIL DE ADRIANA FALCÃO: O CASO DE LUNA CLARA & APOLO ONZE

Natercia Almeida Lacerda (UERJ)

9. DESCONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A IMAGEM FEMININA NO ESPAÇO ESCOLAR

Leidiane Leite Sousa (SESC-RR)

6. METAFICÇÃO E NARRATIVAS DE GÊNERO

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 06 do Setor 12 (CCHL)

Coordenador(es):

Profa. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

1. AUTORIA FEMININA NA ABORDAGEM DE LITERATURA NO ENEM

Paulo Victor Cardoso Venção (UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

2. DESDE LAS ANCESTRAS: NOTAS SOBRE A LITERATURA INSURGENTE DE MARYSE CONDÉ

Lana Kaine Leal (UFMA)

3. ATIVISMO FEMININO NAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA, NO ROMANCE *ESTAÇÃO DAS CHUVAS* DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI/NEAD)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

4. A FORJA DO EU: O DISCURSO RACISTA EM “METAMORFOSE”, DE GENI GUMARÃES

Cleide Silva de Oliveira (UESPI)

5. ALTERIDADES INTERNAS: GÊNERO E DIFERENÇAS CULTURAIS EM “THE MAN FROM MARS”, DE MARGARET ATWOOD

Sebastião Alves (UFPI)

6. HOMOAFETIVIDADE, NARRATIVA DE SI E METAFICÇÃO: AVENTURAS, PERIGOS E DESEJOS NA OBRA “SIM, SOU GAY E DAÍ?” DE VALDECK ALMEIDA DE JESUS

Luciano Ferreira da Silva (UESPI)

7. TÍTULO DO TRABALHO: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA SOBRE A (IN)VISIBILIDADE FEMININA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

Lucas Lima Moura (UFPI)

Nádia Grings Batista (UFPA)

8. A ESCRITA DE LUZILA GONÇALVES FERREIRA: METAFICÇÃO E TESTEMUNHO EM VOLTAR A PALERMO

Maria Suely Oliveira Lopes (UESPI)

9 TRAÇOS ANÁLOGOS À OBRA INOCÊNCIA DE VISCONDE DE TAUNAY: PATRIARCALISMO E TONS DE LIBERDADE

Luzimar Silva de Lima (UESPI)

10. OS GRITOS DO CÁRCERE: RELATOS SOBRE AS OPRIMIDAS NA DITADURA ARGENTINA.

Benedito Ubiratan Sousa Pinheiro Júnior (UFPA)

07. MULHER[IDADES] E TRADUÇÃO NO BRASIL

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 01 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(es):

Prof. Ms. Dennys Silva-Reis(UNB)

Profa. Dra. Cibele Guadalupe Sousa de Araújo (IFG)

1. CORPOS ESCRIVENTES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA MULHER NEGRA NA PRÁTICA TRADUTÓRIA.

Luciana Santos dos Reis (UFBA)

2. TRADUTORAS DO SÉCULO XIX: DO ROMANCE À NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA

Dennys Silva-Reis (UFPI)

Luciana Carvalho Fonseca (USP)

3. A MEDIAÇÃO CULTURAL DE LÉA VIVEIROS DE CASTRO NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DE WIDE SARGASSO SEA

Naylane Araújo Matos(UFSC)

4. A TRADUÇÃO DE UMA OBRA DE YVONNE VERA NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADUÇÃO E DE UMA TRADUTORA

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo (IFG)

5. ALGÚN AMOR QUE NO MATE: GÊNERO E TRADUÇÃO

Mayra Martins Guanaes (USP)

6. ENTRE LÍNGUAS, CULTURAS, LITERATURA E TRADUÇÃO POÉTICA: A ESTÉTICA TRADUTÓRIA DE WIRA SELANSKI

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

8. RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 02 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista – *In memoriam*

Profa. Dra. Ana Cristina Meneses (UESPI)

Prof. Dr. Alcione Correa Alves (UFPI)

1. MULHERES NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University)

2. MULHERES QUE CONTAM: AS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE HISTÓRICO DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Sarah Pinto de Holanda (UFC)

Edilene Ribeiro Batista – *In memoriam*

3. O FAZER LITERÁRIO DE ANA EURÍDICE EUFROSINA DE BARANDAS SOB O VIÉS DA TEMÁTICA DO AMOR EM “EUGÊNIA OU A FILÓSOFA APAIXONADA

Sayonara Bessa Cidrack (UFC)

4. O PROTAGONISMO DE DÉBORA: A DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCALISMO

Diná Mendes De Souza Oliveira (UERN)

Maria Edileuza Da Costa (UERN)

5. PARA LER “VERSURA”: UM ENCONTRO COM A LEITURA, ATRAVÉS DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Adriana Maria Franco da Rocha Souza (IFMA)

7. QUESTÕES DE GÊNERO ETNIA E CLASSE NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DE “MARIA” E “O PÃO SAGRADO DOS FILHOS”

Maria Valdenia da Silva (UFC)

Jaquelânia Aristides Pereira (UFC)

8. RELAÇÕES DE GÊNERO NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM

Araceli Maria Alves Silva (UESPI)

9. UM BAR, UM ENCONTRO E O PERSONAGEM MASCULINO NO CONTO LISPECTORIANO "MAIS DOIS BÊBEDOS"

Leandro Lopes Soares (UERN)

Maria Edileuza da Costa (UERN)

Maria Eliane Souza da Silva (UERN)

10. UMA ANÁLISE NARRATOLÓGICA DA PERSONAGEM EVITA/EVA LOPO, EM A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE

Lígia Vanessa Penha Oliveira (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

11. A CONDIÇÃO DA MULHER LÉSBICA NA OBRA DUAS IGUAIS, DE CINTIA MOSCOVICH

Wesley William Alves de Oliveira (UESPI)

COMUNICAÇÕES LIVRES – 01

SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14 h às 17h30

Local: Sala 03 do Setor 10 (CCSA)

Coordenador(es):

Prof. Dr. Orlando Luís de Araújo(UFC)

Prof. Dra. Lucineide Barros Medeiros(UESPI)

1. A METAPOÉTICA DE *HOME* EM CONCEIÇÃO LIMA

Elen Rodrigues Gonçalves (UFJF)

2. AO RÉS DA (DES)MEMÓRIA DA MULHER ESCRITA: PERCURSOS MEMORIALÍSTICOS EM VIRGINIA WOOLF

Tatielly Pinho Farias (UFC)

3. O FANTÁSTICO NO FEMININO

Francisco Vicente de Paula Junior (UESPI)

4. OS LOCAIS DE MEMÓRIA NO CASTILLO INTERIOR DE TERESA DE JESÚS

Amanda Luzia da Silva (Unicamp)

5. RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER EM POESIAS DE AUTORAS PIAUIENSES CONTEMPORÂNEAS

Nayra Bianca Costa Mendes (UESPI)

6. RELAÇÕES DE PODER EM MARIA DA TEMPEIDADE, DE JOÃO MOHANA

Maristela dos Santos Almeida (UFMA)

7. A POESIA LÍRICA DE CONCEIÇÃO LIMA, EM A DOLOROSA RAIZ DO MICONDÓ

Leila Patrícia de Sousa Rosa (UESPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

8. SUBALTERNIDADE E RESISTÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM A CONFISSÃO DA LEOA

Maria Aniele da Silva (UESPI)

Maria Valdenia da Silva (UECE)

9. A MULHER DE PÉS DESCALÇOS, MEMÓRIAS RELUTAS DAS MULHERES DE RUANDA

Míriam Firmino da Silva Paiva (UERN)

10. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

MARIA LUANA CAMINHA VALOIS (UFPE)

COMUNICAÇÕES LIVRE – 02**SEXTA-FEIRA: 07/09/2018 – 14h às 17h30****Local:** Sala 04 do Setor 10 (CCSA)**Coordenador(es):**

Profa. Dra. Stela Viana (UESPI)

Profa. Ms. Emília Rafaelly Soares Silva (IFPI)

1. OS GRITOS DO CÁRCERE: RELATOS SOBRE AS OPRIMIDAS NA DITADURA ARGENTINA

Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior (UFPA)

2. OS LOCAIS DE MEMÓRIA NO CASTILLO INTERIOR DE TERESA DE JESÚS

Amanda Luzia da Silva (UNICAMP)

3. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

Maria Luana Caminha (UFPE)

4. O CORPO FEMININO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL EM ANGOLA

Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI/NEAD)

5. PAPEIS ATRIBUÍDOS ÀS MULHERES NA ORGANICIDADE DAS ESCOLAS FAMÍLIA AGRÍCOLAS (EFAS): FALAS DE EDUCADORAS

Lucineide Barros Medeiros (UESPI)

Maria Raquel Barros Lima (UFPI)

6. A SEXUALIDADE FEMININA REPRIMIDA EM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES E NÉLIDA PIÑON

Joyce Rodrigues Silva Gonçalves (UFMG)

7. SONHO E TRAUMA NO CONTO “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Karoline Zilah Santos Carneiro (UECE)

Carlos Eduardo de Sousa Lyra (UECE)

8. UMA LEITURA CRÍTICO-REFLEXIVA DOS CONTOS “A CELA UM” E “RÉPLICA”, DA ESCRITORA NIGERIANA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Eliane Cristina Testa (UFT)

Leomar Alves de Sousa (UFT)

SESSÃO DE PÔSTER – SEXTA-FEIRA 07/09/2018 – 02

Local: PÁTIO CENTRAL DA UESPI

Coordenadores:

Profa. Ms. Jurema da Silva Araújo (UERN)

Profa. Ms. Lanna Caroline S. de Almeida (UFMA)

1. ESCRITA FEMININA NA LITERATURA LUSÓFONA: DESENVOLVENDO AS HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA COM BASE NOS DESCRITORES DA PROVA BRASIL

Savina Cacilda de Sousa Oliveira (UESPI)

2. O EU-LÍRICO FEMININO ESCRITO POR UM HOMEM E EU-LÍRICO FEMININO ESCRITO POR UMA MULHER: POR MARQUESA DE ALORNA E CHICO BUARQUE

Ana Célia Francisca de Santiago Carvalho (IFCE)

Beatriz Araújo Brito (IFCE)

Mariana Antonia (UFC)

3. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM DONA SENHORA NA OBRA CARTILHA DO SILÊNCIO DE FRANCISCO J. C. DANTAS E A RELAÇÃO COM SEU CORPO E SUAS NECESSIDADES SEXUAIS

Tairine da Silva Ribeiro (UESPI)

4. OS DESCAMINHOS CONTEMPORÂNEOS DE JOÃO GILBERTO NOLL: UMA ANÁLISE DO HOMOEROTISMO EM BERKELEY EM BELLAGIO

Lucelia de Sousa Almeida (UNB)

Wagner dos Santos Rocha (UESPI)

5. A FILHA PERDIDA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE

Renata Filipe da Silva (UESPI)

6. CASAMENTO, MULHER E TRADIÇÃO EM AMOR E MARIA ANTÔNIA

Francisca de Paula Sousa Araújo (UFMA)

Lucelia de Sousa Almeida (UNB)

7. O DESEJO DE MUDANÇA DA PERSONAGEM FÁTIMA E A RESISTÊNCIA DE SUA MÃE NO FILME O GRÃO, DE PETRUS CARIRY

Pauliane Alves de França Borges (UESPI)

8. OUTRAS PÁGINAS DA GUERRA: HISTÓRIA, VIOLÊNCIA E GÊNERO NA OBRA DE CURZIO MALAPARTE

David Gonçalves Santos (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

9. A CONFIGURAÇÃO DO NEORREGIONALISMO CINEMATOGRAFICO A PARTIR DA ÓTICA DA AUTONOMIA FEMININA NA OBRA BOI NEON (2015) DE GABRIEL MASCARO

Letícia Maria Alves Braga (UFPI)

10. A POESIA DE SUSY SHOCK

Andra Del Valle Bazan (UFOP)

11. A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO FILME “AS TRÊS MARIAS”, BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

Vitória Karolline dos Santos Sousa (UESPI)

Maryelly Brasilino Silva (UESPI)

12. REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CINEMA BRASILEIRO DE FICÇÃO: TIETA DO AGRESTE

Josineide Carvalho Costa (UESPI)

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

13. UMA ANÁLISE DA AUTONOMIA FEMININA DENTRO DO FILME AS SUFRAGISTAS

Thamara Ingrid Soares da Silva (UFPI)

Hérica Vieira da Rocha Silva (UESPI)

14. ANÁLISE DE TEXTOS DOS JORNAIS PIAUIENSES: ANDORINHA 1905, JORNAL BORBOLETA 1905, A PHALANGE 1889, O ARREBOL 1922, O TEMPO 1888

Waléria Guimarães de Sousa (UESPI)

15. ASPECTOS NEOSSIMBOLISTAS NA POÉTICA DE LORENA TORRES E MARIANA LUZ NO PERIÓDICO MARANHENSE NOVECENTISTA O ROSARIENSE

Luiza Natalia Macedo Marinho (UFMA)

16. AUTORIA FEMININA NO PERIÓDICO REVISTA DO NORTE: ROSÁLIA SANDOVAL

Igor Luid de Souza Oliveira (UFMA)

17. O BILDUNGSROMAN FEMININO DO SÉCULO XIX EM A SENHORA DE WILDFELL HALL, DE ANNE BRONTË

Cindy Conceição Oliveira Costa (UFPI)

Lucelia de Sousa Almeida (Unb)

18. O DITO E O NÃO-DITO: EXPLORANDO A VOZ FEMININA MANIFESTA NA ENUNCIÇÃO LITERÁRIA EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA, DE CLARICE LISPECTOR

Maria Vitória Martins Souza (UESPI)

José Mágnio de Sousa Vieira (UNEMAT)

19. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM FEMININA APLICADA A OBRA EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS DE MARÇAL AQUINO

Valdenise Maria Mendes Ribeiro (UESPI)

20. A AUTONOMIA FEMININA NAS OBRAS CADERNO DE RUMINAÇÕES E CARTILHA DO SILÊNCIO DO AUTOR FRANCISCO DANTAS

Janne Kellen Rodrigues de Araújo (UESPI)

21. A ÓTICA DA AUTONOMIA FEMININA EM CINZA DO NORTE DE MILTON HATOUM

Marília dos Reis Silva (UESPI)

22. A VIA CRUCIS MATERNA EM O ESTANDARTE DA AGONIA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

Camila Pereira de Sousa (UESPI)

Lucelia de Sousa Almeida (UNB)

23. MARIA DA INGLATERRA: A RAINHA DAS COMPOSIÇÕES

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

Karyna Polyana Carvalcante de Paula

24. MARIA DA INGLATERRA: A RAINHA DAS COMPOSIÇÕES

Ligia dos Santos Lima de Macêdo (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

25. RELATOS DE ESCRIVIVÊNCIA EM NO FUNDO DO CANTO, DE ODETE SEMEDO

Rafena Lima Araújo (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI / UEMA)

26. VERONICA STIGGER LÊ ANGÉLICA FREITAS: DOIS ÚTEROS ERRANTES INCOMODAM, INCOMODAM MUITO MAIS

Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias(UFPI)

Susana Souto Silva (UFAL)

27. O OLHAR SOBRE A FIGURA FEMININA EM GABRIELA, CRAVO E CANELA, DE JORGE AMADO

Alícia da Silva Carvalho (UESPI)

Liliane Pessoa Seixas (UESPI)

PROGRAMAÇÃO DOS MINICURSOS

QUINTA-FEIRA – 06/09/18 – 8h às 12h

1. INTRODUÇÃO À ABORDAGEM CONTEXTUAL DOS ARQUIVOS PESSOAIS

Ministrante: CRISTIANO DINIZ (Unicamp)

Local: Sala 01 do Setor 12 – CCHL

2. RODA DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Ministrante: MÁRCIA EVELIM DE CARVALHO (UESPI)

Local: Sala 02 do Setor 12 – CCHL

3. EM BUSCA DE MULHERES SAGRADAS: OFICINA DE INTERPRETAÇÃO DE POEMAS DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS

Ministrantes: LÍVIA MARIA NATÁLIA DE SOUZA (UFOB)

Local: Sala 03 do Setor 12 – CCHL

4. O PODER FEMININO NA LITERATURA ANTIGA: ESPOSAS, AMANTES E CONCUBINAS

Ministrante: ORLANDO LUÍS DE ARAÚJO (UFC)

Local: Sala 04 do Setor 12 – CCHL

SEXTA-FEIRA – 07/09/18

1. ESCRITA FEMININA CRIATIVA

Ministrante: ESCRITORA CINTIA MOSCOVICH (PUC)

Local: Sala 01 do Setor 12 – CCHL

2. A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E OS DILEMAS DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

Ministrante: JUREMA DA SILVA ARAÚJO (UERN)

Local: Sala 02 do Setor 12 – CCHL

3. POESIA E INTERPRETAÇÃO: DA LEITURA À GESTUALIDADE

Ministrante: CARLOS GILDEMAR PONTES (UFMG)

Local: Sala 03 do Setor 12 – CCHL

4. HISTÓRIA E LITERATURA FEMININA NA SEGUNDA METADE DO BRASIL OITOCENTISTA: CAMPOS ENTRECRUZADOS E QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Ministrantes: JOABE ROCHA DE ALMEIDA (UFMA); MESSIAS ARAUJO CARDOZO (UFPI)

Local: Sala 04 do Setor 12 – CCHL

5. TRADUÇÃO DE TEXTOS SENSÍVEIS: O GÊNERO EM EVIDÊNCIA

Ministrante: ANA MARIA DE MOURA SCHÄFFER (UNICAMP)

Local: Sala 05 do Setor 12 – CCHL

6. LITERATURA E ARTE AFRICANA DE AUTORIA FEMININAS

Ministrante: ASSUNÇÃO DE MARIA SOUSA E SILVA (UESPI); NAZARETH FONSECA (PUC / MINAS / CNPQ)

Local: Sala 06 do Setor 12 – CCHL

LANÇAMENTO DE LIVROS

1. GEORGINA E OUTROS ESCRITOS INÉDITOS

ORGS. Algemira de Macêdo Mendes; Daniel Castelo

Editora: EDUFPI – 2018

2. ESCRITA DE SI, INTELECTUALIDADE E DISTINÇÃO EM A.TITO FILHO

Autora: Ana Cristina Meneses de Sousa

Editora: Academia Piauiense de Letras 2018

3. LITERATURA, INTERSEÇÕES DE GÊNERO E OUTRAS LINGUAGENS

Orgs. Algemira de Macêdo Mendes

Editora: EDUFI – 2018

4. TEM SEMPRE UMA ESPERANÇA SE PROSTITUINDO DENTRO DA GENTE

Autor: Ítalo Lima

Editora: VISEU – 2018

5. QUATRO CONTOS

Autora: Sergia A.

Editora: Quimera – 2018

6. NEORREGIONALISMO BRASILEIRO: ANÁLISE DE UMA NOVA TENDÊNCIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Autor: Herasmo Braga de Oliveira Brito

Editora: EDUFPI – 2017

7. O VOO DA GUARÁ VERMELHA

Autora: Maria Valéria Rezende

Editora: Alfaguara Brasil – 2014

8. HISTÓRIAS NADA SÉRIAS

Autora: Maria Valéria Rezende

Editora: Escaleras – 2017

9. UMA AVENTURA ANIMAL

Autora: Maria Valéria Rezende

Editora: DSOP

10. FACE SERENA

Editora: PENALUX – 2017

11. VIRNA

Autora: Inês Maciel

Editora: Uruçui – 2014

12. RECÔNBITO

Autora: Inês Maciel

Editora: EDITORA JM LTDA

13. DESPIDA

Autora: Inês Maciel

Editora: EDITORA JM LTDA

14. LITERATURA, SUBJETIVIDADE E MEMÓRIA: DIÁLOGOS COM A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Orgs. Silvana Maria Pantoja dos Santos; Maria Suely Lopes de Oliveira; Algemira de Macêdo Mendes

Editora: EDUFPI – 2018

15. A ESCRITA DE MARIA FIRMINA DOS REIS NA LITERATURA AFRODESCENDENTE BRASILEIRA - REVISITANDO O CANONE

Autora: Algemira de Macêdo Mendes

Editora: Chiado - 2016

16. ESCREVIVÊNCIAS: IDENTIDADE, GÊNERO E VIOLÊNCIA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Orgs. Constância Lima Duarte et. al

Belo Horizonte: Editoria Idea, 2016

17. IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA NO BRASIL, SÉCULO XIX. DICIONÁRIO ILUSTRADO

Autoria: Constância Lima Duarte

Editora: Autentica – 2016

18. A MULHER NA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Algemira de Macêdo Mendes; Marleide Lins de Albuquerque(orgs.). – Teresina: EDUFPI – 2018.

19. TRAVESSURAS DE UM MENINO MAU E OUTROS ENSAIOS SOBRE ANIMAÇÃO

Autoria: Wanderson Lima

Editora: Horizonte – 2018

20. DUZENTOS

Autoria: Joselma Noal

Editora: Kazuá – 2018

21. COMO ESCUTAR O MANUSCRITO

Autoria: Márcia Edlene Mauriz Lima

Editora: Horizonte – 2018

21. LITERATURA, SUJEITOS DE GÊNERO E OUTROS DISCURSOS

Autoria: Algemira de Macêdo Mendes; Diógenes Buenos Aires de Carvalho; Orlando Luiz de Araújo (Organizadores) (E-book)

Editora: EDUFPI – 2018

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

- ✚ Apresentação Musical do Grupo Flor do Sertão – Pátio Central da UESPI
- ✚ Exposição de Fotografia das Escritoras Latino-americana Homenageadas – Pátio Central da UESPI
- ✚ Exposição de Jornais da Imprensa Feminina Piauiense- XIX/XX - Pátio Central da UESPI
- ✚ Exposição Frida Khalo – Curador -Valdson Braga - Mezanino do Palácio Pirajá – UESPI
- ✚ Exposição de artes plásticas - “Perfis Femininos” - Artista e curadora -Vilma Rodrigues Mascarenhas – Pátio Central da UESPI
- ✚ Sarau Lítero-musical – Pátio Central da UESPI

INFORMAÇÕES ÚTEIS

TRANSPORTE AÉREO

Companhias aéreas (GOL, LATAM e AZUL) Aeroporto de Teresina – Senador Petrônio Portella
 Telefone Geral: (86) 3133-6270 – Praça Santos Dumont, s/n – Bairro Aeroporto – Teresina – Pi.

TRANSPORTE RODOVIÁRIO

Rodoviária de Teresina – Passagem de ônibus – Guichê Virtual
<https://www.guichevirtual.com.br/rodoviaria-teresina-pi>

Sobre a Rodoviária. Endereço: Rodovia BR-343 – Redenção. Teresina – Piauí.
 64019-750. Telefone: (86) 3218-1761.

LINHAS DE TRANSPORTE COLETIVO

UESPI / CENTRO / UESPI
 102 POTY VELHO COELHO DE RODRIGUES
 103 MOCAMBINHO ALTO ALEGRE MATADOURO
 104 SANTA MARIA VIA SHOPPING
 107 NOVA TERESINA/POTY VELHO
 170 POTY VELHO/ PLANALTO BELA VISTA
 563 UNIVERSIDADE CIRCULAR I
 365 UNIVERSIDADE CIRCULAR II
 723 RODOVIÁRIA CIRCULAR II

CENTRAIS DE TÁXI

Rádio Táxi (86) 3222-2222
 Cotaero Cooperativa Taxista Aeroporto de Teresina: (86) 3225-2530
 Alô Taxi: (86) 3221-1111

TELEFONES PARA EMERGÊNCIAS

142 CENTRAL DE ATENDIMENTO PARA INTERMEDIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS 100 SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS

180 DELEGACIAS ESPECIALIZADAS DE ATENDIMENTO À MULHER
81 DISQUE DENÚNCIA
190 POLICIA MILITAR
192 SAMU
193 CORPO DE BOMBEIROS

RESTAURANTES

Coco Bambu

Rua Prof. Joca Vieira, 1227, Fátima, Teresina, fone: (86) 3232-8100

Cozinha Sete Dois Meia

Av. Ininga Jóquei, Teresina-PI fone (86) 3235-6806

Grand Cru

Av. Ininga, 996, Fátima, Teresina-PI (86) 3231-14

Light Meals – Riverside Shopping

Riverside Shopping, Bairro dos Noivos, Teresina-PI (86) 3230-1163.

Light Meals – Teresina Shopping

Teresina Shopping, Bairro dos Noivos, Teresina-PI (86) 3230-2419.

Moinho de Pedra

Rua Juiz João Almeida, 2287, Horto Florestal, Teresina-PI (86) 3232-6207.

O Casarão

Av. Vilmary, 2131, Jóquei, Teresina-PI, (86) 3232-8595.

Malagueta

Av. Lindolfo Monteiro, 2060, Fátima, Teresina-PI, (86) 3216-3961.

Restaurante São João

Av. Ns. De Fátima, 2616 – Fátima, Teresina – PI, 64049-526

R. João Cabral, 2340 – Pirajá, Teresina – PI, 64001-030

Av. Centenário, 1189 – Aeroporto, Teresina – PI, 64006-700

PIZZARIA

Domino's Pizza

Av. N. Sra. de Fátima, 1044, Fátima, Teresina-PI (86) 3194-0123

Mercatto de La Pizza

Av. N. Sra. de Fátima, 1360, Fátima, Teresina-PI (86) 3233-2420

Savóri Pizza

Av. Jóquei Clube, 2146, Jóquei, Teresina-PI (86) 4020-3456

Forneria Favorito

Av. N. Sra. de Fátima, 1683, Jóquei, Teresina-PI (86) 3234-1500

Texas Picanharia

Rua Tomaz Tajra, 1575, Jóquei, Teresina-PI (86) 3233-5514

Casa do Churrasco

Av. Lindolfo Monteiro, 1063, Fátima, Teresina-PI (86) 3233-2030

Favorito Grill

Rua Prof. Mário Batista, 69, São Cristóvão, Teresina-PI(86) 3233-3085

Petit Gourmet

Rua Prof. Pires Gayoso, 335, Noivos, Teresina-PI (86) 3231-3485

Temperatto

Av. Elias João Tajra, 1840, Jóquei, Teresina-PI(86) 3232-2551

Bom Bocado

Av. Dom Severino, 1610, Fátima, Teresina-PI (86) 3233-4316

Favorito Comidas Típicas

Rua Angélica, 1059, Fátima, Teresina-PI(86) 3232-2020

Baião de Dois

Av. Ininga, 1245, Fátima, Teresina-PI(86) 3304-1938

CAFÉ**Alquimia Café Bar**

Av. Nossa Sra. de Fátima, 2050, Ininga, Teresina-PI(86) 3304-1107

Café De Flore

Av. Lindolfo Monteiro, 1160, Fátima, Teresina-PI(86) 99927-1457

Café Espaço D

Av. Homero Castelo Branco, 1246, Ininga, Teresina-PI

Olik Café

Rua Aviador Irapuan Rocha, 2190, Fátima, Teresina-PI (86) 3232-7956

Café Noir

Rua das Orquídeas, 2259, Jóquei, Teresina-PI (86) 3233-5004

Fazendária Café

Av. Dom Severino, 1025, Jóquei, Teresina-PI(86) 3234-4410

La Pâtisserie Favorito

Av. N. Sra. de Fátima, 2575, Fátima, Teresina-PI (86) 3232-4414

SUSHI**Môssai Sushi**

Av. Dom Severino, 1897, Fátima, Teresina-PI (86) 3304-4007

Ômega 3

Rua Raimundo Portela, 1035, Fátima, Teresina-PI (86) 3232-0891

Sushi Bar

Av. Coronel Costa Araújo, 999, Fátima, Teresina-PI(86) 3232-9999

Mangá Sushi Bar

Rua São Pedro, 3330, Ilhotas, Teresina-PI(86) 3226-2175

HAMBUGUERIA**Dogão**

Av. N. Sra. de Fátima, 1900, Fátima, Teresina-PI (86) 3304-2961

Divino Hambúrgueres e Espetinhos

Rua das Tulipas, 825, Jóquei, Teresina-PI (86) 3233-6160

Villa Jolie

Av. Jóquei Clube, 2654, São Cristóvão, Teresina-PI(86) 3231-3893

COMIDA NATURAL**Boa Vida Culinária Natural**

Rua Elias João Tajra, 864, Jóquei, Teresina-PI(86) 3233-1919

DNA Natural

Av. Dom Severino, 1055, Jóquei, Teresina-PI (86) 3303-9488

Garagem Orgânica

Rua Anfrísio Lobão, 2060-B, Jóquei, Teresina-PI (86) 3303-9383

Naturalmente

Av. Sen. Arêa Leão, 1782, São Cristóvão, Teresina-PI (86) 3231-0330

FRUTOS DO

Camarão do Elias

Av. Pedro Almeida, 457, São Cristóvão, Teresina-PI (86) 3232-5025

Bacalhau & Cia

Av. N. Sra. de Fátima, 671, Fátima, Teresina-PI (86) 3232-3076

Quinta do Caranguejo

Rua Prof. Joca Vieira, 1540, Jóquei, Teresina-PI(86) 3233-2932

SOVERTERIAS**Gelato & Grano**

Rua Prof. Joca Vieira, 1316, Fátima, Teresina-PI(86) 3305-6377

San Paolo Gelato Gourmet

Av. Dom Severino, 430, Fátima, Teresina-PI(86) 3025-4400

Shopping Rio Poty

Av. Mal. Castelo Branco, 1357, Cabral, Teresina-PI (86) 3122-5000

SHOPPINGS**Teresina Shopping**

Av. Raul Lopes, 1000, Noivos, Teresina-PI (86) 3230-2000

Riverside Shopping

Av. Ininga, 1201, Teresina-PI(86) 3230-2030

Shopping Rio Poty

Av. Mal. Castelo Branco, 911 - Porenquanto, Teresina - PI, 64003-087

Horário: Aberto · Fecha às 22:00

Telefone: (86) 3122-6000

PONTOS TURÍSTICOS DE TERESINA

Casa da Cultura de Teresina

Centro Artesanal “Mestre Dezinho”

Museu do Piauí

Museu Municipal de Arte Sacra Dom Paulo Libório

Teatro 4 de setembro

Museu dos Rios

Igreja São Benedito

Catedral de Nossa Senhora das Dores

Pólo Cerâmico de Teresina

Balneário da Curva do São Paulo

Ponte Metálica João Luiz Ferreira

Ponte Estaiada João Isidoro França

Parque Ambiental

“Encontro dos Rios”

Parque Zoobotânico de Teresina

Jardim Botânico de Teresina

Parque da Cidadania

Parque Municipal

Parque Municipal Floresta Fóssil

Parque da Cidadania

Museu do Parnaíba

Theatro 4 de Setembro

Palácio da Cidade (Sede da Prefeitura Municipal)

Palácio de Karnak (Sede do Governo do Estado)

Praça da Bandeira (Marco Zero de Teresina)

Parque Potycaban

MAPAS

**TEATRO 4 DE SETEMBRO****UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**

RESUMOS DOS TRABALHOS APROVADOS

SIMPÓSIOS, COMUNICAÇÕES LIVRES E PÔSTERS – QUINTA-FEIRA 06/09/2018

1. ATIVISMO FEMININO, LUTA E RESISTÊNCIA NAS LITERATURAS AFRICANAS ESCRITA POR MULHERES / LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA FEMININA: ATIVISMO POLÍTICO E FEMINISMO LITERÁRIO

Coordenador(es):

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

Profa. Dra. Tânia Lima (UFRN)

Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE)

1. A MATRIARCA: MESTIÇAGEM, MITO DE ORIGEM E REPRESENTAÇÃO FEMININA NUM ROMANCE CABO-VERDIANO

Tatiana Raquel Reis Silva (UEMA)

RESUMO: O romance *A matriarca*, da escritora Vera Duarte, nos faz reportar a temas que permeiam o cotidiano e imaginário dos(as) cabo-verdiano(as). Lançado recentemente, em 2017, o livro constitui o segundo romance da autora em que as personagens femininas ocupam lugar de destaque. *A matriarca* esboça questões ligadas a origem e ancestralidade dos cabo-verdianos, bem como busca discorrer sobre o processo de constituição da identidade nacional. Em meio a esse contexto, são as mulheres que assumem a narrativa dos fatos na tentativa de explicar historicamente a emergência do país, tendo a mestiçagem e os casamentos inter-raciais como molas propulsoras daquilo que passou a ser identificado como a sua especificidade: uma nação crioula. De fato, a sociedade cabo-verdiana sempre buscou ressaltar as particularidades políticas e culturais do arquipélago, em que a mestiçagem ocupou (e ainda ocupa) lugar de destaque. O livro gira em torno de três personagens principais: Ester, Salomé e Sulamita, a matriarca. Mulheres cujas trajetórias são marcadas por romperem as barreiras da cor, e que nos ajudam a compreender as representações de feminilidade e estratégias de resistência acionadas. Como muito bem ressaltado no decorrer do livro, é preciso dedicar uma maior atenção a escrita feminina, cada vez mais consolidada nos países africanos, assim como trabalhar as problemáticas em torno da vivência de mulheres em muitos destes contextos. Tais questões permeiam a presente proposta de análise da obra *A matriarca*.

Palavras-Chave: Literatura; Feminina; Mestiçagem; Cabo Verde.

2. AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES AFRODESCENDENTES E DE GÊNERO EM AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: DIÁLOGOS E REFLEXÕES A PARTIR DAS ESCRIVIVÊNCIAS DE IFEMELU

Milayne Christina Barros do Nascimento (UESPI)

Elio Ferreira de Souza (NEPA/UESPI)

RESUMO: Atualmente, o avanço das discussões a respeito dos feminismos vem conquistando mais destaque no Brasil, impulsionando uma série de debates sobre a condição da mulher na sociedade. Nesse panorama, destaca-se também a representação da mulher negra na literatura afrodescendente. O alcance sustentado pela Internet e redes sociais e a organização de diversos grupos mostram que através da indicação de leituras, livros, textos e autoras criam-se canais de expressão e fortalecimento para as discussões sobre a literatura feita por mulheres. Nesse contexto, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie conquistou lugar de referência ao escrever (e falar) sobre feminismo, identidade, etnia e questões de gênero, temáticas que estão presentes no seu romance *Americanah* (2014). A protagonista (Ifemelu) ao questionar seu lugar na sociedade cria um *blog* para poder contar histórias, escrever e refletir sobre sua experiência enquanto mulher negra, nascida na Nigéria e morando nos Estados Unidos. Considerando a leitura e a escrita como articuladores para pensar o lugar das mulheres negras em diáspora, o presente trabalho propõe-se a uma abordagem de leitura sob a perspectiva da afrodescendência e gênero, tendo como *corpus* da análise o livro *Americanah*. Investigaremos as diferentes tessituras da representação de identidades afrodescendentes e de gênero, tendo como eixo norteador o processo de escrevivências de Ifemelu a partir das publicações em seu *blog*. Para tanto, utilizaremos as referências relacionadas aos conceitos de identidade em Glissant (2005), Hall (2014) e Munanga (1988), escrevivência em Evaristo (2005) e gênero e feminismo em Adichie (2012; 2017).

Palavras-Chave: *Americanah*; Escrevivências; Identidades Afrodescendentes; Gênero.

3. ATIVISMO FEMININO E DESCOLONIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: A FORÇA DA ESCRITA FEMININA NO ROMANCE HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Flavia Aledandria Pereira Pinto (UERJ)

RESUMO: A proposta desta comunicação é analisar os aspectos mais relevantes no que se refere ao ativismo feminino e à descolonização no romance *Hibisco Roxo* (2003), de Chimamanda Ngozi Adichie, a partir das questões relacionadas à história da autora, às escritas femininas e à elaboração do romance contemporâneo. Partimos da ideia de que, na contemporaneidade, nas obras de autoria feminina e afrodescendente, a escrita tem funcionado como uma maneira de revelar traços da ancestralidade negra e fixar experiências de um *eu-negro* que fora silenciado, subjugado, ou seja, essa escrita de si representa a tentativa de resgatar memórias atreladas à uma matriz de cultura africana e reconstruir essa identidade negra. Os romances de escritoras da literatura africana, especialmente Chimamanda Adichie, evidenciam questões que dizem respeito não só às mulheres, mas a todos os negros, e as composições das personagens femininas evidenciam os arquétipos de várias mulheres negras. Dessa matriz feminina emergem histórias de superação, como no romance *Hibisco Roxo* que, além de apresentar ao leitor as marcas de como a colonização e a recente independência da Nigéria afetaram as relações sociais, os laços afetivos, as identidades e condutas de seus habitantes, também apresenta a jovem narradora Kambili sob a experiência do que é ser mulher e negra num lar nigeriano extremamente rígido. O olhar da narradora sobre seu lar é uma mistura de afeto e crítica. Chimamanda Adichie faz parte de um grupo de mulheres negras que tomaram para si a responsabilidade de visibilizar, através da ficção, as dores, angústias e vitórias de mulheres invisibilizadas, oprimidas e marginalizadas. Para fundamentação teórica desse estudo são textos fundamentais: KLINGER (2012), BUTLER (2015), GINZBURG (2012), FIGUEIREDO (2016), HALBWACHS (2004), RICOEUR (2007).

Palavras-Chave: Ativismo feminino; Descolonização; Chimamanda Adichie.

4. HIBISCO ROXO OU SOBRE AQUILO QUE NÃO FLORESCE QUANDO NEGADOS OS DIREITOS ÀS MULHERES

Márcia Letícia Gomes (IFRO)

Xenia de Castro Barbosa (FRO)

RESUMO: Numa Nigéria entrecortada por sucessivos golpes de Estado em que se fazem notar as consequências da colonização nos hábitos e, especificamente, nas crenças religiosas, Chimamanda Ngozi Adichie ambienta seu romance *Hibisco Roxo*, no qual a narração autodiegética de Kambili permite entrar em contato com a violência doméstica em seus episódios mais duros até o desfecho que surpreende e marca a ruptura daquela família com a situação de abuso de poder praticado pelo pai. *Hibisco Roxo* é uma ficção histórica que permite ao leitor conhecer a situação política vivenciada na Nigéria, a repressão aos meios de comunicação que ousavam fazer denúncia e o cotidiano de duas famílias que vivem situações opostas: a riqueza e a violência que caracterizam o lar de Kambili e que são problematizadas apenas quando ela nota que no lar de sua prima, Amaka, apesar de, em alguns momentos, faltar o essencial para uma vida digna, sob o ponto de vista material, havia algo precioso: a liberdade de pensamento e de discussão de ideias, elementos que serão explorados com mais vagar ao longo do artigo.

Palavras-Chave: Hibisco roxo; Nigéria; Literatura de autoria feminina.

5. OS CASAMENTEIROS: DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA AFRICANA

Ylana Karla de França Lopes e Tavares (PPCL – UERN)

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa (PPCL – UERN)

Sebastião Cardoso Marques (PPCL – UERN)

RESUMO: A representação da mulher nas literaturas africanas busca se desvencilhar das amarras de uma construção acentuadamente machista que se inscreve nas práticas culturais ligadas, sobretudo, aos deslocamentos ou trânsitos de africanas(os) aos países do Ocidente. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie concebe em suas narrativas a diáspora africana de homens e mulheres de diversos estratos econômico-sócio-culturais, com desdobramentos e efeitos que podem indicar uma reflexão sobre a elaboração de um pensamento feminista africano. Na obra, *No Seu Pescoço* (2017), a autora expõe trocas e choques culturais intensos. Dentre os doze contos que compõem a obra, vamos analisar o conto *Os casamenteiros*. Nele, vamos refletir sobre a questão do machismo que perdura entre a sociedade africana e a ocidental. Enfim, pretendemos particularizar a importância da insistência e resistência de mulheres negras no seu direito aos espaços de forma a condizer com a problemática da mulher africana enquanto sujeito com voz na sua capacidade de denunciar as práticas discriminatórias que fogem, por vezes, dos pressupostos dos feminismos ocidentais. O respaldo teórico-metodológico se dará com o recurso das obras dos autores Adichie (2015), Hall (2006), Spivak (2010), Tiburi (2018), entre outros estudiosos da narrativa africana, da identidade e do feminismo.

Palavras-Chave: Literatura africana; Chimamanda Adichie; Feminismo africano; Representação cultural.

6. “NÓS” VERSUS “OS OUTROS”: O ATIVISMO POLÍTICO NA POÉTICA DE MANUELA MARGARIDO, NOÉMIA DE SOUSA, ODETE SEMEDO E VERA DUARTE

Carlos Alberto de Negreiro (IFRN)

Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

RESUMO: Manuela Margarido, poetisa de São Tomé e Príncipe, cedo abraçou a causa do combate anticolonialista, que a partir da década de 1950 se afirmou em África, e da independência do arquipélago. Em 1953, levanta a voz contra o massacre de Batepá, perpetrado pela repressão colonial portuguesa. Denunciou com a sua poesia a repressão colonialista e a miséria em que viviam os são-tomenses nas roças do café e do cacau. Noémia de Sousa, de Moçambique, nasceu em 1926, e viveu por bastante tempo na capital Lourenço Marques, que na época ainda não era Maputo. Viveu a revolução, foi um de seus expoentes, e gravou na história do mundo o que aconteceu em forma de poesia em *Sangue Negro* (2001). A revolta está exposta nos versos que revelam o “Nós”, que são os africanos, e os “outros”, representados pelos colonizadores, neles se desenrolam em denúncias contra o intruso explorador, e a exaltação do povo negro. Já no Pós-independência, Odete Semedo, da Guiné Bissau, publicou em *No Fundo do Canto* (2003), os diversos sacrifícios impostos à população guineense depois da independência, principalmente ao que se refere às garantias sociais adquiridas no processo de libertação nacional. O desejo de construção da identidade nacional é manifestado através da literatura como forma de reflexão crítico-estética constitutiva do universo literário da escritora. Vera Duarte, de Cabo Verde, reivindica a justiça e a liberdade, com uma poesia comprometida politicamente, resistente ao desânimo de ver suas utopias estilhaçadas pela seca do deserto, pela fome, pela violência praticada com as mulheres e crianças. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é o de apresentar a produção poética dessas escritoras, escrito em tempos diversos, mas contendo a carga política e a ação reivindicatória que não se perderam nas variadas épocas do contexto africano.

Palavras-Chave: Política; Revolução; Escritoras Africanas.

7. TERRA FÊMEA DOMESTICADA: ASPECTOS DO SUJEITO FEMININO EM CONTO DE PAULINA CHIZIANE

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa (UERN)

Ylana Karla de França Lopes e Tavares (UFPI)

RESUMO: Concebe-se, nesta comunicação, uma leitura do conto “Quem manda aqui?”, publicado no livro *As Andorinhas* (2013) da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Nosso principal interesse é abordar a representação da identidade do sujeito feminino no contexto histórico e cultural da África à luz da Teoria Pós-colonial. O estudo da literatura pós-colonial é fundamental para refletir sobre a influência do imperialismo no mundo e nas localidades colonizadas a partir do entendimento de que a escrita literária deve favorecer os oprimidos e colonizados devolvendo-lhes a voz e abrindo espaço para seus contextos nas produções acadêmicas. O conto referido nos traz a reflexão de como o patriarcado e o imperialismo se articulam para estabelecer formas específicas de opressão às mulheres. A autora mostra como o território colonizado é comparado às mulheres, por serem espaços domesticados de dominação do colonizador, ou seja, o imperialismo utiliza o discurso para apresentar as terras como “fêmeas domesticadas” e, ao mesmo tempo, oprimir as mulheres tornando-as “terras colonizadas”. Assim, através das fundamentações da Teoria Pós-colonial, as narrativas pós-coloniais de ficção são analisadas a partir de seu lugar na história e sua relação com a narrativa imperial.

Palavras-Chave: Literatura Africana Pós-Colonial; Paulina Chiziane; Conto; Mulher.

8. A ESCRITA DO ALÉM-MAR: CORPOS FEMININOS E ESCRITOS DE RESISTÊNCIA EM UM MUNDO DE VIOLÊNCIA NOS ROMANCES CONTORNOS DO DIA QUE VEM VINDO DE LÉONORA MIANO E HIBISCO ROXO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Natalia Regina Rocha Serpa (UFRG)

RESUMO: Essa pesquisa versa sobre vozes femininas e negras historicamente silenciadas, vozes de mulheres negras que se irmanam a partir de uma matriz africana, vozes que ecoam no além mar e resistem em um mundo que não as reconhecem como protagonista. Nesse sentido, toma-se como tema *a escrita negra feminina como uma escrita de si e para si*. Uma escrita que apesar de ter suas representantes em continentes distantes da mãe África consegue construir elos significativos com sua matriz africana e reivindicar o espaço literário como um lugar negro e feminino. A apropriação da escrita literária pelas mulheres negras foi fundamental no processo de aquisição de um novo olhar sobre si, suas lutas, seus modos de resistência, história e alteridade. Nesse sentido, a escrita marginal feminina negra é uma possibilidade concreta de se discutir questões socioculturais, de gênero, de raça de uma forma diferenciada, buscando problematizar discursos fixados, canonizados historicamente. Esta comunicação é o resultado que pretendeu investigar como é exercida a dominação sobre as mulheres e através de tal investigação chamar atenção para a necessidade urgente de se compreender essa forma universal de dominação. A escrita feminina enquanto escrita de si é em certa medida uma maneira de investigar e desconstruir os múltiplos conceitos de gênero, uma vez que o feminino é também uma construção social e está para além de um modelo uniforme de mulher. As protagonistas que compõem os romances que serão analisados são construídas principalmente a partir da violência, elas fornecem aos leitores respostas por diferentes ângulos de análise e reflexão, que ajudam a identificar tipificações e lógicas particulares da violência de gênero desferida aos corpos femininos, conferindo novos contornos ao assunto, tanto em caráter acadêmico, histórico, ativista, como na ordem das políticas públicas. As duas escritoras escolhidas unem-se e ficcionalizam um perfil feminino relevante para investigações acadêmicas que vêm sendo realizadas na contemporaneidade. As mulheres retratadas pelas cinco autoras escolhidas como objeto de pesquisa tomam vida a partir de uma memória coletiva imposta pela tradição opressora, mas, mesmo como fruto de uma escrita repleta de cicatrizes, o corpo feminino deixa de ser simulacro e assume uma voz enunciativa que é individual e coletiva ao mesmo tempo. Uma voz que enuncia a si mesma sem a necessidade de um intermediário para dizê-la. Ao trabalhar a representação da violência ou do discurso da violência na literatura de autoria feminina, percebe-se que o ponto de vista das autoras diverge totalmente da fala construída historicamente pelo patriarcado. Ginzburg afirma que a “violência é construída no tempo e no espaço. Suas configurações estéticas estão articuladas com processos históricos. Um trabalho de interpretação deve levar em conta as relações entre as configurações e os processos” (GINZBURG, 2013, p.35). Portanto, analisar a narrativa dessas romancistas e as suas interlocuções com a História denota dizer que seus romances são o reflexo de uma dura realidade, na proporção em que o discurso inclui esse universo real a partir do ponto de vista interno das escritoras, quanto aos fatos que cercam os excluídos. É importante ressaltar que nesse espaço do além-mar entre a África, as Américas e a Europa, a violência contra as mulheres tem deixado de caracterizar-se como simples efeito secundário fruto dos mais diversos conflitos para transformar-se em uma exibição de poder. A contemporaneidade tem vivido um “espetáculo da crueldade” contra aquelas que historicamente invisibilizadas e tiveram seus corpos colocados sob a custódia do masculino (pai, marido, irmão e filhos). Nos cinco romances escolhidos como objeto de pesquisa vê-se que o corpo da mulher negra e a violência que lhe é imposta são as fontes de onde emana uma escrita de resistência. Uma das questões que norteiam essa pesquisa é refletir em que medida um texto literário escrito por uma autora negra africana ou na diáspora tem o valor próprio ao narrar as experiências individuais vividas por mulheres diferentes, em diferentes continentes e até que ponto essa narrativa de memórias, de experiências compromete ou enaltece a criação artística e o mérito das escritoras, além do fato de poder e dever ser a prova da capacidade intelectual e criativa de todo o conjunto das mulheres, secularmente minorizadas pelos estereótipos da tradicional ideologia patriarcal.

Palavras-Chave: Escrita de si; Resistência; Violência.

9.O CORPO FEMININO COMO PERFORMANCE NA LITERATURA MOÇAMBICANA: O CASO DE NIKETCHE, DE PAULINA CHIZIANE

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

RESUMO: O presente estudo destacará a análise do romance **Nikette: uma história de poligamia** (2002), de Paulina Chiziane, considerando suas temáticas, tais como a subversão das tradições espoliadoras da subjetividade feminina, as representações do corpo feminino e sua inscrição cultural em contextos predominantemente dominados por homens. Celebrada pelos círculos literários como a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Paulina Chiziane reflete em seus romances sobre temas ligados à condição feminina e às ressignificações das tradições, especialmente no romance em análise, no qual agem várias personagens femininas num processo de afirmação performativa do “ser mulher” em uma cultura arraigada no patriarcalismo. O romance aqui tomado como *corpus* traz à tona perspectivas de análise que destacam aspectos relacionados às trajetórias das personagens femininas enquanto entes em constante construção nas sociedades africanas de modo geral, observando ao longo desta obra como as personagens questionam seus status e realçando questões relacionadas às performances femininas na literatura africana. A importância do estudo justifica-se pelo fato de que temáticas relacionadas às literaturas africanas, enquanto espaços que privilegiam a crítica pós-colonial, tornaram-se campo fértil de discussões no âmbito acadêmico. Serão utilizados como referencial teórico autores como Patrick Chabal (1994), Pierrette Herzberger-Fofana (2000), Inocência Mata (2007) e Joana de Medeiros Mota Pimentel (2012) como problematizadores das produções literárias femininas no contexto africano e da relevância da mulher enquanto produtora desses textos.

Palavras-Chave: Performance; Literatura moçambicana; Escrita feminina; Crítica pós-colonial.

10.TRADIÇÕES E SUBALTERNIDADE NO MOÇAMBIQUE DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Rosa Áurea Ferreira da Silva (UESPI)

RESUMO: Nascida em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique, Paulina Chiziane não se intitula escritora, mas sim, uma “contadora de histórias”, que transfere suas lembranças e narra as histórias e lendas de Moçambique pelo seu olhar de mulher. No romance, a autora evidencia algumas tradições as quais são trazidas à narrativa pelo olhar crítico da personagem narradora Rami, que em diálogo com outras mulheres, busca uma forma de compreender essas tradições históricas, que contribuem para colocar a mulher em posição de subalternidade. O presente artigo objetiva abordar algumas dessas tradições que permeiam o universo feminino em **Nikette: uma história de poligamia** e que corroboram para colocar a mulher em situação subalterna. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico no campo da crítica literária com diálogo interdisciplinar com a sociologia e antropologia. Para as análises foram empreendidos os pressupostos dos teóricos de Bourdieu (2014), Saffioti (1987) e Spivak (2010).

Palavras-Chave: Paulina Chiziane; Mulher; Nikette; Tradições.

2. AS DIMENSÕES DO FEMININO NA IMPRENSA PERIÓDICA DOS SÉCULOS XIX E XX / A IMPRENSA FEMININA E A HISTÓRIA DA LITERATURA

Coordenador(a):

Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UEMA)

Prof. Ms. Rafael Balseiro Zin (PUC)

1. ANTIESCRAVISMO SOB A ÓTICA DA MULHER NEGRA: ÚRSULA E A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (UFPI)

RESUMO: O século XIX tem como características, no Brasil, a presença da instituição escravista como propulsor econômico, cívico e moral do país, sendo um dos aspectos da organização estrutural da sociedade do período e das práticas da população. Esse contexto pode ser recuperado nas narrativas de Maria Firmina dos Reis, desde a escravização como sistema econômico produtor até as formas de resistências e atitudes pela emancipação. Neste trabalho é realizada a análise de duas obras de Maria Firmina dos Reis, o romance *Úrsula* (1859) e o conto “A escrava” (1887), tendo em vista o lugar de fala da escritora e a sua atitude política, levando em consideração o contexto em que atuou. A hipótese levantada compreende que a percepção da escritora acerca do sistema escravista, externada nas construções narrativas em que se entrevê esse contexto oitocentista, deve-se, em alguma medida, ao lugar de fala de Maria Firmina dos Reis como mulher negra. Para empreender as análises trabalhamos com os textos de Ribeiro (2017), Evaristo (2009), hooks (1995), Alves (2014) entre outros. O romance *Úrsula* utiliza como argumento antiescravista o aspecto religioso e o civilizatório, de forma a construir a imagem do sujeito escravizado ao mesmo tempo consciente e manifestando revolta em relação à situação de opressão. Destacando os personagens negros da narrativa, o romance da escritora maranhense promove a denúncia da escravidão como instituição. No conto “A escrava” a história é contada ainda na perspectiva adotada pela escritora décadas antes, no entanto, os argumentos voltam-se para um pensamento social, destacando o mal que a escravidão trazia para o país, afirmando o negro como vítima do sistema.

Palavras-Chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula* e “A escrava”; Antiescravismo; Lugar de fala.

2. RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E A IMPRENSA CEARENSE NA ESCRITA FEMININA DE ALBA VALDEZ

Keyle Sâmara Ferreira de Souza (UFPB)

RESUMO: No século XIX e primeiros anos do século XX a Literatura Cearense se desenvolveu principalmente em jornais e revistas. Apesar desses espaços públicos serem dominados pelos homens, houve mulheres que escreveram e romperam os limites da vida privada dos lares para criar e expor seus pensamentos e sentimentos nos periódicos. Eram poucas as escritoras/jornalistas cearenses, porém elas existiram, escreveram e publicaram, e neste contexto, objetivamos evidenciar a relevância de Alba Valdez para produção literária de autoria feminina no Ceará. Alba Valdez entrou no mundo das letras na última década do século XIX escrevendo para periódicos, publicando os livros *Em Sonho* (1901), uma coletânea de crônicas e contos já publicados na imprensa na década de 1890, e *Dias de luz* (1907), um romance memorialista. Escritores, historiadores e críticos literários afirmavam a qualidade da escritura de Alba Valdez em jornais, tendo obras suas traduzidas para o francês e outras línguas, conseqüentemente foi a primeira mulher a fazer parte de duas instituições intelectuais cearenses: o Instituto Histórico do Ceará e a Academia Cearense de Letras. Sua escrita sofre a influência da literatura romântica oitocentista e dos jornais, pois estes foram

muito mais que suportes de textos. Nesse estudo da obra de Alba Valdez ressaltaremos a importância desta relação entre a literatura e a imprensa para a escrita literária de mulheres a partir de Barbosa (2007), Barreira (1948), Buitoni (1990), Duarte (2016), Falci (2011), Mendes (2004), Perrot (1998), Telles (2011) e Zinani (2006).

Palavras-Chave: Linguagem feminina; Relações entre literatura e a Imprensa; Alba Valdez; Imprensa feminina cearense.

3. REVISTAS FEMININAS BRASILEIRAS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DA MULHER NO SÉCULO XX

Samanta Petersen da Rocha Lima (UFPI)

Gustavo Fortes Said (UFPI)

RESUMO: Desde suas primeiras publicações no início do século XX, as revistas femininas brasileiras têm sido uma das instâncias sociais e de poder que reafirmam e ensinam às mulheres as normas e padrões de comportamento que são aceitos pela sociedade vigente. De tal modo, que estas publicações também têm acompanhado as mudanças sociais, culturais e políticas que influenciaram e modificaram a vida das mulheres. Assim, o objetivo deste artigo é fazer um panorama histórico para identificar como as revistas femininas brasileiras representaram em suas páginas as identidades femininas no século XX. Para isso, vamos fazer a Análise de Conteúdo das capas da primeira edição das principais publicações nacionais do gênero neste período, dando ênfase, sobretudo, as lançadas a partir de 1950. Nosso intuito é perceber como as representações identitárias femininas foram sendo apresentadas e reafirmadas nestas publicações e como elas foram mudando ao longo dos tempos, passando da mulher que tinha como preocupação principal os cuidados do lar, do marido e a educação dos filhos para aquelas que estavam em busca de sua independência em todos os aspectos, inclusive o sexual.

Palavras-Chave: Identidades; Mulher; Revistas; Capas.

4. “JORNAL DAS MOÇAS”: UM OLHAR SOBRE O FEMININO NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

Jayra Barros Medeiros (UESPI)

RESUMO: O presente artigo analisa a participação de mulheres na escrita piauiense nas primeiras décadas do século XX e suas ressonâncias nas subjetividades femininas, discutindo as permanências e mudanças promovidas no cotidiano, na produção de identidades e nas relações de sociabilidades de gênero em União-Pi. Para tanto, levou-se em consideração que homens e mulheres se constituem enquanto construção social e não como algo natural e imutável, pois o gênero é um elemento importante na constituição da escrita e das relações de poder. Essas relações são entendidas aqui nas suas variadas formas de polaridade, ou seja, o poder não é apenas bipolar, a sociedade nos apresenta múltiplas formas do ser mulher e de homens. A pesquisa analisou os encaminhamentos promovidos pela escrita do pseudônimo “Pérola Branca” que participou das produções do “Jornal das Moças” publicado no Rio de Janeiro e as interfaces desses movimentos com questões de ordem comportamental da sociedade da época. Como metodologia de pesquisa foram utilizadas consultas em documentos oficiais, em fontes hemerográficas.

Palavras-Chave: História; Gênero; União-PI; Escrita.

5. "O TRABALHO QUE ELAS DERAM": A REVISTA REALIDADE E OS DISCURSOS SOBRE/PARA AS MULHERES NOS ANOS SESSENTA

Lanna Karen Lima Araújo (UFPI)

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (SEDUC – PI)

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos uma análise da edição especial “A mulher brasileira, hoje”, de janeiro de 1967, da revista Realidade, uma publicação da editora Abril. Procuramos entender como as experiências femininas são vistas e representadas nas páginas da revista, levando em consideração algumas variáveis como: trabalho, corpo e casamento. O recorte escolhido são os anos sessenta, contexto em que a referida revista começou a circular e que abrange a edição analisada. Como referencial teórico para o uso de periódicos e imprensa como fontes históricas, utilizamos as pesquisas de Tânia Regina de Lucca e Maria Aparecida de Aquino, bem como os estudos de Chartier para discutirmos a noção de representação. Os estudos sobre mulheres foram embasados por Joana Maria Pedro, Maria Izilda Matos e Ângela Martins sob a perspectiva de gênero.

Palavras-Chave: Mulheres; Imprensa; Anos sessenta.

6. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES AFRICANAS NA AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

Rayra Atsley Carvalho Lima (UFBA)

Karla Ingrid Pinheiro De Oliveira (SEDUC – PI)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações das mulheres africanas, sobretudo, as moçambicanas, durante o ano de 1929. Utilizaremos fotografias do periódico *Boletim Geral das Colônias*, que compõe uma das publicações do *Portal das Memórias de África e do Oriente*, onde esses boletins tinham o intuito de aprofundar e apresentar assuntos sobre as colônias. Assim, iremos investigar como essas fontes imagéticas tornaram-se instrumentos essenciais para discursos, onde as mulheres africanas passariam a ser usadas como elementos de divulgação daquele continente. Mediante as legendas das fotografias percebemos uma demarcação do olhar português como aspecto do "real". Devido às análises das fontes imagéticas, pretendemos evidenciar como essas mulheres, em especial, as da etnia Macondes e Muchopes, eram representadas nas imagens e nos escritos editoriais da revista. Portanto, notamos a relevância de propor uma reflexão mais crítica, que indubitavelmente, nos submete a um maior conhecimento e visão de como essa relação hierárquica ainda tem resquícios atualmente. Finda-se, então, através das análises dessas fotografias e ilustrações abaixo das mesmas, que o empenho dos editores da revista era tornar evidente ao leitor que tais imagens representavam de fato a vida dos africanos.

Palavras-Chave: Mulheres; Representação; Imagens.

7. LUGAR SANTO: A MULHER, A SACERDOTISA DO LAR SOB ÓTICA DO JORNAL CRUZEIRO EM CAXIAS MARANHÃO (1950)

Jakson Santos Ribeiro (UNICID)

RESUMO: A centralização dos discursos em torno da figura feminina passa como uma forma de disseminar na mentalidade social a defesa de um ideal diante das tendências femininas de atuarem para além dos padrões aceitos, mais diretamente aos princípios religiosos. O culto mariano se processava como uma forma de preservar a moral, a defesa da virgindade que, por sua vez, estava

se perdendo, como também a consolidação do ideal maternal para os lares brasileiros, ou seja, uma figura de mãe, mulher, esposa, que as mulheres deveriam seguir na sua prática cotidiana. A figura feminina, nesse sentido, é atrelada a ideia de mulher com amor maternal, uma máxima que perdura e que vai sendo naturalizada na sociedade brasileira como uma forma de legitimar a função da mulher no seio familiar e social da qual está inserido. O discurso naturalizador que se constrói acerca do amor materno que era intrinsecamente próprio da mulher limitava apenas a essas funções. Ao legitimar o culto ao marianismo na dita modernidade que se intensificava, a mulher se torna um mártir nesse contexto. O sexo feminino no discurso religioso vai sendo representado como Maria para que pudesse combater os modelos desviante de muitas mulheres. Dessa forma, os discursos projetavam nas práticas das mulheres, que deveriam aceitar a sua função maternal, pois era do instinto feminino sacrificar-se pelos filhos, marido e o lar e, por sua vez se aproximaria do exemplo de Maria.

Palavras-Chave: Discurso; Mulher; Casa; Jornal Cruzeiro.

3. A MULHER NA LITERATURA E NOS OUTROS SISTEMAS SEMIÓTICOS – PRODUÇÃO, AUTORIA E REPRESENTAÇÃO / REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO (1995 À ATUALIDADE)

Coordenador(a):

Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)
 Profa. Dra. Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)
 Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes (PUC)
 Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito (UFRN)
 Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)

1. A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA E NAS ARTES VISUAIS, NA OBRA ELOGIO DA MADRASTA DE MARIO VARGAS LLOSA

Ana Suzane Martins do Nascimento (UFPI)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo ampliar e problematizar a discussão a propósito da relação interdisciplinar entre literatura e artes visuais. A partir da personagem Lucrecia. A pesquisa se propõe a apresentar elementos para manifestação da figura feminina tanto no texto literário, quanto nos quadros inseridos na obra. Para desenvolvimento da pesquisa foram utilizados textos dos respectivos teóricos: Georges Bataille (2004) Jaqueline Lichtenstein (2008), Lucia Castello Branco (2004), Mircea Eliade (2016) e Tania Carvahal(2011).

Palavras-Chave: Literatura; Artes Visuais; Elogio da madraستا; Feminino.

2. CRUZANDO FRONTEIRAS: O USO DAS CORES NA TRADUÇÃO INTERSEMÍOTICA DE O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD

Sergia Antonia Martins de Oliveira Alves (UESPI)

RESUMO: Este estudo investiga a relação entre Literatura e outros sistemas semióticos tendo como objeto as cores na obra literária de produção feminina O Conto da Aia (1985) e na tradução intersemiótica para a minissérie de TV homônima, produzida pelo serviço de vídeo sob demanda

Hulu (2017). Na leitura do romance de Atwood, verifica-se que as palavras sugerem ao imaginário do leitor quatro cores principais como representação simbólica: o vermelho, o branco, o azul e tons de preto. A citação das cores na construção das frases que descrevem a visão da personagem narradora (uma mulher de vermelho) enriquece a narrativa sobre o universo fictício de Gilead, uma sociedade erguida sobre dois pilares: no primeiro ancora-se o embate entre fertilidade (vermelho) versus esterilidade (branco e azul), e no segundo a opressão religiosa exercida pelos homens (preto). Percebe-se, facilmente, na tradução audiovisual de Bruce Miller, a opção pela exploração das mesmas cores associando-as nos níveis físico (sensorial), psicológico e estético, como estratégia narrativa. O signo híbrido de sua linguagem se fortalece no campo visual mantendo, em menor escala, os recursos verbal da narração em off e o sonoro que se alterna entre silêncio e a trilha musical pontual e marcante. As análises têm como aporte teórico os estudos da imagem produzidos por Lucia Santaella e Winfried Nöth a partir da Semiótica de Charles Sanders Peirce, bem como os estudos sobre a escrita de autoria feminina propostos pela Ginocrítica.

Palavras-Chave: Cores; Literatura; Linguagem; Mulher.

3. DEUS HÁ DE SER MULHER: REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA DE ELZA SOARES

Carolina Veloso Costa (UFSC)

Luísa Menin Garcia (UFPI)

RESUMO: Agraciada com inúmeros prêmios do cenário musical, inclusive com o Grammy Latino em 2016, Elza Soares lançou seu último álbum *Deus é mulher* no dia 18 de maio de 2018. Essa obra, assim como seu álbum anterior *A mulher do fim do mundo* (2015), tem como protagonista a mulher, suas condições dentro da sociedade e dentro de si mesma. Na canção "Deus há de ser", Elza coloca a mulher no lugar de uma entidade divina: "deus é Mulher/deus há de ser/deusa/deus é Mãe." Ainda que as composições não sejam da própria intérprete, sua presença e performance dão a chave para a leitura das poesias que caminham entre as temáticas do racismo e da mulher. As canções "Maria da Vila Matilde", "Eu quero comer você" e "Língua solta", assim como muitas outras, reafirmam a luta das mulheres e dialogam diretamente com o contexto sociopolítico brasileiro. Aproveitando esses aspectos da poesia de Elza, este trabalho pretende analisar brevemente a representação da mulher enquanto Deusa na música popular brasileira, com o intuito de perceber a evolução do papel da mulher no contexto social e literário, e de que modo esse arquétipo feminino de Deusa transita e se ressignifica no imaginário literário até os dias de hoje.

Palavras-Chave: Elza Soares; Deusa; Mulher; Música popular brasileira.

4. POEMA, CANÇÃO E PERFORMANCE: LEITURA DE "A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES"

Jaquelânia Aristides Pereira (UECE)

Maria de Fátima Vasconcelos da Costa (UFC)

RESUMO: A presente proposta de comunicação constitui um estudo sobre os contos "Maria", publicado no livro *Olhos d'água* (2015) e "O pão sagrado dos filhos", inserido na obra *Histórias de leves enganos e pareências* (2016), da escritora Conceição Evaristo, sob a perspectiva da crítica feminista, considerando que as protagonistas sofrem opressão de classe, raça e gênero. Eleger a obra de Conceição Evaristo como objeto de estudo nos permite investigar a multiplicidade criadora da escritora mineira que figura como um dos nomes mais expressivos da literatura contemporânea afro-brasileira. Sua obra é um grito de resistência às diversas formas de violência sofridas pelas mulheres afro-brasileiras. O objetivo central deste trabalho é fazer uma investigação literária dos dois contos, evidenciando o modo como a escritora mineira constrói as narrativas e as personagens

femininas, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres em decorrência de um sistema patriarcal e capitalista, que subjuga a mulher, o pobre e o negro. Utilizamos como referencial teórico os estudos de crítica feminista de Saffioti (1987) e Spivak (2010), da literatura de autoria negra, de Evaristo (2009, 2017) e Duarte (2011), e os trabalhos da área de crítica literária de Bosi (2002) entre outros estudiosos.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Crítica feminista; Conceição Evaristo.

5. A (RE)LEITURA DO FEMININO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.

Ana Vitória Teixeira Lima (UESPI)

Débora Lívia Cunha da Costa (UESPI)

Raimundo Isídio de Sousa (UESPI)

RESUMO: Tomado enquanto principal recurso de apoio nas salas de aula das instituições de ensino brasileiras, públicas ou privadas, o livro didático tem por função, principalmente, o direcionamento docente, quanto ao conteúdo a ser ministrado – o quê, como, onde, quando, por que; bem como o melhor aproveitamento do aluno, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Conjuntamente, gestores e docentes operam a seleção do material didático a ser aderido pela escola, isso, regidos por critérios definidos pelo Programa Nacional do Livro Didático, dos quais se destaca, aqui, *temas e textos próximos das práticas sociais* locais do alunado. Atualmente, no Brasil, é bastante frequente a temática da representação e papel do feminino no corpo social. A mulher, agora, desprendendo-se, gradativamente, da relação direta como *sexo frágil*, assume espaços cada vez maiores nos mais diversos setores, superando, assim, o pré-determinismo machista, até então, dominante. Além disso, a intolerância à violência contra a mulher é também uma temática frequente no território nacional, logo, o livro didático pode – e deve – apresentar o tema de modo a combater comportamentos contrários à legislação vigente, cumprindo assim, e somente assim, o que orienta o PNLD. Nesse sentido, esta pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, tendo como *corpus* o livro didático *Interpretação de textos* de Willam Cereja – ano 2016, analisa a representação da mulher na obra, considerando os textos verbais e não verbais, a leitura do feminino nos mais diferentes gêneros englobados na edição; perspectiva-se, ainda, identificar as formações discursivas e ideológicas presentificadas nos dizeres do livro didático. O livro supracitado é atual e, conseqüentemente, encontra-se em uso, aderido por diversas escolas brasileiras. Filia-se, para análise dos *corpora* à Análise de Discurso de linha pêcheuxtiana, embasando-se, sobretudo, em Pêcheux (1995); Orlandi (2002; 2007). Em análises prévias, constatou-se a (re)leitura do feminino, que, ao longo dos textos, assume um caráter decidido, inabalável frente a ideia do *macho dominante*. A mulher, majoritariamente associada à leitura e conhecimento, é apresentada ora como igual, ora como superior jamais como dominada pelo *sexo rei*.

Palavras-Chave: Discurso; Livro didático; Mulher; (Re)leitura.

6. A LIBERDADE DA MULHER NA ARTE LITERÁRIA E NA FOTOGRAFIA

Lana Sara Fonteles Lopes (UESPI)

RESUMO: O presente artigo constitui uma interpretação do corpo e de suas inter-relações com o erotismo e fotografia. Este estudo traz uma análise de alguns poemas do livro “Gilka Machado, poesia completa”. Espera-se que este estudo contribua para o resgate da poeta que foi uma importante figura do crescer da moderna literatura brasileira e de grande importância para a literatura do país, com papel fundamental na busca pela libertação da mulher, além da autora, também procura mostrar mais sobre o erotismo e sexualidade na arte visual, aqui estudada a fotografia de Francesca Woodman. Por meio da imagem, do olhar, percebe-se a experiência com a imagem fotográfica pode ser diferenciada, pois ela clama pelo nosso olhar, solicitando que permaneça nela, testemunhando o traço do real. Com as poesias da autora, o leitor consegue

imaginar o objeto escrito, viajar na sonoridade das palavras, contudo, na fotografia (imagem) ele tem algo mais nítido, mais concreto. Propõe, então, a relevância deste artigo, que está no fato de resgatar a imagem fotográfica como aquela que permite deter o olhar e deste modo fazer emergir desejos e questionamentos.

Palavras-Chave: Gilka Machado; Francesca Woodman; Liberdade; Erotismo.

7. A MATERNIDADE NAS PERSONAGENS ROMANESCAS DE JORGE AMADO: UMA INVESTIGAÇÃO

Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)

RESUMO: A proposta desta comunicação é apresentar um projeto que se encontra em fase inicial de investigação. Trata-se de uma análise e mapeamento de como se comportam, no que tange à maternidade, as personagens femininas dos romances de Jorge Amado. Um dos objetivos dessa pesquisa é investigar a maternidade atribuída ou não a essas personagens, sejam as protagonistas ou as secundárias. Estudos sobre as heroínas amadianas existem dos mais diversos, mas o que se tem notado, como pesquisador e leitor amadiano, é a falta ou o baixo índice – diante de um número considerável de mulheres - da maternidade ou de relações que envolvam as subjetividades acerca dessa temática. As protagonistas amadianas são todas elas sempre representadas como mulheres fortes, vanguardistas, destemidas e que movimentam os rumos dos cenários a qual estão inseridas, porém não desenvolvem ou estabelecem vínculos do ser mãe – seja por via biológica ou adoção. Quando lemos, por exemplo, romances capitais que trazem mulheres como protagonistas, tais como: Tieta, Dona Flor, Tereza Batista, Gabriela nenhuma delas foram ou tiveram envolvimento com a maternidade. O caráter sexual, seja a própria libido dessas mulheres ou como são libidinizadas, é algo iminente no projeto estético do autor desde os seus primeiros romances na década de 30. Cenas de teor sexual são frequentes nas obras, assim também como as violências sofridas – simbólicas ou físicas. Nesse primeiro momento, nossa pesquisa gira em torno das personagens a fim de demonstrar a presença ou não desse *ethos* e sentidos materno, o trabalho com o corpo feminino e de como este é explorado na ficção amadiana quando o pensamos em corpo gerador. Nossa delimitação de estudo serão todos os romances que tenham essas heroínas como enredo principal, ou seja, as protagonistas; e dos demais romances, mesmo os que não têm mulheres como protagonistas.

Palavras-Chave: Jorge Amado; Maternidade; Personagens femininas; Romances.

8. A MULHER SEGUNDO MIA COUTO: A IDENTIDADE FEMININA NOS CONTOS DO ESCRITOR MOÇAMBICANO

Susane Martins Ribeiro Silva (UEMA)

RESUMO: Ilustrada de múltiplas formas, mas sem perder seu peculiar encanto, a mulher moçambicana é traçada na literatura como um ser sugestivo, misterioso, autêntico, possuidor de próprias convicções, apesar do ambiente e também das adversidades aos quais está exposto. Sem perder seu magistral portento, o sujeito feminino, através do escritor Mia Couto, é apresentado como um indivíduo capaz de mudar qualquer contexto. Baseado nesta ideia, considera-se algumas personagens para entender a perspectiva defendida pelo escritor moçambicano, sendo elas: Felizminha, de “A viagem da cozinheira lagrimosa”; D. Nadinha, de “O baralho erótico”; e Modari, de “A gorda indiana”. Pretende-se analisar o drama e as experiências vividas pelas personagens, associada às perspectivas relacionadas à identidade feminina propostas por Cecil Zinani (2006) e Judith Butler (2010), entendendo o comportamento das personagens supracitadas, levando em consideração as situações às quais estão envolvidas, resultando na compreensão e definição dos perfis de cada uma dessas personalidades.

Palavras-Chave: Literatura e gênero; Moçambique; Identidade; Sujeito feminino.

9. A NUDEZ FEMININA COMO ESTEREÓTIPO DO PROFANO NAS TELAS DE RENOIR, MASACCIO E BOTTICELL

Vilma Rodrigues Mascarenhas (UESPI)

RESUMO: A obra de arte é uma forma de comunicação a ser explorada muito além da apreciação estética, trata-se de uma linguagem cujo códigos imagéticos permitem a construção de diferentes discursos. Neste sentido, a nudez feminina representada nas telas de Renoir, Masaccio e Botticelli serão analisadas sob o viés do discurso religioso para delinear o estereótipo do profano. Para compreensão da nudez feminina relacionada ao profano, priorizou-se os estudos de: Amossy (2008), Bataille (1987), Beckett (2006), Calabrese (1987), Chauí (1995), Janson (2001), Joly (2007), Moreno (1995) e Orlandi (2001). Foram selecionadas as seguintes telas: *Banhista (Depois do Banho)*, 1888 de Pierre-Auguste Renoir, *A Expulsão de Adão e Eva do Paraíso*, de Masaccio (1425) e *O Nascimento de Vênus* de Botticelli, (1486). A Arte difundiu a nudez como elemento de intenção erótica desde as primeiras representações artísticas gregas e romanas, nas formas voluptuosas femininas tão exploradas no padrão Renascentista e em outros contextos históricos. Por sua vez, ainda repercute de forma polêmica na atualidade. Visto que, herdamos culturalmente a simbologia da nudez como profana, maculada quando exposta, passiva a castigos por que está fora dos preceitos religiosos que convergem no caráter de exclusão moral.

Palavras-Chave: Arte; Discurso; Nudez Feminina; Profano.

10. A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA TRILOGIA JOGOS VORAZES: LIVRO E FILME

Douglas de Sousa (UESPI)

Ellen Carolyne Cerqueira Lopes (UESPI)

RESUMO: A trilogia *Jogos Vorazes* foi publicado em 2008 e tem a autoria da escritora americana Suzanne Collins, a adaptação cinematográfica foi feita pelo estúdio LionsGate e teve grande sucesso, o que popularizou muito a saga. A história contada em *Jogos Vorazes* é uma distopia e tem como protagonista Katniss Everdeen, uma garota que luta desde cedo para sustentar a família e se manter viva diante da miséria e de um governo opressor. Por meio da análise de conteúdo do primeiro livro e filme e com uma pesquisa sobre estudo e criação de gênero e relação entre o feminino e o poder, este trabalho pretende analisar como a personagem é caracterizada e representada, além de tratar sobre a construção da protagonista de autoria feminina, que foge aos padrões de ideal feminino.

Palavras-Chave: Representação; Feminino; Gênero; *Jogos Vorazes*; Literatura e Cinema.

11. DA LITERATURA À TRANSMUTAÇÃO FÍLMICA EM A HORA DA ESTRELA

Maria Fátima Paula dos Santos (UESPI)

Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar o processo de transmutação do texto literário para o fílmico na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Nessa perspectiva a arte permeia da literatura ao cinema numa difusão cinematografia entre o texto narrativo e fílmico *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector e Suzana Amaral, respectivamente. A transposição da escrita para o cinema há décadas vem sendo feita, e em estudos mais recentes essa conjuntura de transposição é tida como uma intertextualidade. Um texto audiovisual com uma camada de linguagens

representadas nas ações humanas, que são colocadas em cenas sucessivas com a perspectiva de trilhar o máximo possível do texto original, no sentido de não causar impacto a fidelidade do mesmo. Para essa análise serão traçados estudos sobre as premissas intersemiótica e de transmutação, categorias indissociáveis nas linguagens audiovisuais. A efetivação desse estudo parte dos seguintes questionamentos: Como acontece o processo de transmutação entre uma narrativa e um texto fílmico? Quais as convergências e divergências entre o texto literário e o texto fílmico? Tem-se como embasamento teórico: Santaella (1993) Benjamin (1985), Plaza (1987), Balogh(2005), Beauvoir(1970) dentre outros, fundamentais para compreensão da transmutação, gerando novos signos na percepção da intertextualidade, em que a presença de diversas linguagens favorece ao audiovisual uma tradução completa.

Palavras-Chave: Literatura; Transmutação; A Hora da Estrela; Clarice Lispector/Suzana Amaral.

12. ABUSO, TRAUMA E CURA: A POESIA DE RUPI KAUR E DE AMANDA LOVELACE

Sharmilla Ohana Rodrigues da Silva (UFPI)

RESUMO: O movimento feminista contribuiu enormemente para a expressão literária feminina, especialmente a poesia. No século XXI, as mulheres tratam de diferentes temas ou de assuntos não permitidos em épocas anteriores. É o caso das consequências da dependência emocional e da superação desta e outros machucados “sentimentais”. Sobre estas questões escrevem as *instapoets* Rupi Kaur e Amanda Lovelace. Seus livros, intitulados respectivamente *Outros jeitos de usar a boca/ Milk and Honey* (2014) e *A bruxa não vai para a fogueira neste livro/ The Witch Doesn't Burn in This One* (2018), são divididos em seções temáticas, cada uma com um conjunto de poemas. Logo, nosso objetivo é analisar o conteúdo dos citados livros, especificamente no que diz respeito às situações traumatizantes e cicatrizantes vivenciadas pelo gênero feminino. Para isso, apontamos as características da poesia feminina contemporânea, enfatizando o movimento feminista, bem como do estilo poético de Kaur e Lovelace. Fundamentando nossa pesquisa estão os seguintes autores: Larrissy (2003), Keller e Miller (2005), Tyson (2006), e Dobie (2012).

Palavras-Chave: Poesia Feminina; Século XXI; Rupi Kaur; Amanda Lovelace.

4. CONTROLES E INSURGÊNCIAS DO CORPO FEMININO NA LITERATURA E EM OUTRAS ARTES

Coordenador(as):

Profa. Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI)

Profa. Dra. Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

1. A CRUELDADE DO ESTUPRO NA ARTE E NA LITERATURA

Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC - MG)

RESUMO: A partir de reflexões propostas por teóricos de várias áreas que analisam formas de violência legitimadas contra as mulheres, discute-se o modo como, em cenas literárias extraídas dos romances *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e do quadro “Filho bastardo”, de Adriana Varejão, a apropriação do corpo de mulheres escravizadas e/ou dominadas está encenada. Ao discutir as estratégias de linguagem e traços que pintam/denunciam o estupro, almeja-se apreender detalhes da face de um sistema econômico e político que autoriza o estupro e a violação como re(inscrição) de direitos sobre o corpo feminino.

Pretende-se considerar que tais cenas, ao mesmo tempo que lê o Brasil cordial a contrapelo, tencionam o espaço artístico e literário em que se inserem.

Palavras-Chave: Literatura; Arte; Estupro.

2. AS IMPLICAÇÕES DE SE PROTAGONIZAR O CORPO NEGRO NUMA SOCIEDADE COLONIALISTA: UMA ANÁLISE DO LIVRO “O SEGREDO DA CHITA VOADORA” Márcia Evelim de Carvalho (UESPI -NEAD)

RESUMO: O trabalho pretende refletir sobre o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos em nosso dia a dia, no que diz respeito ao olhar destinado ao corpo negro protagonizado. Percebe-se que muitas vezes utilizamos estereótipos e maneiras de pensar únicos, construções culturais cristalizadas em nosso imaginário, sem nos darmos conta de que estamos contribuindo para propagar o racismo institucional presente na sociedade brasileira. O estudo surgiu a partir de um acontecimento relacionado ao livro de literatura infantojuvenil, *O Segredo da Chita Voadora* (2017), de minha autoria. Diversas vezes o nome “chita” no título do livro foi associado ao macaco do herói americano Tarzan, quando na verdade trata-se de uma bela mulher negra que usa lindos vestidos do tecido chita. O desafio é munir o professor mediador-contador de histórias de conhecimentos e saberes, fundamentados, principalmente, em autores como Carneiro (2005); Cunha Jr. (2008), Santos (2010), dentre outros, que favoreçam a construção de outro olhar para esse corpo negro protagonizado, a fim de que passem a adotar uma perspectiva de análise, que vá além da “linha abissal” que divide o colonizador do colonizado, promovendo um diálogo horizontal entre conhecimentos em suas práticas educativas. O trabalho também contribui para a efetivação da Lei 10639/03, uma vez que se preocupa com essa relação extremamente desigual entre povos e nações colonizados, relegados a um espaço de subalternidade, contribuindo para a construção de novas relações humanas, em que os indivíduos tenham consciência de que não devem ser meros reprodutores de uma ideologia colonizadora.

Palavras-Chave: Literatura Infantojuvenil; Racismo; Desconstrução de estereótipos.

4. AUTOIMAGEM E AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO EM O OLHO MAIS AZUL, DE TONI MORRISON

Alicia Dandara Tavares de Sousa Santosn (UESPI)
Elio Ferreira de Souza (UESPI)

RESUMO: O presente trabalho propõe-se à análise literária do livro *O Olho mais azul*, de Toni Morrison, a partir da investigação de elementos peculiaridades à literatura afrodescendente em diáspora, como a representação da autoimagem do negro, protagonista e sujeito da narrativa romanesca. *O olho mais azul*, lançado em 1970 nos Estados Unidos, é o romance de estreia de Toni Morrison. A obra trata das consequências negativas do racismo, que tem afetado a autoimagem das pessoas negras, sobretudo no que diz respeito ao ideal de beleza branca ante a “feiura” do negro, fato causador da baixo-estima de crianças e adolescentes negras. Partindo dessas observações, busca-se neste trabalho analisar o problema da autoimagem das personagens femininas e negras na obra, de que maneira suas identidades são afetadas por narrativas criadas para reproduzir ideais racistas, responsáveis pela disseminação da imagem positiva do branco e da imagem negativa do negro. Ainda, compreender o processo pelo essas personagens rejeitam características e comportamentos atribuídos aos negros para alcançarem a aceitação social do branco. O romance destaca a luta da personagem Pecola para ser aceita socialmente por ser considerada feia pela maioria das pessoas, fazendo-a crê que a única maneira de ser aceita e respeitada pela sociedade seria ter olhos azuis. Além disso, personagens como Claudia, Frieda, Pauline e Geraldine enfrentam os conflitos do dia a dia através do embate contra os ideais que as aprisionam, tornando-as socialmente invisíveis. Em nossa fundamentação, utilizaremos os estudos de autores como Djamilia

Ribeiro (2017), Bell Hooks (2015), Angela Davis (2017), Audre Lorde (2007), Grada Kilomba (2012).

Palavras-Chave: Literatura afrodescendente; Toni Morrison; Mulher negra; Autoimagem; Identidade.

5. COLONIALIDADE: MÁSCARAS DE SILENCIAMENTO - RESPOSTAS DE MULHERES AFRODESCENDENTES NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Emanuella Geovana Magalhães de Souza (UFPI)

RESUMO: O presente trabalho propõe-se à análise literária do livro *O Olho mais azul*, de Toni Morrison, a partir da investigação de elementos peculiaridades à literatura afrodescendente em diáspora, como a representação da autoimagem do negro, protagonista e sujeito da narrativa romanesca. *O olho mais azul*, lançado em 1970 nos Estados Unidos, é o romance de estreia de Toni Morrison. A obra trata das consequências negativas do racismo, que tem afetado a autoimagem das pessoas negras, sobretudo no que diz respeito ao ideal de beleza branca ante a “feitura” do negro, fato causador da baixo-estima de crianças e adolescentes negras. Partindo dessas observações, busca-se neste trabalho analisar o problema da autoimagem das personagens femininas e negras na obra, de que maneira suas identidades são afetadas por narrativas criadas para reproduzir ideais racistas, responsáveis pela disseminação da imagem positiva do branco e da imagem negativa do negro. Ainda, compreender o processo pelo qual essas personagens rejeitam características e comportamentos atribuídos aos negros para alcançarem a aceitação social do branco. O romance destaca a luta da personagem Pecola para ser aceita socialmente por ser considerada feia pela maioria das pessoas, fazendo-a crê que a única maneira de ser aceita e respeitada pela sociedade seria ter olhos azuis. Além disso, personagens como Claudia, Frieda, Pauline e Geraldine enfrentam os conflitos do dia a dia através do embate contra os ideais que as aprisionam, tornando-as socialmente invisíveis. Em nossa fundamentação, utilizaremos os estudos de autores como Djamila Ribeiro (2017), Bell Hooks (2015), Angela Davis (2017), Audre Lorde (2007), Grada Kilomba (2012).

Palavras-Chave: Literatura afrodescendente; Toni Morrison. Mulher negra; Autoimagem; Identidade.

6. IDENTIDADE FEMININA EM LYGIA FAGUNDES TELLES: IMAGENS DE VERÃO NO AQUÁRIO

Luciana Lis De Souza e Santos (UFPI)

RESUMO: Este artigo empreende algumas reflexões sobre a construção da identidade feminina na obra *Verão no Aquário*, de Lygia Fagundes Telles. Para tanto, foram observadas a conjuntura da pós-modernidade e as novas perspectivas sociais sobre a mulher, ocasionadas no contexto da década de 1960, as quais impingiram a reflexão sobre as identidades, desejos e responsabilidades da mulher. Investiga, sobretudo, de que maneira a narradora-personagem deste romance é o reflexo desse contexto supramencionado, sendo levada a pensar e mediar sua própria identidade. Para tal abordagem, foram usados alguns conceitos de Castells (1999), Hall (2011), Beauvoir (1999), dentre outros, convergidos para a concepção de que a obra de Telles é um importante objeto para investigação da narrativa de autoria feminina no contemporâneo.

Palavras-Chave: Verão no aquário; Autoria feminina; Identidade; Pós-modernidade.

7. NAS MARGENS DO CORPO E DA ESCRITA

Terezinha Tabora Moreira (PUC – MG)

RESUMO: Neste estudo pretende-se refletir, com Clarice Lispector, sobre o ato de escrever. Os questionamentos sobre os limites da criação literária e de sua relação com a realidade, sugeridos

pela voz narrativa em **Um sopro de vida** – pulsações (1994), serão retomados numa perspectiva que observa a elaboração estética como ato de insurgência pela qual o corpo feminino e a escrita literária se imbricam num exercício em que, ao mesmo tempo em que se circunscrevem aos limites da linguagem, buscam extrapolar esses limites.

Palavras-Chave: Clarice Lispector; Escrita literária; Corpo; Limites da linguagem.

8. O CORPO FEMININO E A ESCRITA PRESCRITIVA DE CLODALDO FREITAS

Mara Lúcia Fernandes Costa (UESPI)

RESUMO: A representação do corpo pode ser interpretada como local de registros culturais, políticos e sociais, deste modo, uma possível naturalização e homogeneização do corpo feminino não é considerada mais adequada. A historicização de valores culturais tradicionais e patriarcais revela que os corpos – em ambos os sexos – são disciplinados desde a mais tenra infância. Instituições sociais como a família, a Igreja e a imprensa podem ser apontados como reforçadores de uma disciplinarização específica para o corpo feminino e será justamente o papel da Imprensa o objeto de análise deste artigo. Na história da Literatura Brasileira, o romance-folhetim ocupa papel de destaque, uma vez que, pode ser visto como uma das produções artísticas mais comuns durante a virada do século XIX para o século XX. Este estudo realizou uma análise sobre a produção ficcional de Clodoaldo Freitas (1855-1924), no qual o literato tece descrições ferinas em relação às mulheres religiosas que seriam vítimas fatais do fanatismo religioso, e, por consequência, representavam um risco para o casamento e para a harmonia familiar. Publicando principalmente nas cidades de Teresina (PI) e São Luís (MA), o romance-folhetim de Freitas era mais um exemplo de outras produções panfletárias de maçons que eram divulgadas nos periódicos de todo o país. Agressões à figura das beatas sinalizavam o olhar severo de literatos como Clodoaldo Freitas a despeito de um corpo feminino estigmatizado pelas noções de submissão, fanatismo e imoralidade. Entretanto, cabe mencionar que essa interpretação é produto de um discurso patriarcalista e misógeno que circulava na Literatura do período.

Palavras-Chave: Representação; Discurso; Mulher.

9. O ESPAÇO DE CONTESTAÇÃO DO CORPO FEMININO EM “A OBSCENA SENHORA D”, DE HILDA HILST

Danielle Ferreira Costa (UFRGS)

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

RESUMO: Escrita em 1982, a obra “A obscena senhora D”, de Hilda Hilst, apresenta-nos uma personagem (Hillé) que transforma a sua casa e o seu próprio corpo em uma heterotopia de crise, ou seja, em um lugar de contestação do espaço da mulher em nossa sociedade. A heterotopia, conforme nos expõe Michel Foucault, é “uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, [...] a “leitura” [...] desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2001, p. 415-416). Assim, ao mesmo tempo em que cria um *mundo* possível, que pode ser colocado ao lado, como um duplo, do mundo em que vivemos, Hilda Hilst ressignifica o espaço da casa, colocando-o como um espaço reservado “aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem, em estado de crise” (FOUCAULT, 2001, p. 416). Nesse sentido, ao longo da obra, observamos um gradativo processo de deteriorização do espaço privado, doméstico, que sempre foi destinado as mulheres, que chega ao seu ápice após a morte do marido (Ehud). A partir disso, pretende-se discutir o aspecto performático como Hillé encena a sua própria crise e, assim, transforma sua casa e seu corpo em palco de uma contestação social sobre os limites dos espaços da mulher. Além disso, pretende-se problematizar, utilizando as teorias de Tereza Lauretis, Simone de Beauvoir e Julia Kristeva, se a transgressão que Hilda Hilst engendra na estrutura

formal de sua obra, ocorre também em relação ao pensamento patriarcal e heterossexual que oprime a mulher em nossa sociedade.

Palavras-Chave: O corpo feminino; Espaço privado; Heterotopia; Hilda Hilst.

10. O LUGAR DE FALA DA MULHER NEGRA EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Amanda Gomes da Silva (UESPI)

RESUMO: As mulheres de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) falam de lugares diferentes, cada uma do seu jeito, contando a sua própria história. Aramides Florença, Shirley Paixão, Rose Dusreis, entre outras, ganham voz através da estratégia de dinamização no decorrer da narrativa e dão vida a obra à medida que vão construindo o discurso literário, social e político. Por meio da memória, identidade e história, a autora realça a sensibilidade feminina diante de tantos conflitos psicológicos sofridos ao longo dos tempos, desde os antepassados, que possibilitam ao leitor experimentar as sensações e emoções vivenciadas pelas personagens. Baseado nos pressupostos teóricos de Benjamin (1994), Culler (1999), Ribeiro (2017), Smith (2016), Gonzalez (1979), entre outros que serão utilizados no decorrer da escrita, o presente trabalho objetiva identificar estratégias de dinamização das narrativas sob o ato de contar e de ouvir que sustentam o plano de estrutura das obras em foco, a fim de entender como a narradora e as personagens são construídas tendo a função de irradiadoras de um discurso literário, mas também social e político. As questões de identidade, de amor, de subalternidade, de violência moral, física e verbal, de racismo e preconceito, de solidão, de ascensão, de força, entre outras, ressoam intensamente nos contos investigados. Por isso, a necessidade de convergir os três eixos teóricos: literário, histórico e sociológico como fundamentação e base para o processo de pesquisa.

Palavras-Chave: Conto; Narrativa; Literatura Afro-brasileira; Escrivivência.

11. “ABOTOOU A CALÇA, ENQUANTO ALGUNS SOLDADOS APLAUDIAM”: VIOLÊNCIA SEXUAL EM MEIO SOL AMARELO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Mariana Antonia (UFC)

RESUMO: Em seu segundo romance, *Meio Sol Amarelo* (2008), a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, aborda a Guerra do Biafra ou Guerra Civil Nigeriana, a partir do protagonismo de duas personagens – irmãs gêmeas bivitelinas. Olanna, professora universitária, tornará nômade juntamente com seu marido, filha e criado, transitando por várias cidades em busca de refúgios. Kainene, empresária, desfrutará por muito tempo de segurança e luxo, mas com o tempo, não consegue mais manter a frieza diante os acontecimentos bárbaros que seus irmãos igbos passam. O estupro aparece por duas vezes ao longo da narrativa. Na primeira, fulanis invadem uma aldeia igbo, violam as mulheres e depois matam a todos. Na segunda, soldados igbos, ao entrarem em um bar e encontrarem a atendente sozinha, praticam a violação coletivamente. Este estudo tem como fim analisar a violência sexual como crime de guerra praticado contra as mulheres. Subjugadas, destituídas de dignidades, o estupro feminino é corriqueiro em zonas de conflitos, e que pode ser interpretado, para Moura (2017), como sadismo da cultura machista e como tática militar. Utilizaremos Judith Butler, com seus pressupostos sobre violência presente no livro *Quadros de Guerra* (2017) e Angela Davis (2017), que em um artigo aborda a violência contra a mulher em uma sociedade racista.

Palavras-Chave: Meio Sol Amarelo; Chimamanda Ngozi Adichie; Guerra do Biafra; Violência sexual.

12. IMAGENS DISCURSIVAS DO CORPO NA LITERATURA E OUTRAS ARTES

Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI)

RESUMO: A ensaísta Rita Segato aponta em suas reflexões sobre a condição da mulher no contexto argentino que certos corpos femininos estão circunscritos sob a égide do controle masculino e do Estado. E se pensarmos além, podemos retomar a ideia de corpo disciplinar sobre o qual Foucault precisamente problematiza em seus escritos, especialmente, em *Vigiar e Punir* (2009). A questão sobre os corpos há muito vem sendo refletida no campo da história, da sociologia, da antropologia e das literaturas. Mary del Priore, em *ao Sul do corpo* (1993), apresenta-nos a condição feminina, perpassada pelo lugar desse corpo, no Brasil Colônia. Feminista como Rose Marie Muraro, ao retomar as narrativas matrilineares, para tratar da mulher no terceiro milênio, reivindica pensar a partir da dimensão dada ao corpo feminino. Por outra via, a filósofa Marilena Chauí, procurando desenvolver um conhecimento mais aprofundado sobre a repressão sexual, ilumina o corpo feminino sob o alvo do controle e da opressão. Tendo essas vias de reflexão como ponto de partida, procuraremos, nesta comunicação, abordar como a literatura escrita por mulheres encena o corpo feminino sob o viés de insurgências contra o poder masculino e institucionalizado, que tente a garantir mecanismos de controle, seja na esfera familiar, seja na pública. Por fim, verificar como isso procede na construção narrativa.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Corporeidade.

13. ESCRITA, EXÍLIO E HOSPITALIDADE NO FILME-POEMA "NOM À LA MER", DE SAFAA FATHY

Mírian Sousa Alves (CEFET – MG)

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise do filme-poema “Nom à la mer” (Nome ao mar), produzido pela poeta e tradutora egípcia Safaa Fathy (FR, 2004) e terá como foco norteador a noção de tradução feminina como gesto de resistência. Aliando a terra à língua materna, a poeta questiona o exílio e a distância da língua como questões intimamente atreladas à percepção da identidade. Em francês, a expressão “nom à la mer”, que dá título à obra, é homônima à expressão “non à la mère” (não à mãe). Para a escritora, a condição do exílio está ligada à negação da mãe, enquanto negação da língua materna. Como afirma a filósofa Patrícia Kauark Leite (2015), “por um lado, ‘nom à la mer’ tem o sentido de jogar o nome ao mar, em alusão ao meio pelo qual naufragos, em uma ilha deserta, pedem socorro, quando lançam uma garrafa ao mar. Uma garrafa onde se inseriu um pedaço de papel com registro do nome e que é lançada ao mar sem destinatário específico, com a esperança de que alguém vá eventualmente encontrá-la, ao sabor das correntes”. No filme investigado por este trabalho, a voz do filósofo contemporâneo Jacques Derrida acolhe o texto da poeta árabe Safaa Fathy e, já doente, pouco antes de sua morte, permite a gravação de sua leitura do texto de Fathy, traduzido do árabe para o francês por Zeinab Zaza. Como coloca Patrícia Kauark, o filósofo contemporâneo em um gesto de hospitalidade, “acolhe na voz dele, a poesia dela”. O objetivo deste trabalho é analisar a relação inversa: de que forma as imagens e o texto do filme-poema de Safaa Fathy traduzem as noções de hospitalidade anteriormente propostas por Jacques Derrida?

Palavras-Chave: Literatura; “Nom à la mer”; Safaa Fathy.

14. O DILÚVIO EM SABELA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Wilany Alves Barros (UESPI)

RESUMO: O presente trabalho se propõe a leitura da novela *Sabela* presente na obra *Histórias de leves enganões e parencas*, publicada em 2016, por Conceição Evaristo. Propomo-nos a investigar, à luz da crítica literária afrodescendente, como se processa a construção de uma memória ancestral de matriz africana. Acredita-se que com essa estratégia a autora traduz para a literatura os rastros e resíduos de uma identidade negra na cultura brasileira. Nesse sentido, o que se pode inferir é que, pela obra da autora, há uma tendência em ver a cultura brasileira como resultado do encontro de culturas diversas e distantes, mas que se complementam, constituído uma cultura hidridizada. A

ancestralidade negra na novela Sabela indicia a tentativa da escritora em manter viva os fluxos culturais de uma matriz que teve e continua tendo papel fundamental na revelação de uma participação efetiva na história da cultura brasileira. É, nesse sentido, que investigaremos a novela, buscando compreender até que ponto esta ancestralidade africana, realmente, apresenta essa relação viva entre a identidade brasileira e os processos de criouliização.

Palavras-Chaves: Ancestralidade negra; Literatura negra; Identidade.

5. CORPO TRAUMA E MEMÓRIA NA LITERATURA E NAS ARTES DAS AMÉRICAS / MULHER LITERATURA E SEXUALIDADE

Coordenador(es):

Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM/CNPQ)

Prof. Ms. Sueleny Ribeiro de Carvalho (UFSM)

1. AUTOBIOGRAFIAS TRANS EM CONTEXTO DE DITADURA: A POTÊNCIA DO TESTEMUNHO

Leocádia Aparecida Chaves(UNB)

RESUMO: Em diálogo com as reflexões de Márcio Selligman Silva (2010) sobre política de memória em nosso país, discutirei a publicação das primeiras autobiografias de pessoas transgêneras no Brasil - *A queda para o alto* (1982) de Anderson Herzer, publicada pela Editora Vozes; *Erro de Pessoa: João ou Joana?* de João W. Nery (1984), publicada pela Record e *Meu corpo, minha prisão: Autobiografia de um transexual* (1985) de Loris Ádreon, pela Marco Zero - sob dois aspectos: o seu contexto de produção - Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) e a sua configuração como literatura testemunho. Sob essa perspectiva, tomo essas escrituras como biopotência, como nos ajuda a refletir o filósofo Peter Pál Pelbart (2011), pois capazes de transformar *a política sobre suas vidas em políticas de vida*. Para além disso, essas escrituras também nos permite construir uma memória da transfobia em nosso país, considerado por organismos internacionais, ainda na atualidade, como o país que mais mata mulheres transexuais e travestis no mundo. Nesse contexto de reflexão, portanto, essa produção literária pode ser situada como uma referência tanto para vislumbrar o passado quanto para reconhecer no presente as ditaduras ainda vigentes. Tratam-se de escritores que do lugar de vítimas usam a palavra como *língua de fogo*, como convida Glória Anzaldúa (2000), fazendo da escrita um espaço político ao revelar os múltiplos traumas infligidos a seus corpos-identidades. Uma literatura que guarda a potência de atravessar discursos de totalidade sobre o que é ser homem e o que é ser mulher ainda no século XXI.

Palavras-Chave: Autobiografias; Identidade Transgênera; Ditadura Civil-Militar; Memória.

2. CORPO, EXÍLIO E HOMOSSEXUALIDADE EM "PASSAGEM PARA O PRÓXIMO SONHO", DE HERBERT DANIEL

Anselmo Peres Alós (UFSM)

RESUMO: Herbert Eustáquio de Carvalho era o nome de batismo, mas como incansável escritor e reescritor de si mesmo, ele encontrou outro nome para si, pelo qual ficou conhecido no ativismo político: Herbert Daniel. Cabe destacar, entre seus livros, os romances *Passagem para o próximo sonho* (1982), *A fêmea sintética* (1983), *Meu corpo daria um romance* (1984) e *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* (1987). Seus romances são marcados por uma linguagem

híbrida e experimental que questiona o próprio estatuto da ficção romanesca, privilegiando a narração de si mesmo, em um trabalho que *flerta* ao mesmo tempo em que *questiona* o registro autobiográfico e testemunhal tão ao gosto dos relatos da ditadora que proliferaram na década de 1980, dando conta não de um, mas de quatro exílios: *o exílio político* (viver na clandestinidade em seu próprio país); *o exílio pátrio* (o período em que vivei praticamente na ilegalidade, no exterior, na década de 1970), *o exílio da homossexualidade* (que o fez ter de reprimir seus desejos sexuais para poder garantir seu lugar na resistência armada), e *o exílio da solidariedade* (como ele mesmo define o último exílio que experimentou já em tempos de um Brasil “redemocratizado”: o do abandono e do descaso em função de sua soropositividade, diagnosticada em 1989).

Palavras-Chave: Corpo; Homossexualidade; Herbert Daniel.

3. NARRATIVA EM RUPTURA: A ALTERIDADE NO INDIANISMO PELO AVESSE EM D. NARCISA DE VILAR, DE ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO

Sueleny Ribeiro Carvalho (UFSM)

RESUMO: A pesquisa apresentada neste artigo tem como propósito, partindo da análise da representação da alteridade na obra de Ana Luísa de Azevedo Castro, *D. Narcisa de Vilar*, discutir o processo de construção da identidade nacional brasileira no romance indianista e a exclusão da representação de obras de autoria feminina neste período. Para tanto, fundamentaremos nossa pesquisa na teoria da representação social, no trabalho de teóricos como Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Angela Arruda e Édouard Glissant, entre outros, e de pesquisadoras feministas como Rita Terezinha Schmidt e Constância Lima Duarte. O artigo estrutura-se em quatro partes, das quais as duas primeiras apresentam uma revisão teórica sobre a temática proposta, e as duas últimas apresentam a análise propriamente dita da obra de Castro. Ao final, verificamos que a exclusão da obra da autora, assim como a de tantas outras obras de autoria feminina, não tem relação com a qualidade das mesmas, mas com o fato de serem mulheres que apresentaram um ponto de vista destoante do hegemônico e por isso foram colocadas de fora do cânone literário.

Palavras-Chave: Representação Social; Alteridade; Literatura de Autoria Feminina; Identidade Nacional.

4. O CORPO DISCIPLINADO: UMA LEITURA DE “SARGENTO GARCIA” (1982), DE CAIO FERNANDO ABREU

Anselmo Peres Alós (UFSM)

RESUMO: O objetivo desse trabalho é analisar o conto “Sargento Garcia”, de autoria do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu e publicado pela primeira em *Morangos mofados* (1982). Cabe ressaltar ainda que este trabalho é um dos resultados parciais do projeto de pesquisa *Contaminados, torturados, abjetos: por uma poética do corpo e da subjetividade na América Latina* (2017-2019), por mim coordenado, que conta com o apoio financeiro do CNPq/Brasil (Conselho Nacional de Pesquisa).

Palavras-Chave: Homossexualidade; Literatura Brasileira; Masculinidades Subalternizadas; Caio Fernando Abreu; *Morangos mofados*; “Sargento Garcia”.

5. O CORPO E O CORPUS AUTOFICCIONAL: UMA LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA PRECOCE DE GUADALUPE NETTEL

Anselmo Peres Alós (UFSM)

RESUMO: Em *O corpo em que nasci*, de Guadalupe Nettel (2011, traduzido para o português em 2013), a experiência da marginalidade é narrada através dos primeiros anos de infância e de

adolescência da protagonista, a partir de um viés que entrecruza a autobiografia, as memórias, a autoficção e o *Bildungsroman*. A vivência como uma menina marcada pela inadequação e pela excentricidade é vista a partir de diferentes ângulos: o nacional e o linguístico (o exílio francês na infância, junto com a mãe); o geracional (expresso nas dificuldades em lidar com o excesso de liberdade oferecido com os pais, em um primeiro momento, em contraste com a maior dificuldade ainda em lidar com os limites impostos pela avó materna, mais adiante); a pertença de gênero e a deficiência corporal (o olho com a mancha de nascimento). *O corpo em que nasci* configura-se como um relato sobre a infância e adolescência de uma mexicana com um problema de nascença em um de seus olhos, que a obriga a ter de usar um tampão adesivo sobre o seu “olho bom” durante a maior parte da infância, de maneira a forçar o “olho ruim” a trabalhar. O romance inicia relatando essa *marca* corpórea, bastante importante para assinalar o sentimento de marginalidade que marca esse sujeito ao longo de toda a narrativa: a marca corpórea, por fim, revela-se como uma metáfora estrutural para que se possa compreender o projeto narrativo de Nettel como uma ode à singularidade dos sujeitos em tempos de massificação das subjetividades.

Palavras-Chave: *O corpo em que nasci*; Guadalupe Nettel; Romance mexicano contemporâneo; Corpo; Gênero; Subjetividade.

6. O CORPO TRANSGRESSOR EM "OS SAPATINHOS VERMELHOS", DE CAIO FERNANDO ABREU

Raquelle Barroso de Albuquerque(UFPI)

Sebastião Alves (UESPI)

RESUMO: No conto “Os sapatinhos vermelhos”, de Caio Fernando Abreu, Adelina sofre o fim de um relacionamento de cinco anos, no qual depositou sua confiança e esperança. Seu amante era um homem casado que, protegido por sua capa de homem-de-família, propõe o término. Tal evento provoca o desmoronamento da protagonista, entretanto proporciona um momento de reflexão e mudança de atitude para a mesma. Adelina sabe que, de alguma forma, em alguma parte em seu íntimo, havia a intenção de uma vida transgressora. Gilda, sua identidade marginalizada, entra em cena e materializa suas fantasias mais secretas, desde os jogos de sedução até a consolidação da vingança contra o ex amante. A identidade transgressora irá “além dos limites” para explorar todas as formas de prazer, no “espaço transgressor” do apartamento, que ecoa desde o pranto solitário de Adelina até os gemidos roucos e animalizados de Gilda. O conto constrói atmosferas nos espaços ocupados pelos personagens a fim de trazer sensações ao texto. Tais sensações/atmosferas são trabalhadas através dos sentidos do corpo. Além do sentido da visão, o tato e o olfato fazem parte do jogo da sedução, sendo que o último chega a atribuir valores primitivos aos personagens. O apelo sensorial faz parte das atmosferas do texto, que recriam e moldam o espaço. Desta forma, o apartamento de Adelina, antes sentido pela personagem como claustro de solidão e angústia, aparece modificado no texto como espaço de transgressão utilizado por Gilda em suas aventuras sexuais. Para tal análise, tem-se o suporte teórico de Brandão (2013), Borges Filho (2009), Bachelard (1978), dentre outros.

Palavras-Chave: Corpo; Sentidos; Transgressão; Espaço.

7. ADÈLE, A PERSONAGEM DE DANS LE JARDIN DE L'OGRE, DE LEÏLA SLIMANI

Patricia Isabel Ferreira de Lima Rikaoui (UFC)

Adriana Almeida Colares (UFC)

RESUMO: *Dans le jardin de l'ogre* (2014) é o primeiro romance da escritora Leïla Slimani. Marroquina de expressão em língua francesa e erradicada na França, foi laureada com o mais importante prêmio literário francês, o Prêmio Goncourt, em 2016, por seu segundo romance, *Chanson douce* (2016). Sua obra de estreia tem como personagem principal Adèle, uma jornalista

parisiense, casada com um médico bem sucedido e mãe de um menino de três anos. Apesar de ter uma vida aparentemente boa e tranquila com sua família, ela tem um vício. É viciada em sexo. A compulsão, que, apesar de lutar, nem sempre consegue controlar, faz com que tenha uma vida dupla. Ela a mantém às custas de armar as mais incríveis situações e contar constantes mentiras ao marido, conseguindo assim viver suas aventuras. Com esse enredo, Slimani quer jogar luz em um assunto tabu para a sociedade, que a adicção sexual, principalmente quando se trata de casos envolvendo mulheres. Portanto, o objetivo dessa comunicação discutir como a sociedade atual aborda esse assunto, assim como analisar a personagem em como essa adicção influencia sua vida social e em família.

Palavras-Chave: Mulher; Sexualidade; Adicção Sexual; Leïla Slimani.

8. RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA: REPRESENTAÇÕES DA HOMOAFETIVIDADE EM PARIS NA DÉCADA DE 1950

Thiago Coelho Silveira (IFMA)

RESUMO: Este trabalho analisa o livro “Giovanni” de autoria de James Baldwin. O autor é famoso por sua luta pela igualdade racial, mas sua escrita também abriu espaço para discutir temas como a homossexualidade em um período histórico pouco aberto a tais discussões. Nesse contexto, o autor escreve “Giovanni”, retratando as vivências homoafetivas de dois jovens estrangeiros que habitavam Paris: um americano, David; e um italiano, Giovanni. David, no entanto, era comprometido com uma mulher, colocando em xeque a relação dos dois. O espaço em que a narrativa da obra se passa ao mesmo tempo em que dá visibilidade para a vida dos dois rapazes, permite que vislumbremos as representações de uma Paris dividida entre o moderno e a tradição, entre espaços desviantes e aqueles que atendem à norma moral vigente. Assim, foi possível analisar a articulação entre as relações de gênero apresentadas e as representações do espaço urbano parisiense. Nesse sentido, desenvolveu-se uma pesquisa de cunho bibliográfico que permitiu de um lado ampliar nosso olhar sobre as possibilidades de articulação entre a história e a literatura e, de outro, articular a análise das representações construídas pelo autor à luz da historiografia pertinente.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Homoafetividade.

9. AS AULAS DE SEDUÇÃO DE CLARICE LISPECTOR PARA MULHERES

Cristine de Mesquita Alves (UNAMA)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão acerca do papel da sexualidade e dos modos de sedução femininos impostos como uma espécie de guia, em que a mulher deve seguir na sociedade falocêntrica (BOURDIEU, 2017), com base na seleção dos pequenos textos intitulados *Aulas de Sedução*, presentes nas coletâneas *Correio Feminino* (2006) e *Correio para mulheres* (2018), de Clarice Lispector; com o intuito de analisar como a autora (re) constrói o discurso de instruções domésticas e cotidianas, alargando suas dicas de forma sutil e irônica, também para um deslocamento feminino (KEHL, 2016), capaz de orientar a mulher a questionar sua condição de objeto sexual, de fetiche masculino, e levá-la a buscar sua identificação enquanto sujeito de suas próprias escolhas e necessidades sexuais e de sedução. Para tanto, para alicerçar este estudo, emprega-se os procedimentos teóricos- metodológicos de revisão de literatura freudiana, em relação à sexualidade e ao fetichismo (FREUD, 2016), de Kehl (2016) quanto aos deslocamentos do feminino e Rosenbaum (2006), no que concerne às metamorfoses da linguagem clariciana, sua fragmentação e questionamento da natureza humana.

Palavras-Chave: Falocentrismo; Mulher; Sedução; Deslocamento Feminino.

10. A MEMÓRIA DO TRAUMA DA PERSONAGEM PRETA E O NARRAR-SE A SI MESMA EM “ÚRSULA” DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Marcos Antonio Fernandes dos Santos (UEMA)

RESUMO: Literatura, História e Memória são aspectos indissociáveis, muito embora tenha havido tempos em que a exclusão de determinados tipos sociais foi responsável pelo silenciamento da voz e da memória, refletindo nos modos de (re)produção da arte literária. Com este trabalho, objetivou-se analisar a construção da voz feminina através da memória traumática da personagem Preta Susana, em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. A pesquisa consiste em um trabalho bibliográfico e, para tal, levou-se em conta os relatos da personagem, presentes no capítulo nono da obra. Para as discussões teóricas foram utilizados autores como GAGNEBIN (2004), HALBWACHS (2006) e LE GOFF (2003). Firmina foi destaque não apenas por ter sido a primeira romancista brasileira, mas principalmente por tomar a escrita como objeto de denúncia e de valorização da condição humana em suas circunstâncias mais bárbaras, construindo personagens que são donos de sua própria história e capazes de contar suas experiências, contando também, ao mesmo tempo, a trajetória de seus semelhantes.

Palavras-Chave: Literatura; Memória; História; Escrita Feminina.

6. ESCRITAS DE SI: AUTOBIOGRAFIA, AUTOFIÇÃO, LITERATURA DE TESTEMUNHO EM TEXTOS PRODUZIDOS POR MULHERES NA AMÉRICA LATINA

Coordenador(as):

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UFPI)

Profa. Dra. Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

1. AUTOFIÇÃO E TESTEMUNHO EM "OUTROS CANTOS", DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Thiago Felício (UFPI)

RESUMO: Na literatura contemporânea a autoficção tem sido algo muito recorrente na produção literária brasileira, seja aquela que brota de experiências pessoais ou coletivas. No livro *Outros Cantos*, da escritora paraibana Maria Valéria Rezende este aspecto se faz proeminente junto com outros elementos que o conduz, como memória, testemunho e, sobretudo, autoficção, pois do mesmo modo da personagem protagonista desta narrativa tão cheia de subjetividade, a escritora também viveu o deslocamento num específico período da história a fim de educar jovens e crianças. Assim, este trabalho parte da seguinte questão central: Como as marcas da autoficção são inseridas na narrativa de Maria Valéria Rezende? A partir deste questionamento pretendemos analisar o livro apresentando as marcas da autoficção, bem como o de seu testemunho. Para dar embasamento teórico para esta análise, far-se-á uso das contribuições teóricas dos seguintes autores: Doubrowsky (1977), sobretudo por ter inserido o termo inicialmente; Lejeune (2008), que com sua teoria do pacto autobiográfico reconfigurou a concepção da escrita de si e autoficção; Barthes (2000) por discutir e questionar o papel/intenção do autor no momento de sua escrita e também Bakhtin, Candido e Todorov, no que se refere à análise da narrativa.

Palavras-Chave: Maria Valéria Rezende; Autoficção; Testemunho; Mulher.

2. A ESCRITA PERFORMÁTICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEU DIÁRIO DE VIAGEM PELA AMÉRICA DO SUL

Aline Arruda (IFMG)

RESUMO: Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu em Sacramento, interior do estado de Minas Gerais, no Brasil, e ficou conhecida em 1960 pela publicação do livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, que conta sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, onde viveu por nove anos desde 1947. “Descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas, ficou famosa, teve o livro editado sete vezes, mas ficou esquecida pelos brasileiros nos últimos anos. Só recentemente, devido principalmente ao seu centenário, em 2014, vem sendo tema de trabalhos acadêmicos e recebendo homenagens. Tanto os diários de Carolina, como seus relatos autobiográficos e sua ficção são marcados por uma forte representação da *escrita performática* (Ravetti, 2011). Este trabalho pretende discutir como a escrita de Carolina de Jesus é trazida para a visibilidade, sua e do leitor, de maneira performática, numa forma de transmissão da memória, numa explicitação da experiência dela. A análise proposta nesta ocasião será para os livros *Meu estranho diário* e *Casa de ladrillos* (1963), tradução do brasileiro *Casa de Alvenaria* (1961), em que há um apêndice, um diário de viagem de Carolina pela América do Sul: Argentina, Uruguai e Chile.

Palavras-Chave: Diário; Carolina Maria de Jesus; Escrita performática; Diário de viagem.

3. A VOZ E O SILÊNCIO DA MULHER VIAJANTE EM *EL MUNDO DE LOS RECUERDOS DE JUANA MANUELA GORRITI*

Joselma Maria Noal (FURG)

RESUMO: Primeiramente será apresentado o papel de Juana Manuela Gorriti como mulher idosa e como peregrina que deseja ser testemunha da história nacional. A voz e o silêncio, a memória e o esquecimento atuam conjuntamente na obra em análise, ora a autora revela, ora esconde sejam fatos históricos sejam experiências pessoais. As etapas da vida (a infância, a juventude, a velhice), a cultura popular e o poder sobrenatural, bem como a alteração da voz narrativa e da oralidade são fatores significativos e, portanto, elencados neste estudo. O tempo e a memória são elementos relevantes na análise do livro. Os sentimentos de gratidão e de patriotismo, a exaltação dos personagens históricos e do religioso, as guerras e as mortes, o amor impossível, bem como o papel do: historiador, da literatura, da mulher na sociedade também compõe esta análise. O hibridismo de gênero é evidente em uma obra que pode ser lida como um romance ou como uma antologia de contos, o que reitera, justamente, o tratar-se de autoficção.

Palavras-Chave: Juana Manuela Gorriti; *El mundo de los recuerdos*; Autoficção; Literatura argentina.

4. AS ESCRITAS DE SI NA DRAMATURGIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Marina Stuchi (UEL)

RESUMO: A comunicação tem como objetivo apresentar um panorama da dramaturgia contemporânea de autoria feminina que possui como mote de criação dramática relatos autobiográficos. A partir das discussões acerca da autobiografia e do autoficcional, analisaremos a peça (texto e encenação) *Conversas com meu pai* (2017), no qual Janaína Leite coloca em questão a memória como material para construção dramática. Nesse sentido, o diálogo com Arfuch (2010) se mostra bastante pertinente, uma vez que a forma na autobiografia pode dizer muito mais do que o próprio conteúdo do relato, pois são as *estratégias* – ficcionais – de *autorrepresentação* que interessam. Problematizaremos a dramaturgia de cunho autobiográfico no sentido de que não necessariamente há uma busca pela verdade e nem a representação fiel dos fatos, mas um desejo de tocar e compreender o íntimo, falar sobre sentimentos e como fatos vividos e suas memórias afetam a subjetividade do sujeito. Estabeleceremos também um diálogo com as ideias de Jung em

Memórias, sonhos e reflexões (2016), considerando que, para o autor, a autobiografia não dispõe de qualquer base objetiva a partir da qual se possa chegar a um julgamento, pois nunca se sabe como as coisas acontecem, mas é possível ao sujeito se constituir através do discurso ao (re)contar, (re)elaborar suas vivências, (re)criar suas experiências. Pretende-se problematizar, ainda, como a escrita de si na dramaturgia contemporânea favorece o testemunho direto e a narrativa íntima, mas também tem a potência de se constituir como discurso de vozes sociais, despertando a reflexão e o engajamento do espectador.

Palavras-Chave: dramaturgia feminina contemporânea; relatos de si; estratégias ficcionais de autorrepresentação; Janaína Leite; *Conversas com meu pai* (2017).

5. CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA COMO A ARTE DA ESCRIVIVÊNCIA - DIÁLOGOS COM CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Ana Claudia Oliveira Neri Alves (UESPI)

RESUMO: Este artigo discute a articulação entre o fazer literário e a condição biográfica do sujeito autoral proposta por Conceição Evaristo no seu conceito da *Escrevivência*. Buscamos aqui evidenciar a *escrevivência* de Chimamanda Ngozi Adichie, mulher negra nigeriana que inscreve no corpus literário contemporâneo uma forma contundente de auto-representação individual e coletiva, presente no registro ficcional de questões raciais e de gênero apresentados no romance *Americanah* (2013). Investigamos essa possibilidade de reflexão sobre o papel da mulher negra enquanto escritora, verificando as operações estéticas a partir das quais elas articulam as intervenções da vida sobre a palavra escrita e vice-versa. O olhar de Evaristo nos possibilita uma abordagem reflexiva sobre o papel da mulher negra enquanto escritora: aquele de procurar se auto inscrever, não apenas como sujeito crítico, mas também como sujeito protagonista de uma mudança da realidade de um sujeito-mulher-negra que vivencia a sociedade neo-colonial globalizada contemporânea.

Palavras-Chave: Escrevivência; Autoria Feminina. Evarist; Adichie.

6. ESCRITA EPISTOLAR E FICCIONALIZAÇÃO DE SI EM FLORES AZUIS

Josye Gonçalves Ferreira (UFU)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir de que forma Carola Saavedra utiliza a escrita epistolar como mecanismo narrativo em *Flores azuis* (2008). No romance, o protagonista recebe por engano as cartas destinadas ao antigo morador do seu novo apartamento. A trama é construída a partir da leitura indevida dessa correspondência, alternando a narrativa entre primeira pessoa e um narrador onisciente. São cartas de amor em que a narradora A. faz um inventário de uma separação amorosa, revivendo obsessivamente os últimos momentos de uma relação conflituosa e violenta. Ao mesmo tempo em que se dirige ao amado, a missivista também se volta para si mesma, utilizando a correspondência como uma espécie de diário íntimo. Ao falar de si por meio das cartas, a narradora saavedriana simula uma narrativa confessional em que o interlocutor é o leitor (das cartas e do romance). Aos poucos, porém, vai se desvelando o caráter ficcional dessas confissões, acenando para uma ideia de que, na verdade, a personagem ficcionaliza a si mesma por meio da narrativa.

Palavras-chave: Escrita epistolar; Romance; Carola Saavedra.

7. MEU PAÍS INVENTADO: GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL NO CHILE

Joelma de Araújo Silva (IFPI)

Sebastião Alves (UFPI)

RESUMO: O golpe militar no Chile foi um fato político de grande relevância, não só para o país, mas toda a América Latina. O golpe, liderado por Augusto Pinochet, ocorreu em 11 de setembro de 1973 e destituiu o presidente socialista Salvador Allende. O golpista permaneceu no poder de 1973 a 1990 e implementou uma das ditaduras mais violentas da América Latina. Isabel Allende, uma das escritoras chilenas mais lidas em seu país, possui uma obra marcada por essa ditadura. Deixou o Chile após o golpe de Pinochet e só retornou após a

derrocada do ditador. A autora revela em *Meu país inventado* (2003), o amor pelo Chile e a saudade constante por conta de ter se afastado do país. Allende apresenta seu país como uma terra sofrida, revelando-nos ainda uma sociedade racista e machista. A presente comunicação é desenvolvida através de pesquisa qualitativa bibliográfica, abordando principalmente a questão de gênero e nacionalismo em um contexto de ditadura militar. Objetiva-se, nesta pesquisa, investigar a construção de uma identidade nacional no contexto repressor da ditadura militar chilena a partir de uma visão feminina. Para fundamentar a pesquisa, recorreremos a teóricos como Walby (2000), para quem as mulheres podem ter uma participação central na reprodução ideológica da coletividade, sendo transmissoras de sua cultura; recorre-se também a Nira Yuval-Davis (1992), que defende que as mulheres representam a coletividade nacional, suas raízes. Allende constrói uma visão crítica de seu país, observando o comportamento do homem, predominantemente machista; da mulher, que tenta sobreviver ao patriarcalismo, e de toda a sociedade, que procura se recuperar de todo o sofrimento vivido.

Palavras-Chave: Isabel Allende; Meu país inventado; Gênero. Nação.

8. SUBJETIVIDADES E POESIA ECOADAS NA OBRA “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Macksa Raquel Gomes Soares (UEMA)

RESUMO: A proposta de pesquisa propõe discutir sobre a subjetividade a partir da perspectiva da literatura marginal de Carolina Maria de Jesus que se vale dos escritos para trazer à tona problemáticas como, a fome, o desalento, as desigualdades da favela de Canindé localizada em São Paulo. A obra de “Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)” dialoga com o social que pode ser caracterizado como a percepção de si por meio das relações mediadas no contexto vivido pela autora-personagem. A obra de Carolina Maria de Jesus é carregada de significados, uma vez que chama atenção para a musicalidade poética ecoada por uma voz feminina que faz recortes metafóricos ao exaltar seus devaneios e transpor-se para além da realidade, propondo desta forma, análises sobre a subjetividade forjada composta por uma narração em que a personagem mescla-se com o narrador-autor numa construção linguística de um diário. A pesquisa objetiva-se discutir a tessitura da narrativa poética e política da obra “Quarto de Despejo” na condição de subalternidade social e literária de sujeitos que não podem falar pela condição social e principalmente por ser uma escrita feminina negra e favelada. A leitura atenta de “Quarto de despejo” evidencia que esse discurso subjetivo é caracterizado e movido por diferentes aspectos, dentre eles, a vontade da autora em narrar sua vida cotidiana para conhecer-se e tornar pública toda uma história e costumes de um grupo. Esta pesquisa utiliza-se do método crítico-analítico da literatura de Carolina Maria de Jesus, visto que é um interessante instrumento qual permite apreciação e investigação profunda da estrutura textual.

Palavras-Chaves: Literatura; Subjetividade; Poesia; Subalternidade.

9. TEMPO, MEMÓRIA, AUTOFICÇÃO: VOZES CONTEMPORÂNEAS NO ROMANCE BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

RESUMO: A proposta desta comunicação é analisar as representações da memória e os aspectos autoficcionais no romance *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, a partir das questões relacionadas à história da autora, à autoficção e à elaboração do romance contemporâneo. Partimos da ideia de que, na contemporaneidade, nos textos afrodescendentes a escrita de si tem funcionado como uma maneira de revelar traços da ancestralidade negra e fixar experiências de um *eu-negro* que fora silenciado, ou seja, essa escrita de si representa a tentativa de apresentar memórias atreladas à uma matriz de cultura africana. Além disso, é necessário o entender as fronteiras que definem a obra autoficcional, apresentando as características para seu enquadramento conceitual. É necessário atentar, também, ao fato de que “o que interessa na autoficção não é a relação do texto com vida do autor, e sim a do texto como forma de criação de um ‘mito do escritor’”. (KLINGER, 2006, p. 54). Isto é, considerar uma obra autoficcional significa dizer que a narrativa não pode ser a verdade em si, mas cujos valores devem ser ambivalentes, conforme a interpretação de um referente extratextual/biográfico. A própria literatura contemporânea tem buscado novos artifícios para “contar suas histórias”; a atitude das autoras tem sido, além do engajamento político e social, a problematização de seu tempo e do mundo em que vivem, observando a abertura para a liberdade individual e para concepções fragmentárias e plurais da memória. Para fundamentação teórica do

estudo são textos fundamentais: LEJEUNE (2014), KLINGER (2012), NORONHA (2014), HALBWACHS (2004), RICOEUR (2007).

Palavras-Chave: Autoficção; Memória; Conceição Evaristo.

7. ESPAÇO E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA

Coordenador(es):

Prof. Dr. Carlos André Pinheiro (UFPI)

Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja do Santos (UESPI)

1. A MULHER E A ESCRITORA NAS CRÔNICAS D'A DESCOBERTA DO MUNDO, DE CLARICE LISPECTOR

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UTAD)

Odalice de Castro Silva (UFC)

Maria Luísa de Castro Soares (UTAD)

RESUMO: A presente comunicação pretende identificar o caráter autobiográfico, no processo criativo de Clarice Lispector, a partir das crônicas publicadas no livro **A Descoberta do Mundo** (Rio de Janeiro, Rocco, 1999), textos que apareceram aos sábados no **Jornal do Brasil**, no período entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, um trabalho que, com raríssimas exceções é citado nas biografias da ficcionista. Optou-se, para efeito de delimitação, por um recorte que privilegia a análise de vários textos-crônicas, atendendo-se, principalmente, às passagens em que a autora remete-se à própria natureza do tema. Acompanhar a trajetória de Clarice Lispector na imprensa comprovou que as impressões tidas ao iniciar o resgate das crônicas escritas, não eram infundadas. Para tanto, cabe lembrar a importância que Clarice deu ao seu trabalho no *Jornal do Brasil*, posteriormente publicado em **A descoberta do mundo**, e que aparece, de forma transparente, nos próprios textos do periódico. No entanto, nossa intenção final direciona-se no sentido de identificar a crônica clariceana como literatura memorialista. Aprofundamos os estudos sobre autobiografia a partir dos textos de Philippe Lejeune (1980), sobre as crônicas teremos como texto motivador Antonio Candido (1992) e faremos leitura e análise das crônicas presentes em **A descoberta do mundo**.

Palavras-Chave: Escrita feminina; Memória; Crônica; Clarice Lispector.

2. ESPAÇO E MEMÓRIA: INTERFACES NO ROMANCE PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Amanda Kelly (UFPI)

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho discutir a relação entre espaço e memória na obra *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1996), da escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão. Para tanto, pretende-se examinar a relação que a narradora-personagem, Hortense, mantém com os três principais espaços da trama: a casa, a aldeia e o mar e como cada ambiente ganha nova significação após suas perdas afetivas. As lembranças são retomadas através de fluxos de memória, devido ao drama interior vivenciado pela protagonista, gerando sentimentos de angústia e indignação. A pesquisa é qualitativa, fundamenta na visão de Gaston Bachelard (1993), Maurice Halbwachs(2006), sobre memória; Osman Lins(1976), sobre espaço na literatura. Segundo

Lins(1976), o espaço é caracterizador da ação e esta diretamente relacionado à maneira como os objetos estão dispostos e com o modo de ser das personagens. Assim, pode-se constatar que, na obra em questão, a rememoração está conectada aos espaços de vivência e que os mesmos estabelecem funções variadas, a partir das impressões da protagonista.

Palavras-Chave: Espaço; Memória; Teolinda Gersão.

3. “TERRA, MINHA... ETERNAMENTE”: ESPAÇO E MEMÓRIA NA POESIA DE ALDA LARA

Susane Martins Ribeiro Silva (UEMA)

Silvana Maria Pantoja Santos (UFPI)

RESUMO: Conhecida pela sua literatura imponente e considerada pelos poetas africanos como honorável declamadora, Alda Lara é uma célebre literata, cujas obras, principalmente em verso, permeiam em destacar o africano, com seu modo singular de ser e pensar, além de cantar a terra natal, bem como o sofrimento do indivíduo em deixar sua terra. Nascida em família de escritores e pertencente à Geração Mensagem, os poemas da escritora angolana apresenta uma escrita peculiar, onde dá destaque e ressignificação de espaços relevantes da terra natal, com intenso sentimentalismo, além de questões sobre a solidariedade e a esperança para e com o seu povo. Baseado nestas perspectivas, visa-se analisar a relação entre espaço e memória na produção poética de Alda Lara. Evidenciando os instantes angustiantes de uma Angola quase sem esperança, considera-se a (des) construção dos espaços destacados pelo sujeito lírico, além da rememoração da infância em “Poemas”, obra publicada postumamente em 1960. A pesquisa está fundamentada sob a visão de Luís Brandão (2013), no que se refere aos espaços e Walter Benjamin (1985) em torno das discussões memorialísticas, tornando-se relevante, pois discute os valores relacionados a espaço e memória, magistralmente destacados na conjuntura da obra poética desta brilhante escritora.

Palavras-Chave: Poesia africana; Espaço e memória; Sujeito lírico.

4. A DIALÉTICA ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA INDIVIDUAL EM O CORAÇÃO DISPARADO, DE ADÉLIA PRADO

Douglas dos Santos (UESPI)

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho analisar o diálogo entre memória coletiva e individual na obra *O coração disparado*, de Adélia Prado (2015), a partir das reflexões de Maurice Halbwachs (2006), para quem a memória, mesmo a mais particular, ampara-se no grupo; Antonio Cândido (2008), que entende a criação literária como um produto social da realidade à qual faz parte. A obra está dividida em quatro partes, totalizando sessenta e sete poemas, porém neste trabalho será dada ênfase nos poemas da primeira parte intitulada *Qualquer coisa é a casa na poesia*. Em *O coração disparado* o eu poético externa seus sentimentos e percepções do mundo, de forma sutil e subjetiva: a figura da mãe rezando, as imagens dos objetos na sala, o aparecimento do noivo cercando a casa são aspectos rememorados, que partem do eu para o outro. Assim, tem-se um sujeito que demonstra, com sutileza, sentimentos em torno das lembranças de vivências que guardam marcas de referências. A memória apresenta imagens fragmentadas, outras vezes imprecisas e duvidosas, mas que repercutem como uma continuidade do ser. São imagens carregadas de subjetividade, ao tempo em que vão se adaptando ao conjunto das experiências.

Palavras-Chave: Literatura. Espaço; Memória; Adélia Prado.

5. A PRESENÇA DA CRÔNICA NAS PRODUÇÕES OPINATIVAS FEMININAS PARAIBANAS

Maryellen Ingrid de Araujo Badarau (UFPB)

Sandra Raquew dos Santos Azevêdo (UFPB)

RESUMO: O Campo da opinião enquanto espaço público é uma zona de disputa simbólica dos atores sociais. A presença das mulheres nesse ambiente evidencia uma tentativa de ocupar a esfera pública, consolidando sua legitimidade através da produção de sentidos. Pensar a mulher na opinião do jornalismo paraibano é refletir o seu papel social dentro de um espaço de poder, que é concedido como um lugar de fala e representação. Um dos gêneros textuais que prevalece no jornalismo local é a crônica, que tem forte relação com os acontecimentos, além de revelar um aspecto muito particular da vivência das escritoras. As mulheres cronistas participam ativamente da construção da realidade e produção de sentidos sociais ao abordar sobre temas pertinentes, trazendo a discussão questões relacionadas ao dia-a-dia, narrando nesse espaço público a sua concepção própria dos acontecimentos sociais. Esse estudo busca refletir a presença da mulher no jornalismo paraibano, mais especificamente as mulheres cronistas e a sua atuação na imprensa local, entendendo como a participação feminina acontece no jornalismo impresso e produz suas próprias representações. Além disso, temos como objetivo discutir o papel da crônica enquanto forma de narrar o cotidiano em uma dimensão de tempo e espaço que configuram um recorte da realidade. A presença feminina nos indica que narrativas e ideias estão sendo apresentadas dentro desse espaço de visibilidade, podendo mostrar as contribuições que as crônicas femininas trazem para a discussão de questões do cotidiano e da manutenção da memória social local.

Palavras-Chave: Crônica; Escrita feminina; Cotidiano; Opinião.

6. A VOZ POÉTICA FEMININA E OS ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO: REMEMORAÇÃO EM DESPIDA, DE INÊS PEREIRA MACIEL

Rhusily Reges da Siva Lira (UEMA)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI/UEMA)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a relação entre memória e espaço na representação do eu feminino na obra *Despida* (2014), da escritora maranhense Inês Pereira Maciel. Para tanto, a pesquisa se fundamenta na visão de Maurice Halbwachs (2006), Gaston Bachelard (1993) Zinani (2006). A relação entre memória e espaço é fundamental para a condição de pertencimento, pois, é através da rememoração dos espaços habitados que a memória é construída. Uma vez que a memória se constrói a partir das práticas sociais e com os lugares ocupados pelo sujeito como – a cidade, a rua, a casa natal com seus micros espaços: o quarto, a sala de estar – além de objetos que compõe esses espaços. Os mesmos são salutares na ressignificação do vivido, e se colocam em constante interação com a figura feminina que os vivenciam, de modo a revelar suas sensações e percepções. Dessa forma, a obra *Despida* engloba poemas de perdas, tristezas, anseios e perplexidades de uma voz poética feminina que se utiliza dos espaços que habita, com o intuito de rememorar o vivido.

Palavras-Chave: Literatura; Memória; Espaço; Sujeito Poético.

7. ESPAÇO E MEMÓRIA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT

Abílio Monteiro (UFPI)

RESUMO: No romance *A asa esquerda do anjo*, de Lya Luft, a exposição dos conflitos internos das personagens como o orgulho, a hipocrisia e o ressentimento são componentes fatais do universo familiar e social. No percorrer da obra, a denúncia do jogo de poder entre família e amores, a frieza e a opressão que aniquilam vidas, o papel que a mulher assume dentre da sociedade, são elementos basilares para que a autora teça a sua narrativa. É seguindo o véis do espaço em que o indivíduo se insere, amparado pelo fator memorialístico, o lugar da mulher, a representação feminina, percorrido pela protagonista, que este trabalho se delinea. Diante disso, objetiva-se com esta pesquisa analisar o processo de representação da personagem feminina Gisela, a partir de suas relações com o meio social e em torno de pontos cruciais do seu existir. Para tanto, a visão de Butler (2006), Bergson

(1999), Halbwachs (2006), Zolin (2003), Foucault (2007), Louro (2014), Scott (1995), Oliveira (2015) entre outros, serão basilares nessa discussão. Segundo Simone de Beauvoir (1970) um homem nunca se apresenta como indivíduo do sexo masculino, pois a condição “homem” é natural. Para se referir aos seres humanos, falamos “os homens”. A mulher é, portanto, o outro. Segundo Beauvoir (1970, p. 9) “um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade”. No entanto, os homens sentem que possuem legitimidade o suficiente para falar e escrever sobre as mulheres. O patriarcado possuía como finalidade reunir pessoas frágeis ou pobres no regaço de um chefe forte e temido, de forma que os integrantes dessa “sagrada família” eram escravos, filhos e mulheres, sim, o patriarca detinha o poder de senhorear mais de uma esposa. As leis que regiam o país foram compendiadas pelos homens, de forma que estes beneficiaram a si e converteram essas leis em princípios que afirmavam que uma mulher que se prezasse devia casar e com sagacidade proibiam o divórcio, os anticoncepcionais e o aborto, só restava a ela aceitar a condição de dona de casa submissa e mãe. Assim, pode-se dizer que a representação da imagem feminina possibilita a reflexão sobre os acontecimentos, subsidiando assim, uma reorganização dos posicionamentos sociais, dando voz e atribuindo direitos as mulheres no cenário literário.

Palavras-Chave: Literatura; Representação Feminina; Memória. Lya Luft.

8. ESPAÇOS DO EXÍLIO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS E A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Cristianne Silva Araújo Dias (SEDUC - MA)

Joseane Mendes Ferreira (SEDUC - PI)

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo investigar a relação do espaço e a condição de exílio nas obras *A árvore das palavras* (2004), de Teolinda Gersão e *A costa dos murmúrios* (2004), de Lídia Jorge. Propõe-se averiguar a situação das personagens que viviam o momento da Guerra Colonial em Moçambique (1964-1974), e encontravam-se distantes de Portugal. De acordo com Edward Said (2003), o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (2003, p. 46). Essa reflexão conduz a abordagem crítica da condição de exílio, vivida pelas personagens Gita e Evita, que estão distante do seu lar, mas que encontra em outro lugar o espaço de pertencimento. Dessa forma, através da memória, pode-se voltar à terra natal, enquanto se vive em outro país, essa condição nos faz lembrar o que diz Gaston Bachelard (2008), teórico do espaço: “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo” (2008, p. 24). Para esse estudo utilizou-se pesquisa bibliográfica e qualitativa, aplicada à análise das obras *A costa dos murmúrios* (2004), de Lídia Jorge e *A Árvore das palavras* (2004), de Teolinda Gersão. Como pressupostos teóricos referentes à memória Maurice Halbwachs (2003), sobre o exílio, Edward Said (2003), e os teórico do espaço literário Yi-Fu Tuan (1983) e Gaston Bachelard (2008). Pretende-se compreender a situação de personagens que vivem em um exílio e sua relação com o espaço e a memória.

Palavras-Chave: Espaço; Exílio; Teolinda Gersão; Lídia Jorge.

9. MEMÓRIAS DO SILÊNCIO, EM “A MANTA DO SOLDADO” DE LÍDIA JORGE

Lígia Vanessa Penha Oliveira (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

RESUMO: O presente artigo trata de considerações críticas e teóricas sobre os diferentes tipos de memória e a forma como são evocados no romance *A manta do soldado* (2003), de Lídia Jorge, nesta obra, a narradora e também protagonista, inominada, procura construir através da memória e das informações que obtém de seu pai, sua relação parental. Nesse sentido buscamos analisar o

romance *A manta do soldado*, com foco na temática da memória, além de elucidar o caminho percorrido pela protagonista da obra, que problematiza a difícil construção de sua identidade. As memórias sofrem interferências e se distorcem com a passagem do tempo e da imaginação, que alteram a visão dos fatos. Assim também refletiremos sobre a importância do espaço e de sua representação para a conservação e evocação da memória para a filha do Walter Dias. As reflexões suscitadas no presente artigo têm como aporte teórico as postulações de Paul Ricouer (2007) Maurice Halbwachs (2006), Márcio Seligman-Silva (2003), Gaston Bachelard (1993) e Michel Polak (1989).

Palavras-Chave: Memória; Silêncio; Identidade; Espaço.

10. O ESPAÇO COMO REFÚGIO PARA MEMÓRIA EM A CASA QUE AMEI, DE TATIANA DE ROSNAY

Pablo Rodrigo da Silva Martins (IFPI)

RESUMO: Em *A casa que amei* (2012), Tatiana de Rosnay tece um enredo estruturado em meados do século XIX, tempo em que Paris passa por transformações em seus espaços para se adequar à modernidade. Isso modifica irremediavelmente a antiga capital francesa. Muitos moradores e suas casas sucumbiram à empreitada, sem resistir. Rose Bazelet, protagonista do romance, ao contrário, está decidida a lutar para que a casa, onde viveu décadas e estruturou sua história, permaneça. Ao escrever cartas a seu falecido marido, resgata, pelos fios da memória, lembranças que estão ancoradas no espaço da casa. Assim, o presente estudo objetiva analisar a relação entre espaço e memória na obra supracitada. Para que se alcance o objetivo traçado, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, alicerçada em Borges Filho (2007), Bachelard (2008) e Halbwachs (2006). O primeiro assevera que, dentre as funções do espaço literário, há aquela em que esse espaço e aquilo que o envolve impacta o sujeito, enfatiza ou se opõe ao que é sentido por eles. O segundo afirma que, em relação ao conhecimento da intimidade do sujeito, a localização dos espaços se faz mister em detrimento de um tempo marcadamente datado. E o terceiro assegura que muitas lembranças, às vezes, apoiam-se no outro para serem validadas, numa evocação de vários depoimentos e diversos lugares. Então se questiona: Como o espaço se configura como um prolongamento do ser? Como as memórias da protagonista resgatam vivências no/com o espaço a ponto deste se tornar vital a ela? Percebe-se que a protagonista, ao querer salvar a casa, quer salvar a si própria, sua história. É nesse espaço onde se sente acalentada. A casa é seu porto seguro.

Palavras-Chave: Literatura; Espaço; Memória.

11. O ESPAÇO EXPERIENCIADO: UMA ANÁLISE SENSORIAL DA OBRA PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Simone Nunes Barbosa Silva (UESPI)

RESUMO: Quando se fala em análise do espaço na literatura, automaticamente transportamos nossas impressões do espaço físico real, para o espaço ficcional. Isso acontece porque o narrador ou personagem que nos apresenta esse espaço, o faz a partir de seu ponto de vista, e, é através desse ponto de vista que somos convidados a adentrar nesse mundo mágico que está carregado de sensações e percepções que variam dependendo de quem as descreve, assim como ocorre na vida real, ao considerarmos que cada indivíduo percebe os sentidos de forma diferenciada. Tendo em vista a relevância das percepções sensoriais na construção da relação espaço/personagem, somos levados ao seguinte questionamento: Como se dá a articulação entre as percepções sensoriais da personagem Hortense na construção do espaço no romance de Teolinda Gersão *Paisagem com mulher e mar ao fundo*? Dessa forma, a percepção, isto é, os sentidos aqui mencionados serviram de base para esse estudo que objetiva verificar de que maneira os sentidos estão atuando na relação

espaço/personagem. O aporte teórico utilizado tem como referências Ozíres (2007), Tuan (2013) entre outros. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico, uma vez que os dados coletados tem caráter subjetivo em relação ao objeto analisado, e quanto ao processo de coleta de dados para as análises, selecionamos recortes da obra em que se destacam as percepções do espaço pela personagem Hortense. Ao final deste estudo pretendemos destacar a forte relação sensorial da personagem com o espaço circundante a ela, considerando as relações com a casa e o mar, bem como destacando seu corpo como um espaço físico que retém as sensações táteis.

Palavras-Chave: Espaço; Relação; Sensorial; Hortense.

12. ESPAÇO E MEMÓRIA: INTERFACES NO ROMANCE PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Amanda Kelly de Paula (UFPI)

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho discutir a relação entre espaço e memória na obra *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1996), da escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão. Para tanto, pretende-se examinar a relação que a narradora-personagem, Hortense, mantém com os três principais espaços da trama: a casa, a aldeia e o mar e como cada ambiente ganha nova significação após suas perdas afetivas. As lembranças são retomadas através de fluxos de memória, devido ao drama interior vivenciado pela protagonista, gerando sentimentos de angústia e indignação. A pesquisa é qualitativa, fundamenta na visão de Gaston Bachelard (1993), Maurice Halbwachs (2006), sobre memória; Osman Lins (1976), sobre espaço na literatura. Segundo Lins (1976), o espaço é caracterizador da ação e esta diretamente relacionado à maneira como os objetos estão dispostos e com o modo de ser das personagens. Assim, pode-se constatar que, na obra em questão, a rememoração está conectada aos espaços de vivência e que os mesmos estabelecem funções variadas, a partir das impressões da protagonista.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Teolinda Gersão.

8. HISTÓRIA E FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES EM OBRAS DE AUTORIA FEMININA

Coordenador(a):

Profa. Dra. Tânia Maria Cemin Wagner (UCS)

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

1. A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA DO EXÍLIO EM *DESMUNDO*, DE ANA MIRANDA

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Danglei de Castro Pereira (UNB)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

RESUMO: O presente resumo propõe-se a investigar as intersecções entre literatura e história na obra *Desmundo* (1996), da autora cearense Ana Miranda, que tem como ponto de partida uma carta real solicitando o envio de mulheres portuguesas para se casarem com os colonizadores no Brasil. A escolha da obra se baseou na importância da escritora na produção literária de autoria feminina e na ênfase em dar voz a uma protagonista feminina em uma obra que entrelaça história e ficção. O

corpus teórico intenta promover uma apreciação das características da metaficção historiográfica, partindo de personagens ou fatos históricos que são introduzidos na obra ficcional a fim dar um valor de legitimidade à ficção. A narrativa, portanto, tem como características referências a personagens e eventos históricos, com ênfase em Oribela, a protagonista órfã que, ao chegar ao Brasil do século XVI numa condição próxima à do exílio, experiencia a violência, a inospitalidade, o desamparo e, sobretudo, a subalternidade nas terras desconhecidas da colônia. Serão utilizados como referencial autores que fundamentam os estudos sobre metaficção historiográfica, tais como Linda Hutcheon (1991), historiadores que trabalham com Brasil colônia, como Mary del Priore (1993) e autoras como Amy Kaminsky (2001) e Gayatri Spivak (2010), que discutem os conceitos de exílio e subalternidade para analisar a obra em questão. A partir deste quadro buscaremos compreender como ocorrem as experiências da protagonista numa narrativa que preenche as lacunas históricas com os recursos próprios da ficcionalidade, e discutir sua condição feminina no período do Brasil Colônia, reconstruído ficcionalmente pela autora.

Palavras-Chave: Ana Miranda; Condição feminina; Metaficção historiográfica; Exílio.

2. A DESCONSTRUÇÃO LYGIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM CIRANDA DE PEDRA

Leylanne da Silva Lima Melo (UFPI)

Sebastiao Alves (UFPI)

RESUMO: *Ciranda de Pedra* (2008), de Lygia Fagundes Telles, é uma envolvente trama das relações humanas. A autora que expõe as fissuras da alma por meio das relações familiares, também rompe com o perfil idealizado de família burguesa dos Anos Dourados. Diante disso, o objetivo deste artigo é compreender a desconstrução do conceito de família dentro de *Ciranda de Pedra* (2008), e para isso será preciso atentar-se para as inversões dos papéis sociais das identidades de gênero na trama. Perante o exposto, serão recorridas as contribuições teóricas de Badinter (1980), Rocha-Coutinho (1994), Saffioti (1987), Ariès (1981), Pinsky (2014), Scott (2011), dentre outros. Nesse sentido, é pertinente observar que, de acordo com Rocha-Coutinho (1994), o “enclausuramento” da mulher ao espaço do lar e da família fecharam as possibilidades de sua construção identitária para o mundo público. De um modo geral, a vida doméstica impedia a participação das mulheres na vida política e econômica, e conseqüentemente, as deixavam à margem da sociedade. Devido a isso, a identidade feminina foi se definindo através da sua relação com a família, pois se vivia para o marido e os filhos, enquanto a identidade masculina se edificava em relação à esfera pública. Rocha-Coutinho (1994) salienta ainda que os papéis sociais masculinos e femininos dos Anos Dourados eram bem delimitados. Sabia-se muito bem o que era ser homem ou mulher naquele período. Desse modo, uma dessas funções estava relacionada à tarefa de ser mãe, que segundo Badinter (1980) era mais um ideal socialmente construído do que algo natural, ou seja, o “mito do amor materno” era uma construção social burguesa que prendia as mulheres a um falso destino que é ser mãe. Portanto, além de transgredir com as identidades de gênero dos Anos Dourados, Lygia vai desconstruir em *Ciranda de Pedra* (2008) o perfil das relações familiares, questionando a naturalização de processo socioculturais, como a maternidade, e repensando também as definições de feminilidade e masculinidade na sociedade.

Palavras-Chave: *Ciranda de pedra*; Gênero; Anos Dourados.

3. A ESCRITA DE SI E DO COTIDIANO EM CORRESPONDÊNCIA INCOMPLETA, DE ANA CRISTINA CESAR

Ana Cristina Meneses de Sousa (UESPI)

RESUMO: Essa comunicação procura refletir sobre a escrita de si em *Correspondência Incompleta*, de Ana Cristina Cesar (1952-1983). Tal atividade ensaística procura cartografar como a literatura

poética enveredou pela prática biográfica em textos de ficção, unindo as dimensões entre poesia e vida; ficção e confissão. Em *Correspondência Incompleta*, a autora, a partir de uma prática escriturária de si, criou um ensaio da própria vida através da experimentação da relação entre escrita e pensamento. No cruzamento dessas margens transformou o cotidiano em resistência e biografia poética da própria vida; já que o cotidiano é tratado aqui como uma temporalidade à deriva; uma experiência temporal do presente. Seus poemas vazados em formas de diários e cartas, são indícios do cotidiano, mas também pistas sobre o Brasil entre 1976 e 1980. Nesse trânsito encontramos o sujeito lírico da poetisa durante sua experiência de escrita que produz e fabrica uma realidade textual de si e do seu cotidiano.

Palavras-Chave: Escrita de si; Ana Cristina Cesar; *Correspondência Incompleta*; cotidiano

4. ALEXANDRA KOLLONTAI E AS MUDANÇAS NA VIDA FEMININA EM A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL

Joseanne Zingleara Soares Marinho (UESPI)

RESUMO: A proposta dessa apresentação é fazer uma análise das ideias discutidas no livro de ensaios denominado *A nova mulher e a moral sexual*, de Alexandra Kollontai, uma destacada militante do movimento comunista internacional. A autora vivenciou um contexto de mudanças na vida feminina que se dinamizaram, sobretudo, a partir das primeiras décadas do século XX, não somente no Ocidente, mas que também incidiram de forma peculiar na Rússia revolucionária. Além das produções intelectuais, Kollontai teve oportunidade de colocar em prática algumas de suas formulações sobre a luta pela afirmação intelectual, afetiva, sexual, e ainda, a autonomia política das mulheres na Rússia após a revolução de 1917, tanto no campo legislativo, como na realização de políticas sociais quando atuou em cargos públicos. Na produção intelectual referida, a autora analisa o surgimento de um novo tipo de mulher que se afirmava nos novecentos, imprimindo mudanças inovadoras nas relações com os homens em variados âmbitos sociais, mas especialmente nas relações afetivas. Além disso, ela também defende que as relações entre os sexos não são apenas privadas, mas deveriam ser revertidas em interesse público na sociedade socialista que estava sendo implantada na Rússia.

Palavras-Chave: Rússia revolucionária; Mudanças na vida feminina; Relações afetivas.

5. A REPRESENTAÇÃO E O JULGAMENTO DA MULHER-MÃE NA OBRA *CANÇÃO DE NINAR*, DE LEÍLA SLIMANI

Adriana Almeida Colares (UFC)

Patricia Isabel Ferreira de Lima Rikaoui (UFC)

RESUMO: A obra *Chanson douce* (2016), no Brasil *Canção de ninar* (2018), deu à Leïla Slimani, escritora de origem marroquina radicada na França, o Prêmio Goncourt de Literatura em 2016. No enredo eletrizante, já se sabe desde a primeira página que duas crianças foram mortas por sua babá. Depois de saber disso, o leitor busca, numa leitura ávida, desvendar o motivo que leva Louise ao crime. Não se trata de um romance policial. Ao invés de trazer a procura pelo motivo do ato criminoso, a narrativa conduz o leitor até a cena do crime, fazendo com que ele percorra tudo que aconteceu desde a chegada da babá à casa das crianças até o momento do crime. A autora é crítica ao tratar de assuntos como racismo, solidão urbana e luta de classes. Além disso, a obra trata da maternidade com suas dificuldades e conflitos travados pela mulher. Myriam, a mãe das crianças, defronta-se consigo mesma, com a família e com a sociedade ao ter que dividir seu tempo de mãe com o trabalho e a realização profissional. Portanto, essa comunicação pretende mostrar como é abordado na obra, através de passagens vividas pela personagem, esse assunto tão atual e de tão

relevante importância para as discussões da posição e do papel da mulher na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Autoria feminina; Maternidade; Canção de Ninar; Leïla Slimani.

6. A REVOLUÇÃO MEXICANA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM ARRÁNCAME LA VIDA, DE ÁNGELES MASTRETTEA

Rebecca Demicheli Sampaio (UCS)

RESUMO: O enredo de *Arráncame la vida* (1985), romance de autoria de Ángeles Mastretta, se desenvolve na cidade de Puebla e arredores, no México do século XX ainda abalado pela Revolução de 1910. É nesse cenário que conhecemos a história de Catalina, uma jovem que, casada com o general Andrés Ascencio, trava suas lutas enquanto sujeito feminino, relegado ao espaço privado e ao papel de submissão numa sociedade patriarcal, ao mesmo tempo em que vivencia de perto as tensões políticas do País. A obsessão de seu marido pelo poder enseja um processo de tomada de consciência por parte da protagonista, que começa a compreender de forma mais lúcida os acontecimentos que transcorrem ao seu redor. Catalina começa, assim, a desenvolver opiniões próprias acerca da situação social mexicana e das atitudes de Andrés, traçando um caminho em direção à autonomia. Numa obra em que se inter cruzam narrativas históricas e ficcionais, conflitos políticos, sociais, familiares e individuais, torna-se relevante a reflexão acerca das fronteiras estabelecidas entre os registros literários e documentais e a construção da identidade feminina nesse contexto. Tendo isso em vista, este estudo objetiva investigar, sob o viés da crítica feminista, em que medida os aspectos históricos evidenciados em *Arráncame la vida* contribuem para a constituição da identidade feminina de Catalina numa sociedade politicamente desestabilizada, elucidando relações existentes entre a história, a ficção e os estudos de gênero.

Palavras-Chave: Ángeles Mastretta; Arráncame la Vida; História e Ficção; Estudos de Gênero.

7. HISTÓRIA E FICÇÃO EM DUMBA NENGUE: HISTÓRIAS TRÁGICAS DO BANDITISMO, DE LINA MAGAIA

Alody Costa Casemiro (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

RESUMO: Por muito tempo os espaços de Moçambique serviram de palco para o desenrolar de uma guerra civil que perdurou sobre a população moçambicana dois anos após a sua independência em 1977 até 1992. Tal acontecimento serviu como tema para o desenvolvimento de muitas narrativas literárias. Dentre elas, a obra *Dumba Nengue. Histórias trágicas do banditismo* (1990), escrita pela moçambicana Lina Magaia. Percebe-se que em *Dumba Nengue* há uma relação entre História e ficção, estando os dois interligados por um elemento em comum, a narrativa. História e ficção se relacionam, nascendo desse exercício a ficção. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivos: analisar como a referida obra representa a guerra civil moçambicana e evidenciar como a autora constrói via texto narrativo o quadro social moçambicano em contexto de guerra. Para isso, se faz uso de aportes teóricos como: Costa Lima (2006), Hutcheon (1991), Bell Hooks (2017), White (1992), Leite (2014), dentre outros. Com isso, vê-se que a guerra civil de Moçambique pode ter gerado ecos de violência que reverberam na população provavelmente até na atualidade.

Palavras-Chave: História; Violência; Ficção; *Dumba Nengue*; Guerra Civil.

8. A INSURREIÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX: O LUGAR DO EU-LÍRICO AFRODESCENDENTE E PERIFÉRICO EM DIÁRIO DE BITITA (2014)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

RESUMO: Em *Diário de Bitita* a escritora Carolina Maria de Jesus abre sua vida através de um relato autobiográfico e autoficcional, cuja identidade étnica e de gênero foram matizes que impulsionaram para que construísse seu sentimento de pertencimento. No transcorrer de seu relato autobiográfico, algumas questões permaneceram intactas, tais como: Como ousas? O que você está fazendo aqui? Você não sabe que aqui não é o seu lugar? Debruçada sobre estas questões que nasceu uma das mais significantes escritoras do século XX, inaugurando a Literatura Periférica Afrodescendente na Literatura Brasileira. Nesse sentido, buscaremos analisar criticamente o lugar do eu-lírico afrodescendente e periférico na obra no tocante às categorias: gênero, autoria feminina, afrodescendência e literatura ‘marginal’. Assim, esta pesquisa classifica-se, segundo sua finalidade, como teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como *corpus* de análise a obra *Diário de Bitita* (2014). O aporte teórico constitui-se das discussões de Figueiredo (2013), Lejeune (2008), Santos & Wielewick (2005), Agamben (2009), Dalcastagnè (2015), Sousa (2012) entre outros. Intenta-se que as discussões proporcione uma compreensão sobre o lugar do eu-lírico da escritora na construção do sentimento de pertencimento étnico e de gênero em seu processo de inscrição literária.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira do Século XX; Carolina Maria de Jesus; Diário de Bitita.

9. LILITH, MEDEIA E TITUBA: O ENTRELAÇAR DOS SEGREDOS DA NATUREZA SOB A ÓTICA LITERÁRIA

Elaine C. Prado dos Santos (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Lilian Cristina Corrêa (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura da construção de uma identidade feminina a partir de três figuras literárias em uma análise intertextual, por estabelecerem relações dialógicas em sua composição e seus percursos narrativos/míticos. Lilith, personagem bíblica, Medeia, protagonista da tragédia grega de Eurípedes e Tituba, protagonista do romance *Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salém*, de Maryse Condé, representam mulheres detentoras de segredos da natureza, que sofreram em virtude de seus atributos constitutivos do feminino e, por eles, foram inferiorizadas no contexto patriarcal, representando rebeldia à ordem instituída, cada uma a seu modo, sendo reclusas por opção ou punição, sofrendo intimidações diante de questionamentos que ameaçavam as esferas do ser, do poder e do saber e, acima de tudo, representando o ponto de vista do que se considerava o desconhecido, o diferente, ‘unheimlich’. Sob uma perspectiva mítica, essas personagens vislumbram novos sentidos a mitos antigos, adquirindo forma e identidade em quase todas as manifestações artísticas, rejuvenescendo a forma e, transcendendo o tempo, ascender ao eterno. Conforme Eliade, em *Aspects du mythe* (1963, p.18 e 32), o mito é uma narrativa que faz reviver uma realidade original e que responde a uma profunda necessidade religiosa, a aspirações morais, a constrangimentos e imperativos da ordem social e mesmo a exigências práticas. Em suma, pretende-se, com este trabalho, demonstrar como as representações femininas podem ser recontextualizadas a partir dos conceitos de mito dando sentido à sua presença de forma atemporal.

Palavras-Chave: Mito; Intertextualidade; Figura feminina; Identidade.

9. MEMÓRIA, HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Coordenador(a):

Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Profa. Dra. Maria do Socorro Carvalho (UEMA)

1. A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA OBRA *O TIGRE NA SOMBRA*, DE LYA LUFT

Leane Amaral Paz Andrade (UESPI)

RESUMO: Esta investigação tem por objetivo a análise dos traços memorialísticos da personagem Dolores (Dôda) na obra *O Tigre na Sombra*, de Lya Luft, e dos aspectos que tecem a construção da identidade entre mãe e filha no percurso da narrativa, em um tempo cronológico de relatos da infância até a vida adulta da protagonista. Sabe-se que a atenção e o acolhimento materno são alguns dos comportamentos que formam a base para o desenvolvimento psicológico do indivíduo, cuja relação torna-se um elemento de notável importância para a construção da identidade de ambos. Para isto, este trabalho fez uso das seguintes bases teóricas: Badinter (1985), acerca do amor materno; Halbwachs (2005), Nora (2013), Souza (2014) e Jelin (2001) que versam sobre memória; Hall (2011) e Silva (2000) trazem contribuições sobre as identidades que se constituem no decorrer da narrativa. As experiências relatadas durante a infância da protagonista que revelam os desafetos, a desigualdade, além de outros fatores que retratam a difícil relação entre mãe e filha, vem dar forma a uma lacuna refletida nas ações de um sujeito oprimido e com obstáculos para manter o equilíbrio emocional.

Palavras-Chave: Memória; Amor materno; Identidade; Desafeto.

2. A REPÚBLICA DOS SONHOS DE NÉLIDA PIÑÓN, SOB A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA

Tatiane Morais (UESPI)

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)

RESUMO: Vindo a público no ano 1984, *A República dos Sonhos*, a décima obra de Nélide Piñón, aborda a saga do imigrante audaz e ambicioso que atravessa o oceano para conquistar fortuna, e uma vez estabelecido no Brasil, estrutura para si uma família real. Traz à tona também, o panorama histórico do Brasil, como os estertores da ditadura militar. Entretanto, mais que tudo, o romance através do teor memorialístico, enreda-nos na tessitura complexa dos sonhos e de batalhas contra prescrições sociais e nos apresenta uma estrada luminosa das dificuldades e desencontros que permeiam as interações humanas, sejam ditadas por sanguíneos ou quaisquer tipos de afeto, que conduzirá o leitor por suas 761 páginas. Assim, para tal propósito que é revisitar a obra de Piñón, sob a perspectiva da memória, salienta que, antes de adentrar a análise em si, faz-se necessário um passeio sobre as contexturas. Desse modo, o presente trabalho visa analisar o romance, sob a perspectiva da memória. Para tanto, pauta-se nos alicerces metodológicos dos teóricos Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2006) e Gaston Bachelard (1993). Observa-se em toda a narrativa que os teias da memória são relevantes para a estrutura da obra, uma vez que a composição do enredo é entremeadada das recordações dos personagens, em movimentos de ida e vinda do presente ao passado, nos quais vão trazendo à tona ao leitor, o diálogo com o contexto histórico além das tessitura do complexo universo da escrita de Nélide Piñón.

Palavras-Chave: Literatura; Memória; Nélide Piñón; História.

3. A VIDA E OS VERSOS DE ANNA NOGUEIRA BAPTISTA NA LITERATURA CEARENSE DO SÉCULO XIX

Carla Pereira de Castro (UFC)

RESUMO: A Vida e os Versos de Anna Nogueira Baptista na Literatura Cearense do século XIX, apresenta o cenário do final do século, iniciando sua narrativa no ano de 1870, abordando o contexto histórico e literário da época. A participação feminina não ficou restrita as tarefas do lar, muitas vezes foram ouvidas na imprensa e nas artes, dentre elas iremos destacar Anna Nogueira Baptista, poetisa com contribuição na imprensa local e nacional da época, integrante de movimentos literários e culturais. Anna Nogueira nos deixou um livro com um registro de suas poesias escritas na infância e na velhice, marcando-nos com suas impressões de um período de sua vida e de sua memória. com grande contribuição para a história da nossa literatura. A cidade de Icó foi a terceira vila instalada no Ceará, logo após de Aquiraz e Fortaleza e em 1842 obteve a categoria de cidade. Devido a sua importância econômica, Icó foi uma das cidades que tiveram projetos urbanísticos planejados na corte, Lisboa. É nesse cenário em Icó, que no dia 22 de outubro de 1870, nasce Anna Nogueira, filha de João Nogueira Rabello e Thereza de Albuquerque Mello Nogueira Rabello. Anna Nogueira foi a caçula de nove filhos. Com apenas quarenta anos Thereza veio a falecer de parto, em 1872 deixando a sua filha caçula com apenas dois anos de idade. Anna Nogueira passa então a ser criada pela escrava Mãe Maria. Passado alguns anos seu pai casa-se com Joaquina Rabello, com quem não teve filhos. Ainda bem pequena, ela presenciou as terríveis cenas da seca de 1877. E aos dez anos de idade tomou parte nos festejos comemorativos da campanha recitando versos de sua autoria, num espetáculo teatral promovido em homenagem a uma comissão de libertadores vinda de Fortaleza. No dia seis de dezembro de 1883, seu pai João Nogueira Rabello veio a falecer aos cinquenta e nove anos de idade. Para tristeza de Anna Nogueira, em 21 de janeiro de 1894, Affonso Nogueira Rabello seu irmão morre na Amazônia. Em Fortaleza Anna Nogueira frequenta as rodas literárias e colabora com várias publicações locais dentre elas: O Libertador, Constituição, Republica, O Pão, O Domingo, O Repórter, a Evolução de Fortaleza e também com as revistas: A Quinzena e Almanaque do Ceará. Nesse período Anna Nogueira conhece os fundadores do movimento literário "A Padaria Espiritual" e se apaixona por Manoel Sabino Baptista, o Satyro Alegrete, escritor e poeta. Talvez tenha sido no final de 1895 ou no começo de 1896 quando os jovens se conheceram, mas foi em 1896 que ocorreu o noivado e o casamento. Em 30 de setembro de 1896, Anna publica pela primeira vez no jornal "O Pão" na Edição No. 34, do ano III, na página 6, um poema intitulado "No Templo". O casamento aconteceu no dia 22 de outubro de 1896, no mesmo dia do aniversário de Anna Nogueira. Anna e Sabino casaram-se na matriz do Icó, abençoados pelo vigário da paróquia, velho amigo da família. No Jornal "O Pão" de 31 de outubro de 1896, na edição de número 36, Anno III, página 8, Anna Nogueira publica o poema com o título "Vita Nuova" e assina como Anna Nogueira Baptista. Essa foi a última edição do jornal "O Pão". Mesmo com o fim do jornal "O Pão", Anna Nogueira continua a escrever e publicar as suas poesias nos jornais da cidade. O primeiro filho do casal nasceu em 26 de julho de 1897 e foi batizado com o nome de Luiz Nogueira Baptista. Quase um ano depois do nascimento do primogênito, nasce Olavo Nogueira Baptista, em 29 de julho de 1898. Após ter publicado o último jornal "O Pão" em 1896, a Padaria ainda permaneceu com suas fornadas até o ano de 1898, de acordo com a última ata assinada por Rodolpho Teóphilo em 20 de dezembro de 1898. No princípio do ano de 1899, realizou-se em Fortaleza um concurso, organizado pelo jornal "A República", propondo a versão em português de um soneto de François Copée, conhecido e apreciado poeta francês. Anna concorreu e teve sua versão premiada por unanimidade dos votos da comissão organizadora, no dia primeiro de fevereiro daquele ano. O jornal noticia o fato, no dia 21 de fevereiro de 1899. E o seu poema "Ao Amanhecer" foi musicado pelo compositor Alberto Nepomuceno. Nessa época Anna Nogueira não escrevia apenas para os jornais de Fortaleza mas também para várias cidades como: "Pacotilha" do Maranhão, a "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro, "A Província do Pará", de Belém e o "Rio Negro" de Manaus. Naquele mesmo ano o casal decidiu mudar-se para o Pará. Em abril Sabino segue

viagem sozinho para estabelecer-se e em seguida buscar Anna Nogueira e os seus filhos. No dia 28 de julho de 1899 Sabino desembarca em Fortaleza. Um dia o casal veio a cidade e na volta enquanto esperavam o bonde, Sabino sentiu-se mal, ao chamarem um médico o diagnóstico foi dado. Sabino tinha sido acometido pela varíola, como o período de incubação dessa doença é de aproximadamente doze dias, é provável que Sabino tenha contraído o vírus durante a viagem. No dia 16 de agosto de 1899, Sabino não mais resistiu, sendo levado pela morte. Anna Nogueira Baptista, grávida, com os dois filhos pequenos, sem casa e sem dinheiro, contou com o apoio dos amigos queridos que lhe ajudaram materialmente e com o conforto da lealdade. E no dia primeiro de janeiro de 1900, Anna deu a luz a uma menina que a chamou carinhosamente de Maria Thereza Nogueira Baptista. Passados os primeiros meses de nascimento da filha, Anna começou a lecionar num colégio de Fortaleza. Após um ano da morte do marido, Anna sofreria um novo golpe, mais uma vez a morte se aproxima e leva um ente muito querido. A sua filha querida Maria Thereza, com apenas 10 meses, repentinamente, adoeceu e morreu. Mais uma vez Anna se vê envolta em profunda tristeza. Sua irmã Thereza que já alguns anos residia em Recife com o marido, a convida para morar com ela. E assim no final daquele ano de 1900, dois meses após a morte da filha, Anna embarca para Recife acompanhada dos dois filhos e de Ana Clara, que a ajudava com os cuidados da casa e das crianças desde a partida de Sabino. Em Recife, Anna Nogueira lecionou em escolas particulares e estudou à noite na Escola Propagadora da Instrução, diplomando-se Professora em 1903. Em 1902, fundou com outras escritoras do Recife a revista “O Lyrio”, dentre elas: Amélia Beviláqua e Úrsula Garcia. A escritora colaborou até o último número da revista, em novembro de 1903. Anna Ingressou no magistério público em 1912, aposentando-se em 1929. Em 1964, quando completava noventa e quatro anos, os seus netos se reuniram para publicarem a sua produção poética em um livro, que foi intitulado “Versos”, sendo editado pela Edigraf no Rio de Janeiro. O livro reuniu as suas poesias da juventude e da velhice, realizando um sonho que datava da época do seu casamento. Nos anos seguintes Anna adoeceu e no dia 22 de maio de 1967, com noventa e seis anos veio a falecer.

Palavras Chaves: Literatura Cearense; Século XIX; Anna Nogueira Baptista; Poesia.

4. A VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM FOGO-FÁTUO, DE PATRÍCIA MELO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM AZUCENA

Vanessa de Carvalho Santos (UFPI)

Naira Suzane Soares Almeida (UFPI)

Margareth Torres de Alencar (UFPI)

RESUMO: O romance policial traz como uma das suas principais características a presença da violência, seja física ou psicológica. Em um jogo de investigação, os sujeitos encontram-se diante da matéria-prima dos escritores contemporâneos: o caos urbano. Este pano de fundo permite que uma série de problemas sociais possa ser representada, tal como a violência de gênero. Esta forma de agressão desconhece fronteiras sociais, culturais ou desenvolvimento econômico, mas torna-se ainda mais evidente em cenários patriarcalistas. Posto isto, este trabalho tem por finalidade perscrutar a materialização da violência contra a mulher na literatura brasileira contemporânea e como esta é apresentada através da narrativa do romance *Fogo-Fátuo*, de Patrícia Melo, através da perspectiva da personagem Azucena, uma das responsáveis pela investigação do caso de assassinato em destaque na obra, ocorrido na cidade de São Paulo. A investigadora depara-se com as mais diferentes faces da violência urbana, seja nas ruas, no seu meio profissional ou na sua rede de relacionamentos. Para alcançar o objetivo traçado, as pesquisadoras apoiam-se nas contribuições teóricas dos estudos de Chauí (1984), Saffioti (2004) e Machado (2006). Os resultados obtidos apontam para uma exacerbada presença do falocentrismo em todas as instituições sociais trazendo sérias consequências para a protagonista da obra.

Palavras-Chave: Romance Policial; Violência de gênero; *Fogo-Fátuo*.

5. AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira (UFPI)

RESUMO: O presente artigo analisa a figura das beatas a partir da crítica anticlerical na literatura de Clodoaldo Freitas, proeminente literato piauiense da transição do século XIX para o século XX. O objetivo do estudo é analisar a escrita do livre-pensador Clodoaldo Freitas, no início do século XX, em torno das mulheres muito afeitas à religião, tomando como fontes dois contos e uma novela. Primeiro é apresentado o literato, em seguida é feita uma breve discussão acerca do anticlericalismo no Brasil para então analisar as representações das mulheres beatas nos contos *O divórcio* e *A beata*, respectivamente de 1907 e 1909, e na novela *Por um sorriso*, publicada originalmente em 1921. Os quais elencam prescrições de modelos ideais de mulheres e disputas de representações do autor sobre as beatas a partir de sua crítica anticlerical. A análise dos textos literários foi desenvolvida a partir das pesquisas de Mattoso (1992), Queiroz (2011) e Santos (2010), e dos teóricos Chartier (1991) e Scott (1995).

Palavras-Chave: Beatas; Clodoaldo Freitas; Literatura Piauiense; Anticlericalismo.

6. AS VOZES DA ÁFRICA MANIFESTADAS NUM DEFEITO DE COR: A MEMÓRIA RESSIGNIFICANDO A HISTÓRIA SOB A ÓTICA FEMININA

Layne Rodrigues dos Santos (IESM)

RESUMO: Sob a ótica feminina e negra, *Um defeito de cor* (2006) percorre quase cem anos de história da opressão escravagista e de fatos importantes da história do Brasil e da África do século XIX. A narrativa proporciona uma discussão importante acerca das experiências das mulheres, como a escrava/escravizada, para os estudos de gênero e de escravidão. A obra resgata a narrativa a partir das vozes silenciadas pelo poder e traz a confronto a possibilidade de múltiplas versões sobre os acontecimentos ocorridos no Brasil e na África do século XIX (Pimentel, 2011). Nesse sentido o presente trabalho tem por objetivo compreender como a memória contribui para a apreensão dos fatos narrados por Kehinde. Haja vista ser, por meio das reminiscências, que a personagem-protagonista reconta episódios históricos da vida nacional, e que se encontram imbricados no jogo anacrônico das memórias, e, por meio da narrativa como um todo, sintetiza a emancipação do coletivo de mulheres negras.

Palavras-Chave: Memória; História; Gênero; Um defeito de cor.

7. CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NEGRAS BRASILEIRAS NA OBRA AS LENDAS DE DANDARA, DE JARRID ARRAES

Mayssa Maria Sudário Santos (UFPI)

RESUMO: O presente trabalho é tributário do projeto de Iniciação Científica (PIBIC), do grupo de pesquisa *Teseu, o labirinto e o seu nome*, coordenado pelo professor Dr. Alcione Correa Alves. Essa pesquisa em andamento trata-se de uma análise de alguns dos processos de construções identitárias negras brasileiras na obra *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes. Diante disso, objetiva-se nesse trabalho compreender algumas das construções identitárias negras identificáveis na obra *As lendas de Dandara*. Para realizar tal tarefa, procurou-se acompanhar as transformações da protagonista no

decorrer da narrativa, levando em consideração, sobretudo, os conceitos de identidade negra, construção identitária e interseccionalidade, baseando-se nos pressupostos teóricos de Carneiro (2011), Hall (2011) e Munanga (2009). Como hipótese levantada, observa-se que o exemplo da protagonista no romance torna-se, um dos exemplos da própria construção identitária do sujeito negro ao longo do tempo. Desta forma, espera-se que o processo de construção identitária presente nesse romance se dê paulatinamente conforme a trajetória do personagem e suas ações dentro da narrativa.

Palavras-Chave: Literaturas negras brasileiras; Jarid Arraes: romance; Construções identitárias negras; Interseccionalidade.

10. MULHERES, ESPAÇO E MEMÓRIA: A PERSPECTIVA DA VELHICE

Coordenador(as):

Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (UFMA)

1. A NECESSIDADE DO FAZER LITERÁRIO FEMININO EM “O PAPEL DE PAREDE AMARELO” DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Laísse Prado Chagas (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: O presente artigo busca analisar o conto “*O Papel de Parede Amarelo*” (1891) da escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman onde a narradora-personagem é diagnosticada com depressão nervosa pelo próprio marido – que também é seu médico. A moça é levada a passar o verão em uma casa de campo a fim de usufruir de ar livre e repouso, obtendo assim, sua tão estimada melhora de saúde. No conto é possível observar como a relação de submissão e restrições entre os personagens pode ser um dos principais fatores desencadeadores da condição frágil de saúde da protagonista e das suas atitudes e decisões ao decorrer da narrativa, visto que a moça encontra obstáculos que a impedem de se expressar com segurança e ter sua opinião levada em consideração por John que sempre a censura. Outra marca significativa no conto é a necessidade que a narradora possui de escrever, explicitando assim uma alma criativa e lúdica que é coibida por seu marido. Dessarte o objetivo desse trabalho é discutir as dificuldades encontradas pelas mulheres na produção escrita, tanto quanto a dinâmica das relações regidas pela percepção de papéis de gênero. Para tanto, serão usados como referencial teórico os livros “*Um teto todo seu*” (1929) de Virginia Woolf e “*Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*” (2005) de Judith Butler.

Palavras-Chave: O Papel de Parede Amarelo; Charlotte Perkins Gilman; Gênero e Subversão; Fazer Literário Feminino.

2. A QUESTÃO DA RELIGIÃO E DO GÊNERO EM PERSEPÓLIS

Ellen Mariana Moreira Reis de Jesus (UFMA)

RESUMO: Diante de um mundo conturbado por conflitos e impasses, a arte se encontra como uma das formas de expressão pela qual o ser humano pode libertar-se e conseqüentemente, emitir seus

juízos de valor e visões a cerca da realidade que o permeia. Isso se torna mais relevante quando o produto artístico deriva de experiências pessoais. É o caso de *Persepólis*, história em quadrinhos da escritora e ilustradora Marjane Satrapi e posteriormente, longa-metragem animado da mesma obra, cujo enredo foca nas vivências da autora durante a Revolução Islâmica (1978-1979), desde a infância até a vida adulta. No contexto histórico da obra, Satrapi presencia a religião delineando fortemente os aspectos sociais no Irã, sobretudo os costumes exigidos às mulheres e conseqüentemente, implicando fortemente as relações de gênero no lugar, trazendo impacto na formação da identidade feminina. O presente artigo tem por objetivo analisar como a autora, por meio de suas ilustrações presentes nos quadrinhos e no filme, sob uma perspectiva oriental e pessoal, revela as questões da relação gênero e religião no seu país de origem, problematizando a cultura local. Do ponto de vista teórico, serão utilizadas as perspectivas de Foucault, por meio de sua obra *Microfísica do Poder*, além das considerações de teóricos sobre feminismo nos quadrinhos e as considerações feministas de autoras como Rita Gross, sobre a relação feminismo e religião.

Palavras-Chave: Persepólis; identidade; feminismo; religião.

3. A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM O CONTO DA AIA

Thaynná Camilla Martins Matos (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: Este artigo busca fazer uma reflexão acerca do tratamento dado às mulheres, na obra *O conto da Aia* [*The Handmaid's Tale* (1985)], da escritora canadense Margaret Atwood e na série estreada em 2017. A história de *O Conto da Aia* se passa em um futuro distópico onde os Estados Unidos da América passou a se chamar República de Gilead e seu governo agora é um regime totalitarista e teocrático, no qual as mulheres são propriedades do Estado e são divididas em castas, como as Aias, que tem por dever gerar os filhos dos Comandantes, já que a maior parte das mulheres se tornaram estéreis em decorrência dos altos níveis de poluição e doenças sexualmente transmissíveis que afligiram o mundo. Este artigo analisará principalmente a importância de diversos fatores na identidade feminina da personagem principal June, também chamada de Offred. A partir de uma breve retomada de fatos históricos, apontaremos as inspirações da autora para a composição da representação feminina na obra, dialogando com teorias já consolidadas no campo dos estudos feministas, indicando como estas são peças de extrema importância para a construção da identidade feminina no livro e na série. Para tanto, nos apoiaremos nos apontamentos de Bell Hooks, presentes na obra *Feminism is for Everybody* (2000), de Chimamanda Ngozi Adichie, no livro *Sejamos Todos Feministas* (2014) sobre Feminismo e em *O segundo sexo* (1967) de Simone de Beauvoir.

Palavras-Chave: *O Conto da Aia*; Margaret Atwood; Ficção científica; Feminismo.

4. ANÁLISE DA OBRA ORLANDO DE VIRGÍNIA WOOLF SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS QUEER

Fernanda Pereira Cantanhede (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: Por toda a história da humanidade, homens e mulheres são condicionados a se comportar de modo diferente um do outro e em conformidade com o que a sociedade dita como correta e, principalmente, como normal. São padrões de comportamento são transmitidos como verdades absolutas, a fim de constituir os gêneros dentro do binômio masculino e feminino. Como contraponto crítico a esses padrões normativos, sobretudo relacionados à sexualidade, ao gênero e às normas sociais, começa a se delinear na década de 1980 a Teoria *Queer*, originada nos Estudos

Culturais norte-americanos, e a expressão ganhou notoriedade ao ser utilizada pela pesquisadora Teresa de Lauretis, durante uma conferência em 1990. Mas foi através dos estudos da filósofa Judith Butler, com destaque à sua obra *Problemas de Gênero* (2003), que a teoria passou a ter um melhor embasamento acadêmico. Este estudo parte do princípio de que na narrativa da obra *Orlando* (1978) da escritora britânica Virginia Woolf, a caracterização da personagem Orlando reforça que as particularidades dos sexos e gêneros são contextuais, e não inatas. Essa perspectiva vai ao encontro da proposta da Teoria *Queer* que busca desconstruir regras sociais, lançando a discussão sobre modelos de comportamento. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar a desconstrução da visão da heteronormatividade presente na obra *Orlando* (1978), além de salientar o quão importante é trazer à discussão tanto as questões referentes a sexo e gênero nos dias atuais, quanto da desconstrução dos padrões sociais descritos como aceitáveis para a sociedade.

Palavras-Chave: Orlando; uma biografia; Teoria *queer*; Gênero e sexualidade.

5. O (DES) SILENCIAMENTO DA IDENTIDADE FEMININA EM A CONFISSÃO DA LEOA (2012) DE MIA COUTO

Flamilla Pinheiro Costa (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar a condição da mulher moçambicana no romance *A Confissão da leoa* (2012), do escritor Mia Couto. A obra nos aproxima de uma aldeia tipicamente moçambicana, Kulumani, que sofre uma série de ataques de leões, principalmente sofrido por mulheres. A aldeia é um lugar no romance que retrata situações bem específicas da sociedade moçambicana pós-guerra e que revela as superstições, loucuras e as relações entre a violência doméstica e o seu papel na (des) construção de uma identidade feminina. Através de sua obra, Mia Couto retrata a situação da mulher e a coloca em papel de destaque na narrativa através da personagem Mariamar, porta-voz de toda uma resistência e um silenciamento vivenciado por muitos anos pelas mulheres daquele lugar. Mais do que uma metáfora, a narrativa denuncia grandes aspectos da sociedade moçambicana como o patriarcalismo e, por consequência, o silenciamento da identidade feminina. Para esta análise, utilizaremos os apontamentos da crítica feminista de Pauline Chiziane (2013) e Chimamanda Ngozi Adichie (2017) sobre a condição da mulher.

Palavras-Chave: Identidade Feminina; Patriarcalismo; Literatura Africana; Mia Couto.

6. O DISCURSO FEMINISTA NA PERSONAGEM ERENDIS EM “ALDARION E ERENDIS, A ESPOSA DO MARINHEIRO”, DE J.R.R. TOLKIEN

Débora Furtado Morais (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: O escritor, filólogo e linguista britânico J.R.R. Tolkien é conhecido por sua obra mais famosa, *O Senhor dos Anéis*, lançada originalmente entre os anos de 1954 e 1955 e ambientada na Terra-média, um continente localizado em um Mundo Secundário chamado Arda. Tal presença de um Mundo Secundário, segundo Marques (2015), caracteriza a obra como pertencente ao gênero Fantasia. Tolkien criou diversas outras histórias nesse mesmo mundo ficcional, as quais foram publicadas, em sua maioria, postumamente por seu filho Christopher Tolkien. Em uma dessas obras, *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média*, publicado originalmente em 1980, encontra-se um conto chamado “Aldarion e Erendis, A esposa do marinheiro”, que narra as desavenças entre seus personagens-título, inicialmente apaixonados porém afastados por conta de suas diferenças e orgulho. A narrativa situa-se no reino de Númenor, localizado em uma ilha próxima à Terra-média, e conta a história de Erendis, mulher que se apaixona e contrai matrimônio com o Herdeiro do Rei de Númenor, Aldarion, que é apaixonado pelo mar e passa anos a fio longe de casa navegando,

enquanto ela prefere a terra firme e se sente abandonada e posta de lado. Em seu ressentimento, Erendis cria sua filha longe de qualquer contato com homens e lhe concede uma série de ensinamentos que, neste trabalho, serão analisados a partir de um paralelo com o discurso feminista em conjunto com a jornada da personagem ao longo da narrativa. Para tanto, utilizar-se-á Simone de Beauvoir (2009) no que se refere ao discurso feminista, bem como Todorov (2008) e Marques (2015) no que tange à teoria literária.

Palavras-Chave: Fantasia na Literatura; Mundo Secundário; Feminismo; Terra-média.

7.OBJETO DE PODER: A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NO ANIME KILL LA KILL

Allana da Silva (UFMA)

Naiara Sales Araújo (UFMA)

RESUMO: Desde sempre, homens e mulheres têm seus respectivos papéis delimitados na sociedade, que dita como ambos devem se comportar. Com os avanços da sociedade, várias mudanças surgiram e todos tiveram que se moldar a elas. Assim, aspectos dessa sociedade "evoluída", como a emancipação da mulher, representam reflexos desse câmbio. Entretanto, num corpo social pautado por uma concepção em que o homem é muitas vezes visto como "superior", a mulher deve se esforçar ainda mais na busca pelo seu espaço, provando ser capaz de realizar suas aspirações sem que seja necessário utilizar-se de seus atributos femininos, mas, pelo contrário, utilizar-se de sua inteligência e força. No anime *Kill la Kill* (2013), baseado no mangá homônimo, escrito por Kazuki Nakashima, observamos de forma clara que a objetificação feminina é um ponto bastante presente na narrativa, que conta a história de Ryuko Matoi, uma estudante que vai à Academia Honnouji em busca do assassino de seu pai. Ryuko entra em conflito com Satsuki Kiryuin, presidente do conselho estudantil da Academia Honnouji, império da moda, cuja mãe de Satsuki é a dona. Nessa escola, os alunos usam o "uniforme goku", que lhes dão habilidades sobre-humanas, porque são produzidos com "fibras de vida". O presente trabalho tem como objetivo demarcar a objetificação da mulher em *Kill la Kill*, pontuando, sobretudo, a sexualização extrema da mulher em transformações dos uniformes goku, o que põe em dúvida se a mulher consegue atingir seus objetivos através da perspicácia ou dos seus atributos femininos. Para tal, será usado como principal referência Heleieth Saffioti, a partir das teorias defendidas na obra *Gênero, patriarcado e violência* (2004).

Palavras-Chave: Kill la Kill; Objetificação da mulher; Poder; Anime.

8. PASSAGENS, DE TEOLINDA GERSÃO: EMERGÊNCIAS DO VIVER E DO RECORDAR NO ÂMBITO DA VELHICE

Rosângela Guedêlha da Silva (UFMA)

RESUMO: Este trabalho pretende analisar as configurações do espaço e da memória nas experiências de Ana e Conceição no romance *Passagens* (2014), da autora portuguesa Teolinda Gersão. A obra apresenta a vida humana como uma sucessão de cenas, incluindo a etapa da morte. A perspectiva dramática também aparece em trechos com falas e rubricas que compõem um mosaico de reflexões por meio do fluxo de consciência das personagens, quando do velório de Ana, a matriarca falecida, que, além de conseguir ouvir os pensamentos dos familiares, terá o capítulo "Noite" dedicado à elucidação de histórias de ultrajes e silenciamentos entre seus pais e cujas consequências marcaram sua vida. Ana não falecera junto da família, pois, no intuito de amenizar o desgaste de seus familiares, encenava uma grave deterioração física e cognitiva que induziu sua internação em um lar de idosos, local onde trabalha a cuidadora Conceição no que considera ser um dos piores trabalhos do mundo, mas ao qual se obriga para auxiliar no sustento da família. A análise

focaliza, portanto, a idosa, cliente internada, e a cuidadora, funcionária assalariada, ambas ligadas ao asilo: esses elementos serão cotejados, compondo a expressão de emergências do viver e do recordar no contexto da velhice na existência dessas duas mulheres, mas que, também, muito expressam sobre a condição humana no mundo contemporâneo. Como suporte teórico, tem-se, principalmente, os fundamentos teóricos acerca da perspectiva experiencial do lugar dos geógrafos humanistas Yi-Fu Tuan e Edward Relph, assim como os estudos de Michael Pollak sobre memória, e, ainda, importantes contribuições de Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi no tocante à velhice.

Palavras-Chave: Espaço; Memória; Velhice; Teolinda Gersão.

9. FIGURAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DA MULHER IDOSA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Marcia Regina Schwertner (PUCRS)

RESUMO: Por não se constituir como um retrato histórico ou jornalístico, a literatura amplia perspectivas que trazem para um contexto de visibilidade a memória e o ausente mediados pela linguagem. Essa mediação recrudescer em importância quando pensamos nas figurações da velhice e na forma como um imaginário excludente se reflete no cotidiano espacial vivenciado pelos idosos. Até a primeira metade do século XX, o idoso como personagem ficcional era descrito em tons satirizados ou de uma negatividade mascarada de benevolência, assumindo, no relativo à mulher idosa, uma linha dicotomizada entre vilania e vitimização, a velha bruxa dos contos de fada ou a santa venerada em altares artificiais. Essa dicotomia restritora quebra-se de forma mais significativa a partir da publicação dos contos “A partida do trem”, de Clarice Lispector, e “Senhor Diretor”, de Lygia Fagundes Telles, onde o espaço surge como elemento representativo de transição e redefinição de trajetórias pessoais. Posteriormente, o tema reconfigura-se com os escritos de autoras como Livia Garcia-Roza, Fernanda Torres, Vanessa Barbara e Natália Borges Polesso. Ao falar dos conflitos vivenciados pelas personagens no momento em que são percebidas e se percebem como “velhas”, a ficção garante presença e voz a individualidades heterogêneas, visualiza avanços no relativo ao tema e alerta para preconceitos e estereótipos que ainda percorrem, clara ou subterraneamente, nossas ações diárias. Como base teórica para análise das obras literárias, são utilizados textos de Simone de Beauvoir, Guita Debert, Antonio Fonseca, Joana Guedes, George Minois e Yi-Fu-Tuan.

Palavras-Chave: Brasil; Espaço; Literatura; Velhice.

10. MULHERES: EXPERIÊNCIAS PELO ESPAÇO POÉTICO CECILIANO

José de Mota de Souza (UFMA)

RESUMO: O eu-lírico feminino na obra de Cecília Meireles permite trazer à baila a experiência da mulher com o espaço, no qual é múltipla, buscando a si mesma ou, enfim, sendo cúmplice nele. Nossa análise, baseando-se nessa densa relação da mulher com o espaço, pretende construir um percurso da experiência feminina na poética de Cecília Meireles, no qual estejam inclusos tanto a busca pelo espaço quanto a experiência plena com ele. Valendo-nos da interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural, cujo método está pautado na fenomenologia, objetivamos analisar o espaço não somente no nível puramente literário, mas também sob a perspectiva do mundo vivido, o qual está no cerne da fenomenologia. Permite, portanto, ver o Homem como um ser de fato movido pela experiência. Conforme Tuan (2012; 2013), a experiência está no centro do saber do ser humano, já que, ao ser realizada de maneira ativa, exige o confronto com o desconhecido e, a partir dele, permite a criação de novos conhecimentos. Isso implica a

compreensão do próprio espaço, que é visto como símbolo de liberdade, podendo igualmente ser compreendido como símbolo de acolhimento e de proteção, ou seja, torna-se lugar. Afora Tuan, nossa análise vale-se ainda das reflexões de Dardel (2011) para discutir, com o conceito de geograficidade, como o eu-lírico feminino em Cecília Meireles estabelece, a partir da experiência, uma cumplicidade profunda com o espaço.

Palavras-Chave: Mulher; Espaço; Experiência; Geograficidade.

11. SIMONE DE BEAUVOIR: REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO E DO FEMININO NO “MAL ENTENDIDO EM MOSCOU”

Solange Aparecida de Campos Costa (UFPI)

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar a obra “Mal-entendida em Moscou” de Simone de Beauvoir a partir de dois temas específicos: a noção de tempo e de feminino. O livro narra a história de André e Nicole, dois professores universitários aposentados que sentem o peso da idade e viajam para a União Soviética pela segunda vez na vida. Assim, inicia-se uma série de mal-entendidos relacionados a questões individuais e coletivas: a não comunicação, o envelhecer, o amor de longa data, o papel e a identidade da mulher, as expectativas políticas e a diferença da compreensão de mundo dos protagonistas. Este trabalho pretende tratar desses desencontros apresentados pela obra, principalmente a noção envelhecimento que aparece nos relatos tocantes sobre a vida dos personagens principais. Outra questão importante na obra é o que significa realmente ser mulher, isso demonstra uma inquietação política que cerca o texto e que, na verdade, alinhava todas as diferentes discussões presentes. A questão do feminino não é apenas acessória ou circunstancial a obra, mas o tônus que perpassa toda a escrita. Esse artigo ao tratar da obra literária de Beauvoir, normalmente pouco analisada pela academia, pretende discutir elementos teóricos e filosóficos que demonstram, não apenas a relação da autora com o existencialismo sartriano, mas, sobretudo sua assunção aos princípios existencialistas como exigência da própria vida. Tudo isso culmina numa escrita política, original e autoral de Beauvoir e que, sem dúvida, lançam uma luz sobre a singularidade de nossa existência.

Palavras-Chave: Feminino; Envelhecimento; Simone de Beauvoir; Literatura.

12. “POR VEZES, UMA FIGURA EMERGIA”: NOTAS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES FEMININAS PARA CONQUISTA E IMPOSIÇÃO DE TEXACO, NO SERMÃO DE MARIE-SOPHIE LABOURIEUX

Lívia Maria da Costa Carvalho (UFPE)

Paula Antunes Sales de Melo (UFPE)

Silvana Carvalho da Fonseca (UFPE)

RESUMO: Proponho para esta comunicação uma discussão acerca da narrativa elaborada pela personagem central do romance *Texaco*, Marie-Sophie Labourieux, para alcançar o projeto de conquista e imposição de sua comunidade periférica, Texaco, em Fort-de-France, Martinica. Em seu discurso, *Sermão* conduzido às doses de uma garrafa de rum envelhecido, essa mulher constrói um trançado de memórias através do qual convencerá o urbanista Cristo a não demolir a favela onde habitam suas histórias não contadas pela História. O percurso de minha investigação utiliza como base reflexiva a ideia de memória conduzida pela texto teórico de Maurice Halbwachs. No livro *A memória coletiva*, Halbwachs examina a conceito de memória individual e de memória coletiva, observando que ambas estão ligadas, e que suas construções requerem exercícios através dos quais os fatos e as lembranças de uma são passados para a outra. Neste ponto, a investigação que proponho observa o modo como nossa narradora evoca as memória de seu pai, Esternome, e como

as memórias de Esternome são construídas no tecido de relações vividas com as várias mulheres de sua vida: na narrativa, emergem figuras femininas decisivas, desde sua velha mãe escravizada, passando pelos amores da fase adulta, até a velhice quando acontece a chegada de Marie-Sophie, sua única filha. A palavra de uma velha senhora é capaz de debulhar a memória coletiva do percurso escalado até a emancipação da comunidade em que vive e da qual é a principal referência. Assim como observa Walter (2009), a reapropriação do espaço via memória coloca nossa personagem como sujeito de sua própria história. Minha leitura neste trabalho observa o modo como o discurso de Marie-Sophie se configura em uma relação entre memória, lugar e consciência, mapeando mais de um século de resistência de uma comunidade afrodescendente.

Palavras-Chave: Literatura; Marie-Sophie; *Texaco*.

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA – 01

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Ana Cristina Meneses (UESPI)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista - *In memoriam*

Profa. Ms. Sayonara Bessa (UFC)

1. BERILO NEVES E AS MULHERES: UMA ANÁLISE DO FEMININO NA OBRA A MULHER E O DIABO

Cleane Da Silva de Lima (UFPI)

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI / UFPI)

RESUMO: Na literatura do escritor piauiense Berilo Neves, em especial na sua ficção científica, a mulher representada nos seus escritos, sobretudo, na obra *A mulher e o diabo*, é atrelada aos diversos estereótipos que dão corpo a narrativa, criando os mais distintos narradores e personagens com humor. A abordagem do comportamento social do feminino nos contos transita como fator insolente, bem como a passagem da mulher em tempos futuristas entendida como perigo à humanidade em uma ótica machista relacionada à opinião do social nos contos. Diante desse contexto, busca-se responder à seguinte questão: Porque nos contos da obra os narradores e personagens surpreendentes abordam o feminino como traidoras, traiçoeiras com inferioridade ao homem? Partindo desse questionamento, objetiva-se analisar na obra *A mulher e o diabo* a representação da mulher presa nos estereótipos da ficção no contexto moral, ético e religioso descrita pelos personagens da narrativa. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pelo método hipotético-dedutivo, tendo como suporte teórico Saffiot (1987), Showalter (1994), Perrot (2005) e Bourdieu (2002), Beauvoir (1970), Scott (1992). Observa-se que a linguagem da obra atinge ao público feminino por meio dos conteúdos tratados, como também a relevância da sociedade na ficção descrita nos contos da época através dos costumes ditados por um meio social regido por homens materializados nas narrativas pelos personagens e narradores. Outrossim, a construção dos personagens e do narrador foram contrapontos que mistificaram a ideia de mulher traidora na obra, além da intenção de provocar o feminino por meio dos personagens descritos como vítimas.

Palavras-Chave: Traição; Mulher; Humor; Narradores.

2. VILLANELLE: A (DES)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO EM A PAIXÃO, DE JEANETTE WINTERSON

Natália Lima De Andrade (UFSJ)

RESUMO: Durante muito tempo algumas vozes tiveram pouco, ou nenhum, espaço de expressão no campo da literatura. Ainda que muitos tenham desafiado essa lógica, a busca nem sempre foi por uma aprovação. Buscava-se, mesmo, se impor em pequenos nichos, assumindo o caráter transgressor como bandeira. Todavia, diante dos tímidos avanços da sociedade, a diversidade de interlocutores na literatura tem conquistado espaço. A partir disso, um novo leque de narrativas tem surgido, assumindo caracteres inovadores e reproduzindo novas possibilidades, assimilando minorias que outrora excluiu. Assim, aparecem diversas possibilidades diante dos universos que cria e permite acessar, os quais envolvem as mais variadas emoções, noções e impressões, gerando questionamentos, interesses e curiosidades. Entre esses universos, encontram-se aqueles que têm como pano de fundo e abordam, de forma intrigante, as questões de gênero. O presente trabalho busca justamente refletir como se dá essa abordagem em *A paixão*, de Jeanette Winterson, criação subversiva e atual dos romances tradicionais épicos. Através de uma personagem conflituosa, capaz de assumir várias performances, que não se limita e rompe, assim, com a latente necessidade social de definições coerentes, precisas e definidoras do gênero, conforme aponta Judith Butler. Nesse exercício, busca-se também observar como e com qual perspectiva a questão é abordada na literatura, afinal fazer uma reflexão acerca da personagem Villanelle, a partir das concepções de gênero de Butler, é uma forma de questionar o binarismo das categorias tradicionais da heterossexualidade, desafiando as posições clássicas do patriarcalismo.

Palavras-Chave: Literatura; *A paixão*; Jeanette Winterson.

3. A CARACTERIZAÇÃO SUBMISSA DE DONA EVARISTA NA OBRA MACHADIANA “O ALIENISTA”

Naysa Christine Serra Silva (UFMA)

RESUMO: Sabe-se que a sociedade brasileira, desde os seus primórdios, tem como estrutura hierárquica, o patriarcado. Padrão este que impõe a supremacia masculina, ditando que a mulher é frágil, por isso deve estar submissa ao seu marido, pai, ou irmão. Sendo a escola literária realismo uma busca pela representação do cotidiano da sociedade, esta pesquisa tem como objetivo investigar a caracterização submissa de Dona Evarista na obra machadiana “O Alienista”, através da análise do discurso da personagem Bacamarte, cientista renomado e marido de D. Evarista. Assim, temos como perguntas norteadoras as seguintes: em seu discurso, Bacamarte caracteriza sua esposa como uma igual? Quais características do patriarcado estão presentes na caracterização de D. Evarista? No contexto literário, a submissão feminina é apresentada como uma expressão social a ser resolvida ou como um assunto coadjuvante dentro da obra? Para embasar tais respostas, autores tais como: Yamamoto, Safiotti, Netto e outros serão utilizados como referencial teórico. Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. A pesquisa está em desenvolvimento e os primeiros resultados obtidos foram a constatação de uma imposição de privilégio social entre as personagens de Bacamarte e D. Evarista, pois a ciência é para os pensadores, enquanto para as mulheres está preestabelecida a maternidade como a atividade central.

Palavras-Chave: caracterização submissa; patriarcado; Dona Evarista, literatura machadiana.

4. A ESCRITA FEMININA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XXI: UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS

Lívia Maria Rosa Soares (UFPI)

RESUMO: Há muito tempo se questiona de que forma as influências sociais e históricas de uma época reverberam na obra literária, se tornando um elemento interno. Partindo dessa questão, este trabalho pretende analisar a tessitura narrativa e a representação feminina em três séculos diferentes: século XIX, representada pelo conto “A Caolha” de Júlia Lopes de Almeida, século XX representada pelo conto “Boa noite, Maria” de Lígia Fagundes Telles e o século XXI, a partir do conto “Aos sessenta e quatro” de Cíntia Moscovich. Investigaremos de que maneira as autoras redimensionam a representação de gênero através da criação de protagonistas que ressignificam o patriarcado e propõem novas visões em relação aos estereótipos legitimados ao longo dos anos. Além disso, os contos permitirão visões sobre as mudanças discursivas e identitárias na voz autoral da mulher antes, durante e após os movimentos sociais e culturais que marcaram a busca pela igualdade de gênero ao redor do mundo no início do século XX. Assim, por meio da análise dessas três obras, buscar-se-á verificar os recursos estilísticos composicionais usados pelas três escritoras e de que forma favorecem a percepção de uma voz social que se posiciona sobre temas ligados à modernidade, já que a literatura reproduz, enquanto arte, o tecido social. Assim, essas três narrativas ajudarão a perceber em que medida a voz feminina é representada e como representa os papéis sociais e permitem investigações acerca da identidade de gênero através dos tempos. Como fundamentação teórica serão apresentadas as contribuições de Zinani (2006), Duarte (2005), Lemaire (1994), Holanda (2003), Hall (2009) entre outros.

Palavras-Chave: Identidade; Representação; Voz autoral.

5. A MULHER AS CARTAS E A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM MACHADO DE ASSIS

Carlos Gildemar Pontes (UFCG)

RESUMO: *A cartomante*, de Machado de Assis, inserido no contexto do final do século 19, oferece algumas pistas do comportamento da sociedade da época e da visão de um Machado (narrador) sobre esta sociedade. O conto traz no nível da linguagem elementos que se interligam a outros contos e até mesmo a outros romances do autor. A *ironia*, a *ambigüidade*, a *redundância* e o *paradoxo* são recorrentes enquanto figuras no texto, funcionando como um processo sistemático na composição da linguagem machadiana. O mundo ficcional de Machado está repleto de personagens infelizes, solitárias, usurpadas pela sorte. N’*A cartomante*, Machado explora o conflito interior das personagens no confronto de umas com as outras. Um caso “comum” de adultério visto pela ótica de hoje, transformado numa tragédia. A relação de gênero que se estabelece na narrativa revela dois tipos de mulher e suas atribuições na sociedade patriarcal. Machado aproveita o clima de enigma e mistério que envolve a expressão hamletiana e introduz as personagens neste mesmo clima. A partir destas considerações iniciais, faremos um levantamento do contexto histórico em que foi escrito o conto. E Machado esteve atento às transformações político-culturais por que passou o Brasil da segunda metade do século 19 em diante, de modo a interpretar os fatos históricos e a sociedade finissecular por intermédio de suas narrativas.

Palavras-Chave: História; Cartomante; Conto; Sociedade; Gênero.

6. A PERSONAGEM LORENA “AS MENINAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES E RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER

Maria Vilani de Sousa (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

RESUMO: Partindo da premissa que as mulheres sempre foram silenciadas historiograficamente, o movimento feminista, tem proporcionado a essas mulheres o rompimento desse silêncio, e deu

visibilidade para as lutas e ao protagonismo feminino, muito embora estas ainda lutem. Com isso, vê-se que as lutas feministas têm dado um destaque para essas histórias serem menos cerciadas pelo pensamento androcêntrico. Através do romance brasileiro “As meninas” escrito por Lygia Fagundes Telles, ambientado em uma ditadura militar, pode ser tido como um exemplo de resistência. A personagem Lorena, platônicamente apaixonada por um homem comprometido, vê-se obrigada a se silenciar, ao passo de que transforma, sua própria vida ao redor do desejo em possui-lo. Nesse sentido, este artigo almeja analisar como as relações de gênero interferem diretamente no silenciamento feminino, tendo como aporte teórico autores como Tedeschi (2012), Butler (2003) e Bourdieu (2002).

Palavras-Chave: Literatura; As Meninas; Lygia Fagundes.

7. A RELAÇÃO DE GÊNERO E PODER DA MULHER NEGRA NO CONTO TAPETE VOADOR DE CRISTIANE SOBRAL

Márcia Rios da Costa (UNEB)

RESUMO: O presente artigo visa apresentar a relação de gênero e poder da mulher negra contemporânea através da personagem Bárbara no conto Tapete voador de Cristiane Sobral, bem como a discriminação racial imposta por um negro cujo desejo de branqueamento manifesta-se diante das ações do personagem. Além disso, objetiva ressaltar a importância da mulher no contexto social, principalmente no mercado de trabalho e na vida profissional, concepção ainda vista com muito preconceito imposta por uma sociedade patriarcal, além da escrita feminina afrodescendente, com ênfase em Cristiane Sobral (2016). Desse modo, a relação de gênero e poder da mulher negra afrodescendente fundamenta-se, principalmente, nos pressupostos teóricos de Scott (1989) sobre gênero, Bourdieu (2010), relação de poder, o homem enquanto ser dominante, e Zolin (2005) e Evaristo (2005), escrita feminina afrodescendente, cujos teóricos contribuem para o fortalecimento da identidade feminina diante da marginalização social. Então, em busca de uma literatura destinada à autoafirmação da conscientização de Negritude e poder, que Cristiane Sobral, através de um discurso simples, apresenta a personagem Bárbara, que soube enfrentar e superar com dignidade, a discriminação racial e cultural imposta por um afrodescendente.

Palavras-Chave: Gênero; Poder; Preconceito; Escrita feminina afrodescendente.

8. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR E LYA LUFT: IDENTIDADES SILENCIADAS

Maria Edileuza da Costa (UERN)

RESUMO: A prosa e a poesia disseminada na literatura brasileira por escritores contemporâneos possuem sua gênese nos ideais modernistas e firmam-se no cenário literário através de conquistas, principalmente das classes outrora silenciadas, de espaços e representação da mulher, do pobre, do negro e do emergir de identidades antes silenciadas. Com suas características e peculiaridades próprias, a literatura contemporânea se constitui num processo de democratização da literatura brasileira, como um espaço contestado e constantemente (re)inventado seja em formas, estilos, espaços ou representatividade social. Percebe-se também como um âmbito de disputas de poder e de luta por identidade. A nossa proposta tem como objetivo conduzir uma discussão acerca da representação das mulheres na literatura de Clarice Lispector e Lya Luft a partir de alguns personagens femininos nas obras das autoras. Neste contexto, (a)abordaremos teorias sobre gêneros, identidade e patriarcalismo. Stuart Hall (2006); Ribeiro (1996); Bourdieu (2005), entre outros.

Palavras-Chave: Personagem feminino; Identidade; Lya Luft; Clarice Lispector.

9. A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO *LAS MEDIAS ROJAS* DE EMILIA PARDO BAZÁN

Naira Suzane Soares Almeida (UFPI)

Vanessa de Carvalho Santos (UFPI)

Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI / UFPI)

RESUMO: O conto *Las medias rojas*, de Emilia Pardo Bazán, se caracteriza como realista-naturalista e é marcado por temas como: a violência doméstica, a violência contra a mulher, o caráter determinista do destino das mulheres, a pobreza, o desamparo nos campos, a injustiça social e a ausência de um futuro da juventude. A narrativa situa-se na região afastada La Coruña, em Galícia, na Espanha. Ildara, a protagonista, é uma adolescente de quinze anos, sem educação e que está à busca de novos horizontes, mas que tem seus sonhos brutalmente roubados pelo tio Clodio. O velho concentra na moça a salvação para sua velhice, pois já não tem forças para o trabalho pesado. Logo, este trabalho tem por objetivo analisar a concretização da violência de gênero na literatura espanhola de Pardo Bazán no conto mencionado. Tendo como questões norteadoras: como a trama é apresentada através das personagens da narração no conto mediante ao ambiente rural de desolação e miséria. De que forma a jovem camponesa se depara com a violência doméstica no seio da família. Como a ginocrítica ajuda a entender o papel da escrita feminina. Para alcançar o objetivo traçado, temos contribuições teóricas dos estudos de Beauvoir (2016), Chauí (1984), Saffioti (2004), Machado (2006) e Spivak (1998). A presente pesquisa é de tipo exploratória e de cunho qualitativa, em que se interpretou o texto literário através dos pressupostos dos estudos feministas e dos sociológicos. Conclui-se que através dos fragmentos presentes no conto que as formas de violência sofridas pelas mulheres nesta sociedade patriarcalista passam de geração a geração.

Palavras-Chave: Violência de gênero; *Las medias rojas*; Emilia Pardo Bazán.

10. ADÍLIA LOPES E AS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: DE MARIANA ÀS MARIAS

Cléuma de Carvalho Magalhães (FURG-RS)

RESUMO: Este artigo reflete sobre a relação entre a poesia de Adília Lopes (pseudônimo de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira) e as *Novas Cartas Portuguesas*, tomando-as como tentativas de construção de uma nova identidade feminina que se apodera da palavra e busca fugir aos estereótipos tradicionais da feminilidade. As obras em questão são analisadas a partir do diálogo que estabelecem com a mítica figura de Mariana Alcoforado, suposta autora das *Cartas Portuguesas*, originariamente publicadas em 1669. É em seu caráter transgressor que Mariana inspira as *Novas Cartas Portuguesas*, escrita pelas “três Marias”: Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, dadas à luz em 1972. Nessa obra, as autoras fazem-se portavoz da mulher, mostrando um caminho para a atuação do ser feminino como sujeito de si mesmo, de sua própria voz, de seu corpo, de sua sexualidade, enfim, de sua história. Herdeira do espírito combativo das “três Marias”, Adília Lopes/Maria José estabelece também uma relação direta com a figura de Mariana Alcoforado, especialmente nas obras *A pão e água de colônia* (1987), *O Marquês de Chamilly* (1987) e *O regresso do Marquês de Chamilly* (2000). Adília Lopes retoma a figura de Mariana, moderniza-a, subverte-a até, transforma-a numa personagem de seus textos. De modo bem particular, a poetisa também dá voz a um sujeito feminino que questiona sua condição de mulher. Ela põe em cheque a história única contada pelo ser masculino ao lançar luz sobre a história lida e escrita por mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Adília Lopes; *Novas Cartas Portuguesas*; Mariana Alcoforado; Identidade feminina.

11. RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CLODOALDO FREITAS

Fabiana dos Santos Sousa (UESPI)

RESUMO: Observa-se, no Brasil, a presença da violência cada vez mais forte no cotidiano dos brasileiros, o que acarreta em incontáveis mortes destes. Tal violência se manifesta de inúmeras maneiras, dentre elas destaca-se a violência de gênero, herança do patriarcalismo presente na sociedade do século XIX e na atual, que se mostra intensa. Nesse intuito, o presente trabalho objetiva discutir sobre a violência praticada contra as mulheres brasileiras, a partir da obra *Coisas da vida* e dos contos *Os Barretos* e *A besta humana*, de Clodoaldo Freitas, em especial no século XIX, mas fazendo uma relação com a atualidade. A fundamentação do trabalho será baseada em autores como Pierre Bourdieu (2009), que nos ajudará com seu estudo sobre a distribuição de poderes sociais, Michel Foucault (1988), com seu estudo referente às manifestações do poder, entre outros.

Palavras-Chave: Relações de gênero; Violência. Mulher; Sociedade do século XIX.

12. A VOZ E O CORPO. O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA: AS MULHERES DE TRAVERSÉE DE LA MANGROVE, DE MARYSE CONDÉ

Jéssica Andrade de Lara (UFPA)

RESUMO: Para representar as idiossincrasias existentes no contexto antilhano, Maryse Condé utiliza ferramentas estéticas que dão ritmo único ao seu romance *Traverseé de la Mangrove*. No qual as mulheres são aquelas que falam em primeira pessoa, sem intermediários. A escolha da autora vai além dos códigos discursivos, é um ato político de acusação a estrutura machista da ilha de Guadalupe. Silenciadas no convívio social, presas em seus lares, as personagens são introspectivas, e portam uma interioridade sensível ao relatarem sua vivência e seu meio. Observa-se também a forte importância da relação, de forma passiva ou ativa, das personagens com seus corpos. Usurpadas de papéis sociais decisivos, lhe restam seus pensamentos e sua própria carne. Tendo ela, por vezes, marcada como objeto subjugado aos preceitos patriarcais de submissão e culpa, como também buscando seu próprio prazer ou se sacrificando no caráter de resistência às opressões vividas. Ao se olhar mais atentamente, é possível identificar as camadas de silenciamento impostas às personagens, tendo somados fatores de preconceito como a raça e o gênero, além da posição de colonizados, infligida a todos os habitantes de Guadalupe. Ao retratar essas camadas de opressão, é possível aproximar o texto literário de Condé com escritos de Franz Fanon e Gayatri Chakravorty Spivak, que compartilham a visão do subalterno e as consequências desse silenciamento. A obra de Maryse Condé faz ecoar corajosamente o que é silenciado e ignorado.

Palavras-Chave: Maryse Condé; Personagem feminina; Literatura caribenha; Voz narrativa.

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA – 02

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista - *In memoriam*

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa (UERN)

Prafa. Ms. Sayonara Bessa (UFC)

1. ÁGUA, SANGUE, LÁGRIMAS E ANCESTRALIDADE: AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO E RAÇA NOS POEMAS A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E VÁRIOS DESEJOS DE UM RIO, DE ESMERALDA RIBEIRO

Juliana De Andrade Marreiros (UFPI)

RESUMO: O presente trabalho, desenvolvido no seio das discussões realizadas no grupo de pesquisa “Teseu, o Labirinto e seu nome”, em sede de Iniciação Científica Voluntária (UFPI), sob orientação do professor Dr. Alcione Correa Alves, se propõe a tecer uma análise comparativa entre os poemas *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, de Conceição Evaristo e *Vários desejos de um Rio*, de Esmeralda Ribeiro, com vistas a compreender a ancestralidade enquanto base de construções identitárias negras brasileiras. Como resultado esperado desta análise, verifica-se uma estrita relação entre ancestralidade e as construções poéticas simbolizadas pelas lágrimas, sangue e água, operadas ao longo dos poemas sob exame como veículos de manifestações ancestrais, relação esta concebida como tema de interseccionalidade de gênero e raça. Para tanto, este trabalho se vale de pesquisa bibliográfica acerca da Literatura negra brasileira e do lugar de enunciação como chave de leitura desta Literatura, bem como da análise de elementos intratextuais dos objetos sob estudo. Nesse sentido, encontramos amparo teórico em Luiz Henrique Oliveira (2009), Maria Nazareth Fonseca (2006), Édouard Glissant (2005) e Gayatri Spivack (2010).

Palavras-Chave: Ancestralidade; Construções Identitárias; Interseccionalidade; Poesia Feminina Negra Brasileira Contemporânea.

2. AS FACES DO FEMINISMO NEGRO NA ESCRITA DA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Sanmanth do Nascimento Araújo (UFPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

RESUMO: Esse trabalho tem como foco uma breve análise dos três romances escritos até então pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, *Hibisco roxo*, *Meio Sol Amarelo* e *Americanah*, procurando observar como o gênero é figurado no texto e como o feminismo negro é abordado pelas ações das personagens. Fazendo uso de trabalhos de intelectuais negras como bell hooks, Ogundipe-Leslie, Angela Davis, Ogunyemi etc, procuraremos observar a voz das mulheres negras dentro das narrativas citadas. Esses romances possibilitam trazer à tona diversas discussões a cerca do tema da ancestralidade, do sujeito colonizado, da negritude e do papel da mulher na sociedade africana. Assim, buscaremos mostrar a complexidade das personagens sob a ótica do feminismo negro, tendo como objetivo principal apresentar de que forma as personagens femininas do romance não podem ser reduzidas a estereótipos tão presentes na literatura ocidental por bastante tempo. A problemática do racismo e da exclusão utilizadas por feministas brancas por tanto tempo obrigou que as mulheres negras resignificassem o movimento e construíssem respostas e formas de lutas mais adequadas à realidade e a opressão diferenciada que as mesmas sofriam.

Palavras-Chave: Feminismo; Feminismo Negro; Chimamanda Ngozi Adichie.

3. ENTRE A ESTIAGEM E O BROTAR PATRIARCA: UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA EM “O QUINZE”

Irio José do Nascimento Germano Júnior (UERN)

Leandro Lopes Soares (UERN)

Maria Edileuza da Costa (UERN)

RESUMO: O presente trabalho objetiva investigar grande parcela das personagens femininas com tento na configuração de suas identidades no romance “O Quinze”, de Rachel de Queiroz. Far-se-á para explanação da obra, captar o processo da construção de suas identidades com base nas discussões de gênero e dos arquétipos constituídos pelo crivo social no que concerne aos padrões pré-estabelecidos. A trama decorre de querelas sociais que enlaçam o encadeamento semântico do texto. O qual nos possibilita refletir a respeito dos comportamentos apresentados pelas personagens em seu gênero (masculino/feminino) e captados/revelados pelo enredo literário. Conceição apresenta ações que abarcam uma mentalidade que toma forma insólita de um gênero primordialmente “ordenado” ou “preso” a figura do homem ou as estipuladas convenções masculinas. Passa a desviar-se da ótica usual de mulher passiva e resignada ao ambiente autocrata e conservador masculino. Mediante uma pesquisa bibliográfica, parte-se desta obra, bem como a utilização de aportes teóricos de Casagrande (2011), Jung (2000), Bauman (2005) e entre outros. Para validação do exposto, é necessário residir informações contextualizadas a partir das ações da personagem. Este estudo é um convite para conhecer grande parte das figuras femininas de “O quinze” a partir da ótica Racheliana.

Palavras-Chave: Gênero; Arquétipo; Literatura; Feminino.

4. ESCRITAS IMORTAIS: PARTICIPAÇÃO FEMININA EM PERIÓDICOS DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Gislane Cristiane Machado Tôrres (UFGO)

RESUMO: O texto pretende refletir sobre a participação feminina na Academia Piauiense de Letras, agremiação cultural fundada em Teresina em fins de 1917. Composta inicialmente por homens, ao longo dos anos a instituição passou a acolher entre seus patronos e sócios efetivos, mulheres atuantes no mundo das letras (poetas, contistas, romancistas, bacharelas, professoras universitárias, etc). Esse texto tem como objetivo refletir, a partir de duas publicações do sodalício, a saber, *Revista da Academia Piauiense de Letras* e *Boletim Notícias Acadêmicas* como se efetiva a participação das imortais no cotidiano da instituição. Tais fontes são analisadas a partir das reflexões de Michel Foucault sobre o discurso e as relações de poder existentes no meio social posto que estas caracterizam-se por serem divulgadoras do cotidiano da instituição seja em torno de suas ações culturais, seja divulgando a produção intelectual de seus membros. Ao serem considerados também como lugares de construção e disputas de memórias, esses escritos nos ajudam a refletir sobre a identidade das acadêmicas imortais. Metodologicamente as reflexões em torno da memória, da identidade e dos usos políticos do passado formuladas por autores como Pierre Nora, Michel Pollak e Jacy Seixas associadas ao processo de catalogação e análise temática da participação feminina nesses escritos nos permitem identificar como esses textos e essa instituição encontra-se marcada por tensões, negociações, apoios e silenciamentos em torno da construção de uma memória da participação feminina na cultura escrita e/ou literária do Piauí.

Palavras-Chave: Escrita; Memória; Periódicos; Academia Piauiense de Letras.

5. IMAGENS DE MULHER NA FICÇÃO DE MÁRCIA DENSER

Solange da Luz Rodrigues (UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de gênero na obra *Toda Prosa II* a partir da crítica feminista. A obra trata-se de uma coletânea de contos de Márcia Denser (São Paulo, 1954), escritora e jornalista que tem publicado desde 1977, no Brasil e no Exterior. Ela já foi traduzida para dez línguas e teve dois contos inclusos na antologia *Os 100 Melhores Contos*

Brasileiros do Século XX, os quais foram “O Vampiro da Alameda Casabranca” e “Hell’s Angels” de organização de Ítalo Moriconi (Rio, Objetiva, 2000). Essa escritora domina a liberação de seu discurso e usa-o como elemento basilar para que se discuta e se reflita sobre os paradigmas patriarcais comumente usados para explicar o mundo. As protagonistas de seus contos comumente são mulheres da classe média, cuja sexualidade é reivindicada e posta como um direito, além de constituir uma apropriação afirmativa e igualitária nas relações homem/mulher. Márcia Denser possui uma escrita ácida, irônica e contestadora e recebeu de Caio Fernando Abreu o epíteto de “musa dark da literatura brasileira”. Sua escrita é transgressora, pois discute os tabus impostos ao corpo da mulher, tão subjugado e circunscrito propondo um novo eu feminino. A reflexão aqui proposta enfoca as peculiaridades de gênero que marcam a mulher a partir do discurso e da subjetividade, tais como os estudos de Elodia Xavier, Simone de Beauvoir e outras.

Palavras-Chave: Márcia Denser; Mulher; Escrita; *Toda Prosa*

6. LITERATURA E GÊNERO: A FIGURA FEMININA NAS OBRAS LITERÁRIAS

Waléria Guimarães de Sousa (UESPI)

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo, analisar como a figura feminina é representada nas obras literárias. Prevalendo no presente estudo a obra de José de Alencar, *Lucíola*. Épocas em que a palavra gênero, feminismo e empoderamento não existiam. Nessas obras já pode se observar a força, o impacto que essas mulheres causam por serem obras escritas em uma época em que a mulher não podia se sujeitar a tal papel, seja, na escrita, na fala ou ao menos ter peito de se expressar. Á vista disso, relacionar a questão de gênero como uma relação de poder, visto que é perceptível a diferença dada ao homem e a mulher na sociedade em que ambos vivem, tanto que em pleno século XXI seja o século que ainda estar por se ascender, o poder, o lugar da mulher na sociedade.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; *Lucíola*.

7. MARIA FIRMINA DOS REIS: O LUGAR DA AUTOBIOGRAFIA MATERNA E DA CONDIÇÃO FEMININA EM CANTOS À BEIRA MAR

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UNB)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

RESUMO: A Contemporaneidade traz para o seio social novas discussões através do texto literário, sob a ótica de novas categorias de análise como Autoficção, Autobiografia, Autoria Feminina entre outras. Neste contexto, a literatura atua como inserção de novas temáticas, cuja voz é intimista e memorialista, possibilitando aos leitores um debruçar-se sobre ‘novos’ temas, como o sentimento uterino ou materno, o protagonismo e a condição feminina, temas esses recorrentes e que integram os textos firminianos, especificamente *Cantos à beira-mar*, obra póstuma da escritora Maria Firmina dos Reis. Nesse sentido, o presente trabalho pretende evidenciar o lugar da autobiografia materna da escritora, bem como a condição feminina no *corpus* elencado. Assim, esta pesquisa classifica-se, segundo sua finalidade, como teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como *corpus* de análise a obra *Cantos à beira-mar* (2017). O aporte teórico constitui-se das discussões de Figueiredo (2013) e Lejeune (2008), Santos & Wielewick (2005), Pollak (1992), Halbwachs (2006) entre outros. Intenta-se que as discussões proporcione uma compreensão sobre o lirismo materno na tessitura literária firminiana, apresentando suas especificidades e corporificando o viés autobiográfico da escritora.

Palavras-Chave: Autobiografia Materna; Memória; Maria Firmina dos Reis; Cantos à beira-mar.

8. MEMÓRIAS COMPARTILHADAS POR MULHERES MARGINALIZADAS EM GAYL JONES E JULIA ALVAREZ

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira (UFLA – MG)

RESUMO: Como o Simpósio Temático “Relações entre Gênero e Literatura” propõe discussões sobre como a literatura trata e retrata a realidade, o meu trabalho pode ser inserido nesse contexto por apresentar textos escritos por mulheres nos quais suas personagens marginalizadas questionam o *status quo*. Escolhi, para abordar essas questões, os romances *Corregidora* (1975) de Gayl Jones e *How the García Girls Lost Their Accents* (1991) de Julia Alvarez. Enquanto as personagens femininas de Jones vivem no Brasil ou nos Estados Unidos, as de Alvarez migram da República Dominicana para os Estados Unidos. Em *Corregidora*, a escritora documenta nos corpos de muitas gerações de mulheres o abuso da escravidão e do incesto. Ursa *Corregidora* é o último membro dessa linhagem de mulheres negras, ela não pode deixar morrer a história de todas essas mulheres, mas não pode passar para futuras gerações como as anteriores fizeram. Em *How the García Girls Lost Their Accents*, a autora mostra como quatro corpos femininos vivenciam suas duas culturas e enfrentam os preconceitos. Ao longo da narrativa, contada em *flashback*, observamos o crescimento de quatro irmãs até a idade adulta. As irmãs também compartilham experiências que as marcaram para sempre. Portanto, tanto o romance de Jones como o de Alvarez está pautado em memórias compartilhadas e no reconhecimento de como o passado molda o presente das personagens como forma de questionar o *status quo*.

Palavras-Chave: Memória; *Status quo*; Mulheres.

9. “TEATRO, LO TUYO ES PURO TEATRO”: A POLÍTICA DO ARTIFÍCIO EM SIRENA SELENA, DE MAYRA SANTOS-FEBRES

Felipe Vieira Valentim (UERJ)

RESUMO: Esta comunicação apresenta reflexões baseadas no romance *Sirena Selena*, da escritora porto-riquenha Mayra Santos-Febres, publicado em 2000. Tem-se por objetivo esboçar uma política do artifício na construção da *Drag Queen* e também, como aponta Marvin Carlson (2010), destacar a identidade como marca da resistência. A narrativa de Febres é centrada no encontro de um jovem gay, que se prostitui por sobrevivência, com uma velha *Drag*, que se dedica a ensiná-lo as peculiaridades da prática de “montar-se”. Portanto, a pesquisa aqui apresentada investe nesta potência artística que cerca a imagem *Drag*, lendo-a como o efeito de uma hiper-realidade. Tomamos as leituras de Josefina Ludmer (2010) e de Florencia Garramuño (2012) sobre as porosidades e atravessamentos que cercam as noções de real e de ficção para investigar a força crítica da artificialidade presente em uma realidade que, por si só, é pura representação. Da mesma forma, recorreremos ao pensamento de Judith Butler (2001) e de Beatriz Preciado (2011) para analisar as formas de se expor o corpo no espaço, sendo esse um corpo que pesa e que convoca multidões-outras. Nossa conclusão retoma a noção de resistência como um movimento constante e marcado por fatores políticos, que deslocam e negociam significados atribuídos ao corpo pelas marcas sociais.

Palavras-Chave: *Drag Queen*; Corpo; Identidade; Política do artifício.

10. AS CARTAS DE FLORBELA ESPANCA COMO PREFÁCIO E COMO MÉTODO DO FAZER POÉTICO

Iracema Goor Gamarano (PUC – SP)

RESUMO: O trabalho se pauta em uma análise entre algumas cartas de Florbela Espanca endereçadas a amiga Júlia Alves e alguns trechos de mais duas cartas endereçadas aos amigos Guido Batelli e José Emídio. Nessas cartas percebe-se como existe na poeta uma grande preocupação quanto a confecção e a distribuição de sua obra, além de esperar que o leitor saiba com que perfeição desenvolve e trabalha seus versos. Em algumas dessas cartas, existe um claro clamor em separar a mulher dona de casa e a mulher que se propõe a estar no meio dos livros e da sociedade, ou seja, para Florbela, existe algumas opções para a mulher em outras atividades, que não seja, apenas cuidar do lar. A poeta é bastante contundente, quando se trata de defender a arte de escrever. Exalta o trabalho de fazer versos perfeitos, o que demonstra como é uma figura feminina contemporânea e questionadora que não se conforma com o *status quo*, vivendo em constante crise, entre uma sociedade conservadora e seu espírito livre, um dos fatores fundamentais que marcam a modernidade.

Palavras-Chave: Florbela Espanca; Prefácio; Carta; Literatura Portuguesa.

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES LIVRES – 01

Coordenador(es):

Prof. Ms. Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI - FURGS)

Prof. Ms. Olívia Candeia Lima Rocha (UNICAMP)

1. A PERSONAGEM FEMININA NA OBRA DE LYA LUFT: UMA ANÁLISE DO CONTO “O PERDÃO”

Asussena Noleto de Santana (UEMA)

Marcos Antônio Fernandes dos Santos (UEMA)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a escrita como representação feminina no conto “O perdão”, de Lya Luft, publicado no livro *O silêncio dos amantes*, (2011). Nesta análise, levou-se em conta o caráter singular da mulher na literatura luftiana e os conflitos em torno da personagem feminina. No conto é possível perceber a quebra de expectativa da personagem feminina na idealização de uma vida feliz no casamento, restando o forte desejo de se libertar do controle social exercido pela família e sociedade. Alguns dos teóricos utilizados foram Mary Del Priore (1997), BAUMAN (2005) e BUTLER (2010). É preciso valorizar a escrita feminina como instrumento de superação da supremacia masculina na literatura.

Palavras-Chave: Literatura; Escrita Feminina; Representação; Lya Luft.

2. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO A JANELA

Teresa Cristina de Oliveira Porto (UEMA)

RESUMO: Nos últimos anos, o interesse pela realidade histórica e representacional feitas do feminino mobilizou especialistas de diferentes domínios de conhecimento e produziram na literatura diferentes abordagens, saindo do tradicional que se contentava com o retrato de algumas mulheres notáveis. Com isso, este trabalho tem como objetivo analisar a representação da mulher no conto *A Janela*, de Lygia Fagundes Telles, a partir da perspectiva da personagem, visualizando como ela é construída na narrativa. Investiga-se como a mulher que protagoniza a história é representada e de que maneira o meio em que ela está inserida e os valores sociais influenciam em seus relacionamentos. Portanto, essa pesquisa terá como suporte teórico a crítica feminista e a análise textual de teóricas como Butler (2003) e Beauvoir (1980).

Palavras-Chave: Representação da mulher; *A Janela*; Crítica feminista; Identidade de gênero.

3. EDUCAÇÃO POPULAR, FEMINISMOS E PEDAGOGIAS INSUBMISSAS

Ana Célia de Sousa Santos (UESPI/UFPE)

RESUMO: Neste texto refletiremos como a crítica feminista pós-colonial e a Educação Popular podem contribuir para nos tornamos “mulheres” e “homens” descolonizados/as. Resultado de pesquisa bibliográfico, este estudo teve como apostes teóricos Santos (1989, 2008, 2009, 2010, 2017), Quijano (2009), Lugones (2014), Cunha (2011, 2014, 2017), Oyèwúme (2000, 2004), Azevedo (2010), Freire (1979, 1997, 1999, 2000, 2005), dentre outros/as. Fundamenta-se nas Teorias Feministas Pós-coloniais e Descoloniais, nas quais denuncia o modo de pensar colonial e universalizante que produziu diferenças geopolítica, de gênero, racial e de classe, anunciando a possibilidade de que outro mundo é possível a partir da valorização e do respeito aos diferentes sujeitos, conhecimentos e práticas sociais existentes em diferentes contextos. Nessa perspectiva, perguntamos: como a Educação Popular, como prática política, como fundamento teórico e metodológico, situada na crítica feminista pós-colonial, pode contribuir para desconstruir e refazer os aparelhos de conhecimento e de poder que dominam o mundo, contribuindo para nos tornamos mulheres e homens descolonizados/as? A Educação Popular (EP), nesse caso, traz contribuições para a consolidação do processo de descolonização e emancipação de “mulheres” e “homens”, constituindo-se não só num referencial político-metodológico, mais principalmente num modo de ser, sentir e agir, que até pouco tempo orientava apenas os trabalhos das organizações populares e dos profissionais da educação comprometidos com a transformação das relações sociais. Colabora, ainda, para a construção de estratégias gerais de intervenção e para a instrumentalização didático-pedagógica necessária ao processo de reaprendizagem de novos saberes, conhecimentos e práticas.

Palavras-Chave: Educação Popular; Feminismos; Descolonização; Estudos Feministas.

4. O DIÁLOGO ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DAS PRODUÇÕES

Brenda Mouzinho de Paula (UESPI)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

RESUMO: Apesar de isoladas participações femininas na literatura dos séculos XVIII e XIX, é após a década de 1970, no contexto do feminismo, que a mulher consegue obter seu espaço na sociedade, principalmente no cenário da literatura brasileira, havendo um notável crescimento no número de mulheres na lista de escritores consagrados do século XX. Entre os principais nomes estão: Raquel de Queiroz e Cecília Meireles, no entanto, é com Clarice Lispector que se inicia um costume literário feminino no Brasil, tornando-se influência para as gerações seguintes. O presente pretende historiar a crítica de autoria feminina, desde os seus primeiros passos na escrita até sua conquista ao cânone. O trabalho metodologicamente se divide em dois momentos, a saber: no

primeiro faremos um estudo teórico acerca da Crítica de autoria feminina e no segundo trazemos as principais escritoras e informações sobre as suas produções no cenário brasileiro. Para a fundamentação teórica será utilizado, Teixeira (2008), Gotlib (1990), Santos (1994), entre outros. Pretendemos, neste estudo, articular a construção do cânone feminino e a revisão que a autoria feminina ocasiona, como o processo de socialização da mulher enquanto escritora e que se propõe a dialogar com a tradição literária.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária; Cânone; Autoria Feminina; História.

5. O EU SAGRADO E O EU PROFANO NA PROSTITUTA LÚCIA DE LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR

Gil Derlan Silva Almeida (IFMA)

RESUMO: O trabalho procura elucidar questões e refletir acerca da representação da figura da prostituta enquanto personagem presente e de extrema importância em diversas obras da literatura brasileira. É sabido que esta compõe o enredo de inúmeras obras clássicas e contemporâneas da literatura universal, e no tocante a Brasil, tal figura permeia diversos momentos da nossa literatura desde o clássico até os dias de hoje. No entanto, é fato que a meretriz, como chamada em outrora, sempre ocupou espaço permeado de preconceito e negatividade em seu trajeto. Vista por grande parte da população como símbolo de pecado e afronta aos costumes conservadores da sociedade, o estudo em questão objetiva desmistificar conceitos e quebrar antigos tabus sobre o papel dessa personagem dentro de sua respectiva narrativa. É analisada aqui, Lúcia, de Lucíola, obra romântica do expoente José de Alencar. São apresentadas características psicológicas, o entorno social da época e condições que colocaram tal figura nesse meio. Bem como, a visão subjugada e preconceituosa de uma sociedade que marginalizou tal profissão. Analisa-se também, em conjunto com os estudos de Nancy Qualls- Corbett como essa consegue representar tantos significados e valores dentro de si, sendo por vezes representações do profano, mas em outras do sagrado. Os símbolos que carrega consigo, e suas imagens enquanto concubina e mulher sonhadora são exemplos de características atribuídas à personagem. Procura-se, então, romper estigmas e colocar a mesma em uma posição de poder, como importante figura na obra e percussora do empoderamento feminino e representante da luta feminista.

Palavras-Chave: Prostituta; Feminismo; Literatura; Sociedade.

6. A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO CONTO 'LAGUNA', DE MIGUEL DEL CASTILLO

Maria Clara de Sousa Cardoso (PIBIC/UESPI)

Fabricao Flores Fernandes (UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Laguna”, de Miguel Del Castillo, presente na coletânea *Restinga* (2015), cujos textos giram em torno de aspectos relativos às relações humanas. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa na qual o protagonista procura compreender, já com certa distância no tempo, o comportamento de uma mulher com quem conviveu por alguns dias numa casa vazia à beira-mar no Uruguai. O conto trata, ao mesmo tempo, de paixão e deslocamento, da fragilidade dos encontros humanos e das incertezas da memória. Ao analisar o passado, o narrador escreve com melancolia, refletindo sobre o acaso e sobre as perdas irremediáveis. A abordagem que se propõe leva em conta o extenso estudo a respeito da literatura memorialística e sua relação com a construção da identidade, enfatizando-se suas variações conceituais. A literatura contemporânea tem abordado temas atuais, representativos das agruras cotidianas, como, na obra em questão, a relação entre o discurso sobre o passado e a compreensão do presente, assim abrindo embates para considerações sobre os limites da representação. Segundo IZQUIERDO (2002), somos aquilo que recordamos, o acervo de nossas memórias nos torna quem

somos hoje. É com base em obras acerca do tema que este trabalho faz indagações sobre técnicas de representação da memória e sua implicação na constituição das personagens.

Palavras-Chaves: Memória; Representação; Literatura Contemporânea.

7. MULHERES NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E LUÍSA DE O PRIMO BASÍLIO

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University)

RESUMO: Trata-se de uma reflexão sobre a representação da mulher e sua situação num cenário de mudança social a partir das obras de O Primo Basílio, de Eça de queiros e os contos A cartomante, Missa do Galo e Cinco Mulheres de Machado de Assis. Machado de Assis no seu diálogo com Eça de Queirós sobre a configuração de Luísa em O Primo Basílio demonstrou certa preocupação com a representação da mulher como um ser passivo, uma representação que contradizia com a realidade da mulher brasileira no século XIX. Nos seus contos, Machado representa mulheres ativas no enredo desses contos. Buscamos apresentar uma leitura comparativista desses clássicos que fazem parte da formação dos leitores de literaturas de língua portuguesa. São obras que dialogam com o imaginário social sobre as mulheres e a sua representação literária e manifestam de diferentes modos uma crise no sistema patriarcal de finais do século XIX. Para desenvolver essa crítica, desvendamos a rede de conexões históricas e literárias entre esses textos e sua relação com múltiplas questões pulsantes na concepção positivista da sociedade.

Palavras-Chave: Patriarcalismo; Narrativa; Personagem feminina.

8. REPRESENTAÇÃO FEMININA, MEMÓRIA E ASPECTOS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Laura Virgínia Tinoco Farias(UEMA)

Resumo: O estudo analisa a representatividade feminina na obra “*Dois Irmãos*” de Milton Hatoum, com destaque aos aspectos identitários, culturais e memorialísticos presentes nas relações entre os personagens. Examina-se a obra, demarcada temporalmente nas décadas de 1920 a 1980, na região Norte, cujo narrador apresenta a história a partir de sua perspectiva, delineando os demais personagens, vivendo um empasse sobre sua verdadeira origem quando se refere ao seu pai biológico e a triste condição de sua mãe como empregada doméstica. Assim é problematizado não apenas a vida dos personagens, seu cotidiano, mas o modo como está constituída a sociedade da época, então alicerçada pelas desigualdades de gênero, cultura, etc. Dessa forma, é possível reconhecer um projeto literário construído por Hatoum no qual as representações historicamente estabelecidas sobre a Amazônia são desconstruídas e imbuídas de novos significados e por sujeitos que reconstroem paradigmas relacionados à religião, trabalho, relações familiares, sociais e culturais. Assim, no tocante a questão da representatividade de gênero, considera-se a forma como as personagens se portam em face aos padrões vigentes de feminilidade ou masculinidade a eles designados e encarnados nos papéis sociais, seja enquanto mães, esposas, irmãs, subalternas, etc., bem como interações entre mulheres e homens dos quais estão envolvidos por conflitos de várias ordens tanto materiais quanto emocional/subjetiva numa fundamentação intrínseca da sociedade e os padrões e normas por ela definidos e estabelecidos a cada sujeito. No que se refere aos aspectos referentes à memória e identidade, discute-se e utiliza-se uma concepção veiculada à representação da diferença entre os sujeitos tão bem vista nas relações entre homens e mulheres de distintas origens e tradições, além de averiguar por essa base mnemônica, como o multiculturalismo e o hibridismo cultural estão, intrinsecamente, relacionados à formação da Região Norte, devido tanto à imigração como também à miscigenação, nos quais, sujeitos, pelas suas particularidades e interações, vão se constituindo na história, assumindo papéis e delineando a realidade social. Logo, para esta análise, partimos do princípio de que a identidade deve ser vista como um método em constante deslocamento e movimento, que muitas vezes resulta de processos descontínuos,

problemáticos e instáveis. Dessa forma, tenta-se discutir quais recursos e estratégias discursivas foram utilizados por Milton Hatoum no processo de construção da representatividade feminina, da identidade e da memória. A leitura do texto literário foi realizada a partir de um lugar teórico afinado a uma perspectiva culturalista, identitária e de gênero tendo como referenciais teóricos autores como: Stuart Hall (2005), Homi K Bhabha (1998), Joanna da Silva (2015), Santos e Macieira (2013). O aporte teórico constitui-se também das discussões de Silva (2015), sobre o poder de ficção da mulher nas obras de Milton Hatoum, bem como de outros autores como Hutcheon (1991), que trabalha conceitos referentes à relação história, teoria e ficção, as discussões sobre a identidade na pós-modernidade propostas por Hall (1999), bem como os debates atuais referentes à cultura, identidade, hibridismo cultural e outras questões pontuadas por autores como Homi Bhabha (1998). No tocante às discussões sobre representatividade feminina e gênero, temos as contribuições de Silva (2015), dentre outros teóricos. Intenta-se que as discussões aqui proporcionem uma compreensão da representatividade feminina nas obras de Milton Hatoum enfatizando de que forma diferentes mulheres portam-se como protagonistas, e de que forma estão relacionadas com os aspectos memorialísticos, identitários, culturais e históricos na escrita literária contemporânea. O estudo decorre de pesquisa bibliográfica que busca problematizar categorias como: representatividade feminina, cultura e memória. Há também um conteúdo empírico como trechos de entrevistas do próprio autor comentando acerca da composição desta obra bem como suas referências e contribuições durante o processo de construção da mesma. Consideramos, portanto, que o romance hatouniano ressalta a figura feminina em meio a grandes dificuldades de relacionamento a enfrentar conflitos através de uma narrativa formada na memória daqueles que se encontram ligados, colhendo relatos de outras vozes a fim de elaborar sua própria história. As figuras femininas sobressaem-se na obra, junto à representação de gênero e poder centrada nestas. A construção e representação da mulher em Hatoum demonstram mulheres ora dominadoras e ora opressoras, ora discriminadas e oprimidas, dessa forma, enfatiza-se a importância exercida na relação dessas mulheres com os demais personagens. Nesse sentido, operando o conceito de gênero, entendido como construção social e histórica busca-se a representação da mulher não como uma entidade estanque e homogênea, mas como categoria contingente, heterogênea e relacional, ou seja, em franca relação/interação com o homem e o meio ambiente. Aponta-se também que a diferença de classe e possivelmente étnica prevalece sobre a diferença de gênero neste romance, como também o estabelecimento do diálogo com as teorias de gênero relacionadas a conceitos como patriarcado. Os estudos de gênero se colocam em oposição a um conceito totalizante de mulher, buscando desconstruir a ideia hegemônica a partir do pensamento de que as diferenciações sexuais produzem hierarquias de valor entre os sexos. Dessa forma, a observação das representações de gênero na Literatura, bem como em outras produções permite identificar atitudes legitimadas no que se refere ao lugar ocupado pela mulher, sobretudo quando produzidas em um país de tradição patriarcal como o Brasil. Esta pesquisa evidencia a construção e representação das personagens femininas a partir da escrita de autoria masculina amplamente lida, bem aceita pela crítica e que discute na literatura contemporânea aspectos referentes a hibridismo cultural, representação feminina, alteridade, dentre outros.

Palavras-Chave: Representação feminina; Identidade; Memória; Cultura.

9. REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM MIA COUTO

Aline Teixeira da Silva Lima (UnB)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a representação da violência de gênero na literatura contemporânea, sob uma perspectiva de autoria masculina, por meio da análise dos contos “Baralho erótico” e “Os negros olhos de Vivalma”, do escritor moçambicano Mia Couto. Busca-se compreender e problematizar a representação da dor do outro e do posicionamento das mulheres diante de situações de violência nas narrativas em questão. A fundamentação teórica consiste na

aplicação dos conceitos oriundos dos textos teóricos dos estudos de gênero ao *corpus* supracitado, principalmente segundo as reflexões de Pierre Bourdieu e Elaine Showalter sobre as relações de gênero, as quais são, na verdade, para os autores acima referidos, relações de poder. Também, a partir de um método comparativo descritivo, se faz uso, na análise, da Teoria da Representação, tendo em vista que as produções literárias representam o tema aqui em consideração, estimuladas pelas ações violentas contra a mulher encontradas na ordem social. Mia Couto, por meio de suas breves narrativas, denuncia a persistente violência contra a mulher na atualidade. A representação dessa violência é naturalizada tanto pelas personagens masculinas, quanto pelas femininas, evidenciando que a prática da violência de gênero está, de alguma maneira, arraigada no âmbito das relações humanas, sendo encarada como se fizesse parte da natureza do próprio ser humano.

Palavras-Chave: Representação; Violência contra a mulher; Contos; Mia Couto.

10. A TRANSGRESSÃO ERÓTICA DA PERSONAGEM FEMININA N`O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY, DE HILDA HILST

Maiele Carvalho da Silva (UESPI)

RESUMO: O erotismo se caracteriza pela busca da continuidade, e não pelo simples fato da prática sexual. O mesmo não pode ser entendido como algo desvinculado das outras dimensões humanas. A continuidade é representada pela busca da completude no outro, pois o homem/ser humano não se resigna à sua condição de ser descontínuo. O ser humano é marcado por desejos físico e psicológico de realização através do outro, mas para que tais desejos se realizem é necessário romper os mais diversos interditos que se impõem a este, ou seja, é necessário que se cometam transgressões. O presente trabalho propõe uma análise da transgressão erótica da personagem feminina na obra *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst, focalizando em duas temáticas- erotismo e gênero - que se coadunam de maneira inequívoca, além de serem temas com trânsito permanente pela literatura.

Palavras-chave: Erotismo e Gênero; Transgressão; Continuidade e Descontinuidade.

11. A MULHER CONTESTA O SEU DESTINO: A TOMADA DE CONSCIÊNCIA EM LES BELLES IMAGES, DE SIMONE DE BEAUVOIR

Ludmilla Carvalho Fonseca (UNESP)

RESUMO: A proposta deste trabalho é investigar a tomada de consciência presente na obra *Les Belles Images*, de Simone de Beauvoir. O principal objetivo é demonstrar como se dá esse processo na personagem protagonista do romance em questão, Laurence, e em que aspecto essa mulher modifica seu modo de pensar a condição social na qual está inserida e a condição existencial feminina. Nesta obra, Beauvoir discute o sentido da tomada de consciência da mulher, ao mergulhar no processo de contestação de seu destino diante de uma sociedade patriarcal, opressora e burguesa. A tomada de consciência, neste caso, é vista como um processo, não como um dado momentâneo. Nessa interpretação, entende-se que o conhecimento passa da consciência momentânea para um conhecimento mais amplo, complexo e profundo. A tomada de consciência da ação própria está interligada à tomada de consciência das sequências exteriores ao sujeito. A partir desse processo, a protagonista do romance adquire consciência da sua condição existencial de ser mulher nesse mundo dominado pelos homens, rompe com a dominação masculina e passa a tomar consciência de si enquanto sujeito e consciência do mundo no qual ela está inserida. Esse projeto de ruptura caracteriza as linhas de força do romance feminista de Simone de Beauvoir, denotando uma literatura engajada na perspectiva do feminismo existencialista. Serão utilizados como procedimentos metodológicos: revisão e análise literária da narrativa de Beauvoir; revisão da fortuna crítica da escritora; discussão acerca dos elementos que compõem o existencialismo e o feminismo presentes na obra em questão.

Palavras-Chave: Tomada de consciência; *Les Belles Imagines*; Simone de Beauvoir; Literatura feminista.

12. ESCRITAS DO CORPO: A CEGUEIRA NA ESFERA DA SEXUALIDADE

Patrícia de Oliveira Leme (USP)

RESUMO: O presente trabalho propõe pensar dois dos eixos que compõem o tema do congresso – a saber, *corporeidade* e *gênero* – por meio da dimensão da *cegueira*. O recorte se abre com uma questão endereçada por Jacques Derrida em *Mémoires d’aveugle – L’autoportrait et autres ruines* (1991): se, dentre os “cegos gloriosos” de nossa cultura, não se encontram quase nunca mulheres, seria porque elas talvez não se percam na errância absoluta que atravessa o funcionamento pelo qual se toma a cegueira dita “masculina” – categorias a serem ulteriormente desdobradas. Na hipótese levantada pelo autor, a cega conjugaria o advento do *não ver* em outros dois tempos: ela não vê mais ou ela não vê ainda, de forma que tal temporalidade, sempre deslocada, de algum modo organiza a cegueira em um regimento outro, no qual tal noção se furta a ser inscrita exclusivamente sob o signo da castração; estabelecer-se-ia assim uma passagem menos adversa pela escuridão, sendo então permitido tatear o espaço e desenhar, por meio de um “auto dêitico obscuro”, sua própria história. A leitura de Derrida será flexionada a partir da teoria psicanalítica, com especial atenção às elaborações de Jacques Lacan acerca do registro do *olhar*, no qual o desejo se formula, sem que percamos de vista a dimensão específica da sexualidade no campo fundado por Sigmund Freud, onde as categorias *masculino* e *feminino* configuram posições assumidas pelo sujeito, seja o indivíduo *homem* ou *mulher*. Para tal, trar-se-á à baila um *corpus* literário que, de alguma forma, invoca a cegueira como lugar de enunciação – no qual figuram Jorge Luis Borges, Marguerite Duras, Hélène Cixous e Georges Bataille.

Palavras-Chave: Cegueira; Literatura e psicanálise; Escrita.

13. VERONICA STIGGER LÊ ANGÉLICA FREITAS: DOIS ÚTEROS ERRANTES INCOMODAM, INCOMODAM MUITO MAIS

Gabriela Maria Hollanda Ferreira De Farias (UFPI)

Susana Souto Silva (UFPI)

RESUMO: Duas autoras. Duas mulheres. Dois úteros errantes. Angélica Freitas e Veronica Stigger têm pontos de contato bastante visíveis, entre os quais merece destaque a presença de um ácido humor. Seus risos estão no espaço do impensado; do (in)dispensável para apre(e)nder a totalidade existencial. ATRAVÉS dele, é possível se aproximar de um não-lugar; de uma não-linguagem, do não-nomeável. Dentro desse universo, humor bordeja essa não-linguagem tão animalesca e tão pouco divina, marcada culturalmente, muitas vezes, como uma função social da desordem e da transgressão normativa. Angélica Freitas, poeta contemporânea, faz uso dessa estratégia tanto no seu primeiro livro, *Rilke Shake* (2006), quanto no seu segundo, *Um útero é do tamanho de um punho* (2012). Este trabalho tem por objetivo analisar os operadores de humor no poema que dá nome a seu segundo livro, buscando, assim, pensá-los como mecanismos de desestabilização. Mecanismos esses que atuam diante de um Útero errante através de um discurso também errante, em que cabe tanto o símbolo histórico do sagrado feminino, quanto o órgão associado a descontroles emocionais e mentais. Esse dualismo – que será analisado em diálogo com um texto crítico intitulado *Útero errante* (2015), de outra escritora contemporânea, Veronica Stigger – atua no sentido de produzir um ambiente profícuo para a análise, no que diz respeito à observação de um jogo de ambiguidades movente entre o sagrado e o profano. Para isso, serão referidos como base teórica o livro de Verena Alberti, *O riso e o risível* (2002) e o livro de Lélia Parreira Duarte, *Ironia e humor na literatura* (1994).

Palavras-Chave: Escritoras contemporâneas; Útero errante; Humor e ironia.

14. A REPRESENTAÇÃO DE SI COMO OUTRO: OS DISFARCES MUÇULMANOS DE RICHARD FRANCIS BURTON (1821-1890) E ISABELLE EBERHARDT (1877-1904)

Paula Carolina de Andrade Carvalho (UFF)

RESUMO: Esta pesquisa da área de História é um estudo sobre identidades, relações de alteridade e questionamentos sobre o conceito de diferença. No centro disso, as figuras de dois exploradores da era dos impérios: o britânico Richard Francis Burton (1821-1890) e a suíça Isabelle Eberhardt (1877-1904). Ambos tinham o costume de se disfarçar de “muçulmano” em meio às suas viagens e criaram “personagens” que os acompanharam ao longo da vida: Burton tinha em Abdullah o seu duplo em ao menos quatro de seus livros; enquanto que Eberhardt viveu como um homem muçulmano chamado Si Mahmoud Saadi no que hoje seriam a Argélia e a Tunísia, o que pode ser constatado em obras publicadas postumamente, especialmente em seus diários íntimos. Assim, o objeto de estudo desta pesquisa é a descoberta do outro em si mesmo por meio da análise de Abdullah e Si Mahmoud, procurando refletir sobre a relação que esses exploradores tinham com a alteridade, e com a própria identidade, e como lidaram com o contato com a diferença, a partir da representação desses duplos muçulmanos em seus escritos. A questão de gênero é, portanto, um dos eixos centrais dessa pesquisa, que visa fazer uma análise comparativa da identidade desses dois viajantes, em meio à expansão imperial no século XIX, questionando o discurso dicotômico de formação de identidades engendrado ao longo daquele século.

Palavras-Chave: Richard Francis Burton; Isabelle Eberhardt; Identidade; Muçulmano.

15. O DITO E O NÃO DITO NO ROMANCE A DIVORCIADA (1902)

Vanessa Pinto (UFC)

RESUMO: Este artigo analisa o romance “A Divorciada”, da beletrista e pioneira na literatura cearense, Francisca Clotilde. O livro publicado, em 1902 traz no título um tema polêmico, à frente de sua época, tendo em vista que a lei do divórcio só foi aprovada em 1977. Em contrapartida seu enredo é tradicional, tendo a trama um desfecho que obedece aos princípios cristãos católicos. Contudo, considera-se que esse romance sofreu violência simbólica, recebendo a maior crítica para um escritor que é a não leitura. Consideramos ainda que essa produção coloca em xeque valores da sociedade, na qual a autora revela uma subjetividade marcada por uma tensão entre dizer e não dizer, entre manter as tradições e a defesa de uma emancipação feminina. Diante disso, consideramos fulcral identificar o contexto de produção da obra e utilizar como fundação teórica a Análise do Discurso, a fim de compreender melhor a relação entre texto e contexto e os ditos e não ditos das entrelinhas dessa produção. Desse modo, realizamos na produção desse texto um estudo qualitativo, numa abordagem teórico-metodológica, amparados em BOUDIEU (1989), (1996); CANDIDO (2000), (2004), (2010); BAKHTIN (1985), (2006), (2011); FOUCAULT (1996), (1997), (2006), (2012) e ÁVILA (2007). Defendemos que estudos dessa natureza contribuem para o resgate de escritoras que foram marginalizadas na literatura brasileira por questões de gênero.

Palavras-Chave: Literatura feminina; Análise do Discurso; Violência Simbólica.

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO LIVRE – 02

Coordenador(as):

Prof. Dr. Iêdo Paes de Oliveira (UFRPE)

Prof. Dr. Ana Maria Bezerra do Nascimento (PUC)

1. FEMINISMO NEGRO VIA A LITERATURA DE CORDEL SOBRE HEROÍNAS NEGRAS: A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EJA

Michele Lopes da Silva Alves (UFMG)

RESUMO: A formação de leitores na EJA acerca da literatura é um grande desafio, uma vez que alinha prazer com a aplicabilidade social em dar sentido à vida. A leitura literária pode suscitar ações cotidianas praticáveis, perceptíveis, além de ser um deleite. É desafiador quando se propõe aos estudantes o contato com leituras diferentes das encontradas em sua cultura local, mas presentes na cultura brasileira, como a de “Cordel”, sobretudo, abordando “heroínas negras”. Essa literatura é um gênero literário peculiar da região do Nordeste, popular, que provoca emoção e identificação. Resgatar as heroínas negras toca nos princípios machistas e racistas, naturalizados e herdados da cultura patriarcal, racista e colonial, vista pela perspectiva do feminismo negro, para desconstruí-los, provocando reflexões e novas atitudes anti-racistas, anti-machistas. A presente proposta se configura por um relato de experiência acerca do Projeto Empoderamento de Mulheres: organização feminista, contexto e ícones históricos (biografia), realizado numa Escola Municipal de Contagem, em 2015. O objetivo foi conhecer e compreender o processo de empoderamento das mulheres em várias áreas, a partir da organização feminista, do contexto sócio-político e de ícones históricos que intervieram e contribuíram para mudar a realidade das mulheres seja por suas especificidades, diferenças, demandas e direitos. Neste trabalho, buscamos, a partir da literatura de Cordel, refletir sobre as questões raciais, de gênero e das relações étnico-raciais na formação de estudantes da EJA como sujeitos-leitores, que podem se emancipar e intervir na sociedade, a partir das práticas de leituras literárias efetiva.

Palavras-Chaves: Feminismo Negro; Literatura de Cordel; EJA; Lei 10.639/03.

2. VOZES FEMININAS NA POESIA CEARENSE: ALGUMAS REFLEXÕES PARA A SALA DE AULA

Maria do Socorro Pinheiro (UECE)

RESUMO: Esta proposta de comunicação trata sobre um estudo da produção lírica feminina cearense. Assim sendo, pretendemos mostrar a poesia feminina cearense, e numa postura hermenêutica, analisar alguns poemas, dando ênfase para a linguagem, temas e imagens. Ainda discutir a inserção da lírica feminina cearense no Ensino Básico para atividades de leitura e construção do sentido do texto poético, permitindo que a poesia de autoria feminina ganhe espaço nas aulas de literatura. Para tanto, nossa metodologia se desenvolve por meio de leituras e análises de poemas de quatro poetisas cearenses contemporâneas: Aila Sampaio, Giselda Medeiros, Hermínia Lima e Regine Limaverde. Nosso trabalho está fundamentado nos estudos de Bosi (2000), Helder Pinheiro (2007, 2017), Zolin (2009), entre outros. O resultado desse trabalho permitirá uma visão mais ampla da lírica feminina cearense, ampliando o nível de conhecimento e a formação do leitor literário.

Palavras-Chave: Poesia feminina; Vozes femininas; Leitor literário.

3. A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA: UMA LITERATURA ‘ESQUECIDA’

Ilka Vanessa Meireles Santos (UEMA)

RESUMO: A produção literária de autoria feminina durante muito tempo esteve ‘esquecida’, ou melhor, silenciada do ambiente intelectual. Nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina era vista como algo irrelevante e de qualidade inferior, pensamentos impostos por uma época em que a cultura do patriarcado era dominante. Nesse sentido, é que este artigo tem como objetivo geral investigar a literatura feminina e sua contribuição para a literatura brasileira, tendo como intenções específicas: pesquisar as escritoras do século XIX e início do século XX e a literatura desenvolvida por elas, e refletir sobre o porquê a escrita de autoria feminina não ser amplamente divulgada. Diante de tais fatos, o presente artigo traz algumas reflexões sobre os movimentos literários desenvolvidos por meio da escrita feminina de algumas escritoras, como Maria Firmina dos Reis, Julia Lopes de Almeida, Francisca Clotilde, Albertina Bertha e Narcisa Amália, mulheres que desempenharam um importante papel na literatura; mas que durante muito tempo foram esquecidas do âmbito da literatura brasileira nacional. A pesquisa tem como tema “A escrita de autoria feminina: uma literatura esquecida”. A pesquisa busca, também, dar visibilidade às escritoras esquecidas dos séculos XIX e início do XX por meio de autores que subsidiaram esse estudo: PRADA (2010), PATROCÍNIO (2010) e SHOWALTER (1994) e , desta forma, dar voz àquelas escritoras que ficaram escondidas do grande público.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Autoria feminina; Escritoras.

4. ANATOMIA DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XXI PELA ANÁLISE DE CONTOS

Emmanuele Vale Silva (UEMA)

Theresa Crystina Vieira Sousa (UEMA)

Antonia Stephanie Silva Moreira (UESPI)

RESUMO: A obra exposta versará a respeito da mulher na literatura de Monique Revillion, autora que permeia por caminhos cruzados aos de Clarice Lispector. Ser mulher no século XXI, um desafio ainda constante. Seus contos abordam a respeito do tratamento direcionado ao sexo feminino. O objetivo é mostrar tanto as desigualdades sociais no que diz respeito ao preconceito de raça e classe, além de apresentar a opressão vivida pelo intitulado sexo frágil, além de buscar compreender o entendimento da autora sobre as mulheres e como estas são tratadas em sociedade; se como parte dela ou apenas um breve objeto de apoio. A literatura de Revillion será usada junto de outras obras que tratam a respeito dos problemas apresentados acima e que servirão para o desenrolar da discussão sobre ser mulher no século XXI através da literatura.

Palavras – Chave: Marcadores sociais da diferença; Literatura; Preconceito; Mulher.

5. O EMPODERAMENTO DE MENINAS NEGRAS ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE “MEU CRESPO É DE RAINHA” – BELL HOOKS

Gabriela de Almeida Furtado (UFPI)

RESUMO: Este trabalho objetiva investigar se a representação de raça e gênero em livros infantis pode funcionar como instrumento de empoderamento de meninas negras. Para tanto, analisa-se o livro "Meu crespo é de rainha", de Bell Hooks, refletindo sobre as formas como as categorias de raça e gênero foram retratadas nessa obra literária. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre estudos de literatura e empoderamento infantil, bem como sobre relações raciais e gênero, com o enfoque na interseccionalidade, especialmente através de Santos (2017), Crenshaw,

(2004), Baquero (2012) e Carneiro (2011). Foi observado como as personagens são descritas - os lugares que ocupam na história, como seus traços físicos são retratados, a maneira como se vestem e em que ambiente aparecem. Desta forma, é feita uma análise não somente do aspecto estético da obra, mas também de seu caráter ideológico, baseando-se na metodologia proposta por Freitas (2009). Por fim, verificou-se que a mencionada obra permite uma identificação positiva entre meninas negras e as personagens do livro, portanto, operando como mecanismo empoderador.

Palavras-chave: Empoderamento Infantil; Literatura infantil; Gênero; Raça.

6. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO DISCURSO PUBLICITÁRIO-ELEITORAL: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Janaina Tomaz Capistrano(IFRN)

RESUMO: A onipresença da mídia na sociedade do espetáculo tem provocado muitas mudanças nas relações culturais contemporâneas (THOMPSON, 2009). Não é por acaso que as campanhas políticas têm sido disputadas fundamentalmente por meio dos diversos meios midiáticos; como no discurso publicitário, a propaganda política eleitoral visa levar o maior número de pessoas a aderirem à ideia veiculada. Considerando a imbricada relação entre mídia e política, este trabalho analisa o discurso publicitário-eleitoral de construção identitária da candidata a Presidência da República em 2010, Dilma Rousseff, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Para tanto, nos fundamentamos na teoria do Círculo de Bakhtin, que concebe a linguagem como fenômeno dialógico e prática discursiva, bem como nas concepções de vozes sociais e cronotopo. Ainda referindo-se ao campo teórico que circunscreve este trabalho, estabelecemos uma interconexão com as teorias advindas dos Estudos Culturais (HALL, WOODWARD) acerca da identidade, que a concebe como sendo múltipla, fragmentada, não-fixa, formada e transformada num processo contínuo. Selecionamos para este trabalho dois vídeos veiculados durante o Horário Eleitoral Gratuito de Propaganda, cujas análises apontam para uma multiplicidade de identidades, algumas evidenciadas outras silenciadas. No que tange à identidade de gênero, percebe-se um forte apelo da publicidade em explorar os estereótipos que cercam o gênero feminino, associando a candidata a lugares pré-determinados, os quais devem obrigatoriamente ser ocupados pelas mulheres, qual seja o lugar de mãe, religiosa, sensível e cuidadosa.

Palavras-Chave: Identidade; Gênero; Discurso Publicitário-Eleitoral.

7. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA PUBLICIDADE: IDEIA DE “BELEZA REAL”

Meire Patrícia Domingues (FLUC)

RESUMO: Com o intuito de estabelecer uma relação “harmoniosa” entre feminismo e o consumo capitalista, a marca Dove/Unilever recorre a mecanismos ideológicos para a construção de uma postura positiva em relação ao empoderamento feminino em suas campanhas e nas ações sociais da empresa, a partir da perspectiva da autoestima. Por meio de um discurso voltado para o desenvolvimento da confiança das mulheres em relação aos seus corpos e na tentativa de representar a diversidade de biótipos e etnias em seus anúncios, a empresa assume uma sensibilidade pós-feminista (Rosalind Gill) e defende a existência de uma “beleza real”, em detrimento dos padrões de beleza pré-estabelecidos socialmente. Assim, este trabalho pretende observar, com base na Semiótica Social (Kress e van Leeuwen), como a mulher, especificamente a negra, é representada em um anúncio publicitário da marca Dove, marca essa que afirma não existir padrões de beleza e atrela a mudança de uma sociedade, até então racista, patriarcal e sexista, a decisões pessoais.

Palavras-Chave: Publicidade; Semiótica social; Pós-feminismo; Mulher negra.

8. HERMENGARDA, DE ALEXANDRE HERCULANO, E OFÉLIA, DE SHAKESPEARE: UMA RECOMPOSIÇÃO?

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

RESUMO: No teatro ocidental, as tragédias e seu passionalismo remontam à Antiguidade Clássica. Durante a Idade Média, praticamente são esquecidas, reaparecendo na Inglaterra elisabetana com Shakespeare, o maior teatrólogo dos tempos modernos. Desaparecidas posteriormente, no Romantismo, que retoma Shakespeare, as tragédias têm seu espírito transferido para o drama, como observamos, em língua portuguesa, na peça *Frei Luís de Sousa* (1844), de Almeida Garrett, e para a novelística, a exemplo da de Camilo Castelo Branco, emblematicamente no romance *Amor de perdição* (1862). Essa obra, ao abordar um amor-paixão que leva a óbito prematuro Simão e Teresa, devido à tirania dos pais e à própria sociedade, dialoga com *Romeu e Julieta* (1594-1595), primeira grande tragédia de Shakespeare, cujos lances imortais, em tal forma do gênero dramático, flagram os limites da *paixão*, as tempestades da alma, que arrastam ao desespero, à loucura e à morte. O mesmo verificamos, em vernáculo, com respeito a um romance trágico-passional de Alexandre Herculano, dentro da tradição gótico-romântica da ficção histórica: *Eurico, o presbítero* (1843), cujo personagem-título entrega-se ao sacerdócio e à morte na guerra quando rejeitado pelo pai de sua amada Hermengarda. Com base no exposto e mediante uma comparação, objetivamos aqui enfocar a referida heroína herculaniana, na qual reconhecemos ares de uma célebre figura feminina da literatura universal, a protagonista de uma tragédia fantasmagórico-passional de Shakespeare, *Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1601). Referimo-nos a Ofélia, que, no tocante à condição da mulher, inspira literatos e outras espécies de artistas, particularmente os românticos.

Palavras-Chave: Literatura; Teatro; Shakespeare.

9. A EVOLUÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS E A IGUALDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE: DA RIGIDEZ LITERAL À INTERPRETAÇÃO LIBERTADORA

Georges Cobiniano Sousa de Melo (TJPI)

Leila Cláudia de Farias Manguiera Carneiro (Uniasselvi)

RESUMO: Este trabalho objetiva demonstrar que os textos das constituições republicanas brasileiras – seis, no total – representam uma mudança significativa de redações, no que toca à igualdade entre homem e mulher e à liberdade sexual e de gênero, abordando o recente fenômeno da “mutação constitucional”, tendo o Supremo Tribunal Federal – STF – promovido um salto na interpretação, em prol dos direitos fundamentais, além de apontar suas limitações, como a influência de valores conservadores. Passou-se de uma situação em que os direitos eram secundários, ocupando a parte final das constituições, para um leque vastíssimo, introduzindo o texto constitucional. Neste estudo, percebe-se que nas constituições anteriores nem toda liberdade era direito, mas apenas as que não violassem a “ordem pública” e os “bons costumes”. Por exemplo, só a partir de 1967 tornou-se prevista, expressamente, a igualdade entre os sexos, e o único preconceito punido, até 1988, era o de raça. Por sua vez, o Constituinte de 1988 previu que todos eram iguais, sem qualquer distinção, e que nenhuma forma de discriminação seria tolerada. Pela Teoria da Mutação Constitucional, é reinterpretado o texto legal, sem alterar sua redação, em consonância com a evolução social e os princípios constitucionais. Veja-se o reconhecimento do casamento homoafetivo e do gênero ideológico, em contrariedade ao texto literal. Em contrapartida, ideias reacionárias influenciam a Suprema Corte, que ainda não liberou o aborto em qualquer hipótese, nem a adoção por casais do mesmo sexo. Exemplifica-se com noticiários e publicações de época, sobre vestimenta, feminilidade e gênero, consultando-se o acervo da Câmara dos Deputados e do STF.

Palavras-Chave: STF; Constituição Federal; Gênero; Sexualidade.

10. RAÇA E CIVILIZAÇÃO NO DESENHO INTELECTUAL DE RENATO CASTELO BRANCO

Ana Maria Bezerra do Nascimento (PUC)

RESUMO: O presente estudo, parte da pesquisa de doutoramento em Ciências Sociais (PUCSP), objetiva expor que raça e civilização é um desenho estruturante e organizador de contato permanente da Literatura e das Ciências Sociais em descrever a terra e sua gente em estilos, temas, preocupações naturalista, pitoresco, comparativo, sociológico, genealógico, da brasilidade, americanista, iberista, culturalista, além disso, identificar como e se esse desenho foi adotado na produção intelectual de Renato Castelo Branco (1938-1947). O estudo reúne fontes bibliográficas e documentais agrupadas a partir do que Candido (1965) denomina de paralelístico. A fundamentação teórica adota e utiliza o desenho como forma, expressão, reflexão, movimento, fundamento estruturante e organizador de descrever a terra e sua gente, tendo raça e civilização como ponto de contato permanente da Literatura e das Ciências Sociais. Para ilustrar, escolhemos as seguintes obras de Renato Castelo Branco “A Chimica das Raças” (1938), “A civilização do Couro” (1942), e “Teodoro Bicanca” com o fim de responder teórica, metodológica e conceitual ao desenho proposto e se este esclareceu, delimitou, ampliou, conceituou, assumiu, superou, inaugurou estilos, temas, preocupações ao descrever a terra e sua gente. Enfim, o estudo é uma oportunidade de reposicionar raça e civilização como desenho de contato permanente da Literatura e das Ciências Sociais do período, bem como refletir sobre a pertinência de rever e/ou reelaborar aportes teóricos, conceituais e metodológicos de descrever a terra e a gente e que no Piauí ainda está por ser feito.

Palavras-Chaves: Literatura; Raça; Civilização; Cultura.

11. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

Maria Luana Caminha (UFPE)

RESUMO: Casar, gerar e cuidar/criar foi e ainda é visto, nas chamadas culturas ocidentais, como destino de todas as mulheres, uma norma a ser seguida, um privilégio almejado como sinônimo de felicidade e satisfação plena, um padrão social e constructo indenitário que define o sujeito feminino. Tal compreensão é justificada e naturalizada pelo sistema heterodominante respaldado por instituições que vinculam a maternidade a um dom divino e a realização pessoal de toda mulher dentro de uma família nuclear. Apesar de tantas modificações na vida social feminina ao longo dos anos, ainda assim, esse trinômio permanece como um referencial imposto socialmente as mulheres. Consideramos, então, fundamental discorrer sobre a questão da maternidade e sexualidade, a partir de textos literários para, como base nisto, relacionar a nossa temática central, que é a reflexão das representações de maternidade a partir da autora Sandra Cisneros - em *El Arroyo de La Llorona*. Assim sendo, ao longo da história, é possível entender que as mulheres são concebidas como sujeitos desprestigiados pela sociedade ocidental, igualmente, é possível perceber, ao longo das leituras históricas, a reprodução de um senso comum em relação à mulher na sociedade desde a antiguidade até os dias atuais. Deste modo, propomos refletir sobre aspectos da constituição cultural como uma base para reconsiderar as relações sociopolíticas do entendimento de que existe uma hierarquia entre gêneros. Igualmente, este trabalho surge da necessidade de adicionar às discussões teóricas existentes uma reflexão centrada na compreensão da relação entre mulher, maternidade e sexualidade para além da perspectiva biológica. Portanto, nos propomos a discutir a visão essencialista da mulher como procriadora, refletindo sobre as reproduções de contexto social,

histórico e político como forma de controle social, assim, buscamos desmistificar o popular “Instinto maternal” que naturaliza a maternidade e homogeneiza a mulher. Tal como mencionamos, o livro anteriormente citado reúne contos sobre a vida de várias personagens em contexto de diáspora, que vivem em fronteiras culturais e identitárias, as quais, nos Estados Unidos da América, como imigrantes, sofrem com os choques culturais entre mães “tradicionais” e mulheres que não querem ser mãe. Além disso, a autora costuma trazer a suas obras um distanciamento entre símbolo (mulher) e sua conotação (construção social da identidade feminina), que a partir de representações idealizadas propagam a situação da mulher na sociedade patriarcal. Por isso, nosso trabalho, a luz das teorias de gênero, é incentivado pelo interesse em discutir a situação das mulheres, migrantes, latino-americanas que vivem em contexto de êxodo em ambientes de transculturação, sendo desafiadas, constantemente, pelo quase inóspito lugar. Nesse sentido, o presente projeto tem por principal objetivo analisar as personagens dos contos presentes no livro anteriormente mencionado, e a partir delas, pensar sua relação com a maternidade e as conotações que daí emerge, a partir do enfoque dos Estudos Culturais/pós-colonial sobre gênero. Apostamos que, trabalhar com Sandra Cisneros por um viés analítico-crítico nos possibilitaria abrir um caminho de diálogo com a literatura marginalizada, visto que a mesma pontua questões circunscritas aos contextos sociais, nos quais mulher é, muitas vezes, definida pelo tema da maternidade, assim a proposta é discutir temáticas de gênero a partir de elementos que problematizam as identidades de sujeitos marcadas pela migração. Em síntese, buscaremos demonstrar em nossa pesquisa que o peso da expectativa de gênero não nos permite reconhecer quem somos, já que nunca são levadas em conta nossa postura e nossa mentalidade legítima, pois focamos sempre em interesses relacionados a soberania do gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas escolhas são baseadas nas expectativas masculinas. Por isso, defendemos que a cultura não é algo estático, mas algo que esta sempre em transformação, conseqüentemente não pode ser justificativa para a permanência de um sistema que oprime e cala a mulher em favor da voz do homem. A partir desta observação, buscamos refletir maneiras onde possamos conscientizar a sociedade da importância e urgência em mudar, para que homens e mulheres possam conviver em regime de equidade e respeito. Consideramos assim, que a literatura, a cultura chicana e os estudos de gênero estão estabelecidos a partir de uma noção de trocas e negociação entre os mesmos, agregando assim a possibilidade de ponderar sobre questões históricas e de vozes marginalizadas. Isso significa romper com os tradicionais dualismos (feminino/masculino, inglês/espanhol, mexicano/americano) que colaboram para a permanência das desigualdades sociais. Por este motivo, elegemos Sandra Cisneros, uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinados pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença. Nesse sentido, a nosso ver, existe uma reconhecível necessidade de que temas como o que propomos sejam mais estudados com profundidade. Deste modo, estendemos uma ponte entre os estudos culturais e as teorias feministas através do livro que compõe o corpus de nossa pesquisa, por acreditar que vamos contribuir de maneira significativa para a quebra de fronteiras epistêmicas, no que concerne a literatura contemporânea de produção feminina. Vale ressaltar, ainda, que tais questões, descritas acima, não são amplamente discutidas na sociedade, e nós acreditamos que para desenvolver um ambiente mais igualitário necessitamos trazer tais temáticas a luz, para que sejam exaustivamente discutidas. Portanto, acreditamos que temos a responsabilidade de dar tal contribuição, assim, optamos por pensar a partir da literatura chicana (Cisneros, 1996), como uma possibilidade de trabalhar a mulher desde um olhar mestiço e desprestigiado (Pina, 2005). A partir dessas questões, temos a intenção de refletir, ao longo da pesquisa, como tal proposta está influenciando a constituição de uma coletividade crítico reflexiva, além de mais igualitária. Desta forma, este trabalho se dedica a pensar, a partir da perspectiva de gênero, as representações de maternidade/mulher e sexualidade presentes no livro *El arroyo de la llorona* (1996), da escritora chicana Sandra Cisneros. Com o objetivo de incitar uma reflexão a cerca da concepção de

maternidade criada pela sociedade patriarcal em contraponto aos questionamentos erguidos pelo movimento feminista, para isto, analisaremos os perfis femininos apresentados pela referida autora na obra supracitada. Além disso, nossa discussão tem o compromisso de trazer para o meio acadêmico representações literárias marginalizadas, para que deste modo seja possível preencher a lacuna existente em relação a este tema no Brasil. Para nos acompanhar na construção deste raciocínio, mobilizamos as autoras Gulubov (2012), Muñoz Cerezo (2016), Badinter (1985), Rich (2002), com a noção de literatura e maternidade que se caracteriza como eixo central do presente trabalho. Igualmente, adicionamos a ideia de gênero como construção social, baseando-nos em Joan Scott (2008), Lauretis (1994), Butler (1990). Portanto, atrelado à questão supracitada utilizaremos as teorias de gênero que serão articuladas com o feminismo chicano. Assim, para a reflexão desta perspectiva nosso escopo teórico será Anzaldúa (1987), Moraga (1983), Alarcón (1983). Para completar nossa base teórica usaremos Walsh (2007) e Quijano (1992), com uma perspectiva sobre a interculturalidade crítica tendo como base um exemplo de uma visão integradora de sociedade. Neste jogo de ideias, é coerente adicionar a esta discussão o conceito de desobediência epistemológica, defendido por Mignolo (2007), visto que o mesmo escreve sobre como pequenas contestações à epistemologia vigente afetam positivamente a busca por equidade social. Tal conceito nos ajuda a compreender possibilidades de redefinir as matrizes patriarcais que seguem regendo o comportamento social contemporâneo. De tal modo buscamos contribuir para a quebra de estereótipos de gênero que prejudicam a busca pela equidade social.

Palavras-Chave: Maternidade; Sexualidade; Estereótipos; Feminismo.

12. SONHO E TRAUMA NO CONTO “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Karoline Zilah Santos Carneiro (UECE)

Carlos Eduardo de Sousa Lyra (UECE)

RESUMO: No conto “Líbia Moirã”, de Conceição Evaristo (2011), a personagem-título narra um sonho que se repete por décadas, tendo como consequências terrores noturnos, estigmas sociais, depressão e tentativas de suicídio. Ela compreende este sonho somente no aniversário de 50 anos do irmão, quando associa o seu trauma ao fato de ter presenciado o nascimento pré-maturo dele. Esta pesquisa bibliográfica investiga as relações entre sonho e trauma no conto, objetivando analisar a origem das angústias da protagonista. Com base na teoria psicanalítica da interpretação dos sonhos, identifica-se no cerne do relato da personagem sentimentos ambivalentes relacionados ao nascimento do irmão, como a sensação de abandono no contexto do nascimento abrupto para ceder lugar ao bebê. Observa-se também a associação do parto a uma dor profunda, e a repetição da imagem da cena originária através de sonhos, como uma tentativa de restituí-la. Orbitando a questão, detecta-se na personagem uma repressão do desejo de ser mãe, que vem a florescer no momento em que ela consegue significar seu sonho.

Palavras-Chave: Autoria feminina; Sonhos; Trauma; Psicanálise.

13. TRAJETÓRIA DE ERCÍLIA NOGUEIRA COBRA NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL NA DÉCADA DE 30

Kátia Cardoso Nostrane (UFPI)

RESUMO: A escritora Ercília Nogueira Cobra nasceu em Mococa, na cidade de São Paulo, no ano de 1891. É autora de duas obras, *Virgindade anti higiênica*: preconceitos e convenções hipócritas (1924) e *Virgindade inútil*: novela de uma revoltada (1927), que causaram grande impacto na sociedade brasileira do início do século XX, chegando a ser proibida sua circulação. No ano de

1986, com a intensidade dos estudos literários de gênero, Maria Lúcia Barros Mott desenvolveu uma biografia de autora, intitulada *Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra*, na qual relata a trajetória da escritora em São Paulo, e também traz algumas informações sobre sua passagem pela cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo descrever a trajetória de Ercília Nogueira Cobra em Caxias do Sul nos anos em que a autora esteve na cidade. Para tanto, utiliza-se como subsídio da pesquisa registros documentais e históricos, incluindo dois processos judiciais que envolveram a autora no ano de 1938, além de publicações na imprensa caxiense, que a citaram em jornais locais. Sendo assim, esse estudo busca sintetizar as possíveis relações entre a autora e a sociedade caxiense da década de 30.

Palavras-Chave: Ercília Nogueira Cobra; Caxias do Sul; Processos judiciais; Imprensa caxiense.

14. O PIAUÍ NA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XIX: TRABALHO E COTIDIANO

Mateus Charlene Veras de Araújo (UFPI)

RESUMO: O presente artigo analisa as práticas discursivas, construídas pelos viajantes europeus, sobre o Trabalho e o Cotidiano no Piauí oitocentista. Foram escolhidos quatro viajantes que estiveram no Piauí durante o século XIX: Martius e Spix (1819); Gardner (1839) e Dodt (1840). Utilizamos, como critério de escolha, as narrativas de viagem que mais influenciaram a historiografia local, e imprimiram, na população, mitos, ainda presentes no cotidiano do Estado. A metodologia empregada fará uso dos procedimentos da Análise do Discurso, formulada por Michel Foucault, e da categoria Mito teorizada por Roland Barthes. Deste modo, nossa problemática pode ser formulada na seguinte questão: Quais práticas discursivas foram produzidas pelos viajantes europeus sobre o Trabalho e o Cotidiano no Piauí oitocentista e transformadas em Mitos?

Palavras-Chaves: Trabalho; Discurso; Cotidiano.

15. O LUGAR DE FALA DA MULHER NEGRA NA LITERATURA AMERICANA CONTEMPORANEA: ÚRSULA, UM DEFEITO DE COR E MOI TITUBA, SORCIERE

Carla Vanessa Sousa Diniz Araújo (UFPI)

Alcione Correa Alves (UFPI)

RESUMO: neste trabalho pretende-se analisar o ponto de vista narrativo, em trechos de romances, cujas diegeses retratam o transporte de negros escravizados durante a viagem transatlântica, de navios negreiros. Para tanto interpretaremos trechos do conto “Tamango”, de Mérimée; onde o narrador retrata a trajetória de um marinheiro que negociava escravos, e de como eram comportados esses escravos no navio negreiro. No capítulo 9 de *Úrsula* onde a preta Suzana relata seu rapto e a viagem no navio negreiro; Os dois primeiros parágrafos de *Eu, Tituba, feiticeira... Negra de Salem* no qual a protagonista relata a viagem no navio negreiro no ventre de sua mãe, Abena; e o romance *Um Defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves, no qual a protagonista descreve o ambiente de horror de sua viagem no interior do tumbeiro. Esse trabalho parte da hipótese de que a história contada pelo ponto de vista de escritoras negras, unindo o ponto de vista narrativo a sua ancestralidade nos permite perceber e investigar o lugar de fala propriamente negro a respeito da escravização negra entre os séculos XVI e XIX. Como referencial teórico recorreremos ao conceito de lugar de fala como proposto na obra de Djamilá Ribeiro, *O que é lugar de fala?* (2017).

Palavras-Chave: Escravização; Lugar de fala; literatura negra.

SESSÃO DE PÔSTER – QUINTA-FEIRA 06/09/2018

Coordenadores:

Profa. Msc. Joselita Izabel de Jesus (UESPI)

Prof. Dr. Alcione Correa Alves (UFPI)

1. A CRÍTICA FEMINISTA PRESENTE EM: STAR WARS - O DESPERTAR DA FORÇA

Eloiza Alves Muniz Costa (UESPI)

RESUMO: Este artigo, elaborado como trabalho de conclusão da disciplina de Crítica Literária, ministrada no Curso de Letras- Inglês da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Parnaíba, aborda o filme *Star Wars – O despertar da força* à luz da corrente literária feminista. A trama de *Star Wars - O Despertar da Força* se passa cerca de 30 anos depois do fim de *O Retorno de Jedi*, é uma space opera épica estadunidense de aventura, fantasia e ficção científica de 2015, dirigida por J. J. Abrams, sendo o sétimo filme da série e da ordem cronológica *Star Wars*, além de ser o primeiro da trilogia na sequência. A história do *Episódio VII* fala sobre a Primeira Ordem, uma vertente sucessora do Império Galáctico, que está travando uma guerra fervorosa contra a Resistência, um movimento nascido com a Aliança Rebelde, liderado pela personagem Rey, protagonista desse estudo. Diante disso, o artigo foi norteado pelo seguinte questionamento: Que traços da corrente literária feminista são representados por Rey, líder da Aliança Rebelde, no filme *Star Wars – O despertar da força* (2015)? Para responder esta pergunta, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autores como Kaplan (1995), Alves & Pitanguy (1985), Turner (1993), Beauvoir (1949), Bonnici & Zolin (2009), entre outros. Em termos organizacionais, este artigo está dividido em quatro seções, além das reflexões iniciais e finais. A primeira seção apresenta o contexto histórico do surgimento dos movimentos feministas e dos ícones feministas deste movimento. A segunda seção trata da representação feminina no cinema mundial. A terceira seção traz o enredo do filme, bem como a apresentação dos personagens. Finalmente, a quarta seção analisa as personagens femininas, com ênfase na personagem Rey, à luz dos pressupostos teóricos da corrente literária feminista. As considerações finais ressaltam a presença crescente de personagens femininas como protagonistas nas mais diversas obras cinematográficas.

Palavras-Chave: Star Wars; Teoria Feminista; Crítica literária.

2. ANÁLISE DO FILME MULHER MARAVILHA SOBRE A LENTE DA TEORIA FEMINISTA

Ana Maria Carvalho Veloso Mendes (UESPI)

Renata Cristina da Cunha (UESPI)

RESUMO: *Wonder Woman*, no Brasil *Mulher-Maravilha*, é um filme estadunidense de 2017, baseado na personagem homônima da DC Comics e distribuído pela Warner Bros. Pictures. O filme conta a história da Princesa Diana, nascida na ilha de Themyscira, que, após o encontro com piloto estadunidense Steve Trevor decide deixar sua casa para tentar acabar com o da Primeira Guerra Mundial. Diante disso, esse artigo relaciona o filme *Mulher Maravilha* ao poder feminino, à crítica à desigualdade de gêneros e à imposição de padrões sociais. Para tanto, foi elaborada a seguinte questão-norteadora da pesquisa: Que ações da Princesa Diana, ou melhor, da *Mulher Maravilha*, revelam características da teoria feminista, a partir do contexto social exposto no filme? Para responder esta pergunta, foi elaborado o seguinte objetivo geral: Analisar as ações da Princesa Diana, ou melhor, da *Mulher Maravilha*, que revelam características da teoria feminista, a partir do

contexto social exposto no filme. A fim de alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, fundamentada em autores como Beauvoir (1970), Butler (1997), Scott (1998), entre outros. Em termos de estrutura, o artigo está dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, discute-se a crítica feminista, com ênfase no seu percurso histórico e nas características da corrente literária. Na segunda são apresentadas as nuances do filme, incluindo a sinopse e repercussão mundial da obra cinematográfica na atualidade. Na terceira seção, são analisadas as ações da protagonista à luz da teoria feminista. As considerações finais enfatizam a relação entre a obra analisada e a teoria feminista.

Palavras-Chave: Wonder Woman; Teoria crítica; Corrente feminista; Filme estadunidense.

3. I'M NOT AN EASY MAN, O FILME DA NETFLIX: SOB AS LENTES DA TEORIA FEMINISTA

Felipe Lopes do Nascimento (UESPI)

Renata Cristina da Cunha (UESPI)

RESUMO: Este artigo é resultado de estudos realizados e pesquisas desenvolvidas na disciplina Crítica Literária, ministrada no curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Parnaíba. A proposta investigativa examina o filme *I'm not an easy man* (2018) com as lentes da corrente literária feminista. Nessa perspectiva, o objetivo desse trabalho é analisar cinco cenas previamente escolhidas do filme *I'm not an easy man* (2018) na perspectiva dos fundamentos teóricos da corrente literária feminista. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, fundamentada em autores como: Beauvoir (1970), Bonnici e Zolin (2009), Pinto (2010), entre outros. Além das reflexões iniciais e finais, o artigo ainda contempla mais três sessões. Nas reflexões iniciais, são apresentados a contextualização do problema, bem como as possíveis contribuições do estudo. Na primeira sessão, são apresentados os fundamentos da crítica literária e da corrente literária feminista. Na segunda sessão, são delineadas a caracterização dos personagens e a sinopse do filme *I'm not an easy man* (2018). Na terceira sessão, as cenas escolhidas são descritas e analisadas à luz da abordagem feminista. As reflexões finais ressaltam a relação entre a crítica literária e a indústria cinematográfica, enfatizando o papel basilar ocupado pelas obras fílmicas para a transformação não apenas do homem contemporâneo, mas sobretudo da sociedade em geral.

Palavras-Chave: Literatura; Crítica Literária; Crítica Feminista; Eu não sou um homem fácil.

4. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E A OBRA LAÇOS DE FAMÍLIA CLARICE LISPECTOR

Francisca Aline Albuquerque Pereira (UESPI)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre literatura de autoria feminina na sociedade patriarcal, analisando os questionamentos pelos quais direcionaram a participação da mulher no meio artístico. O Brasil tinha a literatura de autoria feminina como inexistente ou desconhecida. Objetivando discutir a participação da autora que abriu as portas para a escrita feminina no Brasil, Clarice Lispector, selecionou-se uma de suas obras “Laços de Família” para discutir a figura feminina na sociedade através do conto “Amor”. Através da análise psicológica, pretende-se observar o papel da mulher nesta sociedade formada por uma ideologia patriarcal, utilizando autores como Zolin e Bourdieu fundamentação teórica.

Palavras-Chave: Literatura; Autoria Feminina; Laços; Clarice.

5. REPRESSÃO SEXUAL FEMINISTA SOB OLHAR DE MARILENA CHAÚÍ PRESENTE NO CONTO 'SENHOR DIRETOR' DE LYGIA TELLES

Alana de Macedo Almeida da Silva (UESPI)
Ana Victoria Santos Natur (UESPI)

RESUMO: Sabe-se que a mulher tem ganhado um espaço cada vez maior na sociedade, apesar de que algumas ainda sofrem de herança patriarcal. Este trabalho objetiva analisar a repressão da mulher no presente conto, através da visão da filósofa Marilena Chauí. Antes da liberação sexual, que começou nos anos 60, a mulher que demonstrasse desejo sexual era tida como doente. Logo, o prazer sexual para a mulher foi uma conquista. O conto traz discurso feminino acerca da sexualidade, de uma personagem idosa, professora, virgem e solteira que planeja enviar uma carta a um diretor de jornal reclamando do excesso de exposição erótica na mídia. Para a inflexibilidade e controle de Maria Emília, tudo que é produzido pela mídia é considerado foco de imoralidade e por isso deve ser combatida para não afetar os indivíduos de boa moral como ela mesma se identifica. É vítima de uma educação altamente repressora. “Desviou o olhar severo para a capa da revista com o jovem casal de biquíni amarelo, ela na frente, ele atrás, enlaçando-a na altura dos seios nus, amassados sob os braços peludos. Estavam molhados como se tivessem saído juntos de uma ducha”. (TELLES, 1977). Nota-se a inadaptação da personagem em relação às mudanças que estão ocorrendo no seu tempo, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à sexualidade, que muitas vezes são vulgarizadas e criticadas por Maria Emília. De fato, por séculos, a sensualidade e a sexualidade foram alvos de severa repressão, trazendo a imagem de que o corpo é a fonte do pecado. Em análises prévias, observa-se que ao passar dos anos, a sexualidade é de fácil debate entre a sociedade e que pode ser de valor construtivo e informativo nas mídias, abandonando assim as doutrinas patriarcais. Marilena Chauí em sua obra intitulada **REPRESSÃO SEXUAL ESSA NOSSA (DES) CONHECIDA** considera que a repressão sexual será tanto mais eficaz quanto mais conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual daquilo que está sendo reprimido. “A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos — estar ”perdido de amor”, ”cair de amores”, ser ”fulminado pela paixão”, beber o ”filtro de amor”, receber as ”flechas do amor”, ”morrer de amor”. As proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais. ” (CHAUI, 1984). Ao final, é pertinente afirmar que a repressão da sexualidade em suas mais diversas facetas está ligada a essas estruturas familiares, onde a “família tradicional” é colocada como parâmetro ideal.

Palavras-Chaves: Repressão; Patriarcal; Sexo; Família.

6. A FIGURA FEMININA RETRATADA NA POESIA MACHADIANA EM CRISÁLIDAS

Irami Soares Mineiro (UFPI)
Ana Carla Da Silva França (UESPI)

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar a figura feminina retratada no livro de poemas *Crisálidas* de Machado de Assis. O autor, que é considerado pela crítica literária, o maior escritor brasileiro, é muito famoso por seus inúmeros romances, porém, boa parte de sua produção permanece opaca, como é o caso, por exemplo, do gênero literário poema. Serão feitas considerações sobre como é construída a imagem feminina e a sua representatividade na poesia, analisando o contexto histórico e de produção da obra, além de aspectos importantes na vida do autor que influenciaram em sua produção. Assim, serão utilizados como referencial teórico Antônio Cândido (1965), Antoine Compagnon (1998) e Cláudio Murilo Leal (1937) entre outros.

Palavras-Chave: Machado de Assis; Poemas; Figura feminina; Representatividade.

7. A IMAGEM DA MULHER NUMA PERSPECTIVA ERÓTICA EM A MULHER E A CASA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Gilberto dos Santos Sousa (UESPI)

Bianca do Nascimento Silva (UESPI)

RESUMO: O artigo objetiva analisar *A mulher e a casa* (1960), de João Cabral de Melo Neto a imagem metafórica da mulher numa perspectiva erótica, trazendo para o centro da questão a figura feminina compreendida como um artefato que complementa o sentido da imagem evocada no poema cabralino. O movimento do corpo do eu poético percorre as partes da casa espelhando um jogo amoroso. Metodologicamente, o trabalho faz uma abordagem teórica sobre a imagem poética na perspectiva erótica e uma analítica do poema em foco. Para fundamentação, apresentamos Barbosa(1990), Melo Neto(1975), Baldan(1994), Bataille(2004), e outros. Esperamos que esse trabalho colabore com outros estudos que discutem a poética de João Cabral de Melo Neto.

Palavras-Chave: A mulher e a casa; Imagem Poética; Erotismo; Figura Feminina.

8. AS MULHERES DO CORTIÇO: UM OLHAR PARA AS IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE ALUISIO DE AZEVEDO

Paulo Eduardo Bogéa Costa (IESM)

Layane Rodrigues dos Santos (IESM)

RESUMO: A estética de Azevedo está repleta de fatos e depoimentos femininos, destacando o modo de vida de algumas personagens, caracterizando o ambiente da época (século XIX) e os conflitos sociais, sobretudo nas camadas mais baixas. Percebe-se que as figuras femininas da obra possuem perfis que corroboram com as ideias de Foucault (2009) "...as identidades são estabelecidas, ganham forças e se consolidam no interior de uma dada sociedade...". A ênfase maior será com relação às mulheres abordadas no livro: pobre, meretriz, inocente, sensual, independentes e/ou submissas. O intuito de destacar estas mulheres é apresentar a verdade e as emoções de tais personagens.

Palavras-Chave: Mulher; Sociedade; Identidade; Época.

9. LUTANDO EM SUAS VEREDAS

Alanessa Nikole Carvalho da Silva (UEMA)

RESUMO: Vereda significa estrada curta e árdua usada para chegar rapidamente ao seu destino. Sabendo disto, o presente trabalho intitulado "Lutando em suas veredas" tem o intuito de analisar a animação *Mulan*, da *Disney* comparando-a com o livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, focando nas protagonistas que precisam seguir "atalhos" vestindo-se com trajes masculinos para conseguirem mostrar suas forças e concluir suas missões. Como embasamento utilizamos estudos de Remake (1971), Oliveira (2008) e Breder (2013). Assim, para realizarem seus anseios, essas mulheres seguem caminhos diferentes das demais tendo que lutar para mostrar que, independente do sexo, podem fazer o que quiserem, tornando-se assim heroínas de suas histórias.

Palavras-Chave: Mulheres; Veredas; Lutas; Conquistas.

10. RELIGIOSIDADE EM LUZIA-HOMEM (1903), DE DOMINGOS

Beatriz Araújo Brito (IFCE)

Ana Célia Francisca de Santiago Carvalho (IFCE)

Mariana Antonia (UFC)

RESUMO: Objetiva-se analisar o viés místico que é empregado para explicar acontecimentos no enredo do romance Luzia-Homem. O Soldado Capiúna, possui obsessão pela personagem central Luzia. Homem de pouco afeto, acredita que seu desejo pela mulher deva-se a alguma “mandiga” que a moça o fez. Assim também, Terezinha, amiga de Luzia, acredita que a residência de sua amiga está sendo alvo de oferendas que têm como objetivo atrapalhar a vida de Luzia. Tanto para mal, há também para o bem: Dona Rosa, rezadeira famosa, necessita de dois contos para fazer o responso a Santo Antônio e dessa forma, através do Santo, encontrar o verdadeiro ladrão do Armazém e livrar Alexandre, amigo dedicado de Luzia, da cadeia. Utilizar-se-á teóricos que abordam a temática do sertão como fator que acarreta a desordem e de como a espiritualidade é um elemento tão aguçado dentro da narrativa de Domingos, pois, em boa parte dos acontecimentos, há a invocação do divino para resolver as intempéries. Campos (1960) com seu estudo sobre o folclore cearense; Landim (2005) sobre como o sertão molda a vida de personagens da literatura regionalista, Batkhtin (2002) com alguns apontamentos sobre cultura popular, Mircea Eliade (1984) contribuindo para se entender como o culto popular moldou alguns ritos da Igreja Católica; entre outros teóricos. .

Palavras-Chave: Domingos Olímpio; Luzia-Homem; Sabedoria popular; Religiosidade.

11. HISTÓRIA SILENCIADA: COLONIALIDADE NA OBRA DE CLÓVIS MOURA

Rodrigo Guimarães de Azevedo (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

RESUMO: O estudo tem o objetivo central de compreender a história do negro e do Brasil colônia, a partir do livro-dicionário “Dicionário da Escravidão Negra no Brasil”, de Clóvis Moura (2004). Objetiva, analisar o contexto histórico-social da trajetória do negro desde o período colonial. Metodologicamente, o estudo recorreu à leitura analítico-interpretativa do referido livro. Tal leitura se deu síncrono com outros livros do autor, que versam sobre a temática negra. Como base teórico-metodológico, o estudo recorreu às discussões feitas por Marc Bloch (2010) sobre História e Historiografia; assim como Emília Viotti (2012) para refletir sobre a história da escravidão no país. Os resultados do estudo demonstraram que o livro-dicionário é um trabalho pioneiro sobre a escravidão e a vida na colônia, visto que só havia dicionários sobre a escravidão clássica.

Palavras-Chave: História; Ensino; Escravidão; Historiografia.

12. AS RELAÇÕES ENTRE A FAVELA E A SENZALA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA EM BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Laynna Aryel Parente Santana (UFPI)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o elo entre os espaços ficcionais da favela e da senzala na obra de Evaristo. Tem-se como hipótese a analogia do arranjo social dos sujeitos na favela com o arranjo social dos sujeitos na senzala. Nossa análise recorre a Maringolo (2014), Oliveira (2009) e Ferreira (2013) que observam as memórias, a luta e a resistência em Maria-Nova e nas vivências das outras personagens. Assim, vê-se que a poética da *escrevivência* tem o intuito de diluir a ideia projetada dos sujeitos negros pela sociedade validando um passado que foi negado e apagado.

Palavras-Chave: Literatura negra feminina; Conceição Evaristo: romance; Escrevivência; Resistência.

13. A IDENTIDADE NORDESTINA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Josileia Ribeiro Dantas Souza (UESPI)

Eliane da Conceição Cardoso (UESPI)
Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo investigar a identidade nordestina em **A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector, visto ser como um livro aporístico de uma ética do diálogo intercultural, razão pela qual a novela de 1977 ocupa um lugar singular dentro da poética da autora, indiscutivelmente uma das mais relevantes da literatura brasileira, cuja atualidade não para de nos levar além e a exigir de nós sempre novas abordagens, novas estratégias de leitura, novos modos de entrar e sair de nós mesmos e de concebermos nossas relações com os outros. O romance apresenta três níveis narrativos distintos embora complementares e impertinentes. Em diversos níveis temos a história da própria narrativa. Ela é constituída pelas depressões do narrador, Rodrigo S.M, que desenvolve reflexões a respeito do fazer artístico, para ele, pensar a respeito já é um fato que faz com que seus pensamentos adquiram a condição de acontecimentos na narrativa. O trabalho examinará com um olhar investigativo situações referentes, na obra de Clarice Lispector o objeto a ser estudado no caso desta análise trata-se da identidade nordestina, de Clarice Lispector, na sua obra **A Hora da Estrela**. Os resultados alcançados estabelecem a evidência da nordestinidade na obra em estudo. As análises e interpretações levantadas apoiam-se em preceitos de estudiosos como Coutinho (2001), Moisés (2006), Gotlib (1995), Guidin (1998), Hall (2006) dentre outros. Conforme o exposto, através do estudo da escrita clariceana, tornou-se possível traçar as relações entre a nordestinidade e suas imbricações ao indivíduo, além de definir os reflexos desses fatores socioculturais na produção artística da escritora.

Palavras-Chaves: Identidade Nordestina; Literatura Brasileira. Escrita feminina; Clarice Lispector.

17. VOZ FEMININA NEGRA EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: ASPECTOS DA MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

Alice Maria Araújo da Fonseca (UFRJ)
Lucelia de Sousa Almeida (UnB)

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar a voz feminina negra de Preta Suzana do *Romance Úrsula*. A metodologia será bibliográfica com interpretação sociológica. Serão feitas reflexões a respeito do surgimento da Literatura Afro-Brasileira e da reprodução dada à figura feminina negra, posteriormente, se seguirá a apresentação dos conceitos de memória e representação, contextualização sobre o período abolicionista, sobre a autora e um breve resumo sobre a obra para, por fim, dar-se a análise dos aspectos da voz da personagem objeto de análise. Assim, como aporte teórico dessa pesquisa serão utilizados, Alves (2010), Bernd (1988), Duarte (2008; 2013), Halbwachs (1990), Le Goff (2012), Mattos (2016), Ricoeur (2007), entre outros.

Palavras-Chave: Voz feminina negra; Úrsula; Memória; Representação.

18. MEMÓRIA E AUTONOMIA FEMININA DAS PERSONAGENS DONA SENHORA E ARCANJA DA OBRA CARTILHA DO SILÊNCIO DE FRANCISCO J.C. DANTAS SOB O OLHAR DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO DO AUTOR HERASMO BRAGA

Joanice de Jesus Guimarães (UESPI)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as personagens Dona Senhora e Arcanja da obra *Cartilha do Silêncio* do escritor Francisco J.C. Dantas, sob a ótica da nova tendência literária, o Neorregionalismo Brasileiro do autor piauiense, Herasmo Braga (2017). Pretende-se fazer um paralelo, teoria e obra, destacando alguns aspectos com enfoque memória e autonomia das personagens dentro da narrativa. O Neorregionalismo brasileiro, tendência que vem sendo estudada

desde a década de 60, traz uma nova configuração para as obras regionalista, na qual destaca a autonomia feminina, a transição dos espaços e a memória como forma de resistência. As personagens dentro da obra exercem um domínio maior de si e acompanham as mudanças do tempo histórico, e a narrativa memorialista exalta os aspectos da região que caracterizam o espaço.

Palavras-Chave: Memória; Neorregionalismo brasileiro; Autonomia feminina; Análise.

19. MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E AUTONOMIA FEMININA EM QUARENTA DIAS DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Jéssica Sabrina Souza Pereira (UESPI)

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar a obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, sob a ótica do Neorregionalismo Brasileiro. Sabe-se que os romances neorregionalistas, em sua maioria, são caracterizados pela presença de algumas singularidades como a autonomia feminina das personagens, a questão do espaço como coparticipante, dinâmico e predominantemente urbano, somadas a narrativa memorialista como instrumento de resistência à padronização cultural. Essas características, juntamente com a manutenção de elementos herdados da tradição regionalista modernista, possibilitam uma relação de solidariedade firmada entre o político e o literário em tempos de alteração social profunda. Nesse sentido, em *Quarenta dias* é possível observar, em meio a narrativa, aspectos que apontam para essa descaracterização da cultura assim como o impacto desta sobre a conduta das personagens. Deste modo, o objetivo é mostrar como esses fatores influenciam as relações, decisões e conflitos vivenciados pelas personagens, sobretudo as femininas. Em vista disso, pretende-se abordar essa escrita engajada com dilemas contemporâneos, tal como a autonomia feminina e sua atuação na resistência a homogeneização cultural na obra de Maria Valéria Rezende. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Para tanto, é feita a seleção de alguns momentos da narrativa bem como o uso dos seguintes autores: Bosi (2002), Brito (2017), Candido (2009), Forster (1998), Schollhammer (2011).

Palavras-Chave: Neorregionalismo; Cultura; Narrativa Memorialista; Autonomia Feminina.

20. NAS TRILHAS DO ROCK: HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE DE 1972 A 1990.

Sabrina Thays Bezerra Santos (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

RESUMO: Rita Lee enfrentou as limitações no mundo musical relacionadas à questão do gênero e assumiu o papel de mulher forte no seio de uma sociedade machista, tornando-se ícone do rock brasileiro em 1970. O trabalho buscou analisar as configurações históricas, sociais, políticas e culturais das fases da carreira da cantora e discutir as dimensões dos discursos sobre gênero, corpo e sexualidade nas letras de suas músicas. Para compreender as relações de gênero, foram utilizados autores como Alain Corbain, Rachel Sohiet, Joan Scott e Roy Porter. No tocante às discussões sobre História e Música foram utilizados os autores Marcos Napolitano, Ana Maria Bahiana e Paulo Chacon. Assim, foi possível chegar a uma breve conclusão que as músicas de Rita Lee apresentam uma grande relevância na compreensão dos fenômenos relacionados à representação social de corpo, gênero e sexualidade.

Palavras-Chaves: História; Autobiografia; Música; Gênero.

21. O CONTRASTE ENTRE OS PERFIS DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA DE ANTONIO TORRES OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS

Daniela Sousa da Rocha (UESPI)

RESUMO: Este trabalho, desenvolvido dentro do grupo de pesquisa NENIN – Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narrativa, consiste no resultado da análise dos perfis das personagens femininas presentes na obra literária *Os Homens dos Pés Redondos* da autoria de Antonio Torres. Conforme a apreciação feita, constatou-se que, as personagens apresentaram contornos distintos, principalmente, conforme a origem e aos espaços aos quais cada uma pertencia. A base para análise da obra foi a teoria do Neorregionalismo Brasileiro, nova tendência literária identificada em textos narrativos pelo professor doutor e crítico literário Herasmo Braga de Oliveira Brito. A questão da autonomia feminina representada por algumas das personagens da obra de Torres, tais como: D. Isadora, Manuela e Lena, fazem com que esta se enquadre na teoria de Braga. O objetivo deste trabalho é apresentar a presença de ideias antagônicas entre as próprias personagens femininas a respeito da autonomia. Para isto, foram feitas leituras analíticas com embasamento em BRAGA, 2017 e CANDIDO, 1974.

Palavras-Chave: Autonomia feminina; Espaço; Neorregionalismo; Literatura.

22. REPRESENTAÇÕES DA AUTONOMIA FEMININA NA OBRA OS TAMBORES DE SÃO LUÍS DE JOSUÉ MONTELLO

Janaira Rodrigues (UFPI)

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

RESUMO: O objetivo deste estudo é realizar uma análise das representações da autonomia das personagens femininas na obra “Os tambores de São Luís” do escritor maranhense Josué Montello. Trata-se de um estudo bibliográfico com base na teoria do Neorregionalismo Brasileiro de Brito (2017). Este trabalho justifica-se pelo fato desta temática ser de grande valia para o campo literário, pois contribui para a consolidação da crítica literária feminista colabora na quebra de paradigmas, pois desafiam os valores que foram erroneamente instituídos e arraigados no inconsciente coletivo que geram todos os preconceitos aos quais por anos foram e são disseminados sobre a mulher. A literatura não é mero documento de registro de problemas sociais, mas as tensões entre o homem e a sociedade e seus problemas constitui um de seus principais focos. Na obra analisada, as personagens que representam a autonomia feminina são Miduca, representa a autonomia feminina sob a ótica da sexualidade, Genoveva Pia que demonstra sua autonomia por meio da luta e resistência às adversidades aos quais fora submetida, Santinha companheira de luta de Genoveva que retrata o aspecto da autonomia de resistência e usa seu trabalho como instrumento de vingança contra pessoas más principalmente àquelas que maltratam os negros, e Benigna reproduz a autonomia por meio do domínio do seu corpo e suas vontades. Miduca demonstra sua autonomia por suas atitudes que evidenciam a posse de suas vontades e quebra o paradigma que o corpo da mulher é um objeto ou bem de posse de um homem, que este deve busca-lo quando desejar, também questiona o fato do prazer ser encontrado em um único homem ,para ela o sexo é fonte de prazer , assim como as personagens analisadas por Brito (2017) Isis e Dona Senhora , ela não os reprime ou se ressentem em expressá-los , mas mostra-se verdadeiras apreciadoras dos prazeres do corpo. Genoveva Pia representa a autonomia por meio da resistência às adversidades, uma senhora de setenta anos, que desde sua chegada ao Brasil em um navio negreiro levou a vida fazendo doces para vender e com seus lucros comprar sua casa, onde refugiava os negros antes de fugirem de São Luís. Genoveva era noviche nas Minas, e até em sua morte lutou por melhorias para outros negros. Santinha era noviche como a amiga Genoveva e ajudou Damião em um momento em que este passava dificuldades , uma mulher filhada mistura de índio e negro e por tinha cabelos lisos, uma costureira bem disputada na cidade, costurava melhor que muitos modistas de Paris. Além de disseminar o discurso de que negro não nasceu pra ser escravo, ajudar como Genoveva outros negros, Santinha usava seu trabalho como meio de punir pessoas que julgavam ruins para os negros principalmente se estas fossem brancas, se torna amiga de Damião, fazendo-lhe denúncias de atrocidades cometidas com negros e lutam juntos contra estas. Além da autonomia de liberdade do

discurso, e resistência temos em Santinha a vingança contra os brancos quando estes procuravam seus serviços. Benigna é a representação da autonomia de resistência semelhante à personagem Cota da obra “A Filha do meio Quilo”, analisada por Brito (2017), mesmo sendo negra e tivesse construído sua vida por meio dos seus relacionamentos amorosos, Benigna jamais se coloca como vítima de sua condição de mulher pobre, negra e prostituta, características desprezadas pela sociedade da época e nos dias de hoje, percebe-se ao longo da narrativa que ela não se intimida da sociedade e por meio de sua sensualidade conquistou sua liberdade, sua casa e o padrão de vida que sempre desejou e poucas mulheres detinham. Pode-se concluir que a obra “Os tambores de São Luís” demonstra diversas formas de autonomia feminina, cada uma com sua singularidade e todas ligadas pelo mesmo objetivo que é o enfrentamento ao poder masculino, todas as personagens analisadas representam a luta e resistência na desconstrução de valores erroneamente atribuídos às mulheres pela sociedade. É oportuno evidenciar que a autonomia nas personagens da obra analisada, independe de idade, lugar ou condição social. Esse aspecto de autonomia feminina é importante segundo Brito (2017), porque expõem as mudanças históricas sociais que as mulheres têm passado em suas trajetórias, embora não sejam unicamente protagonistas da narrativa, por meio delas Montello (1976) consegue transmitir a importância da mulher nas enfrentações sociais, todas as personagens constituíram-se elementos essenciais às vitórias alcançadas pelo herói Damião na luta contra escravidão, pois atuaram de forma contígua a ele no enfrentamento das adversidades. E isso promove como afirma Candido (2002) um diálogo extremamente importante entre a literatura e sociedade, característica que se torna cada vez comum, principalmente nas obras de literatura contemporânea e mais especificamente nas obras do Neorregionalismo Brasileiro.

Palavras-Chaves: Literatura; Neorregionalismo Brasileiro; “Os tambores de São Luís”.

23. IDENTIDADE CULTURAL E CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO ROMANCE CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Amanda de Araújo Carvalho (UESPI)

Patrick Lustosa Brandão (UESPI)

RESUMO: O presente estudo pretende analisar a identidade cultural e a construção do feminino no romance **Clara dos Anjos**, de Lima Barreto. A Literatura, como forma de transfiguração do real, traz oportunidade para o debate e apresentação de diversos temas relevantes na sociedade. Ao analisar a personagem Clara dos Anjos, buscou-se esse conhecimento necessário para a problematização de algumas questões que circundam o universo feminino. Por tratar de uma personagem feminina, a crítica feminista forneceria subsídios importantes para a análise por nós sugerida, pois ajudaria a compreender como as diversas de ideologias relacionadas ao feminino participariam na formação da protagonista. Por isso, é preciso levar em consideração a relação da cultura com a história e com os sistemas simbólicos de representação e luta pelo poder. Após a leitura crítica dos textos dos teóricos, fez-se a análise do livro Clara dos Anjos, buscando compreender a obra, caracterizando a profundidade da crítica social nela existente, procurando encontrar os elementos associados à construção da identidade e assim comprovar os aspectos objetivados anteriormente. Para realização da pesquisa apoiamos-nos em Zolin (1999), Novais (1998), Hall (1997) entre outros estudiosos da área.

Palavras-Chave: Identidade Cultural; Construção do feminino; Romance; Lima Barreto.

24. LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA BALADA DE AMOR AO VENTO DE PAULINA CHIZIANE

José Sarney de Sousa Martins Júnior (UFPI)

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (UESPI)
Flávia de Carvalho Silva

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise de crítica literária relacionada aos diversos modos de propagação do machismo que estão arraigados no contexto histórico-cultural da obra *Balada de amor ao vento* de Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance. O objetivo principal é explicar ao leitor as multifaces que o machismo se encontra na obra em um determinado período histórico e relacionar à contemporaneidade. A obra analisada refere-se a um romance vivido nos anos de 1990 em pelos personagens Mwando e Sarnau. Inicia-se durante a juventude dos dois, a doce menina ao ver o rapaz em uma festa de circuncisão dos meninos que estão se tornando homens, se encantou, era o Mwando, filho do Rungo que no momento estudava para ser padre, depois de alguns encontros descobre um forte amor. Após o descobrimento da relação dos personagens, o jovem protagonista foi expulso da escola de padres e rapidamente adapta-se aos trabalhos que os jovens da sua idade realizavam. Após alguns meses sem distantes, Sarnau descobre uma gravidez e ele a abandona, pois seus pais arranjam um casamento para ele, por esse motivo então a moça tenta um suicídio e perde a criança. Sarnau foi escolhida como esposa do rei através de um lobolo da família (troca), foi o momento onde ela teria para esquecer o Mwando. Ao passar do tempo foi decepcionando-se com o seu marido pela pouca atenção, submissão sofrida e pelas agressões que ele as causava. Após um tempo o jovem apareceu novamente e o amor entre os dois se restaurou e tiveram um filho, mesmo com a Sarnau casada com o rei, no qual ela teve que enganá-lo ao dizer que era do rei, mas na verdade era do seu primeiro amor. O casal fugiu, mas Mwando, mais uma vez abandona sua amada por medo das ameaças de morte do rei. Com isso Sarnau vive em momentos de muita tristeza com seus dois filhos, amargurada pelo abandono do seu grande amor, porém no final ele aparece na sua vida novamente querendo refazer as suas vidas como casal, apresenta-se aos seus filhos e pede que ela o aceite de volta para então permanecerem juntos. O presente trabalho foi dissertado através de base bibliográfica com referencial literário, foram utilizados materiais como artigos científicos sobre a literatura de Moçambique, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, além de sites eletrônicos como Google Acadêmico e Scielo. A partir das buscas iniciou-se à crítica ao machismo e a submissão das mulheres presentes na obra, onde nela há uma forte marca machista e agressão contra mulheres que está caracterizada na cultura da época em que é vivenciada a história. Pode-se notar no decorrer do romance em alguns fragmentos que é inaceitável que o homem/marido possa realizar os afazeres domésticos ou quando é relatado que homens não podem chorar e devem ensinar isso para seus filhos, na relação entre o rei e as suas mulheres, onde existem questões de agressões físicas, inclusive cometidas à própria protagonista da obra. Merece destaque na obra também a questão da submissão sofrida pelas mulheres, elas em vários momentos têm que ser obedientes aos seus maridos, aceitarem o homem deitar-se com outras na cama e ainda serem forçadas a deixar o local utilizado por eles limpo e oferecer o que há de melhor para a outra, além disso, ficar de joelhos quando eles as chamassem, esse cenário de relação é chamado de poligamia. Conclui-se que esses fatores na contemporaneidade devem ser trabalhados e combatidos através de políticas para mulheres. Algumas militâncias, como, por exemplo, o feminismo, já luta a favor da igualdade de gênero, além de combater a exclusão de mulheres e o extermínio das minorias, assim como deveria ser difundida nas escolas, através da mídia para dar ênfase às notícias dos atos de agressão contra a mulher para que a sociedade possa sensibilizar-se e não aceitar mais esses atos.

Palavras-Chave: Literatura; África; Crítica; Feminismo.

25. OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE E VIDAS SECAS: OS FENÔMENOS REGIONALISTAS E RELIGIOSOS

Virna Inácia do Nascimento Carvalho (UESPI)

RESUMO: O presente artigo busca comparar as obras *Os flagelados do vento leste*, do cabo-verdiano Manuel Lopes e do clássico da literatura brasileira *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Os textos possuem diversos aspectos, tanto similares quanto divergentes, porém, serão aqui retratados apenas dois pontos: O regionalismo e o sagrado. O paralelo entre as obras será pontuado por meio da abordagem comparativista, que procura explicar as comparações existentes entre obras da literatura mundial em diferentes aspectos. Autores de renome estudam a Literatura Comparada, por exemplo, Antonio Cândido, Silvana Oliveira e Tânia Carvalhal, que fazem com que textos antes não observados passem a entrar no cenário literário universal.

Palavras-Chave: Regionalismo; Sagrado; *Os flagelados do vento leste*; *Vidas Secas*.

26. PREDADORES: CRÍTICA A UMA SOCIEDADE “MILITANTEMENTE” HIPÓCRITA

Jéssica Mineiro Alves (UESPI)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer a análise da obra “Predadores” (2008) de Pepetela, pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. A mesma dita a história da corrupta ascensão do angolano José Caposso, que se autoproclama um grande revolucionário ligado ao MPLA, em um período posterior as lutas socialistas pela independência da terra. O autor utiliza-se de tempo psicológico, visto que a história se divide em capítulos nomeados pelas datas dos principais acontecimentos na vida da família retratada. O envolvimento com a obra busca trazer a tona os aspectos sociais de uma militância hipócrita que muito claramente ascende uma minoria opressora e oportunista.

Palavras-Chave: Crítica Sociológica; Militância; Literatura africana.

SIMPÓSIOS E COMUNICAÇÕES LIVRES – SEXTA-FEIRA 07/09/2018

1. A MULHER NA LITERATURA E NOS OUTROS SISTEMAS SEMIÓTICOS – PRODUÇÃO, AUTORIA E REPRESENTAÇÃO / REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO (1995 À ATUALIDADE)

Coordenador(es):

Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa (UESPI)

Profª. Dra. Ludmila Portela Gondim Braga(UNB)

Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes(PUC)

Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito(UFRN)

Prof. Dr. José Wanderson Lima Torres (UESPI)

1. ENTRE MULHERES E NÃO MULHERES: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA DISTOPIA DE “THE HANDMAID’S TALE”

Fabiana de Oliveira Gomes (PUCRS)

RESUMO: Esta investigação tem por objetivo analisar, a partir dos Estudos Feministas, as representações de gênero na realidade distópica do romance *The Handmaid’s Tale* (“O Conto da Aia”, em português), escrito por Margaret Atwood em 1985; bem como na série televisiva homônima, produzida pela plataforma online Hulu, de 2017. Ambientado em um futuro próximo, *The Handmaid’s Tale* discorre a respeito da condição da mulher em uma realidade na qual, após um golpe de estado nos EUA, um grupo de religiosos assume o poder e utiliza-se de uma leitura fundamentalista do Antigo Testamento para formular as leis da República de Gilead: entre elas, a perda dos direitos das mulheres, que são proibidas de possuírem trabalhos, propriedades e até mesmo de ler e escrever. As mulheres férteis passam a ser consideradas propriedade do Governo, servas com o único intuito de gerar herdeiros para a elite, uma vez que grande parte da população está infértil e os índices de natalidade estão cada vez menores. Quem não se enquadra na representação ideal pré-determinada pelo Governo, torna-se uma “Não mulher” e é condenada ao trabalho forçado em campos de concentração ou inclusive à morte, por ser considerada inadequada para viver em sociedade. Partindo de referências como Guacira Louro (2014; 2016), Simone de Beauvoir (2016), Joan Scott (1995; 2005) e Adriana Piscitelli (2009), entre outras; e através de um estudo qualitativo bibliográfico, busca-se discutir as questões: o que significa e representa ser mulher nessa distopia? O que descaracteriza um sujeito feminino para ser considerado uma Não mulher? Analisa-se, também, como essa narrativa transpassa a fronteira da ficção para a nossa realidade.

Palavras-Chave: Representações de Gênero; *The Handmaid’s Tale*; Literatura; Série Televisiva.

2. ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM MEMÓRIAS DE LÁZARO DE ADONIAS FILHO

Wellington Vinícius Ferreira de Souza (UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem como finalidade analisar a representação do feminino na obra *Memórias de Lázaro* (1952), de Adonias Filho. As lembranças do protagonista-narrador, Alexandre, formam o enredo do romance que retoma a tragédia de sua vida, desencadeada por seu interesse em Rosália, personagem determinante em todos os momentos decisivos do enredo. Em vista do significativo papel exercido pela representação do feminino nessa narrativa literária, buscamos refletir sua elaboração sob a perspectiva linguístico-expressiva para examinar os procedimentos que viabilizam seu funcionamento na economia do romance. A partir da análise expressiva, examinamos como a criação de Rosália dá-se sob os discursos do sadismo e da vítima de violência, deslocando-a, por vezes, para as perspectivas de vítima, agente ou testemunha de atos agressivos. Além disso, observamos como os temas do sexo, do matrimônio e da subversão da maternidade são engendrados a uma estética da violência ao longo da composição dessa personagem. Essa estética “trabalha com o movimento tenso entre a vida e a morte, que admite recursos como fragmentação, o grotesco, o abjeto e o choque.” (GINZBURG, p. 28-29, 2012). Os autores Bakhtin (2015), Genette (1995), Ginzburg (2012), Rosenfeld (2009) e Todorov (1974) compõem a fundamentação de nosso estudo.

Palavras-Chave: Adonias Filho; Estética da violência; Literatura brasileira; Representação do feminino.

3. ETHOS MACHISTA NA CANÇÃO NORDESTINA: O CASO DE JOÃO DO VALE

Ludmila Portela Gondim Braga (UNB)

RESUMO: Objetivamos entender a construção do ethos masculino e machista nordestino presentificado na obra lítero-musical de João do Vale, artista maranhense presente na cultura brasileira dos anos 1950 a 1980. Tomadas como elementos semióticos, suas canções reúnem categorias que podem levar à reflexão sobre: nordestinidade, machismo, violência e patriarcado. Sua atividade discursiva é construída num contexto de identificação machista, símbolo cultural relacionado à construção do ethos nordestino. Nesse sentido, acompanhamos o raciocínio de Scott (1987), para a qual “gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.” É de nosso interesse discutir como João do Vale inclui e apresenta a história das mulheres, sejam elas nordestinas ou não, como a desigualdade de poder é representada e de que maneira esse ethos masculino/ nordestino se revela.

Palavras-Chave: Ethos; Masculino; Nordeste; Canção.

4. ORALIDADE E ESCRITURA EM BECOS DA MEMÓRIA

Marcia Milena Galdez Ferreira (UEMA)

RESUMO: Abordam-se relações entre memória e literatura, oralidade e escritura na obra *Becos de memória* da escritora e intelectual Conceição Evaristo. Escrito em 1987 e publicado em 2006 o romance é tecido a partir da costura de falas e lembranças de uma menina, Maria Nova, narradora que em linguagem direta e densa trança quadros da favela onde vive, rerepresentando-a ao leitor como um rico mosaico, composto de fragmentos bricolados que o conduzem ao cotidiano de um espaço marcado pela pobreza. Conceição Evaristo afirma que não nasceu rodeada de livros, mas de palavras e que seu exercício de escritura faz-se como tradução e reflexão da experiência individual e coletiva (*escrivência*), em que dizeres, gestos cores, ruídos, sabores, toques, cheiros e odores são captados e transmutados como literatura, ora capturando palavras da oralidade, ora inventando-as ao fotografá-las como escrita. Inquirimos a posição assumida pela narradora no curso da obra, como observadora e ouvinte da sabedoria dos mais velhos, buscando compreender os meandros das memórias sociais, suas disputas e sua reapresentação e (re)construção no próprio ato narrativo. Benjamim sinaliza para o papel da memória como transmissão de experiência e sabedoria e a narradora menina representa um possível caminho para o conhecimento e registro da experiência de homens e mulheres negros, pobres, favelados, congelando imagens alegóricas que relampejam no *agora da conhencibilidade*.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Escritura,; Experiência; Becos da Memória.

5. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM FEMININA SOB INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO LITERÁRIO NO FILME O CÉU DE SUELY (2006)

José Wanderson Lima Torres (UESPI)

Sayara Saraiva Pires (UFPI)

RESUMO: O Regionalismo foi um aspecto que intensificou um acoplamento de características comuns entre Cinema e Literatura. Entre elas, encontra-se a representação da figura feminina, que passou por várias transformações acompanhando as mudanças sociais. Diante deste diálogo, a área literária se apresenta como uma das principais fontes inspiratórias para produções fílmicas. Portanto, buscou-se reunir informações dessa união com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como a configuração estética regionalista influenciou nas mudanças representativas das

personagens femininas no Cinema Pós-Retomada? O objetivo geral da pesquisa é investigar a influência do regionalismo literário para o cinema contemporâneo brasileiro sob a ótica da autonomia das personagens femininas. Os objetivos específicos são: analisar as configurações estéticas regionalistas da Literatura e do Cinema, e compreender as mudanças do regionalismo literário através do Cinema Brasileiro Contemporâneo. Para isso, tomaremos como objeto de estudo o filme *O Céu de Suely* (2006), de Karim Aïnouz. Efetivamos uma pesquisa analítico-qualitativa desenvolvida com base em teóricos como Braga (2017), Candido (2000/2006/2013), Xavier (2001), Martin (2003), Debs (2010), Del Priore (1994), entre outros. Constatamos que o regionalismo literário, a partir da década de 30 passa a focar em cenários urbanos, mostrando problemas sociais. Essa característica estendeu-se às produções de cinema. Uma consequência que a urbanização atribuiu ao adentrar no meio rural foi o ganho de autonomia da mulher na sociedade, assim é posto em evidência nas obras contemporâneas.

Palavras-Chave: Regionalismo; Literatura; Cinema; Autonomia Feminina.

6. MUCAMAS: NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES

Maria José Lopes Moraes de Carvalho (SEDUC-PI)

Jonas Rodrigues de Moraes (PUC)

RESUMO: A comunicação visa analisar e discutir as representações femininas no filme-documentário “Mucamas” a partir da abordagem de gênero, relações étnico-raciais e trabalho. A palavra mucama é originária da língua africana chamada quimbundo, na qual significa “escrava de estimação e amante de seu senhor”, era tida também como ama-de-leite. Essa película fílmica é produzida e dirigida pelo Coletivo Nós, Madalenas, tem-se em seu elenco as vozes femininas: Jaidete Maria, Marildete Batista, Nilse Leandro, Regina Oliveira e Valdiena França. Nas narrativas dessas mulheres observa-se as relações tensas e conflituosas marcada pelo conservadorismo na sociedade brasileira. Desse modo, percebe-se um enraizamento do pensamento da casa-grande sob a senzala. Indiscutivelmente, o relato dessas mulheres trata das barreiras que separa e distancia a relação entre patrão/patroas e trabalhadoras. Efetivamente, a comunicação se ancora teórico e metodologicamente nas/os autoras(es) Bordieu (1995), Castells (1999), Hirata e Kergoat (2007) e Scott (1995).

Palavras-Chave: Mucamas; Gênero; Relações étnico-raciais; Trabalho.

7. O EMPODERAMENTO MATERNO EM GAME OF THRONES

Antonia Karine do Nascimento Rosendo (UEMA)

Cristiane Silva Araújo Dias (UEMA)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise acerca dos arquétipos de personalidade maternas dentro de *Game of Thrones* série televisiva exibida pelo canal HBO e baseada na série de livros *Crônicas de Gelo e Fogo* escritos por George R. R. Martin, desse modo objetiva-se fazer um paralelo entre a figura materna da série de TV e a real contemporânea. A série traz como figuras femininas/ maternas mulheres que não se rederam ao patriarcado, exercendo papel importante, até de liderança, conduzindo assim, seu próprio destino e de seus filhos, o trabalho traz uma análise acerca das personagens, Catelyn Stark, Cersei Lannister e Daenerys Targaryen. Assim, nenhuma dessas mulheres/mães pode ser compreendida de forma unilateral e sim como seres multifacetados, que se adequam perante as situações, evoluindo de maneira significativa, transformando o cenário a sua volta a fim de cumprir seus objetivos, adaptando-se aos obstáculos em seu caminho e encontrando meios de garantir o sucesso de sua trajetória. Ainda que, se trate de uma narrativa de fantasia, as personagens femininas têm atitudes próximas das mães contemporâneas, sendo

compelidas a encontrar realização pessoal, concomitantemente a defender e proteger seus filhos, da melhor maneira possível.

Palavras-Chave: Figura materna; Patriarcado; Arquétipos de Personalidade; Epoderamento.

8.A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM A HISTÓRIA DA ETERNIDADE

Teresa Cristina de Oliveira (UFPI)

RESUMO: Nos últimos anos, o interesse pela realidade histórica e representacional feitas do feminino mobilizou especialistas de diferentes domínios de conhecimento e produziram tanto na literatura quanto no cinema diferentes abordagens, saindo do tradicional que se contentava com o retrato de algumas mulheres notáveis. Com isso, este trabalho tem como objetivo analisar a representação da mulher no contexto do cinema contemporâneo com o filme *A história da eternidade*, de Danilo Cavalcante (2014), a partir das perspectivas das personagens, visualizando como elas são construídas nas narrativas. Investiga-se como as mulheres que protagonizam a história são representadas e de que maneira o meio em que elas estão inseridas e os valores sociais influenciam em seus relacionamentos. Portanto, essa pesquisa se apoiará em teorias sobre a linguagem cinematográfica, além de uma apreciação da crítica do cinema contemporâneo.

Palavras-Chave: Representação da mulher; Cinema contemporâneo; *A história da eternidade*.

9. DAS FRATURAS DA MÍMESIS À MÍMESIS FRATURADA: REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM O CAVALO DE DUAS PATAS (ASBE DU-PA), DE SAMIRA MAKHMALBAF

José Wanderson Lima Torres (UESPI)

A obra fílmica *O cavalo de duas patas* (2008) representa, na obra da iraniana Samira Makhmalbaf e no âmbito do cinema contemporâneo, um processo de exacerbação do registro imagético híbrido que funde os discursos documental e ficcional, borrando na percepção do espectador os limites entre violência e representação da violência. Tal opção de Makhmalbaf levou críticos e espectadores comuns de várias partes do mundo a questionarem se o filme era um panfleto pacifista com doses de ironia e Kitsch proposital, ou se se trava de uma obra que violava os direitos humanos ao expor crianças, algumas inclusive com transtornos mentais, a situações de dor e vexação. Dessa forma, *O cavalo de duas patas* repisa, em nova chave, o ponto delicado em que ética e estética confluem e se entrecrocaram: quais os limites, em arte, da reprodução visual e da encenação da violência? Onde encontrarmos um marco divisório entre denúncia social e sadismo? A estetização da dor do outro é uma forma de alteridade ou de frieza moral e social? Deixando de lado a moralismo denunciante, o diletantismo político e as explicações esteadas em fatos biográficos, esta investigação apoia-se em pensadores como Walter Benjamin, Luiz Costa Lima e René Girard para, partindo dos dados estéticos extraídos do filme, buscar compreender os sentidos da violência ali produzidos. Aponta-se que a diretora, independentemente de suas posições humanistas, fraturou os limites da *mimesis*, contaminando-se com a própria violência que tivera intenção de denunciar.

Palavras-Chave: Cinema; *Mimesis*; Violência; Estetização.

10. O FEMININO EM NÉLSON RODRIGUES: UMA ANÁLISE DA PEÇA TEATRAL OTTO LARA RESENDE OU BONITINHA, MAS ORDINÁRIA (1962) E SUA TRADUÇÃO PARA O CINEMA

Alfredo Werney Lima Torres (IFPI)

RESUMO: A obra de Néelson Rodrigues está entre as mais adaptadas na história do cinema brasileiro, sendo superada apenas pela obra de Jorge Amado. Cineastas importantes como Néelson Pereira dos Santos, Braz Chediak, Neville D'Almeida, Bruno Barreto e Arnaldo Jabor dedicaram-

se à complexa tarefa de realizar a tradução intersemiótica do teatro rodriguiano para as telas. Apresentando resultados estéticos bastante desiguais, os filmes que se basearam no trabalho do dramaturgo carioca, em geral, reduzem sua complexidade narrativa e não observam com cuidado sua articulação com a literatura universal e com a mitologia judaico-cristã. Discutida por meio de diversas perspectivas analíticas – seja social, semiótica, literária – o teatro rodriguiano aponta para diversas interpretações da realidade, criando sempre uma polifonia de discursos e de visões de mundo. Além disso, estamos diante de uma dramaturgia que revela, através de uma confluência de narrativas e de uma linguagem coloquial e avessa a registros literários artificiais e pomposos, as tensões existentes no processo de formação da sociedade e da família brasileira. Embora se trate de uma obra literária e teatral muito discutida em trabalhos acadêmicos e ensaios, a questão das personagens femininas de Néelson Rodrigues merece, em nossa compreensão, um estudo analítico mais extenso e aprofundado, dado o papel central que a mulher ocupa na articulação das narrativas desse autor. Abordando o feminino de modo mais naturalista e realista, principalmente em suas tragédias cariocas, a dramaturgia desse escritor constrói um rico painel de personagens femininas, como Geni, Maria Cecília, Ritinha, Glorinha, D. Senhorinha, Glória, entre outras. A presente comunicação visa realizar um estudo analítico das personagens femininas, em especial Ritinha e Maria Cecília, da obra *Bonitinha mas ordinária* (1981), peça traduzida para o cinema pelo cineasta Braz Chediak. Pretendemos também discutir as articulações entre cinema e literatura, para que possamos compreender de modo mais orgânico as convergências e divergências entre o olhar do cineasta e do dramaturgo acerca do universo feminino. Para a realização desse trabalho dialogaremos com importantes estudiosos, como Ismail Xavier, que estuda as relações entre teatro e cinema na obra de Néelson Rodrigues, e Júlio Plaza, que investiga os processos de tradução intersemiótica.

Palavras-Chave: Néelson Rodrigues; Bonitinha, mas ordinária; tradução intersemiótica; mulher no cinema.

11.O NEORREGIONALISMO CINEMATOGRAFICO BRASILEIRO ATRAVÉS DA AUTONOMIA DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS PRODUÇÕES DE CLAUDIO ASSIS E KLEBER MENDONÇA FILHO

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

RESUMO: O presente estudo visa realizar uma análise comparativa entre os filmes *Amarelo Manga* (2003) de Claudio Assis e *O Som ao Redor* (2013) de Kleber Mendonça Filho para configurar o Neorregionalismo Cinematográfico Brasileiro a partir de um dos seus elementos: a autonomia da personagem feminina. Percebemos que essa autonomia acontece não por uma ação datada, programática dos cineastas ou mera ação política de reconhecimento. Ela advém deste forte diálogo existente nas produções fílmicas brasileiras diante dos contextos histórico-sociais com as artes. As protagonistas femininas, diante das suas autonomias, passam a exercer uma **verticalidade heroína**, ideia formulada por Oliveira (1991). Podemos ilustrar essas questões não apenas em obras em que o protagonismo único é da personagem feminina, mas até mesmo em filmes em que elas dividem o protagonismo. Percebemos essa verticalidade também diante e mediante os seus companheiros. Algo interessante destas produções Neorregionalistas, mesmo sob a tutela do regionalismo cultural, é que mesmo quando associado ao espaço do nordeste, o tido poder patriarcal, atua nos filmes neorregionalistas com menos força. Essa diminuição da intensidade do poder patriarcal acontece muito mais pela imposição feminina e reafirmação da sua autonomia do que por concessão masculina. Os autores que fundamentaram a nossa discussão são: Brito (2017), Bernadet (2007), Xavier (2001).

Palavras-Chaves: Autonomia Feminina; Neorregionalismo; Cinema Brasileiro.

2. AS DIMENSÕES DO FEMININO NA IMPRENSA PERIÓDICA DOS SÉCULOS XIX E XX / A IMPRENSA FEMININA E A HISTÓRIA DA LITERATURA

Coordenador(a):

Prof.ª. Dra. Cristiane Navarrente Tolomei (UEMA)

Prof. Ms. Rafael Balseiro Zin (PUC)

1. MODA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA VOGUE BRASIL

Émille Cristhine de Passos (UFPI)

Monalisa Pontes Xavier (UFPI)

2. MULHERES ILUSTRES DA LITERATURA: LITERATAS BRASILEIRAS E A EXALTAÇÃO DA ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX

Laila Thaís Correa e Silva (UNICAMP)

RESUMO: A moda se faz presente em diferentes contextos da vida social, atravessando comportamentos, gostos, arte, roupas e modos de se comunicar, além de ser uma forma de expressão que vem sofrendo modificações ao longo dos anos, ela se adequa ao modo de viver e pensar de cada período. Atualmente as mulheres estão cada vez mais em busca de um estilo próprio e isso é possível com o acesso às informações de moda buscadas nas revistas de moda, que surgiram por meio das revistas femininas. As revistas femininas desde seu aparecimento veiculam para as leitoras formas de se vestir, comer e se comportar. Por isso, podemos dizer que a moda estabelece relações com os sujeitos, buscamos então entender como se dá esse processo, dos leitores para com as imagens de moda, como a roupa pode comunicar diferentes estilos de vida. Olhamos para a revista Vogue Brasil, para entender como as imagens de moda produzem perfis subjetivos, conhecer quais são esses perfis subjetivos e compreender como esses perfis engendram modos de subjetivação. Como estratégia de análise utilizamos a cartografia das capas da Vogue Brasil de maio de 1975 e maio de 1985.

Palavras-Chave: Subjetividade; Moda; Vogue Brasil; Revistas femininas

3. TRADUTORAS BRASILEIRAS: INFLUÊNCIAS NA IMPRENSA DOS SÉCULOS XIX E XX

Maria Eduarda dos Santos Alencar (UFPE)

RESUMO: A presente pesquisa tem como principal objetivo destacar a participação de tradutoras brasileiras que atuaram na imprensa periódica dos séculos XIX e XX. Pretende-se, com isso, refletir sobre a significativa influência que essas profissionais exerceram, por meio de suas traduções, nos jornais e revistas da época, tais como *A mensageira*, *O Lyrio*, *Jornal da Família*, *Brasil mulher* e *Nós mulheres*, que possuíam caráter militante e publicavam artigos estrangeiros que chegavam ao Brasil. Para essa finalidade, foi traçado um percurso da prática tradutória no País, desde os anos oitocentistas, considerando as pesquisas de Paes (1990), Torres (2014) e Wyler (2003). Além disso, sob o ponto de vista histórico, discorreu-se sobre a participação das mulheres no mundo literário, nos séculos citados, fazendo um recorte entre as tradutoras brasileiras e os periódicos publicados na época. Por fim, este estudo foi desenvolvido a partir das considerações de Leite (2003), Queiroga (2015), Telles (2004), entre outras, e guiado por meio da pesquisa bibliográfica exploratória na medida em que busca o aprofundamento da temática da atuação de tradutoras brasileiras na imprensa.

Palavras-Chave: Tradutoras brasileiras; Imprensa; Séculos XIX e XX; Prática tradutória.

4. EDUCAÇÃO E IMPRENSA FEMININA EM ESCOLAS CONFESSIONAIS NO PIAUÍ (1930-1940)

Olívia Candeia Lima Rocha (UNICAMP)

RESUMO: A primeira metade do século XX observa-se no Estado do Piauí, investimentos do estado e da Igreja na educação feminina. A República introduziu a separação entre Estado e Igreja no Brasil, devendo-se considerar que essa atenção à educação feminina devia-se aos papéis atribuídos ao sexo feminino na família e na sociedade. Esse foi um período em que se desenvolviam ações reivindicativas de caráter feminista e também de ampliação da atuação feminina no espaço público. Propõe-se analisar as revistas *Primícias Literárias* (1936) e *Raios de Luz* (1940), enquanto publicações institucionais de escolas confessionais do Estado do Piauí, voltadas para a educação feminina, respectivamente, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, capital; e Colégio Nossa Senhora das Graças, em Parnaíba. Essas cidades constituem-se em dois representativos centros urbanos e econômicos deste estado. Dentre os referenciais para essa análise, menciona-se, Michel Foucault, para quem a sociedade é permeada por uma micropolítica, que envolve relações de saber e poder. Dessa forma, compreende-se que a educação é uma forma de preparação de corpos e mentes para o desempenho de funções na sociedade.

Palavras-Chaves: Sociedade; Educação; Imprensa Feminina; Revistas.

5. HUMBERTO DE CAMPOS VERSUS AMÉLIA BEVILÁQUA: POLÊMICA LITERÁRIA E SAGRAÇÃO DO PRESTÍGIO NA IMPRENSA CARIOCA

Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI - UFRGS)

RESUMO: O terreno das polêmicas literárias esconde um mecanismo de disputas que consiste, de maneira sucinta, em tornar-se e manter-se detentor de códigos, condição *sine qua non* para o prestígio no campo literário, objeto que põe em conflito dois sujeitos. À luz do desejo mimético de René Girard (2009; 2011), analisa-se esse processo a partir da contenda que envolveu os escritores Humberto de Campos e Amélia de Freitas Beviláqua, em que a obra *Impressões*, desta, desencadeia um conflito em que as esferas estética e ética se confundem a partir de estratégias discursivas como a ironia e o julgamento impressionista e preconceituoso do crítico (o modelo), que nega a entrada da escritora (o sujeito) em seu cânone pessoal (o objeto), simplesmente por sua condição de mulher. O espaço da discussão são os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, no ano de 1929. Usa-se, ainda, os posicionamentos deixados no *Diário secreto* (1954), de Humberto, registros que dão conta do fundamento e do desenrolar de toda a polêmica.

Palavras-Chave: Polêmica literária; triângulo mimético; Humberto de Campos; Amélia Beviláqua.

6. MULHERES ESCRITORAS NA IMPRENSA PIAUIENSE: OS CASOS DE TERESINA E PARNAÍBA (1870-1930)

Erika Ruth Melo Da Silva (UESPI)

RESUMO: Este trabalho, em breve apanhado histórico das produções, parte desde os pseudônimos nos jornais literários de Teresina do século XIX, às publicações em Almanques e periódicos parnaibanos do início do século XX, percorrendo um recorte que foi de 1870 a 1930. Assim, ainda relata o processo de instrução feminina em escolas domésticas, colégios religiosos, escolas normais e as conseqüentes atuações das mulheres em grêmios literários, como professoras, editoras e poetisas. O embasamento se dá por meio das fontes primárias, assim como, usa as contribuições da historiadora Joan Scott (1992) para reflexionar sobre os critérios da ciência em notar o local das mulheres na história.

Palavras-Chave: História; Literatura; Mulheres; Periódicos; Mentalidades.

8. A LITERATURA DE MULHERES BRASILEIRAS: PAGU, UM NOME ESQUECIDO

Fernanda Silva da Silva (UEMA)

RESUMO: O homem, dito historicamente como sujeito universal, costuma ser aquele que possui o poder de fala (Spivak, 2010; Ribeiro, 2017) nas mais diversas produções intelectuais de cunho científico, sociológico, político, econômico, cultural, literário e etc., e tais homens marcaram e influenciaram as suas civilizações, como por exemplo: Charles Darwin, Sócrates, Jesus Cristo, Ferdinand Saussure, Albert Einstein e tantos outros! Considerando isso, nos interessa, nesta pesquisa, abordar a presença feminina na literatura brasileira, tendo em vista o lugar de fala da mulher, sua abordagem de temas literários e o que ela representou para a sociedade da época. Interessa também tratar de algumas autoras brasileiras que se destacaram, mas que atualmente não são mais tão cogitadas, relevando principalmente a escritora Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), a “*Pagu*”, como foi chamada por Raul Bopp que confundiu seu sobrenome pensando que a jovem se chamava Patrícia Goulart. Falaremos ainda, sobre como se deu a desenvoltura e dinamicidade dos aspectos socioculturais que trazem na bagagem ideológica de suas obras. Tomando o Quinhentismo como marco inicial da nossa literatura, podemos perceber que é somente no século XIX, três séculos depois, durante o Romantismo que um nome feminino é reconhecido dentro da literatura brasileira: Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira autora brasileira, a partir de sua obra *Úrsula*, publicado em 11 de agosto de 1860. Outras poucas mulheres de coragem conseguiram publicar seus trabalhos, como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Albertina Bertha (1880-1953), Narcisa Amália (1856-1924), Gilka Machado (1893-1980), Cora Coralina (1889-1985) etc., até chegar em Patrícia Rehder Galvão, a “*Pagu*” (1910-1962). Para a época, Patrícia podia ser considerada *feminista*, uma vez que ela defendia que a figura da mulher era digna de atuar na sociedade e na política assim como acontecia com os homens. Aos 15 anos já escrevia para um jornal de São Paulo assinando com o pseudônimo “*Patty*” e aos 19 anos conheceu os antropofagistas Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, pelos quais foi nitidamente influenciada. A partir de então *Pagu* iniciaria sua carreira pretenciosa e turbulenta marcada por muitas prisões, viagens pelo mundo, separações e envolvimento em revoluções e protestos, alguns deles chegando a ser violentos e radicais. Junto com o casal ela participou de movimentos modernistas e os acompanhou durante algum tempo. Aconteceu com Patrícia, algo semelhante as histórias dos seus romances, é claro, mudando o fato de que nos romances o fim da história não seria feliz ou no mínimo favorável para a mulher; Patrícia engravidou de seu primeiro filho, Rudá de Andrade. Então Oswald separou-se de Tarsila e casou-se com ela. Apesar de pertencer à classe favorecida da época, Patrícia criticava as damas de elite no jornal que viera a editar junto de seu esposo Oswald e de Queirós Lima “*O Homem do Povo*”, onde ela foi colunista nas oito edições que o jornal teve. Lutando por aquilo que acreditava, *Pagu* foi presa pela primeira vez – das próximas 23 vezes que viriam mais tarde – em 15 de abril de 1931 por adotar postura de militante comunista e ter incendiado o bairro do Cambuci, protestando contra o governo provisório. Em 1933, Patrícia foi obrigada a assinar o seu primeiro romance, “Parque Industrial” com o pseudônimo de Mara Lobo por exigência do Partido Comunista, ao qual filiou-se em 1935, influenciada pelas ideias marxistas que conheceu enquanto jornalista dos jornais cariocas. Sua obra é fortemente marcada pelas ideias marxistas pois fala da vida da classe proletária denunciando as situações do cotidiano onde as relações estavam baseadas em nada menos que amor, sexo e dinheiro. “*Parque Industrial*” rememora também a questão da figura feminina nitidamente menosprezada e erradicada dos âmbitos sociais e político. Logo depois de publicar o seu romance, que foi financiado por Oswald, *Pagu* parte como repórter deixando para trás seu filho e seu esposo, porém a sua “liberdade” não durou muito tempo pois novamente estava correndo risco de ser presa em Paris por ser comunista estrangeira e por falsidade ideológica, graças ao Embaixador Sousa Dantas não foi deportada para a Alemanha. E trazida de volta ao Brasil, mais tarde, em 1940 *Pagu* resolve se desvincular do PC

(partido comunista) devido atritos que convergiam entre seu engajamento com o grupo e sua postura que criticava o menosprezo da sociedade com relação ao papel da mulher e às minorias, geralmente eram pessoas de classes menos abastadas de poder aquisitivo e, quando então separa-se de Oswald de Andrade, começa a fazer parte do jornal “A Vanguarda Socialista”, não muito tempo depois casa-se com Geraldo Ferraz e tem seu segundo filho, Geraldo Galvão Ferraz. Patrícia ainda tenta atuar no cenário político brasileiro, candidatando-se à Deputada, porém não obteve sucesso, mesmo recorrendo à publicação do panfleto *Verdade e Liberdade* onde expunha seus motivos para a candidatura, criticava o Partido Comunista e relatava fatos sobre os tempos em que esteve presa. A literatura de Patrícia Galvão fala da presença feminina, não exaltando, mas retratando a vida daquelas que tem seu caráter corrompido por estarem expostas e predestinadas a uma realidade indigna, mostrando a vida das proletariadas de São Paulo no século XX, expondo as injustiças e humilhações das quais as mulheres eram obrigadas a sujeitar-se para manter uma espécie de máscara social. E após quase ser deportada para a Alemanha nazista, então fazendo parte do jornal *Diário de São Paulo*, escreve romances policiais sob o pseudônimo de King Shelter, mas ela não se dedica somente a isso. Posteriormente, Patrícia se interessa também ao teatro chegando até mesmo a traduzir peças de autores europeus como por exemplo, *A cantora careca*, de Lenesco. Patrícia falece em 12 de dezembro de 1962 em decorrência de um câncer e o seu último poema publicado foi “*Nothing*” (1962). Este trabalho surge a partir da inquietante pesquisa publicada por Regina Dalcastagnè (2012) sobre a homogeneidade social do campo literário brasileiro que, de acordo com a autora, ainda é, predominantemente, composto por homens, brancos, residentes no sul/sudeste do país. O intuito aqui é de compreender o lugar de fala da mulher na literatura brasileira, com base em uma perspectiva pós estrutural, que visa problematizar o homem como sujeito de fala universal (Spivak, 2010) e que considera também a necessidade de entender o campo literário a partir de uma abordagem sóciopolítica.

Palavras-Chave: Presença feminina; Sociedade; Literatura; Brasileira.

9. A VISIBILIDADE DE FRANCISCA CLOTILDE NA IMPRENSA CEARENSE NA SOCIEDADE FINISSECLAR

Vanessa Pinto (UFC)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a participação de Francisca Clotilde na imprensa cearense em finais do século XIX e início do século XX. Faz parte de uma pesquisa de dissertação que investiga a trajetória da beletrista e educadora cearense. Dada a intensa participação de nosso sujeito nesse cenário, elegemos para foco de análise nesse trabalho o jornal Folha do Commercio, do ano de 1911, arquivo da Biblioteca Nacional e os registros de ocorrências que encontramos na Hemeroteca Digital Brasileira que inclui quatorze periódicos. Considera-se que Francisca Clotilde foi pioneira na educação, na literatura e imprensa cearense, utilizando esta última como canal de veiculação de sua prática educativa, ao passo que conclamava os leitores a uma participação efetiva na sociedade. A pesquisa trabalha com fontes hemerográficas, qualifica-se como qualitativa e utiliza-se de uma abordagem teórico-metodológica, em diálogo com referenciais da História da Educação, Literatura e Linguística, como PERROT (1988); COSTA; MELO; FABIANO (2010); ALMEIDA, L. A. (2008); ALMEIDA, G. M. A. (2012); CANDIDO (2000) e FOUCAULT (1996). Diante disso, consideramos que esta pesquisa contribui para o resgate da contribuição política, social e educativa que nosso sujeito exerceu, assim como adensa os estudos que contemplam o poder das mulheres na historiografia brasileira.

Palavras-Chave: Imprensa; Mulher; Poder.

3. HISTÓRIA E FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES EM OBRAS DE AUTORIA FEMININA

Coordenador(a):

Profa. Dra. Tania Maria Cemin Wagner (UCS)

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

1. AGREGADAS E SOLTEIRONAS NO UNIVERSO FICCIONAL DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Rossana Rossigali (UNC - SC)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo estudar aspectos históricos da condição feminina a partir de três personagens criadas por Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): Nina, de *A falência* (1901), tia Milu, de *A isca* (1922) e Ana-Rosa, de *O funil do diabo* – sabe-se que esta obra foi publicada em jornal, provavelmente na década de 1930, mas não há certeza quanto à data exata. Em comum, essas brasileiras têm o fato de não serem casadas, no período que vai do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, época em que o casamento era um objetivo a ser alcançado, e, portanto, ser “solteirona”, algo a ser evitado. Aliás, se as moças chegassem à casa dos vinte anos sem pretendente, já receberiam a alcunha de “solteironas”, conceito que perdurou por muito tempo, resistindo por toda a primeira metade do século XX. As reflexões suscitadas pela análise das mencionadas personagens são conduzidas na perspectiva do entrecruzamento entre história e literatura. O aporte teórico utilizado para o desenvolvimento da presente comunicação apoia-se em autoras como Carla Bassanezi Pinsky, Mary Del Priore, Helen Ulhôa Pimentel e Zahidé Lupinacci Muzart.

Palavras-Chave: Solteironas; Agregadas; Casamento; Júlia Lopes de Almeida.

2. LITERATURA E IMPERIALISMO: UMA LEITURA DAS RELAÇÕES DO ORIENTE COM O OCIDENTE NA OBRA INTÉRPRETE DE MALES, DE JHUMPA LAHIRI

João Batista Sousa de Carvalho (IFMA)

RESUMO: No presente trabalho são analisados dois contos do livro *Intérprete de males* (2000), de Jhumpa Lahiri, abordando as relações do Oriente com o Ocidente, que remetem ao histórico desejo de dominação deste e de libertação daquele. Verifica-se que o Imperialismo e o Orientalismo permeiam diretamente na convivência desses dois universos culturais, e que os dois contos apresentam uma perspectiva crítica sobre essas questões, não sendo, todavia, uma visão totalitária, mas questionadora, em que realidade e ficção se unem para reavaliar a história. A análise se apoia em estudos de Edward Said, dentre outros que colaboram na discursão da temática.

Palavras-Chave: Literatura; Imperialismo; *Intérprete de males*.

3. MALINCHE E A CONQUISTA DO MÉXICO: PERSONAGEM E MITO

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

RESUMO: Laura Esquivel, autora mexicana, recupera a história da conquista espanhola do México na obra *Malinche*, procurando focalizar essa personagem da história, desconstruindo o mito que se formou em torno de seu nome e procurando revelar sua perspectiva humana. Tendo como pano de fundo a trajetória de Hernán Cortez e a conquista do México, é narrada a história de Malinalli, desde pequena, quando sua mãe viúva consegue um novo parceiro e a menina fica sob a tutela da avó até seu falecimento, depois é dada pela mãe para uma família maia, a fim de servir como

escrava e, nessa condição, passa ao domínio de um senhor espanhol. Essa troca sucessiva oportuniza que Malinalli aprenda, além do nauatl, sua língua materna, o maia e o espanhol. Essa habilidade possibilita que ela se torne a “língua”, ou seja a tradutora de Cortés e um elemento decisivo para a conquista. Nesse sentido, utilizando a perspectiva da obra de Esquivel, pretende-se investigar em que medida Malinalli pode ser considerada traidora ou não, tendo em vista os grandes interesses em jogo, especialmente, das tribos subjugadas pelos astecas que se aliaram aos espanhóis bem como a inoperância do grande imperador Montezuma, fatos que muito contribuíram para o desenlace da invasão.

Palavras-chave: Malinche; personagem; conquista espanhola; mito.

4. MULHERES NO COMANDO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS NA ANGOLA DO SÉCULO XIX: REPRESENTAÇÕES EM ANGOLA, AS RICAS-DONAS, DE ISABEL VALADÃO

Eliana Pereira De Carvalho (UERJ)

RESUMO: O presente trabalho procura apresentar, através da escrita literária feminina de Isabel Valadão, em “Angola: as ricas-donas (2014)”, duas mulheres africanas ou luso-africanas que historicamente estiveram presentes na Angola do século XIX, ainda colônia de Portugal, envolvidas no comércio da escravatura. São elas Anna Joaquina dos Santos e Silva e Anna Francisca Ferreira Uberty, reconhecidas na época em que viveram como as ricas-donas de Loanda. A análise dessas duas personagens femininas, além de servir como forma de recolocar a história dessas mulheres na pauta das histórias que requisitam o direito de serem narradas, justifica-se pela pretensão de mostrar as estratégias de empoderamento destas e a contribuição que elas tiveram para a construção de uma sociedade crioula na Angola do século XIX. Tudo isso, é claro, sob a inspeção do olhar de uma escritora portuguesa que tem em sua escrita um contexto angolano, onde ela cresceu e viveu desde os seis anos de idade até pouco antes de eclodir a independência de Angola, em 1975, quando voltou a Portugal, onde nasceu.

Palavras-Chave: Donas; Escravidão; Empoderamento feminino; Isabel Valadão.

5. O AMOR COMO VIVÊNCIA SUBLIMATÓRIA: HISTÓRIA E FICÇÃO

Tania Maria Cemin Wagner (UCS)

RESUMO: Julia César Cavalcanti, em "Reflexo", escrito em 1898, aborda acerca do amor como fazendo parte da vida, não somente ocupando o lugar de ser amado, mas principalmente podendo amar. Ela reflete sobre a vida com seus aspectos reais, podendo apresentar tristezas, decepções e até agonia, mas que o amor pode dar sentido à existência, propiciando que sejamos capazes de nos deslumbrar e por isso viver. Na perspectiva freudiana, o amor é um elemento de vida, que liga os indivíduos e possibilita que o sujeito seja ele mesmo. Sem esse, possivelmente estaríamos fadados à destruição, ao isolamento e, concomitantemente, à morte. Nessa abordagem teórica, a constituição psíquica do sujeito nasce da relação com o outro e a partir desta se configura. No desenvolvimento psíquico, primeiro amamos a nós mesmos para que depois possamos investir num outro. Júlia refere-se à infância como um momento em que com certeza há alegrias. Neste momento, pode-se inferir que essas alegrias podem estar relacionadas tanto a sua história real quanto a uma construção ficcional. Na literatura, essas duas vertentes podem estar imbricadas na medida em que uma obra pode estar representando um processo sublimatório, ou seja, uma construção literária pode servir como elo de compreensão e extravasamento de um sofrimento/emoção, dando um lugar para que possa ser nomeado. A ficção auxilia esse processo sublimatório, uma vez que nem sempre se tem espaço psíquico para se viver o amor na ordem do real.

Palavras-Chave: História; Ficção; Gênero; Psicanálise.

6. O INDIGENISMO PERUANO EM AVES SIN NIDO DE CLORINDA MATTO DE TURNER: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Emília Rafaelly Soares Silva (UFC)

RESUMO: A obra *Aves sin nido* (1889) da escritora peruana Clorinda Matto de Turner (1852-1909) é considerada introdutora do indigenismo num país marcado pela heterogeneidade de discursos de povos que habitam essa *totalidade contraditória*. As contradições em sua obra giram em torno: de estéticas literárias que se (des)encontram, tais como romantismo, *costumbrismo*, realismo e naturalismo; de temáticas relacionadas ao índio: as injustiças, a *mita*, o abuso dos religiosos e dos notáveis de Kíllac; da defesa dos valores morais e da contestação ao celibato sacerdotal. A escrita de Clorinda parte de uma visão externa do índio sob o ponto de vista *criollo* e faz uma ampla defesa da miscigenação e da educação para mulheres indígenas como construto de uma nacionalidade peruana. Sua obra foi recebida com reservas por parte dos críticos de sua época, principalmente por ser escrita por uma mulher e por tratar de uma defesa a um povo para o qual a república não enxergava como cidadão. Para tal estudo, consideramos as perspectivas de estudiosos latino-americanos, como Antonio Candido (1991), Cornejo Polar (2013), García Bedoya (2001), Mariátegui (2008) e Gracia Ortiz (2001), dentre outros que dialogam com as especificidades da história literária peruana.

Palavras-Chave: Indigenismo; Escrita feminina; História peruana. Miscigenação.

7. O NARRADOR ROMANESCO EM MARIA VALÉRIA REZENDE: EXPERIÊNCIA E HETERODISCURSIVIDADE

Candice Azevedo (UFPE)

RESUMO: A literatura contemporânea propõe um olhar crítico a partir das experiências comunicáveis de setores da sociedade até então negligenciados pelo hábito em fazer perpetuar a ideologia burguesa (Benjamin, 1994). Para tanto, o caráter heterodiscursivo da linguagem (Bakhtin, 2015) dialoga com a renovação técnica da língua e a refuncionalização da arte, evidenciando uma literatura marcada pelos movimentos de representação e refração do discurso do outro. Nesse panorama, encontramos Maria Valéria Rezende, uma escritora que subverte padrões estéticos e temáticos, com uma produção marcadamente política. A figura do contador de histórias populares aparece nas narrativas como elemento que representa a cultura do pobre marginalizado. O caráter oral da produção tida como popular expressa, formalmente, nos romances a escolha por uma literatura que questiona o lugar de escrita do narrador romanescos tradicional. Por meio da linguagem, percebemos que muitas vozes marginalizadas socialmente, silenciadas pela padronização da leitura e escrita formais, reivindicam o direito de contar as histórias, em uma ação definida por Conceição Evaristo (2009) como *escrevivência*. Propomos neste trabalho problematizar, teoricamente, a figura do narrador romanescos contemporâneo tendo em vista as relações de representação do desvalido nos romances de Rezende.

Palavras-Chave: Romance contemporâneo; narrador; experiência; heterodiscursividade.

8. A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA DO EXÍLIO EM DESMUNDO, DE ANA MIRANDA

Claudia Letícia Gonçalves Morais (UNB)

Danglei de Castro Pereira (UNB)

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA)

RESUMO: O presente resumo propõe-se a investigar as intersecções entre literatura e história na obra **Desmundo** (1996), da autora cearense Ana Miranda, que tem como ponto de partida uma carta real solicitando o envio de mulheres portuguesas para se casarem com os colonizadores no Brasil. A escolha da obra se baseou na importância da escritora na produção literária de autoria feminina e na ênfase em dar voz a uma protagonista feminina em uma obra que entrelaça história e ficção. O *corpus* teórico intenta promover uma apreciação das características da metaficção historiográfica, partindo de personagens ou fatos históricos que são introduzidos na obra ficcional a fim dar um valor de legitimidade à ficção. A narrativa, portanto, tem como características referências a personagens e eventos históricos, com ênfase em Oribela, a protagonista órfã que, ao chegar ao Brasil do século XVI numa condição próxima à do exílio, experiencia a violência, a inospitalidade, o desamparo e, sobretudo, a subalternidade nas terras desconhecidas da colônia. Serão utilizados como referencial autores que fundamentam os estudos sobre metaficção historiográfica, tais como Linda Hutcheon (1991), historiadores que trabalham com Brasil colônia, como Mary del Priore (1993) e autoras como Amy Kaminsky (2001) e Gayatri Spivak (2010), que discutem os conceitos de exílio e subalternidade para analisar a obra em questão. A partir deste quadro buscaremos compreender como ocorrem as experiências da protagonista numa narrativa que preenche as lacunas históricas com os recursos próprios da ficcionalidade, e discutir sua condição feminina no período do Brasil Colônia, reconstruído ficcionalmente pela autora.

Palavras-Chave: Ana Miranda; Condição feminina; Metaficção historiográfica; Exílio.

9. A DESCONSTRUÇÃO LYGIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM CIRANDA DE PEDRA

Leylanne da Silva Lima Melo (UFPI)

Sebastião Alves(UESPI)

RESUMO: *Ciranda de Pedra* (2008), de Lygia Fagundes Telles, é uma envolvente trama das relações humanas. A autora que expõe as fissuras da alma por meio das relações familiares, também rompe com o perfil idealizado de família burguesa dos Anos Dourados. Diante disso, o objetivo deste artigo é compreender a desconstrução do conceito de família dentro de *Ciranda de Pedra* (2008), e para isso será preciso atentar-se para as inversões dos papéis sociais das identidades de gênero na trama. Perante o exposto, serão recorridas as contribuições teóricas de Badinter (1980), Rocha-Coutinho (1994), Saffioti (1987), Ariès (1981), Pinsky (2014), Scott (2011), dentre outros. Nesse sentido, é pertinente observar que, de acordo com Rocha-Coutinho (1994), o “enclausuramento” da mulher ao espaço do lar e da família fecharam as possibilidades de sua construção identitária para o mundo público. De um modo geral, a vida doméstica impedia a participação das mulheres na vida política e econômica, e conseqüentemente, as deixavam à margem da sociedade. Devido a isso, a identidade feminina foi se definindo através da sua relação com a família, pois se vivia para o marido e os filhos, enquanto a identidade masculina se edificava em relação à esfera pública. Rocha-Coutinho (1994) salienta ainda que os papéis sociais masculinos e femininos dos Anos Dourados eram bem delimitados. Sabia-se muito bem o que era ser homem ou mulher naquele período. Desse modo, uma dessas funções estava relacionada à tarefa de ser mãe, que segundo Badinter (1980) era mais um ideal socialmente construído do que algo natural, ou seja, o “mito do amor materno” era uma construção social burguesa que prendia as mulheres a um falso destino que é ser mãe. Portanto, além de transgredir com as identidades de gênero dos Anos Dourados, Lygia vai desconstruir em *Ciranda de Pedra* (2008) o perfil das relações familiares, questionando a naturalização de processo socioculturais, como a maternidade, e repensando também as definições de feminilidade e masculinidade na sociedade.

Palavras-Chave: *Ciranda de pedra*; Gênero; Anos Dourados.

4. MEMÓRIA, HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Coordenador(a):

Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Profa. Dra. Maria do Socorro Carvalho (UEMA)

1. CUTRUVIAS, MULHERES PÚBLICAS E A DESGARRADA NA TRILOGIA DA MALDIÇÃO, DE JOSÉ ALCIDES PINTO

Maria Antonia(UFC)

RESUMO: A *Trilogia da Maldição*, composta por *O Dragão*, *Os Verdes Abutres da Colina* e *João Pinto de Maria (biografia de um louco)*, seja, possivelmente, a obra que trouxe visibilidade literária para José Alcides Pinto. A maldição que tanto é comentada nas narrativas dos três livros, é sobre o povoado Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito, no qual os verdes abutres - personificação do mal -, estariam a espreita sobre os telhados das casas esperando o momento de destruir o povoado. Este artigo abordará, justamente, como as prostitutas têm papéis importantes nos dois primeiros livros da trilogia – *O Dragão* e *Os Verdes Abutres da Colina*, e como a prostituição pode ter sido o destino de uma das personagens no último livro por ter transgredido a norma, *João Pinto de Maria*. Para isso utilizaremos Beauvoir (1970), Navarro (1997), teóricas que abordam a historiografia da prostituição feminina e Pateman (1993), com a obra clássica *O Contrato Sexual*. Apesar das prostitutas não serem nomeadas ao longo dos dois primeiros livros da trilogia, elas agregam ao repertório literário de obras cearenses que possuem personagens que recorrem ao meretrício para sobreviver. Mundica e Eulália, do romance *Os Retirantes* (1889), de José do Patrocínio; Vitorina, em *A Fome* (1890); e *Luzia-Homem* (1903), onde temos as personagens Terezinha e Gabrina; e Mocinha, em *O Quinze* (1930).

Palavras-Chaves: Trilogia da Maldição; José Alcides Pinto; Literatura Cearense; Prostituição.

2. DO CORPO À VOZ: ELEMENTOS DE RESISTÊNCIA DO CORPO GAY

Rubenil da Silva Oliveira (UFPA)

RESUMO: O presente artigo pretendeu analisar as categorias conceituais corpo e voz enquanto elementos resistência do corpo gay nas representações livrescas e cinematográficas de **Madame Satã**. Como viés metodológico usou-se, predominantemente, a pesquisa do tipo bibliográfica. Para isso foi necessária a leitura do filme **Madame Satã** (2002), dirigido por Karim Ainouz e das biografias feitas por Rogério Durst (2017), Geisa Rodrigues (2013), Luiz Antônio Aguiar (2009), Sylvan Paezzo (1972), Mott (2003), Trevisan (2002) e outros. Com a intersecção entre os referenciais apontados notou-se que João Francisco dos Santos, a Madame Satã, foi uma *drag queen*, boêmia e lendária que marcou a seu tempo a cultura noturna do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. É no enfrentamento à autoridade policial, nas diversas ocasiões em que fora presa, que demonstra o não silenciamento, seja na fala ou na luta como capoeirista, além de torná-la um símbolo para a cultura marginal e urbana do século XX. Assim, corpo e voz em Madame Satã podem ser lidos como elementos de resistência do corpo gay, os quais extrapolam limites na criação cinematográfica.

Palavras-Chave: Corpo; Resistência; Cinema; Biografia. Literatura.

3.ESCREVIVÊNCIAS HISTÓRICAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE KEHINDE/LUÍSA MAHIN EM UM DEFEITO DE COR DE ANA MARIA GONÇALVES

Jeane Virginia Costa (UESPI)

RESUMO: O presente trabalho tem como propósito desenvolver reflexões acerca da visão da protagonista Kehinde/Luísa sobre as suas vivências históricas como africana sequestrada e escravizada no Brasil. Os fatos históricos a serem destacados são a travessia forçada do Atlântico, a escravidão no Brasil e o Levante dos Malês. Compreendendo que *Um defeito de cor* trata-se de uma metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) e um romance autobiográfico (LEJEUNE, 2014) torna-se possível reconhecer a escrevivência (EVARISTO, 2005) de Kehinde/Luísa Mahin, por meio da narrativa onisciente de Gonçalves. Contribuições sobre memória histórica preconizada por Halbwachs (2003), a história propriamente dita versadas por Brookshaw (1983) e Reis (2003) serão embasadoras deste estudo. Espera-se que por meio desta análise seja possível entender como os fatos históricos acima mencionados são relatados e ressignificados pelo sujeito-mulher que os testemunhou, vivenciou e resistiu diante de uma condição de subalternidade silenciada pelo pensamento hegemônico.

Palavras-Chave: Escrevivência; História. Mulher; Escravidão.

4. IDENTIDADES FEMININAS E AFRODESCENDÊNCIA: VOZES DA MEMÓRIA NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Fernanda Regina Martins Pinheiro (UEMA)

RESUMO: No romance *Ponciá Vivência*, Conceição Evaristo descreve a jornada da protagonista que intitula o livro. A história é contada da infância para a idade adulta de sua protagonista, intercalando suas lembranças e seu presente e, ao longo da narrativa, assistimos o desenrolar do processo de um constante lembrar da (s) personagem (ns) como via de acesso ao autoconhecimento. A identidade de Ponciá e de outras personagens (Maria Vicêncio, Biliza, Nêgua Kainda) é discutida no romance com certa complexidade e seus comportamentos e ações são analisados como resultado de fatores sociais, emocionais e históricos. Nas obras de Evaristo o apelo memorial revela uma forma ativa de reconstrução identitária, de resgate da ancestralidade negra. As lembranças e o esquecimento são uma constante na tessitura do texto e estão intimamente ligados à memória do grupo. A autora faz uso da memória ancestral como matéria-prima de sua produção literária. Assim, a ancestralidade revela a formação cultural dos sujeitos, de vozes silenciadas até então pelo discurso canônico na literatura. Revisitam-se os conceitos de memória, cultura e identidade e suas relações presentes na produção literária de Conceição Evaristo, fazendo o aporte teórico com estudiosos dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, usando o aporte teórico de autores como: Homi Bhabha, Stuart Hall, Roland Walter, Eduardo de Assis, Fanon e Gilroy; além dos Estudos sobre a Memória, utilizando o aporte teórico de Maurice Halbwachs, Candau, Pollak e Sarlo. Evidencia-se a importância da escrita afrodescendente e feminina para a desconstrução de discursos que legitimam o modelo literário canônico em que a identidade da mulher negra, em especial, é dotada de estereótipos.

Palavras-Chave: Memória; Identidades femininas Afrodescendência.

5. MEMÓRIA, HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM O SEGREDO DA CHITA VOADORA, DE MÁRCIA EVELIN

Maria Daise de Oliveira Cardoso (UNB)

RESUMO: O texto literário, como nos mostram os estudos linguísticos e literários, é sempre permeado de múltiplas possibilidades de análises. Desvendar os seus “segredos” torna-se a função primordial do leitor e, ao mesmo tempo, o caminho pelo qual se torna possível descobrir os encadeamentos e feixes de relação aglutinados a sua estrutura. *O Segredo da Chita Voadora*, da escritora piauiense Márcia Evelin, apresenta em sua tessitura um discurso que foge do lirismo piegas e, ao tempo em que, não se desprende da tradição das narrativas clássicas infantis. O diálogo com a cultura, a memória e a história brasileira entrelaça o sentido produzido pelo texto. A presença da personagem Abayomi, de maneira direta, já carrega consigo uma gama de questões históricas e culturais, e por que não dizer, memorialística. No entanto a história de Abayomi não se desenrola sozinha, o traço do colorido da Chita e a poesia das canções, que entornam a narrativa, também contribuem para reforçar o aspecto de espaço de memória que o livro se torna. Dessa forma, pretendemos no presente artigo analisar os elementos de memória que compõe o “segredo” da Chita Voadora. De maneira mais especespecífica, descrever as tradições culturais, presentes na obra em análise, e sua relação com a construção do discurso ficcional e literário E por fim, pontuar os traços de intertextualidade literária e cultural que reforçam a tessitura da narrativa de Márcia Evenlin.

Palavras-Chave: Memória; História; Abayomi; O Segredo da Chita Voadora.

6.OS MULTÍMODOS PERFIS FEMININOS EM MEMÓRIAS DE MARTA, A FAMÍLIA MEDEIROS E A SILVEIRINHA, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Cristiane Viana da Fronza (UESPI)

RESUMO: O trabalho versa sobre os romances *Memórias de Marta* (2007), *A Família Medeiros* (1919), e *A Silveirinha* (1997) da escritora Júlia Lopes de Almeida. O estudo teve como objetivo analisar a condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914, focalizando a trajetória bibliográfica da autora, bem como a sua escrita ficcional. O presente estudo também fez uma análise dos estratagemas do discurso narrativo em *Memórias de Marta*, *A Família Medeiros* e *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida. Uma análise simultânea da vida e da obra de Júlia Lopes de Almeida a partir de uma abordagem relacional permitiu concluir que essa escritora colocou em prática, em sua produção literária e em suas ações concretas, um feminismo possível dentro do quadro de sua época e dos limites dados pelo meio social em que se desenvolveu. Sua aparente propalada amenidade presente nas suas narrativas refere-se mais a recursos estilísticos do que ao caráter brando de um feminismo propriamente dito. E fora justamente por causa das suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais. Assim, ela pôde apresentar ao seu público leitor, na maioria mulheres, temáticas como a importância da educação para o sexo feminino, a política e as críticas ao fanatismo religioso. Este trabalho objetivou analisar a representação das figuras femininas nos romances almeidanos, através de teóricos como Salomoni (2005), Zolin (2005), Xavier (2007), Telles (2007) e Stevens (2005).

Palavras-Chave: Júlia Lopes de Almeida; Representação feminina; Escrita Feminina.

7. “NÓS POBRES, SOMOS PINTOS; OS RICOS SÃO OS GAVIÕES”: MARIA DO CÉU, CONCEPÇÕES DE UMA MULHER SERTANEJA

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

RESUMO: Nessa comunicação analisaremos, em uma pesquisa bibliográfica, a concepção de mundo de Maria do Céu, esposa de Alonso, personagem central de *Vida Gemida em Sambambaia*. Quando narra sua saga, ela faz emergir várias concepções sobre a vida, a relação entre patrão e empregado, a vida, as dificuldades de viver no sertão em período de seca, o abandono da casa, as

trapaças do marido A análise dar-se-á a partir de suas narrativas sobre o cotidiano, dos diálogos travados com os filhos, o marido, isto é, o fulcro da análise é reacentuar que a construção literária da personagem feminina obedece a visões de mundo correspondentes ao tempo da narração, que a insere, sob diferentes abordagens, em concepções da função social da mulher ditadas pelo período histórico-ideológico em que as obras são produzidas. A fala de Maria do Céu aponta para novas formas de lidar com a questão de gênero, buscando lugares diferentes daqueles determinados a ela pela tradição patriarcal.

Palavras-Chave: Mulher; Personagem; Cotidiano; Narrativa.

5. A COZINHA DOS CONTOS DE FADA E OUTROS CONTOS: UM LUGAR DE DEBATES DE PATRIMÔNIOS ALIMENTARES, ÉTNICOS E DE GÊNERO

Coordenador(a):

Profa. Dra. Rozélia Bezerra(UFRPE)

Profa. Dra. Gabriela Borba de Lima(FAFIRE)

1. AS QUESTÕES DE GÊNERO, A COZINHA E OS PATRIMÔNIOS ALIMENTARES NO CONTO “A DONA BARATINHA”

Prof^ª Dr^ª Rozélia Bezerra (UFRPE)

RESUMO: Para este trabalho, foi escolhido o livro, “Clássicos da Infância: Lendas e Fábulas do Brasil,” organizado por Ruth Guimarães e publicado pelo Círculo do Livro (*s.d*). Dessa antologia de contos, escolheu-se para análise a fábula da “Dona Baratinha”. Era uma das que ouvia na minha infância, no interior de Pernambuco, quando aconteciam as rodas das contações, sempre, à noite e em volta de um lampião à querosene. Afinal, contar histórias de dia “fazia a gente criar rabo”. Essas lendas eram conhecidas como “Histórias de Trancoso”. Hoje, ao fazer uma releitura, a percepção foi outra. Viu-se que as mulheres, na figura da Dona Baratinha, são apresentadas como seres que só se sentirão completos após se casarem com o macho idealizado (e que, ao final mostra-se tão frágil ao ponto de cair na panela de feijão e morrer pela gula). A barata, sofreria uma metamorfose e seria arrebatada do seu lugar de solitária e melancólica, quase numa paixão segundo Clarice Lispector. A lenda registra os preparativos do casamento, com seu cardápio de doces e a feijoada que rendeu o fim do casamento e do mundo. Por fim, viu-se que a cozinha é um espaço reservado às mulheres nomeadas “empregadas”. Assim, após anos e uma passagem de século, eu, como professora e pesquisadora de História da Alimentação e suas representações literárias, percebo que esse conto, da tradição oral brasileira, além de falar de patrimônio alimentar, encerra e carrega um forte aparato e discurso de gênero. Percebeu-se que a linguagem dos contos e narrativas infanto-juvenis podem servir de veículos mantenedores de questões de gênero. É preciso desmontar esses discursos. Afinal, quem conta um conto, inventa um ponto de reflexão.

Palavras-Chave: Lendas; Tradição Oral; Literatura Infantil.

2. A SOCIEDADE DENTRO DA CESTA: O CHAPEUZINHO VERMELHO E OS INGREDIENTES SÓCIOCULTURAIS DO CONTO

Prof^ª Dr^ª Gabriela Borba de Lima (FAFIRE)

RESUMO: Este trabalho baseia-se na análise do conto “Chapeuzinho Vermelho”, presente no livro “Contos de Mamãe Gansa”, de autoria de Charles Perrault, tradução de Ivone C. Benedetti e publicação da L&PM POCKET. Minha relação com livros começou cedo; lembro-me de ganhar pequenas coleções de livros com adaptações de contos europeus quando criança e Chapeuzinho Vermelho é um conto que sempre chamou atenção. Acredito que pela mensagem de alerta à desobediência aos pais, o respeito e agrado aos mais velhos. Hoje, ao fazer a releitura e analisar historicamente o contexto social ao qual este conto foi registrado, percebo que existem ingredientes secretos no preparo desta receita. A França uma monarquia absolutista, cujas preocupações se limitavam em centralizar as decisões estatais e mostrar seu poder para apaziguar conflitos políticos entre o Primeiro e o Segundo Estado. O povo, componente do Terceiro Estado, em sua maioria trabalhadores rurais que ainda dependiam das relações de campesinato via-se em situação de verdadeiro abandono pelo governo. A escassez alimentar se torna um dos principais problemas sociais, o alimento só pode ser consumido se produzido pelo camponês e, caso o camponês adoça terá de comer apenas através da boa vontade dos outros. Enquanto professora de História e pesquisadora de História da Alimentação, compreendi que, além das questões sociais, o conto traduz as relações de gênero nesta França do século XVII, onde a mulher-mãe é responsável por prover o alimento e a mulher-jovem a aprender que simpatia vinda do homem nem sempre significa benevolência. Assim, percebeu-se a importância de ao contar o conto também ter a preocupação de analisar e explicar o contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Contos; História da alimentação; Literatura infantil.

3. O CALDEIRÃO DE CERRIDWEN E A MAGIA DO ALIMENTO

Liliane Faria Corrêa Pinto (UFMA)

RESUMO: A Europa Medieval não era culturalmente homogênea e uma profusão de mitos e lendas dos povos anteriores à invasão romana se perpetuava entre os camponeses. A Igreja Católica lutou muito para que essas histórias, crenças e ritos herdeiros dos povos pagãos fossem esquecidos, porém eles foram incorporados em diversos costumes populares, entre eles, os contos de fadas. Em muitas dessas histórias, há uma bruxa, um caldeirão e um líquido em ebulição que se assemelham ao mito celta do Caldeirão de Cerridwen, a deusa da magia, transformação e fertilidade. O caldeirão é uma panela arredondada em forma de um semicírculo com três pés que o sustentam e uma alça para ser dependurado sob o fogo ou ser levado de um lado para outro. É o triângulo e o círculo, a trindade e a unidade em uma só. Nos mitos indo-europeus aparece como um símbolo da abundância, conhecimento, ressurreição e sacrifício. Nos contos de fadas, é o utensílio da bruxa que cozinha uma poção mágica para atingir algum objetivo ou a sopa para comer as crianças. O que é fervido no interior do caldeirão é o alimento, seja ele da alma, da mente ou do corpo. Se a princípio, ele pertencia à deusa, nos contos de fadas pertence à demonização da divindade feminina, condenando o papel da mulher no sagrado e a sacralização do cotidiano. Nesse sentido, o caldeirão e o alimento dos contos serão abordados a partir de sua herança simbólica e aqueles que manejam a colher e misturam a fervura, problematizados na construção do imaginário de demonização da magia.

Palavras-Chave: Caldeirão de Cerridwen; Conto de fadas; Alimento; Magia

4. O FEMININO, O CLÁSSICO E O MODERNO: UMA ANÁLISE DE UMA, DUAS, TRÊS PRINCESAS (2014), DE ANA MARIA MACHADO

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira (SEDUC-CE)

RESUMO: Ana Maria Machado é um dos nomes mais recorrentes na literatura infanto-juvenil brasileira. Possui uma vasta obra literária e mantém-se em produção constante por mais de quarenta anos. Nosso foco, nesse trabalho é voltado para a obra *Uma, duas, três princesas* (2014) com

objetivo de analisar como a representação feminina é apresentada para jovens leitores. A obra possui ligações com as histórias tradicionais, porém a autora recria o cenário clássico das histórias infantis trazendo elementos da atualidade, como tablets, internet, entre outros. Já o tradicional é representado por meio de estruturas e personagens familiares como castelos, rei, rainha e princesas. Nesse sentido, o clássico e o moderno estão em constante contraste no decorrer da narrativa. Nessa oposição, as representações das princesas clássicas são ressignificadas e Machado aponta para um novo posicionamento da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea quanto as questões de gênero. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico Coelho (2003), Corso e Corso (2006), Machado (2012) e Bettelheim (2014).

Palavras-Chave: Literatura infanto-juvenil; Representação feminina; Conto de fadas; Contos modernos.

5. RESGATE E REPRESENTAÇÃO: A MÃE NOS CONTOS DE FADAS A PRINCESA QUE ESCOLHIA E UMA, DUAS TRÊS PRINCESAS DE ANA MARIA MACHADO

Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB)

Roseli Meira Gomes Rocha (UESB)

RESUMO: O presente estudo propõe a análise da representação materna nos contos *A princesa que escolhia e Uma, Duas Três Princesas* de Ana Maria Machado, visto que é comum nos contos tradicionais a ausência da mãe, seja pela anulação ou pelo falecimento, que interfere de maneira significativa no enredo da história. A análise desses textos nos traz a possibilidade de repensar essa representação nos contos contemporâneos em comparação às personagens dos contos de fadas clássicos, abarcando vozes femininas que transgridem ou que perpetuam o pensamento patriarcal, atribuindo-lhes novos horizontes, revendo paradigmas socioculturais estabelecidos. Este estudo é de caráter qualitativo e se desenvolverá mediante estudo sistemático dos contos escolhidos, destacando a sua importância para a literatura brasileira contemporânea, construindo um panorama elucidativo sobre a representatividade materna na escrita de autoria feminina para as questões referentes ao estudo de gênero. A tomada de voz feita nos contos *A princesa que escolhia e Uma, Duas Três Princesas* refletindo o patriarcalismo e autoritarismo em textos canônicos, aproveitando as brechas deixadas pelos clássicos da literatura infantojuvenil é legítima, pois reafirma através da autoria feminina a importância em dar protagonismo a figura da mãe nos contos de fadas. A mudança de postura de escritores, como Ana Maria Machado, está auxiliando a difusão das evoluções sociais e multiculturais, o que torna rico e prazeroso o estudo da obra desta autora que consegue se reinventar a cada momento, seja na literatura infantil, juvenil ou adulta.

Palavras-Chave: Autoria Feminina; Ana Maria Machado; Literatura infantojuvenil; Crítica Feminista.

6. SEGREDOS E AROMAS ENTRE RECEITAS NÃO REVELADAS: A ESCRITA DE SI COMO REPRESENTAÇÃO DE PATRIMÔNIOS ALIMENTARES, ÉTNICOS E DE GÊNERO EM EL DIARIO DE TITA, DE LAURA ESQUIVEL

Fábio Marques de Souza (PPGFP-UEPB)

Ana Luzia de Souza (PPGFP-UEPB/IFPB)

RESUMO: Nesta comunicação, o nosso foco estará nos patrimônios alimentares, étnicos e de gênero da obra *El diario de Tita*, segundo livro da trilogia da mexicana Laura Esquivel (Cidade do México, 30 de setembro de 1950). Publicado em 2016, 25 anos após o êxito literário e cinematográfico de *Como agua para el chocolate*, publicada pela primeira vez em 1989, com traços marcantes do realismo mágico, levada as telas do cinema pelo diretor Alfonso Arau. Nossa leitura da obra se pauta por sermos atentos à escrita diarística feminina, nos colocando de ouvidos atentos para a voz de Tita, protagonista que narra, em primeira pessoa, todo o ocorrido em *Como agua para el chocolate*. A obra apresenta um eu-narrador feminino que tece sua auto-ficção com as mãos, com o olfato, com as lágrimas, com os aromas e o coração. Tita nos brinda com a oportunidade de conhecer a história desde outro ponto de vista, uma história deliciosa, um diário que permite, via escrita de si, o diálogo íntimo que segue as pegadas da família *De la Garza*.

Palavras-Chave: El diario de Tita; Laura Esquivel; Escrita feminina; Diário.

7. A METAMORFOSE DAS PRINCESAS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS

Mônica Cardoso Silva (UESPI)

RESUMO: Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da Literatura Infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente. O caráter formador da literatura infantil vinculou-se, desde sua origem, a objetivos pedagógicos gerando com isso uma tensão entre o saber sobre o mundo da leitura e o ideal da pedagogia. Foi esta preocupação pedagógica que, silenciou nos textos questões relacionada à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder. Através dos anos, os contos de fadas foram se tornando cada vez mais sofisticados, e passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de maneira a atingir a mente ingênua da criança tanto quanto de um adulto sofisticado. Objetivamos com este estudo, analisar a representação feminina na obra: *Uma, duas, três princesas* de Ana Maria Machado investigando as transformações pelas quais passaram os contos de fadas, bem como reconhecer a importância da ressignificação social das princesas nos contos de fadas contemporâneos já que esses reconhecem as dificuldades do leitor e sugerem soluções para os problemas diários relacionando-os com todos os aspectos da personalidade da criança, pois lida com problemas humanos universais favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade oferecendo significados em muitos níveis diferentes enquanto diverte. O presente trabalho assim se justifica por explorar, através dos contos de fadas contemporâneos, a ressignificação social do papel das princesas no qual o imaginário, o onírico, o fantástico deixam de ser visto como pura fantasia para serem tratados como portas que se abrem para determinadas verdades humanas. As questões enunciativas do texto serão abordadas a partir dos pressupostos teóricos de AGUIAR (2001), BETTELHEIM (2010), CADEMARTORI (2006), MAGALHÃES (2001), ZILBERMAN (2005), dentre outros.

Palavras-Chave: Princesas; Metamorfose; Representação; Gênero.

8. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS NA LITERATURA JUVENIL DE ADRIANA FALCÃO: O CASO DE LUNA CLARA & APOLO ONZE

Natercia Almeida Lacerda (UERJ)

RESUMO: O trabalho apresenta uma análise da narrativa juvenil contemporânea *Luna Clara & Apolo Onze*, melhor livro para jovens de 2003, eleito pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, de Adriana Falcão, escritora e roteirista brasileira. Enfatiza-se a importância da abordagem sobre gênero e o papel desempenhado pela literatura juvenil para a formação de leitores na escola. O estudo concentra-se na reflexão sobre o conjunto das representações sociais e culturais presentes no livro. A fundamentação teórica se baseia em ABRAMOVICH (1989), COELHO (2000), COLOMER (2003), HUNT (2010), LAJOLO e ZILBERMAN (1999) e ZILBERMAN (2003). Leva-se em conta o percurso da autora na literatura para jovens no Brasil, sua visão de infância e de gênero, e a ideia de leitor/espectador presente no texto. O ponto de partida para a análise é a caracterização da narrativa infantil e juvenil atual. Optou-se aqui por observar aspectos da representação literária e da fragmentação e complexidade narrativa para evidenciar como os recursos constitutivos utilizados para a construção do enredo evidenciam a riqueza e pluralidade da obra. A primeira coisa que chama a atenção é a mescla de gêneros literários. Percebe-se que há elementos do fantástico entremeados a outros gêneros como a aventura e o realismo, o que favorece a construção e o amadurecimento da personalidade das personagens Luna Clara e Apolo Onze ao longo da jornada pessoal de cada um. Isso torna a linguagem em *Luna Clara & Apolo Onze* bastante híbrida. Baseado, sobretudo, na coloquialidade, o texto estabelece uma forte aproximação com o

leitor a partir de perguntas e julgamentos do narrador, ou deixando questões no ar, como em uma conversa. Não causa espanto, portanto, que a estrutura narrativa se apresente pouco convencional, misturando prosa e verso, estabelecendo cenas rápidas, texto fluido e acelerado dentro de um fluxo temporal não cronológico, tudo isso apoiada em retomadas ou repetições que remetem a outras linguagens – como a novela, o cordel etc. Pensando especificamente no enredo, o livro apresenta lógicas que, em sua totalidade, pouco se diferenciam dos romances tradicionais. Por outro lado, dentro da narrativa, Luna Clara vai à procura de seu pai, encontra um amor, encontra a si mesma e depois é encontrada pelo pai. Apolo Onze não sabe o que quer e o que deve fazer, mas na caminhada descobre o sentido para sua vida. Percebe-se que o livro, nesse aspecto, apresenta o modelo narrativo da construção de uma personalidade própria dos protagonistas, e isso impulsiona o leitor a enfrentar suas próprias dificuldades e construir também a sua personalidade. O equilíbrio entre o sexo dos protagonistas – Luna Clara e Apolo Onze (casal de adolescentes) / Doravante e Aventura (casal de adultos) – é interessante, pois foge à tradição do protagonismo masculino. A menina é quem procura solução para a falta do pai sem a ajuda de um coprotagonista adulto. Outro fato interessante está na caracterização do antagonista humano, Seu Leuconíquo, que causa o desencontro de Doravante e Aventura ao prender o papagaio Pihério. Ele não pode ser considerado um antagonista que tem atitudes moralmente reprováveis e irreduzíveis, pois tenta no final resolver o problema que causou. Há também o antagonismo fantástico, representado pelas velhas de várias cores de roupa que giram a roleta do destino. Elas também não são realmente malvadas, porque tentam criar um final feliz, visto que o que aconteceu não foi culpa delas – foi culpa do destino. Os antagonistas em *Luna Clara & Apolo Onze* não apresentam nenhuma conotação negativa estável, são oponentes meramente funcionais, ou se reconvertem. Ainda no tocante aos personagens, pode-se perceber que o grande cuidado na escolha e constituição da linguagem apresenta outra questão relevante: o apelo aos conhecimentos culturais prévios. No caso deste livro, a narrativa envolve os personagens em referências metaliterárias e mitológicas, que seriam elementos da “enciclopédia” dos jovens. Em determinado trecho, há referência a diversos personagens da literatura e dos clássicos universais, sem o acréscimo de explicações. A mitologia mostra-se presente em nomes, como Apolo, ou em figuras como as bruxas, que lembram as Parcas. Os nomes das irmãs de Apolo também remetem a elementos de cultura geral, visto que são claramente derivados das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Aliás, o próprio nome Apolo, além de ser mitológico, faz referência também à espaçonave Apollo 11 – a primeira a chegar à Lua. Ainda, os nomes evidenciam uma exploração cuidadosa e mesmo cômica da língua, visto que os significados dos vocábulos de algum modo se refletem na personalidade e nas características dos personagens – como Doravante, Aventura, Seu Erudito, Imprevisto, Por Acaso etc. É ainda preciso lembrar que o cenário narrativo de *Luna Clara & Apolo Onze* é tradicional, com um contexto de relações familiares que não favorece à novidade temática. Entretanto, verifica-se atitudes inesperadas por parte da personagem Luna Clara, cujas ações fazem com que a narrativa tenha uma perspectiva diferente. O fato de Luna Clara não conhecer o pai não constitui um problema social ou familiar grave, nem acarreta conflitos psicológicos, pois ela tem um núcleo familiar que a protege. Esta situação de abandono não foi causada diretamente pelo pai, mas pelo destino, portanto, Luna Clara acredita em sua volta. Seu amadurecimento individual é um tema que se faz presente, assim como o do amor e da sexualidade, considerado por alguns inadequado para crianças. O primeiro beijo de Luna Clara e Apolo Onze acontece quando eles se encontram sozinhos à noite, podendo ser considerado ousado pelos pais (compradores dos livros para os leitores) para o público juvenil. Após todas as considerações apresentadas, pode-se afirmar que a obra de Adriana Falcão se torna significativa e inovadora justamente por apresentar traços de jogo de transgressão. A leve ousadia percebida na construção e no amadurecimento da personagem Luna Clara revela certa flexibilidade das normas sociais na medida em que a subentendida defesa à individualidade e à liberdade, conceitos que tradicionalmente não são expansivos ao universo infantil e juvenil, evita o didatismo de um modelo moral de conduta. Além disso, a experimentação produzida através da elaboração híbrida da linguagem das construções referenciais metaliterárias e culturais promove um diálogo incessante dentro da triangulação narratário-narrador-narrativa, algo que desafia o leitor a desvendar e

construir múltiplos significados através dos diversos estímulos oferecidos pelo livro. É essa circunstância de interação entre leitor e obra – tão condizente da modernidade – produzida pelos recursos empregados por Adriana Falcão que estabelece com clareza o valor literário de *Luna Clara & Apolo Onze*.

Palavras-Chave: Leitor; Literatura juvenil; Gênero; Amadurecimento individual.

9. DESCONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A IMAGEM FEMININA NO ESPAÇO ESCOLAR

Leidiane Leite Sousa (SESC-RR)

RESUMO: Tratar sobre gênero e identidade merece atenção especial quando se trata do ambiente escolar, pois a relação entre o pensar, sentir e agir, é o que constitui a base do desenvolvimento da identidade (OLIVEIRA, 1996). Diante disso, este estudo partiu da necessidade de trazer para as discussões em sala de aula, a temática sobre a valorização da imagem feminina entre o próprio gênero, pois é observado que o desrespeito e as formas pejorativas utilizadas pela grande maioria das meninas são evidenciados, por exemplo, nas pichações feitas nas cadeiras, nas paredes e portas dos banheiros da escola. Diante disso, por meio de um Projeto intitulado “Protagonistas de uma história”, estão sendo desenvolvidas ações no espaço escolar com as mais diversas formas de abordagens com o intuito de sensibilizar os alunos a refletirem sobre como o universo feminino é tratado, e nessa perspectiva, modificar o cenário de maneira efetiva. Dentre as iniciativas, foram desenvolvidas nas aulas de Literatura Regional, nas séries finais do ensino fundamental, rodas de conversas com convidadas referências na área de literatura em Roraima. A partir de leituras de obras literárias em sala de aula, foram geradas discussões sobre como o desrespeito no universo feminino pode ser um dos fatores de reafirmação da inferioridade da mulher em relação ao homem.

Palavras-Chave: Escola; Gênero; Identidade; Sociedade.

10. OS GRITOS DO CÁRCERE: RELATOS SOBRE AS OPRIMIDAS NA DITADURA ARGENTINA.

Benedito Ubiratan Sousa Pinheiro Júnior (UFPA)

RESUMO: O presente texto tem como objetivo discutir sobre o feminino nas relações de poder no interior dos movimentos revolucionários e do cárcere, fazendo uma construção das diferenças existente entre os gêneros em situação de tortura. A carga conceitual que leva a palavra “mulher” neste âmbito as faz ter tratamento diferenciados e, por conseguinte uma construção narrativa diferenciada, discurso que se faz questionador desde o interior da militância onde várias mulheres reclamavam do tratamento que recebiam por parte dos companheiros de luta. Judith Butler concebe a diferença tácita entre o discurso e a materialidade do feminismo, desassociando do palpável o valor do gênero. A mulher enquanto construção social é violável, torturá-la significa fazê-la minúscula enquanto gênero, o estupro por vários homens era comum e esse ato satisfazia o desejo masculino de inferiorizar a mulher, tratá-la como objeto descartável e medíocre. A pesquisa consiste na reunião das narrativas e na composição dos perfis das torturadas e torturadoras a partir das literaturas existentes e os relatos testemunhais das mesmas, sob as teorias de Le Goff (1990), Judith Butler (2003), Joan Scott (1998), Bourdieu (2003), Didi- Hubermann (1998) entre outros.

Palavras-Chave: Literatura; Ditadura Argentina; Resistência.

6. METAFICÇÃO E NARRATIVAS DE GÊNERO

Coordenador(es):

Prof.a. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes(UFPI)

1. AUTORIA FEMININA NA ABORDAGEM DE LITERATURA NO ENEM

Paulo Victor Cardoso Venção (UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

RESUMO: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) surgiu em 1998, no entanto, em 2009, passou por uma reformulação sendo utilizado como avaliação seletiva para se pleitear vagas em cursos superiores em diversas Instituições de Ensino Superior do Brasil. Este trabalho tem por objetivo promover reflexões sobre a abordagem de autoria feminina nas questões de Literatura do ENEM (2013-2017), identificando perfil dessas autoras, bem como compreender em que situações elas são retratadas, além de expor quanto por cento elas representam na abordagem dessas questões. Para tanto, utilizamos como base principalmente os estudos de Assunção (2013) em que trabalha com o conceito de leitura funcional; Silva (2009) que argumenta sobre as relações entre o leitor e a literatura; Zolin (2009) que traz reflexões sobre o início dos estudos feministas no mundo e no Brasil; Brandolt (2015) que discute sobre supremacia masculina “na história contemporânea do literário” (p.265). Nota-se pela análise das questões que a maioria exige meramente leitura funcional, sendo de fácil resposta; apenas 15% (quinze por cento) das questões são de autoria feminina, o que reforça a hegemonia masculina na literatura, em relação ao perfil de autoras, a maior parte faz parte da era contemporânea, tendo algumas ligadas ao movimento modernista e nenhuma ligada a movimentos anteriores.

Palavras-Chave: ENEM; Ensino de Literatura; Autoria Feminina.

2. DESDE LAS ANCESTRAS: NOTAS SOBRE A LITERATURA INSURGENTE DE MARYSE CONDÉ

Lana Kaine Leal (UFMA)

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar duas narrativas de Maryse Condé, a saber, “Nanny” (1985), e *Moi, Tituba sorcière...* (1986). O recorte de análise centra-se no questionamento que as duas narrativas fazem em torno do vazio na história sobre os negros escravizados no Caribe e, mais especificamente, a invisibilização das mulheres negras. Como aporte teórico, recorre-se, sobretudo, a *pensée de la trace* (GLISSANT, 1996), formulada pelo filósofo martinicano Édouard Glissant em *Introduction à une poétique du Divers* (1996); e a noção de *ancestras*, proposta por Yolanda Arroyo Pizarro em “Hablar de las Ancestras: hacia una nueva literatura insurgente de la afrodescendencia”(2011), bem como ao texto intitulado “Notas introdutórias sobre a noção de ancestras em Yolanda Arroyo Pizarro” (2015), de Alcione Corrêa. Tais aportes possibilitam observar a relação entre memória e resistência desde lugares de enunciações femininas negras. Observa-se que as narrativas de Maryse Condé, em estudo, apresentam-se como produções literárias insurgentes, ou seja, espaços de discursos críticos a obliteração do protagonismo de mulheres negras na historiografia e na literatura.

Palavras-Chave: Maryse Condé; Literatura insurgente; *Pensée de la trace*.

3. ATIVISMO FEMININO NAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA, NO ROMANCE *ESTAÇÃO DAS CHUVAS* DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI/NEAD)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a representação feminina na Literatura Angolana. Com vistas à realização desta investigação elegeu como *corpus* de estudo o romance *Estação das chuvas*. Obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, a narrativa trata-se de uma biografia romancada, publicada em 1996. O enredo retrata a vida da poetiza e historiadora angolana Lúcia do Carmo Ferreira. O narrador aborda fatos históricos ocorridos em Angola, no período de lutas pela independência. O romance é marcado por uma metaficção historiográfica, no qual há uma tentativa de representar a história das lutas do povo angolano. Nesse sentido, a personagem Lúcia, uma ativista do Movimento da Luta Anti-Colonial dá voz a muitas mulheres que buscavam a independência do país. A protagonista idealizava a construção de um Estado Democrático de Direito. Devido a essa concepção, a vida de Lúcia é marcada por inúmeras perseguições políticas. A ativista foi exilada em diversos países, e por fim, desaparece misteriosamente, após a primeira eleição de Angola. Pretende-se com isso promover discussões e reflexões sobre a imagem da mulher como símbolo de lutas e batalhas em defesa dos ideais coletivos. Em períodos de turbulência política, diante de uma sociedade marcada por conflitos, sociais, raciais e culturais da época. Para a análise, foi utilizada pesquisa bibliográfica, uma vez que recorreu-se a obra de Agualusa (1996), Duarte; Scarelli(2002), Ramos (2002), Iza Quelhas (2002), Padilha (2007). Em *Estação das Chuvas* é possível observar eventos históricos e ficcionais os quais envolvem a figura feminina que luta por seus direitos em meio a um contexto de guerras.

Palavras-Chave: Literatura Angola; História; Representação Feminina.

4. A FORJA DO EU: O DISCURSO RACISTA EM “METAMORFOSE”, DE GENI GUIMARÃES

Cleide Silva de Oliveira (UESPI)

RESUMO: No conto “Metamorfose”, presente em *A cor da ternura*, de Geni Guimarães a protagonista vive em um ambiente escolar marcadamente racista capaz de modificar seus comportamentos. Neste sentido, a personagem, ainda criança, passa pelos processos de autonegação, consciência de si, autoafirmação e empoderamento social como consequência do contato com o meio social discriminador no qual está inserida. O presente artigo tem como objetivo examinar as consequências do discurso racista na construção identitária da protagonista de “Metamorfose”, de Geni Guimarães. Como aporte teórico, serão utilizados os trabalhos de Hall (2015), Mbembe (2014), Glissant (2005), Fanon (2008), Carneiro (2011). Conclui-se que a construção da identidade da personagem é fortemente marcada pelo discurso social pautado na discriminação contra o sujeito negro.

Palavras-Chave: Literatura; *A cor da ternura*; Geni Guimarães.

5. ALTERIDADES INTERNAS: GÊNERO E DIFERENÇAS CULTURAIS EM “THE MAN FROM MARS”, DE MARGARET ATWOOD

Sebastião Alves (UFPI)

RESUMO: Em “The man from mars”, conto incluído na coletânea *Dancing girls and other stories*, publicado em 1977, Margaret Atwood uma vez mais aborda temas recorrentes à sua escrita, como as relações de gênero e os encontros culturais típicos de um Canadá pós-colonial. O objetivo do presente artigo é justamente observar essas diferenças a partir da perspectiva de gênero, ressaltando

o olhar sempre peculiar e perspicaz de Margaret Atwood sobre o tema, que muito revela sobre os meandros da alma feminina e sobre os desafios do Canadá enquanto nação multicultural. Diálogo com os estudos críticos de Howells (2206), Tolan (2007), Macpherson (2010), Mehta (2012), Moyano (2016) e Szatanik (2014), para a construção do artigo. No conto, a representação das relações de gênero não segue estereótipos e a construção identitária ocorre de forma multifacetada, com encontros e desencontros com o Outro, em contexto social marcado pela incomunicabilidade e pela incapacidade de uma relação saudável com a diferença.

Palavras-Chave: Margaret Atwood; The man from mars; Gênero. Alteridade.

6. HOMOAFETIVIDADE, NARRATIVA DE SI E METAFICÇÃO: AVENTURAS, PERIGOS E DESEJOS NA OBRA “SIM, SOU GAY E DAÍ?” DE VALDECK ALMEIDA DE JESUS

Luciano Ferreira da Silva (UESPI)

RESUMO: A presente proposta de comunicação para o IV Colóquio Internacional Literatura e Gênero tem por objetivo fazer uma leitura da obra “Sim, sou gay, e daí?” do escritor Valdeck Almeida de Jesus, depreendendo os aspectos que se referem a homoafetividade como narrativa de si com um narrador protagonista envolto com suas aventuras, perigos e desejos. A obra selecionada para esta apresentação é pouco conhecida e de um autor pouco estudado nas academias. É uma narrativa em primeira pessoa que faz relatos com o intuito de evidenciar as experiências de si. A obra apresenta feições metaficcionalis na medida em se questiona e pede ao leitor atenção. O propósito também é trabalhar os conceitos de narrativa de si associado às experiências homoafetivas e como afirma Virgínia Ferrer Cerveró: “compartir a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de des-alienação individual e coletiva, que permite situar-se desde uma nova posição no mundo”. (CERVERÓ, 1995, p.178). Assim é possível que o autor também vá teorizando sua experiência. Outra questão que se coloca em discussão, via narrativa de si, é a permanência do sujeito no tempo como: “o caráter e a palavra considerada [promessa]. Num e noutro, reconhecemos de bom grado uma permanência que dissemos ser de nós mesmos”. (RICOEUR, 1991, p. 143). O narrador, ao buscar si mesmo, encontra, inevitavelmente, o encontro com o outro, ou outros, melhor dizendo, assim acaba por realçar o caráter um tanto teórico e social como afirma Judith Butler (2015).

Palavras-Chave: Homoafetividade; Narrativa de si; Metaficção; Desejos.

7. TÍTULO DO TRABALHO: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA SOBRE A (IN)VISIBILIDADE FEMININA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

Lucas Lima Moura (UFPI)

Nádia Grings Batista (UFPA)

RESUMO: Ao analisar as personagens indígenas Domingas, do romance *Dois Irmãos* (2006), Florita e Dinaura, do romance *Órfãos do Eldorado* (2008), ambos de Milton Hatoum, percebe-se facilmente sua condição de vulnerabilidade social e econômica. Essas mulheres são representadas a partir de estereótipos subalternos que foram criados, replicados e incorporados pela sociedade ao longo dos séculos de colonização e pós-colonização. Nessa perspectiva interessa-nos discutir sobre a necessidade de se recuperar “o legado crítico das mulheres indígenas” partindo do contexto latino-americano. Como recuperar esse legado é a questão que se tem pretendido resolver, o caminho do pensamento decolonial, parte da miséria social e econômica deixada, em direção a construção de uma autonomia individual e coletiva, capaz de transformar positivamente a vida daqueles(as) que vivem à margem. O trabalho de Hatoum contribui com esse propósito, principalmente quando

expõe a condição de servidão a que são submetidas suas personagens, em decorrência do gênero, da raça/etnia e da classe social. Essas relações assimétricas são ainda muito convenientemente veladas no âmbito social, sendo a literatura um espaço possível para que se dê voz às(aos) silenciadas(os) pela história, dando-lhes uma visibilidade sistematicamente negada pelos demais espaços de discussão e para tanto utilizaremos as reflexões de Susana Bornéo Funck (2014) e Aníbal Quijano (1992, 2005). Portanto, a ficção, como arte, se apresenta como uma arma importante da teorização feminista, dando oportunidade para que se questione o lugar das mulheres na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Mulheres indígenas; Subalternidade; Decolonial.

8. A ESCRITA DE LUZILA GONÇALVES FERREIRA: METAFICÇÃO E TESTEMUNHO EM VOLTAR A PALERMO

Maria Suely Oliveira Lopes (UESPI)

RESUMO: O Romance Histórico aparece em pós-1950 como uma das revelações literárias de força na América Latina de língua espanhola. Há de se aludir que é com a chegada do Novo Romance Histórico Latino Americano (AÍNSA, 1991), que o substrato histórico adquire facetas até então não exploradas. E a metaficção surge como uma das fontes de investigação de feição crítica e reflexiva, contestadora, que une obras do chamado período pós-moderno. Nesse contexto, o romance de Luzilá é de natureza metaficcional. Pelo exposto, este trabalho tem como objeto de estudo a obra *Voltar A Palermo* de Luzilá Gonçalves Ferreira (2002). A narrativa se desenvolve em torno das memórias de uma professora brasileira, Maria, que ao voltar a Palermo, um pequeno bairro de Buenos Aires, lembra o que vivenciou e testemunhou durante vinte anos. Sobre narrativa de testemunho, inferimos pelo seu caráter heterogêneo e pela assimilação de diferentes linguagens e elementos culturais, a inclusão num momento histórico marcado pela multiplicidade de vozes e de sujeitos, que se traduz não apenas nas manifestações literárias, mas em todas as práticas peculiares e sociais. De acordo com May (1979) esse tipo de literatura, pode ser definida como uma narrativa de fundo histórico cultural filtrado pela memória e pela subjetividade de um “eu” social. Acrescentamos, ainda, as ideias de Hutcheon (1991), quando diz que a metaficção historiográfica se apropria das mesmas fontes e por vezes a mesma forma que o discurso histórico. Este artigo faz um diálogo com os teóricos Aínsa (1991), Esteves (1998), May (1994), Lejeune (2008), e outros. A escrita de Luzilá é moderna por combater a imposição de um único e autoritário significado, pode nos ensinar sobre a complexa natureza de sua escrita e suas histórias particulares.

Palavras-Chave: Literatura; Metaficção; *Voltar A Palermo*; Luzilá Gonçalves Ferreira.

9. TRAÇOS ANÁLOGOS À OBRA INOCÊNCIA DE VISCONDE DE TAUNAY: PATRIARCALISMO E TONS DE LIBERDADE

Luzimar Silva de Lima (UESPI)

RESUMO: A personagem inocência encontra-se em uma sociedade dominada pela figura masculina, isso é perceptível, principalmente, se tomarmos como base de análise a seleção das personagens que constam na obra, em sua maioria homens. A centralização e o jogo de poder constantes na trama da narrativa tornam a mulher um brinquedo manipulável e submisso, tanto do ponto de vista da subjetividade quanto de inserção social. É perceptível, no entanto, os tons de liberdade e resistência do feminino presente na obra em contraponto a uma sociedade patriarcal, sertaneja e interiorana: liberdade pela morte, por força de vontade da própria Inocência e liberdade pelo amor. Diante desse contexto, busca-se responder às seguintes questões: como a sociedade patriarcalista da obra contribui para a submissão da figura feminina? Que aspectos de resistência e liberdade são percebidos na conjuntura da obra no que diz respeito ao comportamento de Inocência?

Que elementos figuram como plano de fundo reveladores da autoridade masculina? Partindo desses questionamentos, objetiva-se analisar na obra *Inocência* de Visconde de Taunay as representações do feminino e as imbricações do patriarcal com a liberdade e resistência da personagem feminina, a estrutura familiar e social em que se insere. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pelo método hipotético-dedutivo, tendo como suporte teórico Showalter (1994), Perrot (2005) e Bourdieu (2002), Beauvoir (1970), Scott (1992). Observa-se que o contexto ficcional da obra traça pinceladas que desenham a sociedade à luz de um pensamento retrógrado de vigília do feminino e garantia do cumprimento de preceitos tradicionais.

Palavras-Chave: Literatura; Representações do Feminino; Patriarcalismo; Resistência.

07. MULHER[IDADES] E TRADUÇÃO NO BRASIL

Coordenador(es):

Prof. Ms. Dennys Silva-Reis(UNB)

Profa. Dra. Cibele Guadalupe Sousa de Araújo (IFG)

1. CORPOS ESCRIVENTES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA MULHER NEGRA NA PRÁTICA TRADUTÓRIA

Luciana Santos dos Reis (UFBA)

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a discutir o papel da mulher negra no campo da tradução, buscando refletir como o cruzamento de gênero e raça pode influenciar em sua prática tradutória. Para dar respaldo a esta discussão, o conceito de Tradução escritora será acionado, uma vez que o mesmo busca articular as questões de gênero e raça, propondo uma nova lógica tradutória que destoe da prática eurocêntrica da maioria das teorias tradutórias elaboradas até o momento. Uma prática tradutória que considera o racismo como uma categoria estruturante das relações sociais no Brasil e que tem como premissa o cuidado com as especificidades tanto do texto de partida, como também do texto de chegada, ou seja, o contexto afro-brasileiro. Neste sentido, é importante considerar que tradutora/autora imprime em seu novo texto (tradução) a sua subjetividade e com ela, uma gama de atributos linguísticos, culturais, psicológicos e identitários que variam em cada produção. Seu corpo, sua condição e suas experiências são cruciais na definição de quais soluções tradutórias serão acionadas pelo gesto tradutório. Independentemente do caráter profissional e/ou comercial que a tradução possa ter, o seu processo nunca será considerado totalmente imparcial. O conceito de tradução escritora foi inspirado no conceito de escritora elaborado pela doutora em literatura comparada e escritora mineira Conceição Evaristo.

Palavras-Chave: Tradução escritora; Raça; Gênero; Interseccionalidade.

2. TRADUTORAS DO SÉCULO XIX: DO ROMANCE À NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA

Dennys Silva-Reis (UFPI)

Luciana Carvalho Fonseca (USP)

RESUMO: Nos Estudos de Tradução, há uma lacuna de trabalhos dedicados a mulheres tradutoras no Brasil, e o papel desempenhado por elas na história da tradução chegou a ser negado ou ignorado

nos estudos historiográficos da tradução. Este trabalho é um estudo dos imaginários que pairam sobre as mulheres tradutoras do século XIX no Brasil e tem dois objetivos principais. Primeiro, explorar esses imaginários em três romances da época: *Senhora e Luciola* (José de Alencar) e *A Carne* (Júlio Ribeiro). Em segundo lugar, comparar tais imaginários aos das mulheres tradutoras encontradas em um corpus de notícias do século XIX. O corpus foi construído e explorado com um software de análise de linguagem natural. As principais conclusões foram que, ao contrário dos imaginários inscritos nos romances, havia mais diversidade e mais agência por parte das mulheres nas notícias. Além disso, o corpus de notícias revelou que havia muitas mulheres envolvidas em uma grande variedade de atos de tradução no Brasil no século XIX, e que traduzir era um ato com propósito e sentido, além de uma atividade que perpassava não só o papel da mulher no âmbito doméstico (esposa, mãe), mas também uma série de outras atividades profissionais (atriz, diretora, educadora, escritora).

Palavras-Chave: Mulheres tradutoras; Historiografia da tradução; Romance; Linguística de corpus.

3. A MEDIAÇÃO CULTURAL DE LÉA VIVEIROS DE CASTRO NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DE WIDE SARGASSO SEA

Naylane Araújo Matos (UFSC)

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de analisar a mediação cultural da tradutora Léa Viveiros de Castro, na tradução brasileira de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys, a partir dos parâmetros dos Estudos Feministas de Tradução. Publicado na Inglaterra, em 1966, *Wide Sargasso Sea* tornou-se uma referência na literatura feminista pós-colonial devido a seu caráter revisionista, que contesta e reivindica uma identidade para a personagem jamaicana silenciada Bertha Antoinetta Mason, do romance inglês *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. No Brasil, a tradução da obra, por Léa Viveiros de Castro, é publicada em 2012, pela editora Rocco. Considerando o viés político da obra de Rhys, almejo apresentar uma análise da mediação cultural exercida pela tradutora na construção da imagem do romance no contexto brasileiro, considerando os aspectos socioculturais e ideológicos imbricados no processo de tradução, a fim de identificar como a tradução brasileira acentua ou não o potencial feminista da obra. Para tanto, realizo um cotejo entre o texto fonte *Wide Sargasso Sea* (Norton Critical Editions, 1999) e o texto traduzido *Vasto Mar de Sargaços* (Rocco, 2012), embasada em pesquisadoras feministas de tradução, tais como Simon (2005), Blume (2010), Flotow (2013) e Castro (2017). Os resultados apontam para a invisibilidade da tradutora, cujo nome sequer aparece na capa da obra traduzida; a influência do mercado editorial na tradução; oscilação entre escolhas de tradução que potencializam e que atenuam o potencial feminista pós-colonial de *Wide Sargasso Sea*.

Palavras-Chave: *Wide Sargasso Sea*; Tradução brasileira; Léa Viveiros de Castro; Feminismo pós-colonial.

4. A TRADUÇÃO DE UMA OBRA DE YVONNE VERA NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADUÇÃO E DE UMA TRADUTORA

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo (IFG)

RESUMO: A presente comunicação pretende explorar minha própria experiência como tradutora de textos literários anglófonos africanos para o português brasileiro. Será focalizado minha iniciação como tradutora, a qual ancora-se em minha tese de doutoramento, defendida em 2015, que abrange tanto o estudo crítico e a tradução de uma coletânea de contos, à época inéditos no Brasil, da escritora zimbabuense Yvonne Vera. Desta forma, objetiva-se retomar desde os primeiros impulsos para o ato de traduzir, nascidos do desejo de aprofundar a leitura do texto que a tal tempo estudava teoricamente ainda no mestrado; a construção de um aporte teórico e técnico para fundamentar minha prática tradutória; a delimitação de um projeto de tradução que contemplasse

tanto meu lugar de fala, como mulher, preta, brasileira, quanto o lugar de fala da escritora traduzida, mulher, negra, zimbabuense; a pesquisa histórica e análise literária empreendida para sustentação e execução do projeto de tradução; a elaboração de critérios para a tomada de decisões tradutórias; o processo de tradução em si; a defesa da tese – que abarcava mas não se limitava à tradução; e o subsequente processo de publicação da tradução da obra *Why Don't You Carve Other Animals* (1992), de Yvonne Vera.

Palavras-Chave: Estudos da Tradução; Experiências Tradutórias; Tradução feminina; Literatura do Zimbábue.

5. ALGÚN AMOR QUE NO MATE: GÊNERO E TRADUÇÃO

Mayra Martins Guanaes (USP)

RESUMO: No fim da década de 70, após o fim da ditadura franquista começam a ocorrer mudanças nas leis espanholas que dizem respeito aos direitos das mulheres. Esses avanços no âmbito jurídico têm reflexos também no panorama literário do país. Com o aumento de obras produzidas por mulheres, há não só uma ampliação quanto produção literária, mas também quanto criação e revisão dos modelos de personagens femininas. Uma das autoras que se destaca nesse contexto é a espanhola Dulce Chacón que abriu espaço para personagens femininas que não fossem somente mães e esposas, e que pudessem ter sua subjetividade explorada mais profundamente. Seu primeiro romance *Algún amor que no mate* foi publicado em 1996 e aborda a temática da violência de gênero. Mesmo que esta temática esteja ganhando mais espaço nos meios de comunicação ainda há poucas produções artísticas e científicas nesse sentido. É possível notar que o romance de Dulce Chacón aproxima a realidade da Espanha com a realidade do Brasil e de outros países que compõe a América Latina, haja visto que a violência de gênero é uma questão social, dado o poder que os homens tem sobre as mulheres dentro da sociedade. Entretanto, Dulce Chacón não é uma autora muito conhecida no Brasil, inclusive dentro do campo dos estudos literários hispano americanos. Apesar de sua contribuição para a literatura e para a discussão dessa temática que é muito atual, suas obras ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa. Este trabalho em andamento visa à tradução do romance *Algún amor que no mate* junto à inserção de notas sobre a tradução e a produção de uma introdução crítica abordando a temática da violência de gênero.

Palavras-Chave: Tradução; Violência de gênero; Literatura hispânica, Romance.

6. ENTRE LÍNGUAS, CULTURAS, LITERATURA E TRADUÇÃO POÉTICA: A ESTÉTICA TRADUTÓRIA DE WIRA SELANSKI

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

RESUMO: Poeta, contista, ensaísta, professora, tradutora, estrangeira imigrada, Wira Selanski, docente aposentada de literatura alemã da UFRJ, tem uma trajetória que passeia por diferentes línguas e culturas, notadamente aquelas inseridas na Ucrânia, no Brasil e na Alemanha. Autora de livros sobre literatura da Ucrânia com traduções suas de contos e poesias ucranianas, W. S. abriu espaço no Brasil para divulgar autores de sua terra. Mas a autora-tradutora surpreende especialmente por seu talento ao traduzir de uma língua estrangeira – o alemão – para outra – o português brasileiro, como se vê em algumas de suas obras sobre literatura de expressão alemã a que se dedicou durante seu trabalho como professora da UFRJ. Nascida em 1926, certamente foi ofuscada pela maior divulgação que se costumava fazer da produção dos colegas homens de sua geração, que no Brasil também se dedicaram à literatura de alemã em IES brasileiras. Em sua “Antologia da Lírica Alemã” e em sua “A Balada Alemã”, dentre outras obras publicadas no Brasil, vê-se o domínio que W. S. tem das duas línguas-culturas estrangeiras e dos temas literários; mas ali se sobressai, sobretudo, sua inclinação para a poesia e para a tradução poética. O objetivo principal desta comunicação é destacar a obra de tradução poética de W. S., cujos livros, além de

apresentarem conteúdos trabalhados com maestria, primam por um acabamento estético que beira o artesanal-artístico. Como tradutora, preocupa-se, antes de mais nada, em traduzir sentidos, mas tentando preservar, sempre que possível, métrica e rima, como muito bem demonstrou ao traduzir o poema-canção “Construção”, de Chico Buarque de Holanda, para o alemão.

Palavras-Chave: Literatura; Wira Selanski; Tradução.

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LITERATURA

Coordenador(as):

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

Profa. Dra. Edilene Ribeiro Batista – *In memoriam*

Profa. Dra. Ana Cristina Meneses (UESPI)

Prof. Dr. Alcione Correa Alves (UFPI)

1. MULHERES NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebalý (Aswan University)

RESUMO: Trata-se de uma reflexão sobre a representação da mulher e sua situação num cenário de mudança social a partir das obras de *O Primo Basílio*, de Eça de queiros e os contos *A cartomante*, *Missa do Galo* e *Cinco Mulheres* de Machado de Assis. Machado de Assis no seu diálogo com Eça de Queirós sobre a configuração de Luísa em *O Primo Basílio* demonstrou certa preocupação com a representação da mulher como um ser passivo, uma representação que contradizia com a realidade da mulher brasileira no século XIX. Nos seus contos, Machado representa mulheres ativas no enredo desses contos. Buscamos apresentar uma leitura comparativista desses clássicos que fazem parte da formação dos leitores de literaturas de língua portuguesa. São obras que dialogam com o imaginário social sobre as mulheres e a sua representação literária e manifestam de diferentes modos uma crise no sistema patriarcal de finais do século XIX. Para desenvolver essa crítica, desvendamos a rede de conexões históricas e literárias entre esses textos e sua relação com múltiplas questões pulsantes na concepção positivista da sociedade.

Palavras-Chave: Patriarcalismo; Narrativa; Personagem feminina.

2. MULHERES QUE CONTAM: AS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE HISTÓRICO DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Sarah Pinto de Holanda (UFC)

Edilene Ribeiro Batista - *In memoriam*

RESUMO: O romance descreveu, durante séculos, aventuras, traições, conquistas e derrotas de seus heróis e vilões. Neste cenário povoado por enredos e personagens, a mulher, quase sempre, atuou como simples coadjuvante, secundária nas decisões. Desvendando o “outro” lado da história, entre estes mundos lançados à humanidade pela literatura, encontramos o universo edificado pelo romance de Dinah Silveira de Queiroz. Entre sua vasta produção, destacamos dois romances históricos: *A muralha*, de 1954 e *Os invasores*, de 1965. Em ambos, elementos de extração histórica servem como pano de fundo do enredo: naquele, a Guerra dos Emboabas; neste, a invasão à cidade do Rio de Janeiro pelo corsário francês Jean-François Duclerc, em 1710. Apesar de caber ao masculino a responsabilidade de varar os sertões levantando suas espadas e defendendo seus

espaços, quem compõe a galeria de personagens marcantes, nos romances, são as mulheres; é através da ficcionalização da vida privada que ocorre a intensidade dramática das obras. Pelas linhas da autora, passamos a enxergar os vultos que, por detrás das portas, fazem a História: esposas, mães, filhas... mulheres latentes em seus universos de tensões que viam, pelas frestas das janelas, seus destinos selados por outrem. Os estudos de Paul Ricoeur, Michel Halbwachs, Sidney Chalhoub, György Lukács, Flávio Aguiar, Alcmeno Bastos e Antonio Candido auxiliaram as análises acerca da relação entre Literatura e História. Assim como os textos de Teresa de Lauretis, Nelly Novaes Coelho, Judith Butler, entre outros, serviram de referencial teórico para os estudos de gênero e de autoria feminina que fundamentaram nossa pesquisa.

Palavras-Chave: Dinah Silveira de Queiroz; Romance Histórico; Autoria feminina; Gênero e literatura.

]

3. O FAZER LITERÁRIO DE ANA EURÍDICE EUFROSINA DE BARANDAS SOB O VIÉS DA TEMÁTICA DO AMOR EM “EUGÊNIA OU A FILÓSOFA APAIXONADA

Sayonara Bessa Cidrack (UFC)

RESUMO: Por muito tempo, o cânone literário brasileiro favoreceu, exclusivamente, o masculino, considerando a contribuição feminina, em nossa cultura literária, a partir da modernidade. Entretanto, desde o processo de colonização da nossa nação, houve mulheres que produziam textos literários. Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?) é um exemplo dessa afirmação. Esta Autora, situada na Segunda Fase do Neoclassicismo, rompeu com os padrões estabelecidos pela sociedade falocêntrica e dedicou-se à poesia e à prosa (contos, crônicas, novelas e romances), fazendo-se Sujeito em uma época em que a mulher era vista apenas como o Outro. Em muitos de seus escritos, ela questiona o papel da mulher no sistema patriarcal e trata de várias temáticas, como a pátria e o amor, por exemplo. A partir do exposto, esclarecemos que, neste trabalho, analisaremos o conto “Eugênia ou a Filósofa Apaixonada” (da Autora acima citada), abordando a questão do amor romântico, baseado também na ideia proposta por Anthony Giddens (1993), do amor apaixonado (teoria que começou a ganhar forma no final do século XVIII e chegou à sua expressão plena no século XIX). Nessa análise, levaremos em conta os aspectos e as características da escola literária e o período em que se encontra o texto de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas. Também é nosso interesse, aqui apontar as possíveis causas que provocaram o silenciamento da escritora em destaque neste estudo e, conseqüentemente, investigar o processo de violência simbólica pela qual ela passou. Para isso, nos basearemos em teóricos como Antonio Candido, Constância Lima Duarte, Elisabeth Badinter, Mary Del Priori, Norma Telles, Zahidé Lupinacci Muzart, entres outros.

Palavras-Chave: Gênero; Ana Eurídice Eufrosina de Barandas; violência simbólica; amor.

4. O PROTAGONISMO DE DÉBORA: A DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCALISMO

Diná Mendes de Souza Oliveira (UERN)

Maria Edileuza da Costa (UERN)

RESUMO: Neste artigo propomos uma releitura da história de Débora, narrada em Juízes 4, inserindo-a como protagonista e líder de uma tribo do Antigo testamento, em um contexto em que o protagonismo feminino, a participação de mulheres em cargos de liderança, era tão escasso quanto a existência de textos bíblicos que elucidem com clareza mulheres com o perfil como o de Débora. Daí a importância desse texto e de sua releitura. Numa época em que o Patriarcalismo imperava, somente homens ocupavam cargos importantes como juiz em Israel, Débora torna-se o quarto juiz e a primeira mulher a exercer esse cargo. A proposta é perceber como Débora vai se empoderando e construindo sua postura de líder, nas escolhas, em suas atitudes, dando vez e voz a um protagonismo feminino, desconstruindo assim, a ideia de que homens são capazes de liderar e as

mulheres são apenas para atividades domésticas. Considerando o contexto social, os costumes das comunidades israelitas na época dos princípios básicos do judaísmo, como também a análise textual e intertextual das passagens bíblicas referentes a Débora, observaremos como a relação protagonismo feminino/ desconstrução do patriarcalismo se dá dentro do texto em indícios e entrelinhas acesos em nossa proposta de releitura.

Palavras-Chave: Protagonismo feminino; Liderança; Patriarcalismo.

5. PARA LER “VERSURA”: UM ENCONTRO COM A LEITURA, ATRAVÉS DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Adriana Maria Franco da Rocha Souza (IFMA)

RESUMO: A Leitura constitui-se em uma ferramenta imprescindível para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, à medida que permite perceber a literatura como mediadora de vários aprendizados, ligados a valores, atitudes e conteúdos escolares. A Literatura é considerada um bem cultural, em que seu acesso permite uma educação de estética, da sensibilidade, da concentração, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação, bem como favorece o acesso aos saberes diversos sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. Este artigo pauta-se na obra *Versura*, de José Henrique de Paula Borralho e apresenta uma viagem aos gêneros literários, poesias, poemas, contos e crônicas que são pertinentes para o conhecimento e a aprendizagem do aluno, tendo em vista a apresentação, a análise e o debate da obra literária, de gênero narrativo, de cunho maranhense, com o fito de compreender a matéria literária de gênero narrativo como fonte de conhecimento, e desenvolvimento da escrita, produção e oralidade. Os objetivos específicos consistiram em: identificar o perfil dos alunos em uma Unidade de Ensino. Analisar a obra literária e suas características. Desenvolver novos interesses no que concerne à literatura. Estimular o gosto pela leitura. Compreender quais as contribuições do ensino da Literatura para a formação do leitor no universo do Ensino Médio. Realizou-se um estudo exploratório e de cunho qualitativo para a aquisição das informações.

Palavras-Chave: Leitura; Literatura; Gêneros literários; Ensino Médio.

7. QUESTÕES DE GÊNERO ETNIA E CLASSE NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DE “MARIA” E “O PÃO SAGRADO DOS FILHOS”

Maria Valdenia da Silva (UFC)

Jaquelânia Aristides Pereira (UFC)

RESUMO: A presente proposta de comunicação constitui um estudo sobre os contos “Maria”, publicado no livro *Olhos d’água* (2015) e “O pão sagrado dos filhos”, inserido na obra *Histórias de leves enganos e parecências* (2016), da escritora Conceição Evaristo, sob a perspectiva da crítica feminista, considerando que as protagonistas sofrem opressão de classe, raça e gênero. Eleger a obra de Conceição Evaristo como objeto de estudo nos permite investigar a multiplicidade criadora da escritora mineira que figura como um dos nomes mais expressivos da literatura contemporânea afro-brasileira. Sua obra é um grito de resistência às diversas formas de violência sofridas pelas mulheres afro-brasileiras. O objetivo central deste trabalho é fazer uma investigação literária dos dois contos, evidenciando o modo como a escritora mineira constrói as narrativas e as personagens femininas, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres em decorrência de um sistema patriarcal e capitalista, que subjuga a mulher, o pobre e o negro. Utilizamos como referencial teórico os estudos de crítica feminista de Saffioti (1987) e Spivak (2010), da literatura de autoria negra, de

Evaristo (2009, 2017) e Duarte (2011), e os trabalhos da área de crítica literária de Bosi (2002) entre outros estudiosos.

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Crítica feminista; Conceição Evaristo.

8. RELAÇÕES DE GÊNERO NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM

Araceli Maria Alves Silva (UESPI)

RESUMO: Este trabalho investiga, através das complexas relações entre homens e mulheres, interseccionadas a questões de classe e etnia, como se constroem as relações de poder no seio familiar relacionadas à representação de gênero em Milton Hatoum, especificamente nos romances: Cinzas do Norte (2005) e Órfãos do Eldorado (2008). A abordagem privilegia a categoria de análise “gênero” nas diversas temáticas atreladas a esta questão, sem abrir mão de conceitos e categorias como patriarcado, pós-patriarcado, classe social e etnia. Para tanto, os referenciais teóricos são buscados na teoria crítica feminista, particularmente em autoras como Simone de Beauvoir (1980), Joan Scott (1995), Judith Butler (2000), entre outros. Aponta-se no contexto das relações de gênero em Hatoum a emergência de um novo regime, que Juliet F. MacCannell (1991) denomina “pós-patriarcal”, centrado na figura do “irmão”, em que os arranjos de poder na constelação familiar redefinirão os papéis sexuais, gerando complexas formas de exclusão da mulher.

Palavras-Chave: Mulher; Gênero; Representação; Milton Hatoum.

9. UM BAR, UM ENCONTRO E O PERSONAGEM MASCULINO NO CONTO LISPECTORIANO

"MAIS DOIS BÊBEDOS"

Leandro Lopes Soares (UERN)
 Maria Edileuza da Costa (UERN)
 Maria Eliane Souza da Silva (UERN)

RESUMO: A literatura da “escrita/bailarina” de Clarice Lispector promove práticas de uma escrita/pensamento embriagada por temáticas que abarcam diferentes planos da vida e seus aspectos nômades. Circunscreve questionamentos contínuos do (re)existir enquanto processo inacabado e epifânico, de uma busca incessante de (re)(des)entendimentos do ser, em seus diversos lugares cotidianos. Diante desses pressupostos, objetivamos analisar as diversas cartografias do personagem masculino no conto lispectoriano “Mais dois bêbedos”. Motivados pelo interesse em trabalhar a obra da autora supracitada sob novas perspectivas, consideramos pertinente uma abordagem voltada para o personagem masculino. Desse modo, o álcool como “tema e representação literária” direciona-nos a uma localidade de margens e marginais, frequentada exclusivamente por homens, sendo, portanto, de dominação masculina. Neste contexto, (a)bordaremos as relações divergentes entre gêneros e a composição de uma escrita alcoolizada e de “muitos porres existenciais”. Bourdieu (2016), Deleuze & Guattari (1995), Lins (2013) entre outros, compõem nosso referencial teórico. Previamente, o conto adquire um teor filosófico e moral(des)lizante onde solidão e medo da morte tornam-se também temáticas atuantes na conversa dos personagens que, com personalidades diferentes, encontram-se e se bebem num movimento de (des)(re)territorialização.

Palavras-Chave: Personagem Masculino; Bar; Gênero; Clarice Lispector.

10. UMA ANÁLISE NARRATOLÓGICA DA PERSONAGEM EVITA/EVA LOPO, EM A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE

Lígia Vanessa Penha Oliveira (UESPI)

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)

RESUMO: Este artigo constitui-se em um estudo acerca das marcas narrativas representadas na obra *A costa dos murmúrios* (1988), da autora portuguesa contemporânea, Lídia Jorge. A análise dessa obra visa investigar o processo de construção da narradora Evita/Eva Lopo, e sua visão sob as mulheres na guerra colonial de Moçambique/África, além de refletir sobre a estrutura narrativa do romance, bem como sobre os espaços e *flashes* de memória nele descritos, revelando como a história da guerra colonial de Moçambique, África, foi recontada a partir da narração da personagem Evita/Eva Lopo no romance supracitado. Essa investigação está centrada nas propostas teóricas de Genette (1976) que reformula algumas categorias instrumentais para a análise do discurso narrativo, Barthes (1971) que investiga as faces do discurso narrativo, Michelle Perrot que reflete sobre os pensamentos que limitaram a ação das mulheres no tempo e espaço, colocando-as a margem da história e da literatura ao longo do tempo, Bakhtin (1998) com sua postulação de enunciado vivo, enquanto participante do discurso social e Linda Hutcheon (1991) a cerca de sua estratégia metaficcional.

Palavras-Chave: Narrativa; Mulheres; Guerra; Memória.

11. A CONDIÇÃO DA MULHER LÉSBICA NA OBRA DUAS IGUAIS, DE CINTIA MOSCOVICH

Wêsley William Alves de Oliveira (UESPI)

RESUMO: O presente artigo visa entender como as personagens centrais da obra *Duas Iguais* enfrentam sua condição homoafetiva. Para tanto, será analisada a obra *Duas Iguais*, de Cintia Moscovich, que sob aparatos teóricos de Álos (2012), Butler (2013), Bourdieu (2014) e Beauvoir (1967) embasaram tal trabalho. O romance demonstra enquadramentos heteronormativos e pressões sociais aplicados no desenvolver do enredo que desencadeia o destino das personagens centrais (Clara e Ana) durante o transcorrer da obra. Clara e Ana vivenciam um amor no qual destinam-se a separação por condições normativas sociais em que Clara casa-se por pressão heterossexista do meio que a envolve. No decorrer do romance, Moscovich demonstra que o amor entre as iguais perpassa por barreiras normativas e heterossexistas compulsórias fomentando que a afetividade consegue resistir as pressões sociais.

Palavras-Chave: Lésbica; Mulher; Duas Iguais.

COMUNICAÇÕES LIVRES – 01

Coordenador(es):

Prof. Dr. Orlando Luís de Araújo(UFC)

Profa. Dra. Lucineide Barros Medeiros(UESPI)

1. A METAPOÉTICA DE *HOME* EM CONCEIÇÃO LIMA

Elen Rodrigues Gonçalves (UFJF)

RESUMO: A literatura feminina africana atual reproduz a posição das mulheres em meio às sociedades patriarcais que, por muito tempo, delegaram-nas a funções estritamente domésticas, obrigando-as a permanecer à margem. O objetivo da presente pesquisa é estudar a obra poética de

Conceição Lima, natural de São Tomé e Príncipe, que presenciou, desde sua infância, o período de grandes transformações políticas e históricas, reivindicadas pelo seu continente, em nome do resgate de uma identidade e uma liberdade que, ao longo dos séculos, pensara-se haver sido perdida. Considerada uma das vozes mais significativas da literatura feminina africana de língua portuguesa, a obra poética de Conceição configura um duplo processo de rememoração e reconexão com o passado: ora revisita o presente para ressignificá-lo, ora volta-se para a própria juventude e sua família, ora recupera algum acontecimento da História em perigo de ser esquecido pelas dobras do tempo. Em suas obras *O útero da casa* (2004), *A dolorosa raiz do Micondó* (2012) e *No país de Akendenguê* (2011), é possível entrever em sua poética um latente entrelugar. Em outras palavras, se, em um primeiro momento, é possível reconhecer em seus poemas as ilhas de São Tomé e Príncipe, faz-se também logo presente a imagem de outros países do continente africano cujas histórias de dor e luta se assemelham. Em sua escrita, podem-se reconhecer fissuras de uma sociedade que, estacionada em machismos e preconceitos, configura-se como uma necessidade de renegociação de identidades que é fundamental para a escrita de mulheres negras em contextos multiculturais. A obra de Conceição Lima ultrapassa as fronteiras geográficas e nacionais – ou mesmo étnicas –, visto que a realidade hodierna é fundamentalmente transnacional, multicultural e diaspórica. Nota-se que o processo de colonização das ilhas São Tomé e Príncipe, conhecidas como ilhas de degredo, habitadas por criminosos desterrados de Portugal bem como africanos escravizados de outros países do continente, as ilhas constituíram por muito tempo um local de fronteira de culturas, línguas, identidades, etnias que se encontraram e interagiram de tal forma que, hoje, pelo fato de não só o país, mas o continente, ser um produto de separações e deslocamentos, cria-se uma necessidade urgente de reconectar e rememorar os elos perdidos da história. Por meio da poética feminina africana, é possível estabelecer um mergulho nos vazios e silêncios de uma sociedade que, embora, por um lado, suprima a voz feminina em nome de uma tradição e de costumes milenares, cujas fortes raízes, profundamente entranhadas no solo africano, deixam transparecer um legado de dor e opressão, por outro, a própria fortaleza dessas raízes perenes pode ser interpretada como o ressurgimento de uma força maior: a do útero materno. Transfigurado, na poética de Conceição Lima, em Terra/Nação/Mulher, ao desdobrar-se simbolicamente no espaço físico e subjetivo, revela, em todos, o desejo de identidade nacional. Compreender a literatura feminina africana de língua portuguesa implica realizar um trabalho de grande responsabilidade, sobretudo, quando a autora desta pesquisa não compartilha a mesma realidade. No entanto, a tentativa do trabalho crítico, mesmo distante do *locus* analisado, é compreender com muito cuidado como a mulher africana – assim como as de outros continentes – é silenciada e posicionada em espaços nos quais não se predispõe uma igualdade. Estudar a experiência de mulheres consubstanciadas na escrita de Conceição Lima permite entrever a noção de fluidez das identidades, que se tornam progressivamente múltiplas. A poética de Conceição Lima consubstancia a voz de um território insular pós-colonial ansioso por eliminar as sequelas da dependência e reconstruir sua plena individualidade. Como porta-voz, ela recria sua terra de origem com uma linguagem afetiva reconhecendo-a como “Mátria”, porque na produção poética feminina emerge o corpo físico da terra na busca de um elemento de consolidação de seu próprio eu. A relação íntima do eu poético com a sua terra mãe é essencial para se compreender a subjetividade feminina africana, uma vez que o continente é metaforizado pelo útero materno ao qual o eu poético, no poema “Mátria” (LIMA, 2004, p. 17- 18) retorna e ao qual ele chama de casa. Personificada, a casa adquire características que impelem o eu poético a realizar uma atividade de rememoração que logo reconhece na amplidão de praia ou de deserto a familiaridade da paisagem africana. A personificação do continente torna-se, portanto, um espaço no qual se interroga “em riacho de dor cascata de fúria” sobre as perdas sofridas e aceita conformado a morte dos imbondeiros, símbolo do continente, bem como a Praça viúva de risadas da infância. O degrau de basalto que emerge do mar, referindo-se São Tomé e Príncipe, é, no entanto, forte e de “tábuas rijas” como o “castelo melancólico” ao qual o eu poético compara. Seu país configura-se no “templo mátrio” que adquire duplamente um caráter de intimidade e segurança. A casa em cujo útero da memória o eu poético mergulha e revive em seu corpo de mulher, ou mesmo no corpo da ilha, as lembranças do passado de sua família, do arquipélago e de sua própria juventude, sugerem que a própria poeta pode ter escrito “Mátria” longe de sua terra, o que

pode ser revelado nos versos “Quero-me desperta/ se ao útero da casa retorno” (LIMA, 2004, p. 17). Uma identidade diaspórica que é transformada à medida que também o é a subjetividade do eu poético, a fim de revelar, nas palavras de Paul Gilroy, “a intimidade diaspórica lúdica que tem sido característica marcante da criatividade transnacional do Atlântico negro” (2012, p. 59), cuja história, marcada pelas lutas de emancipação e autonomia, contribui para a realização de uma análise dos problemas de nacionalidade, identidade e memória histórica. A emblemática “casa” torna-se mais uma vez um arquétipo do útero feminino de proteção e vitalidade no qual a criação de uma nova nação se constitui como metáfora. Ao estabelecer uma viagem ao corpo feminino representado muitas vezes pelas águas eternas de um rio, ou pelas ondas do mar que aludem ao seio materno, Conceição Lima ultrapassa questões de gênero, etnia e nação, mesmo que sua escrita seja considerada essencialmente feminina e africana. Isso acontece porque, mesmo ao abordar o particular, sua escrita tenciona o universal.

Palavras-Chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Conceição Lima; Escrita de autoria feminina; Poesia de São Tomé e Príncipe

2. AO RÉS DA (DES)MEMÓRIA DA MULHER ESCRITA: PERCURSOS MEMORIALÍSTICOS EM VIRGINIA WOOLF

Tatielly Pinho Farias (UFC)

RESUMO: A escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941), dona de uma escrita insólita e possante, produzia textos substanciados pelo recurso da memória. Na obra *Momentos de vida* (1972), esse recurso se anuncia como essência edificadora dos textos que trazem uma Virginia Woolf pintada sob diversos matizes. Impulsionada pela consciência da premência do tempo, a escritora narra a si mesma e se faz palavra, apoiando-se em um tempo pregresso mediado pelas experiências afetivas e sociais. Sobressaem as cores da infância e da mulher que idealizava um lugar para suas palavras no meio literário e acadêmico. A escrita feminina de Woolf, necessária e espasmódica, é uma extensão de si – do seu corpo, da sua mente, do seu espírito – e comporta tanto o equilíbrio como as inquietações que habitavam sua infância/adolescência. Suas memórias estruturam-se com o apoio da formação de cenas e a rememoração por meio de sensações, permitindo-nos visualizar uma mulher que dialoga consigo sob o olhar da infância. Essa fase da vida da escritora é marcada pelas relações parentais e pelos questionamentos da posição da mulher na sociedade vitoriana e na literatura, aspectos que emergem e destacam-se como elementos centrais nessas memórias. Este trabalho, portanto, objetiva analisar como as relações afetivas da inglesa agem como fundadoras da memória e da escrita e como esse trajeto da narrativa de si é construído. Para tal, verificamos o conceito de memória, proposto por Henri Bergson (1896), e as contribuições de Georges Gusdorf (1991), que reflete sobre como se dá esse encontro controverso do sujeito com sua própria imagem. A fim de embasar a leitura feita a respeito da relação mulher-escrita, apoiamos-nos nas contribuições de Lucia Castello Branco acerca da *desmemória* feminina.

Palavras-Chave: Memória; Infância; Escrita feminina; Virginia Woolf.

3. O FANTÁSTICO NO FEMININO

Francisco Vicente de Paula Junior (UESPI)

RESUMO: A presente comunicação tem por objetivo a comprovação de que existe, no âmbito dos textos de teor sobrenatural, uma literatura específica de autoria feminina e de temas ligados à mulher. Confirmamos, então, a partir de pesquisa feita em nível de Doutorado a existência de um Fantástico Feminino em que se destacam: temas femininos, personagens femininas, autoria feminina com vistas a um cânone feminino de Literatura Fantástica. Com o aporte teórico de Todorov (1992); Bessiére (1999), Showalter (1994) e Moreira (2003) passamos a entender o

Fantástico Feminino como mais uma estratégia, em Literatura, para a discussão necessária sobre a condição da mulher na sociedade. O nosso objeto de análise apresenta autoria feminina, temas ligados à mulher e procedimentos específicos que aproximam o texto fantástico das teorias feministas. A pesquisa evidencia de que forma o texto fantástico androcêntrico tem veiculado uma imagem preconceituosa da mulher na literatura fantástica, e de que maneira, por meio do corpus em tela, o texto sobrenatural de autoria feminina contrapõe-se a essa postura, relativizando conceitos para a desconstrução dos estereótipos negativos do feminino no âmbito da literatura fantástica. Depois de identificados os procedimentos que os compõem, os temas e as características da autoria feminina na literatura fantástica, postulamos que existe, de fato, um Fantástico Feminino que serve para resgatar a importância da mulher na literatura de cunho sobrenatural, para redefinir esse espaço e, conseqüentemente, para dar maior visibilidade às mulheres escritoras no cânone do Fantástico brasileiro.

Palavras-Chave: Mulher; Literatura; Fantástico; Feminino.

4. O CORPO FEMININO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL EM ANGOLA

Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI/NEAD)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo abordar as questões de gênero, no âmbito do corpo feminino, no período Pós-colonial em Angola. Nesse sentido, selecionou-se o romance “Se o Passado não Tivesse Asas, de autoria do escritor angolano Pepetela. O romance narra o panorama da Guerra Civil em Angola, nos anos de 1990. A protagonista, Himba torna-se órfã, aos treze anos, após um ataque ao carro que transportava sua família, com destino à Luanda. A garota segue para a capital angolana, onde torna-se pedinte e sofre violência sexual. Diante desse contexto, procura-se destacar a situação da mulher em contexto de guerra e mendicância. Com vistas à investigação pretende-se utilizar pesquisa bibliográfica, com base nos estudiosos e pesquisadores como: Halbwachs (2013), Kasembe (2011), Fonseca (2015); Pepetela (2017).

Palavras-Chave: Literatura; Gênero; Corpo Feminino; Pepetela.

5. OS LOCAIS DE MEMÓRIA NO CASTILLO INTERIOR DE TERESA DE JESÚS

Amanda Luzia da Silva (Unicamp)

RESUMO: O trabalho propõe um estudo sobre o livro *Castillo Interior* (1588), de Teresa de Jesús, a partir de um recorte que permita situar, dentro da área de estudos de Teoria da Memória, os espaços textuais, narrativos e alegóricos construídos ao longo do texto. No momento em que seus escritos se encontravam sob a tutela da Inquisição Católica, Teresa decide atender à solicitação de seus confessores e escrever um relato sobre seu percurso místico. O texto assume, nesse sentido, um caráter testemunhal, pois a monja dirige-se às irmãs do convento, oferecendo-lhes uma espécie de diário de viagem, podendo, paralelamente, ser lido também como guia, destinado àqueles que buscam exercitar as práticas da vida ascética. Como estratégia, a monja reconstitui o trajeto interior do peregrino sedento pelo encontro com Deus: enquanto o corpo é uma cerca, a alma ganha a forma e a estrutura de um castelo. A metáfora espacial traz à baila dois aspectos relevantes acerca do estilo de escrita da monja: o primeiro, o tom didático constatado na escolha da metáfora do castelo, como fundação a ser fortificada pelo leitor; e, o segundo, a intradutibilidade da experiência mística, observada principalmente no vazio operado pelo apagamento dos sentidos sensoriais – componente que complexifica as análises das faculdades da imaginação e da memória no texto. Para tanto, os trabalhos de Frances Yates (1966) e Mary Carruthers (1995) sobre a Arte da Memória assumem um espaço privilegiado no escopo teórico da pesquisa. Nessa chave de leitura, os aspectos imagéticos e espaciais constitutivos da memória são postos em evidência, podendo encontrar ressonâncias frutíferas na obra de Teresa de Jesús.

Palavras-Chave: Literatura; Memória; *Castillo Interior*.

6. RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER EM POESIAS DE AUTORAS PIAUIENSES CONTEMPORÂNEAS

Nayra Bianca Costa Mendes (UESPI)

RESUMO: Durante muito tempo na literatura brasileira de expressão piauiense não víamos uma escrita feminina, porém atualmente isso tem mudado devido à luta de mulheres que se conscientizaram das restrições que lhes eram impostas e conquistaram espaço em vários âmbitos, incluindo o literário. Para compor o itinerário da produção literária escolheram-se poesias de três escritoras piauienses. Objetiva-se, portanto, situar a poesia de autoras piauienses no cenário da literatura piauiense contemporânea para compreendermos algumas questões, tais como se dá as relações de gênero e poder entre homens e mulheres no momento social e histórico em que seus escritos se inserem. Este trabalho é de cunho científico e a metodologia utilizada é a analítico-qualitativo, adotada aqui com a finalidade de compreender, interpretar, por meio da experiência do texto literário de autoria feminina as representações da mulher e as relações de gênero presentes no *corpus* selecionado. Os pressupostos teóricos foram elencados por base nos estudos de Foucault (2009), Perrot (2012), Zolin (2005), entre outros. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a fortuna crítica da literatura de autoria feminina piauiense e brasileira.

Palavras-Chave: Gênero; Poesia contemporânea; Literatura Piauiense.

7. RELAÇÕES DE PODER EM MARIA DA TEMPESTADE, DE JOÃO MOHANA

Maristela dos Santos Almeida (UFMA)

RESUMO: Maria da Tempestade, romance escrito pelo autor maranhense João Mohana, revela o contexto de uma época em que os valores familiares tradicionais eram colocados acima dos ideais de liberdade afetiva e independência. Bárbara, protagonista desta obra literária, mostra-se uma mulher à frente de seu tempo, já que possui anseios e ideais que não condiziam com aqueles atribuídos a uma mulher do início do século XX. Nos anos iniciais deste século, ideais que almejavam conferir mais direitos às mulheres, faziam parte dos discursos em circulação. Simone de Beauvoir bem como outras autoras e também ativistas, faziam parte de um cenário de protestos que buscava garantir maior participação para as mulheres na vida social. Imersas neste cenário de enfrentamentos, três personagens, três almas femininas, estabelecem relações conflituosas de poder uma com a outra. Para o filósofo Michel Foucault, a ideia de relações de poder se apoia no estudo de mecanismos produtores de ideias, palavras e ações. Foucault (2003) assegura que para o poder se exercer através de mecanismos sutis, é imperativo organizar, formar e colocar em circulação um saber. Este trabalho pretende discutir como as relações entre as personagens Bárbara, sua mãe Elisa e a senhora de vida decadente, Cora Mendes, estabelecem relações que veiculam poder e influenciam na constituição de suas respectivas subjetividades. Para tanto, os estudos de Michel Foucault, bem como alguns conceitos de análise do discurso serão utilizados afim de melhor compreender a formação discursiva e a produção de sentidos que estão em circulação no início do século XX, período em que se passa a narrativa. Para assegurar uma aproximação entre Literatura e Análise do Discurso, mobilizaremos as pesquisas realizadas por Dominique Maingueneau acerca do Discurso Literário. Segundo Maingueneau (2016), o campo de estudo de uma produção literária constitui-se como um “sistema cujas diversas instâncias interagem: gênero de texto, intertextualidade, mídiom, modo de vida dos escritores, posicionamento estético, cena de enunciação, temática, etc.” Assim, busca-se analisar três personagens mulheres que ocupam papéis

centrais em *Maria da Tempestade* analisando a maneira como o discurso patriarcal influencia suas relações e as fazem exercer poder.

Palavras-Chave: Literatura; Literatura maranhense; Discurso feminino; Relações de poder.

8. A POESIA LÍRICA DE CONCEIÇÃO LIMA, EM A DOLOROSA RAIZ DO MICONDÓ

Leila Patrícia de Sousa Rosa (UESPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI / UEMA)

RESUMO: O trabalho tem como objetivo fazer uma análise da poesia “Raiz do Micondó” de Conceição Lima, em a *Dolorosa*, verificando como os aspectos de líricos são apresentados no poema. Apresentaremos também a representação do continente africano, e os sentimentos do eu – lírico via o contexto enunciativo do poema. Trataremos ainda de como a poesia resgata a história de uma civilização, de uma comunidade ou de um indivíduo. Pode-se perceber isso quando somos apresentados a árvore do micondó, entre outros elementos, que vão ganhando formas simbólicas em lembranças de tempos dolorosos vivenciados na nação são-tomense. Dessa forma a autora convida aos leitores a mergulhar no mar de memórias na busca de suas origens. Foram utilizados como embasamento, teóricos autores como Laranjeira (1995), Lima (2010), Mendes (2013), Silva (2013), Bonnici; Zolin (Org.) (2005) e outros. Espero que este trabalho possa contribuir e/ou reforçar pesquisas no campo da literatura africana de língua portuguesa e/ou outras afins.

Palavras-Chaves: Literatura africana; Conceição Lima; Micondó; Poesia.

9. SUBALTERNIDADE E RESISTÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM A CONFISSÃO DA LEOA

Maria Aniele da Silva (UESPI)

Maria Valdenia da Silva (UECE)

RESUMO: Uma das funções associadas à literatura pauta-se na representação das construções histórico-sociais e culturais de determinado povo e sua época. Nesta perspectiva, a literatura moçambicana, principalmente no período pós-colonial, busca refletir sobre as minorias sociais que sempre estiveram inseridas em um contexto de subalternidade, sem voz e representação. A presente pesquisa tem como objetivo a análise literária do romance moçambicano *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto (2012), em que buscamos investigar a representação da mulher moçambicana, a partir da construção das personagens femininas. Mia Couto, nos seus textos, possibilita-nos compreender o retrato da condição social e histórica das mulheres rurais de Moçambique, silenciadas e violentadas por uma sociedade machista. A metodologia deste trabalho, de natureza qualitativa, foi pautada no levantamento bibliográfico, especialmente nas discussões literárias de Cândido (2011) e Ferreira (1977). Nas reflexões de gênero, utilizamos Spivak (2010), Antunes (2015) e Chiziane (2013). Compreendemos que esse debate é necessário, já que, em nossas sociedades, as mulheres são marcadas por uma forte tradição de silenciamento.

Palavras-Chave: Literatura; Resistência; Representação; *A Confissão da Leoa*.

9. A MULHER DE PÉS DESCALÇOS, MEMÓRIAS RELUTAS DAS MULHERES DE RUANDA

Míriam Firmino da Silva Paiva (UERN)

RESUMO: *A Mulher de pés descalços* é um romance da escritora Scholastique Mukasonga, publicado no Brasil em 2017 na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), a obra é mais que

um relato biográfico e autoral daquela que será a própria voz narrativa, a mãe de Scholastique, este, é também um tributo às mulheres e a cultura ruandesa. O romance é ainda uma forma de resistência reluta ao genocídio que devastou Ruanda em 1994. Na obra a autora, em um processo de memorialístico dá voz a sua mãe, em uma tentativa de criar literariamente uma espécie de sepultura, de mortalha de papel àquelas que tinham o dom natural de perpetuar a vida e que por esse motivo foram as maiores vítimas daqueles perpetradores do genocídio. Em uma narrativa urdida a várias vozes, Scholastique narra uma história lancinante sobre as mulheres de Ruanda, e através de uma narrativa quase testemunhal nos mostra o papel da memória em toda construção narrativa.

Palavras-Chave: Romance; Escrivivência; Mémoire.

10. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

Maria Luana Caminha Valois (UFPE)

RESUMO: Casar, gerar e cuidar/criar foi e ainda é visto, nas chamadas culturas ocidentais, como destino de todas as mulheres, uma norma a ser seguida, um privilégio almejado como sinônimo de felicidade e satisfação plena, um padrão social e constructo indenitário que define o sujeito feminino. Tal compreensão é justificada e naturalizada pelo sistema heterodominante respaldado por instituições que vinculam a maternidade a um dom divino e a realização pessoal de toda mulher dentro de uma família nuclear. Apesar de tantas modificações na vida social feminina ao longo dos anos, ainda assim, esse trinômio permanece como um referencial imposto socialmente as mulheres. Consideramos, então, fundamental discorrer sobre a questão da maternidade e sexualidade, a partir de textos literários para, como base nisto, relacionar a nossa temática central, que é a reflexão das representações de maternidade a partir da autora Sandra Cisneros - em *El Arroyo de La Llorona*. Assim sendo, ao longo da história, é possível entender que as mulheres são concebidas como sujeitos desprestigiados pela sociedade ocidental, igualmente, é possível perceber, ao longo das leituras históricas, a reprodução de um senso comum em relação à mulher na sociedade desde a antiguidade até os dias atuais. Deste modo, propomos refletir sobre aspectos da constituição cultural como uma base para reconsiderar as relações sociopolíticas do entendimento de que existe uma hierarquia entre gêneros. Igualmente, este trabalho surge da necessidade de adicionar às discussões teóricas existentes uma reflexão centrada na compreensão da relação entre mulher, maternidade e sexualidade para além da perspectiva biológica. Portanto, nos propomos a discutir a visão essencialista da mulher como procriadora, refletindo sobre as reproduções de contexto social, histórico e político como forma de controle social, assim, buscamos desmistificar o popular “Instinto maternal” que naturaliza a maternidade e homogeneiza a mulher. Tal como mencionamos, o livro anteriormente citado reúne contos sobre a vida de várias personagens em contexto de diáspora, que vivem em fronteiras culturais e identitárias, as quais, nos Estados Unidos da América, como imigrantes, sofrem com os choques culturais entre mães “tradicionais” e mulheres que não querem ser mãe. Além disso, a autora costuma trazer a suas obras um distanciamento entre símbolo (mulher) e sua conotação (construção social da identidade feminina), que a partir de representações idealizadas propagam a situação da mulher na sociedade patriarcal. Por isso, nosso trabalho, a luz das teorias de gênero, é incentivado pelo interesse em discutir a situação das mulheres, migrantes, latino-americanas que vivem em contexto de êxodo em ambientes de transculturação, sendo desafiadas, constantemente, pelo quase inóspito lugar. Nesse sentido, o presente projeto tem por principal objetivo analisar as personagens dos contos presentes no livro anteriormente mencionado, e a partir delas, pensar sua relação com a maternidade e as conotações que daí emerge, a partir do enfoque dos Estudos Culturais/pós-colonial sobre gênero. Apostamos que, trabalhar com Sandra Cisneros por um viés analítico-crítico nos possibilitaria abrir um caminho de diálogo com a literatura marginalizada, visto que a mesma pontua questões circunscritas aos contextos sociais, nos quais mulher é, muitas vezes, definida pelo tema da maternidade, assim a proposta é discutir

temáticas de gênero a partir de elementos que problematizam as identidades de sujeitos marcadas pela migração. Em síntese, buscaremos demonstrar em nossa pesquisa que o peso da expectativa de gênero não nos permite reconhecer quem somos, já que nunca são levadas em conta nossa postura e nossa mentalidade legítima, pois focamos sempre em interesses relacionados a soberania do gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas escolhas são baseadas nas expectativas masculinas. Por isso, defendemos que a cultura não é algo estático, mas algo que esta sempre em transformação, conseqüentemente não pode ser justificativa para a permanência de um sistema que oprime e cala a mulher em favor da voz do homem. A partir desta observação, buscamos refletir maneiras onde possamos conscientizar a sociedade da importância e urgência em mudar, para que homens e mulheres possam conviver em regime de equidade e respeito. Consideramos assim, que a literatura, a cultura chicana e os estudos de gênero estão estabelecidos a partir de uma noção de trocas e negociação entre os mesmos, agregando assim a possibilidade de ponderar sobre questões históricas e de vozes marginalizadas. Isso significa romper com os tradicionais dualismos (feminino/masculino, inglês/espanhol, mexicano/americano) que colaboram para a permanência das desigualdades sociais. Por este motivo, elegemos Sandra Cisneros, uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinados pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença. Nesse sentido, a nosso ver, existe uma reconhecível necessidade de que temas como o que propomos sejam mais estudados com profundidade. Deste modo, estendemos uma ponte entre os estudos culturais e as teorias feministas através do livro que compõe o corpus de nossa pesquisa, por acreditar que vamos contribuir de maneira significativa para a quebra de fronteiras epistêmicas, no que concerne a literatura contemporânea de produção feminina. Vale ressaltar, ainda, que tais questões, descritas acima, não são amplamente discutidas na sociedade, e nós acreditamos que para desenvolver um ambiente mais igualitário necessitamos trazer tais temáticas a luz, para que sejam exaustivamente discutidas. Portanto, acreditamos que temos a responsabilidade de dar tal contribuição, assim, optamos por pensar a partir da literatura chicana (Cisneros, 1996), como uma possibilidade de trabalhar a mulher desde um olhar mestiço e desprestigiado (Pina, 2005). A partir dessas questões, temos a intenção de refletir, ao longo da pesquisa, como tal proposta está influenciando a constituição de uma coletividade crítico reflexiva, além de mais igualitária. Desta forma, este trabalho se dedica a pensar, a partir da perspectiva de gênero, as representações de maternidade/mulher e sexualidade presentes no livro *El arroyo de la llorona* (1996), da escritora chicana Sandra Cisneros. Com o objetivo de incitar uma reflexão a cerca da concepção de maternidade criada pela sociedade patriarcal em contraponto aos questionamentos erguidos pelo movimento feminista, para isto, analisaremos os perfis femininos apresentados pela referida autora na obra supracitada. Além disso, nossa discussão tem o compromisso de trazer para o meio acadêmico representações literárias marginalizadas, para que deste modo seja possível preencher a lacuna existente em relação a este tema no Brasil. Para nos acompanhar na construção deste raciocínio, mobilizamos as autoras Gulubov (2012), Muñoz Cerezo (2016), Badinter (1985), Rich (2002), com a noção de literatura e maternidade que se caracteriza como eixo central do presente trabalho. Igualmente, adicionamos a ideia de gênero como construção social, baseando-nos em Joan Scott (2008), Lauretis (1994), Butler (1990). Portanto, atrelado à questão supracitada utilizaremos as teorias de gênero que serão articuladas com o feminismo chicano. Assim, para a reflexão desta perspectiva nosso escopo teórico será Anzaldúa (1987), Moraga (1983), Alarcón (1983). Para completar nossa base teórica usaremos Walsh (2007) e Quijano (1992), com uma perspectiva sobre a interculturalidade crítica tendo como base um exemplo de uma visão integradora de sociedade. Neste jogo de ideias, é coerente adicionar a esta discussão o conceito de desobediência epistemológica, defendido por Mignolo (2007), visto que o mesmo escreve sobre como pequenas contestações à epistemologia vigente afetam positivamente a busca por equidade social. Tal conceito nos ajuda a compreender possibilidades de redefinir as matrizes patriarcais que

seguem regendo o comportamento social contemporâneo. De tal modo buscamos contribuir para a quebra de estereótipos de gênero que prejudicam a busca pela equidade social.

Palavras-Chave: Maternidade; Sexualidade; Estereótipos; Feminismo.

COMUNICAÇÕES LIVRES – 02

Coordenador(es):

Profa. Dra. Stela Viana (UESPI)

Profa. Ms. Emília Rafaelly Soares Silva (IFPI)

1. OS GRITOS DO CÁRCERE: RELATOS SOBRE AS OPRIMIDAS NA DITADURA ARGENTINA

Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior (UFPA)

RESUMO: O presente texto tem como objetivo discutir sobre o feminino nas relações de poder no interior dos movimentos revolucionários e do cárcere, fazendo uma construção das diferenças existente entre os gêneros em situação de tortura. A carga conceitual que leva a palavra “mulher” neste âmbito as faz ter tratamento diferenciados e, por conseguinte uma construção narrativa diferenciada, discurso que se faz questionador desde o interior da militância onde várias mulheres reclamavam do tratamento que recebiam por parte dos companheiros de luta. Judith Butler concebe a diferença tácita entre o discurso e a materialidade do feminismo, desassociando do palpável o valor do gênero. A mulher enquanto construção social é violável, torturá-la significa fazê-la minúscula enquanto gênero, o estupro por vários homens era comum e esse ato satisfazia o desejo masculino de inferiorizar a mulher, tratá-la como objeto descartável e medíocre. A pesquisa consiste na reunião das narrativas e na composição dos perfis das torturadas e torturadoras a partir das literaturas existentes e os relatos testemunhais das mesmas, sob as teorias de Le Goff (1990), Judith Butler (2003), Joan Scott (1998), Bourdieu (2003), Didi- Hubermann (1998) entre outros.

Palavras-Chave: Gênero; Dispositivo de Controle; Ditadura militar argentina.

2. OS LOCAIS DE MEMÓRIA NO CASTILLO INTERIOR DE TERESA DE JESÚS

Amanda Luzia da Silva (UNICAMP)

RESUMO: O trabalho propõe um estudo sobre o livro *Castillo Interior* (1588), de Teresa de Jesús, a partir de um recorte que permita situar, dentro da área de estudos de Teoria da Memória, os espaços textuais, narrativos e alegóricos construídos ao longo do texto. No momento em que seus escritos se encontravam sob a tutela da Inquisição Católica, Teresa decide atender à solicitação de seus confessores e escrever um relato sobre seu percurso místico. O texto assume, nesse sentido, um caráter testemunhal, pois a monja dirige-se às irmãs do convento, oferecendo-lhes uma espécie de diário de viagem, podendo, paralelamente, ser lido também como guia, destinado àqueles que buscam exercitar as práticas da vida ascética. Como estratégia, a monja reconstitui o trajeto interior do peregrino sedento pelo encontro com Deus: enquanto o corpo é uma cerca, a alma ganha a forma e a estrutura de um castelo. A metáfora espacial traz à baila dois aspectos relevantes acerca do estilo

de escrita da monja: o primeiro, o tom didático constatado na escolha da metáfora do castelo, como fundação a ser fortificada pelo leitor; e, o segundo, a intradutibilidade da experiência mística, observada principalmente no vazio operado pelo apagamento dos sentidos sensoriais – componente que complexifica as análises das faculdades da imaginação e da memória no texto. Para tanto, os trabalhos de Frances Yates (1966) e Mary Carruthers (1995) sobre a Arte da Memória assumem um espaço privilegiado no escopo teórico da pesquisa. Nessa chave de leitura, os aspectos imagéticos e espaciais constitutivos da memória são postos em evidência, podendo encontrar ressonâncias frutíferas na obra de Teresa de Jesús.

Palavras-Chave: Teresa de Jesús; Retórica; Arte da memória.

3. DESCOLONIZANDO O SER: UMA DISSOCIAÇÃO DOS CONCEITOS DE MÃE-MULHER E SEXUALIDADE PELAS ESCRIVIVÊNCIAS DA AUTORA SANDRA CISNEIRO

Maria Luana Caminha (UFPE)

RESUMO: Casar, gerar e cuidar/criar foi e ainda é visto, nas chamadas culturas ocidentais, como destino de todas as mulheres, uma norma a ser seguida, um privilégio almejado como sinônimo de felicidade e satisfação plena, um padrão social e constructo indenitário que define o sujeito feminino. Tal compreensão é justificada e naturalizada pelo sistema heterodominante respaldado por instituições que vinculam a maternidade a um dom divino e a realização pessoal de toda mulher dentro de uma família nuclear. Apesar de tantas modificações na vida social feminina ao longo dos anos, ainda assim, esse trinômio permanece como um referencial imposto socialmente as mulheres. Consideramos, então, fundamental discorrer sobre a questão da maternidade e sexualidade, a partir de textos literários para, como base nisto, relacionar a nossa temática central, que é a reflexão das representações de maternidade a partir da autora Sandra Cisneros - em *El Arroyo de La Llorona*. Assim sendo, ao longo da história, é possível entender que as mulheres são concebidas como sujeitos desprestigiados pela sociedade ocidental, igualmente, é possível perceber, ao longo das leituras históricas, a reprodução de um senso comum em relação à mulher na sociedade desde a antiguidade até os dias atuais. Deste modo, propomos refletir sobre aspectos da constituição cultural como uma base para reconsiderar as relações sociopolíticas do entendimento de que existe uma hierarquia entre gêneros. Igualmente, este trabalho surge da necessidade de adicionar às discussões teóricas existentes uma reflexão centrada na compreensão da relação entre mulher, maternidade e sexualidade para além da perspectiva biológica. Portanto, nos propomos a discutir a visão essencialista da mulher como procriadora, refletindo sobre as reproduções de contexto social, histórico e político como forma de controle social, assim, buscamos desmistificar o popular “Instinto maternal” que naturaliza a maternidade e homogênea a mulher. Tal como mencionamos, o livro anteriormente citado reúne contos sobre a vida de várias personagens em contexto de diáspora, que vivem em fronteiras culturais e identitárias, as quais, nos Estados Unidos da América, como imigrantes, sofrem com os choques culturais entre mães “tradicionais” e mulheres que não querem ser mãe. Além disso, a autora costuma trazer a suas obras um distanciamento entre símbolo (mulher) e sua conotação (construção social da identidade feminina), que a partir de representações idealizadas propagam a situação da mulher na sociedade patriarcal. Por isso, nosso trabalho, a luz das teorias de gênero, é incentivado pelo interesse em discutir a situação das mulheres, migrantes, latino-americanas que vivem em contexto de êxodo em ambientes de transculturação, sendo

desafiadas, constantemente, pelo quase inóspito lugar. Nesse sentido, o presente projeto tem por principal objetivo analisar as personagens dos contos presentes no livro anteriormente mencionado, e a partir delas, pensar sua relação com a maternidade e as conotações que daí emerge, a partir do enfoque dos Estudos Culturais/pós-colonial sobre gênero. Apostamos que, trabalhar com Sandra Cisneros por um viés analítico-crítico nos possibilitaria abrir um caminho de diálogo com a literatura marginalizada, visto que a mesma pontua questões circunscritas aos contextos sociais, nos quais mulher é, muitas vezes, definida pelo tema da maternidade, assim a proposta é discutir temáticas de gênero a partir de elementos que problematizam as identidades de sujeitos marcadas pela migração. Em síntese, buscaremos demonstrar em nossa pesquisa que o peso da expectativa de gênero não nos permite reconhecer quem somos, já que nunca são levadas em conta nossa postura e nossa mentalidade legítima, pois focamos sempre em interesses relacionados a soberania do gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas escolhas são baseadas nas expectativas masculinas. Por isso, defendemos que a cultura não é algo estático, mas algo que esta sempre em transformação, conseqüentemente não pode ser justificativa para a permanência de um sistema que oprime e cala a mulher em favor da voz do homem. A partir desta observação, buscamos refletir maneiras onde possamos conscientizar a sociedade da importância e urgência em mudar, para que homens e mulheres possam conviver em regime de equidade e respeito. Consideramos assim, que a literatura, a cultura chicana e os estudos de gênero estão estabelecidos a partir de uma noção de trocas e negociação entre os mesmos, agregando assim a possibilidade de ponderar sobre questões históricas e de vozes marginalizadas. Isso significa romper com os tradicionais dualismos (feminino/masculino, inglês/espanhol, mexicano/americano) que colaboram para a permanência das desigualdades sociais. Por este motivo, elegemos Sandra Cisneros, uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinados pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença. Nesse sentido, a nosso ver, existe uma reconhecível necessidade de que temas como o que propomos sejam mais estudados com profundidade. Deste modo, estendemos uma ponte entre os estudos culturais e as teorias feministas através do livro que compõe o corpus de nossa pesquisa, por acreditar que vamos contribuir de maneira significativa para a quebra de fronteiras epistêmicas, no que concerne a literatura contemporânea de produção feminina. Vale ressaltar, ainda, que tais questões, descritas acima, não são amplamente discutidas na sociedade, e nós acreditamos que para desenvolver um ambiente mais igualitário necessitamos trazer tais temáticas a luz, para que sejam exaustivamente discutidas. Portanto, acreditamos que temos a responsabilidade de dar tal contribuição, assim, optamos por pensar a partir da literatura chicana (Cisneros, 1996), como uma possibilidade de trabalhar a mulher desde um olhar mestiço e desprestigiado (Pina, 2005). A partir dessas questões, temos a intenção de refletir, ao longo da pesquisa, como tal proposta está influenciando a constituição de uma coletividade crítico reflexiva, além de mais igualitária. Desta forma, este trabalho se dedica a pensar, a partir da perspectiva de gênero, as representações de maternidade/mulher e sexualidade presentes no livro *El arroyo de la llorona* (1996), da escritora chicana Sandra Cisneros. Com o objetivo de incitar uma reflexão a cerca da concepção de maternidade criada pela sociedade patriarcal em contraponto aos questionamentos erguidos pelo movimento feminista, para isto, analisaremos os perfis femininos apresentados pela referida autora

na obra supracitada. Além disso, nossa discussão tem o compromisso de trazer para o meio acadêmico representações literárias marginalizadas, para que deste modo seja possível preencher a lacuna existente em relação a este tema no Brasil. Para nos acompanhar na construção deste raciocínio, mobilizamos as autoras Gulubov (2012), Muñoz Cerezo (2016), Badinter (1985), Rich (2002), com a noção de literatura e maternidade que se caracteriza como eixo central do presente trabalho. Igualmente, adicionamos a ideia de gênero como construção social, baseando-nos em Joan Scott (2008), Lauretis (1994), Butler (1990). Portanto, atrelado à questão supracitada utilizaremos as teorias de gênero que serão articuladas com o feminismo chicano. Assim, para a reflexão desta perspectiva nosso escopo teórico será Anzaldúa (1987), Moraga (1983), Alarcón (1983). Para completar nossa base teórica usaremos Walsh (2007) e Quijano (1992), com uma perspectiva sobre a interculturalidade crítica tendo como base um exemplo de uma visão integradora de sociedade. Neste jogo de ideias, é coerente adicionar a esta discussão o conceito de desobediência epistemológica, defendido por Mignolo (2007), visto que o mesmo escreve sobre como pequenas contestações à epistemologia vigente afetam positivamente a busca por equidade social. Tal conceito nos ajuda a compreender possibilidades de redefinir as matrizes patriarcais que seguem regendo o comportamento social contemporâneo. De tal modo buscamos contribuir para a quebra de estereótipos de gênero que prejudicam a busca pela equidade social.

Palavras-Chave: Maternidade; Sexualidade; Estereótipos; feminismo.

4. PAPEIS ATRIBUÍDOS ÀS MULHERES NA ORGANICIDADE DAS ESCOLAS FAMÍLIA AGRÍCOLAS (EFAS): FALAS DE EDUCADORAS

Lucineide Barros Medeiros (UESPI)

Maria Raquel Barros Lima (UFPI)

RESUMO: O trabalho apresenta em sua centralidade falas de mulheres educadoras, que atuam em Escolas Família Agrícola (EFAS) do Piauí, a respeito das relações que se estabelecem entre mulheres e homens na realização das atividades práticas de organização do ambiente de habitação e convivência escolar no período de permanência na instituição de ensino, com o intuito de analisar comportamentos e situações que denotam discriminações de gêneros. Na construção metodológica, consideramos que os artefatos da ciência devem ser postos a serviço da construção do conhecimento sem perder de vista que, nessa construção, há realidades negligenciadas por estarem relacionados à fenômenos pouco conhecidos, como é o caso das experiências, vivências e dificuldades enfrentadas pelas educadoras de escolas rurais, inclusive para lidar com tensões e discriminações por questão de gênero. A propósito, Fals Borda (1979) ressalta que as ferramentas de trabalho do(a) pesquisador(a) não têm vida própria; elas tomam os sentidos que lhes damos. A partir dessa compreensão, trabalhamos com a abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2001), se constitui na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, voltada para a interpretação dos fenômenos e significados básicos a eles atribuídos, permitindo trabalhar com universos de motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, que dizem respeito ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. No processo de produção dos dados de análise, realizamos entrevistas junto a educadoras das EFAS no Piauí por meio de Grupo Focal, pois a estratégia permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, além de favorecer acesso à concepção sobre processos de construção da realidade, explicitar compreensão a respeito de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho de pessoas que compartilham experiências comuns (GATTI, 2005). As EFAs são espaços educativos, criados na França, na década de 1930, com a denominação Maison Familiale Rurale (MFR) ou Casa Familiar

Rural. De acordo com Garcia-Marirrodriaga e Pui-Calvó (2010), a proposta tinha por objetivo oferecer aos jovens uma formação alternativa de acordo com sua realidade, possibilitando um aprendizado teórico-prático e a motivação para os estudos elevando a autoestima dos(as) educandos(as), bem como o desenvolvimento social e econômico da região. No Brasil a primeira EFA foi criada no estado do Espírito Santo, em 1969, mais tarde expandindo-se para outros estados, inclusive o Piauí (SILVA, 2000). A Pedagogia da Alternância (PA) é uma das singularidades das EFAs: se baseia em uma metodologia que articula escola e famílias, com tempos de 15 dias de permanência dos(as) educandos(as) no espaço escolar com aula e realização de outras atividades de apoio pedagógico e, na sequência, se inicia outro tempo, também de 15 dias, de estada na comunidade para a continuidade dos estudos, participação no trabalho produtivo do núcleo familiar e vivência comunitária, de modo programado e assistido, “tendo-se como pressuposto a articulação entre educação e trabalho, teoria e prática”. (TEIXEIRA e ANTUNES, 2011, p 955). No período de permanência na escola, os(as) educandos(as) e educadores(as) assumem algumas atividades domésticas como parte do processo educativo; ao mesmo tempo, contribuindo para a manutenção do espaço limpo e organizado. Nesses momentos, é possível perceber os apelos à delimitação de papéis socialmente impostos às mulheres, como lavar a louça e cozinhar, por exemplo, o que na acepção de Louro (1997), denota a produção de diferenças e desigualdades que se reproduzem a partir da informação do que homens e mulheres podem ou não fazer e do lugar que devem ocupar. Considerando a natureza educativa do espaço escolar e, nesse caso, as EFAs, escolas que têm como base político-pedagógica a construção de processos de transformação social, espera-se que os(as) educadores(as) assumam condutas que dialoguem com e sobre tais situações. No entanto, em alguns casos, há tensões a serem enfrentadas para que isso aconteça, por exemplo, em relação ao modo de vida produzido nas famílias, às prioridades estabelecidas na proposta curricular e até mesmo nas condições de preparo teórico-metodológico para conduzir processos educativos emancipatórios, lidando com questões ainda consideradas tabus; dificuldades que estão no âmbito do que Freire (1998) denomina “burocratização da mente”, associada à colonização dos saberes, das relações e dos processos pedagógicos que, para serem superados exigem a construção de uma compreensão em que “la igualdad se explicita en las diferencias que son asumidas como referencia común, rompiendo, de esa forma, con el carácter monocultural de la cultura escolar” (CANDAUI, 2013), que está fortemente presente na escola, em geral, e, em particular, na escola do meio rural. No tocante ao peso dos processos de educação familiar, Nísia Floresta, pioneira na educação feminista no Brasil, observava, a partir dos desafios do século XIX, o peso da educação familiar de base patriarcal ao afirmar que “nada por certo é mais prejudicial à educação das filhas do que as repetições de cenas domésticas, natural ou artificialmente representadas pelas mães, manifestando o resfriamento dos deveres impostos pela sociedade e mantidos pelo bom senso e pela religião no seio das famílias”. (ROSA, 2010). Por outro lado, Maria Lacerda de Moura, outra brasileira, educadora, feminista, libertária, afirmou a força revolucionária da educação (LEITE, 2005) e, diante disso, retrucou: “o homem é homem ante de ser pai. É sábio ou generoso, filósofo ou operário, político ou guerreiro, inventor ou andarilho, independente das funções de pai. E por que razão nos dizem com arrogância axiomática: a mulher nasceu para esposa e mãe, para o lar?” (EGGERT; PACHECO, 2010). É no contexto dessas provocações e desafios que a fala das educadoras indicam questões silenciadas e que, apesar disso, emergem na realidade concreta das EFAs.

Palavras-Chave: Papéis femininos na escola; Escolas Família Agrícola (EFAs); Fala de educadoras.

5. A SEXUALIDADE FEMININA REPRIMIDA EM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES E NÉLIDA PIÑÓN

Joyce Rodrigues Silva Gonçalves (UFMG)

RESUMO: Este trabalho pretende analisar dois contos da Literatura Brasileira: *I love my husband*, de Nélida Piñón, e *Sr. Diretor*, de Lygia Fagundes Telles, fazendo um paralelo entre ambos em relação ao teor temático que podemos observar nesses textos. Tanto no conto de Nélida, quanto no de Lygia, é possível traçar uma essência feminina no que diz respeito à sexualidade reprimida das protagonistas dos contos. Há, além da semelhança temática, algumas divergências entre essas mulheres-personagens, como por exemplo, a mulher de Lygia, solteira, envelhecida, recalca, ela mesma, seus próprios desejos, enquanto a personagem de Nélida, casada, também um pouco já

envelhecida, procura extravasar os seus através do cinema e da própria escrita, já que são o casamento e mesmo o marido os elementos repressores de sua sexualidade.

Palavras-Chave: Nélide Piñon; Lygia Fagundes Telles; Sexualidade reprimida; Envelhecimento.

6. SONHO E TRAUMA NO CONTO “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Karoline Zilah Santos Carneiro (UECE)

Carlos Eduardo de Sousa Lyra (UECE)

RESUMO: No conto “Líbia Moirã”, de Conceição Evaristo (2011), a personagem-título narra um sonho que se repete por décadas, tendo como consequências terrores noturnos, estigmas sociais, depressão e tentativas de suicídio. Ela compreende este sonho somente no aniversário de 50 anos do irmão, quando associa o seu trauma ao fato de ter presenciado o nascimento pré-maturo dele. Esta pesquisa bibliográfica investiga as relações entre sonho e trauma no conto, objetivando analisar a origem das angústias da protagonista. Com base na teoria psicanalítica da interpretação dos sonhos, identifica-se no cerne do relato da personagem sentimentos ambivalentes relacionados ao nascimento do irmão, como a sensação de abandono no contexto do nascimento abrupto para ceder lugar ao bebê. Observa-se também a associação do parto a uma dor profunda, e a repetição da imagem da cena originária através de sonhos, como uma tentativa de restituí-la. Orbitando a questão, detecta-se na personagem uma repressão do desejo de ser mãe, que vem a florescer no momento em que ela consegue significar seu sonho.

Palavras-Chave: Autoria feminina. Sonhos. Trauma. Psicanálise.

7. UMA LEITURA CRÍTICO-REFLEXIVA DOS CONTOS “A CELA UM” E “RÉPLICA”, DA ESCRITORA NIGERIANA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Eliane Cristina Testa (UFT)

Leomar Alves de Sousa (UFT)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma leitura crítico-reflexiva dos contos “A Cella Um” e “Réplica”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicados no livro “No seu pescoço” (Companhia das Letras, 2017), sob a ótica da autonomia (ou não) da mulher nigeriana. A partir dos pontos de vista das personagens femininas, que aparecem em ambos contos discutiremos suas posturas, suas crenças e seus comportamentos em relações de gênero. Metodologicamente utilizaremos a obra “Como analisar narrativas”, de Cândida Vilares Gancho, para construção da nossa análise. Para subsidiar teoricamente nossa proposta utilizaremos os seguintes autores, a saber: Adichie (2015), Gotlib (2004), Bonnici (2012) e Davis (2016). De modo geral, o que percebermos a partir das leituras dos contos, é que nos contextos familiares nigerianos há uma preponderância do universo masculino, porém, em dados momentos, a mulher é capaz de mostrar uma certa autonomia. Contudo, o que parece sobressair ainda é a vontade do homem, seus desejos e sua voz.

Palavras-Chave: Chimamanda Ngozi Adichie, Contos Nigerianos, Autonomia, Mulher.

SESSÃO DE PÔSTER – SEXTA-FEIRA 07/09/2018

Coordenadores:

Profa. Ms. Jurema da Silva Araújo (UERN)

Profa. Ms. Lanna Caroline S. de Almeida (UFMA)

1. ESCRITA FEMININA NA LITERATURA LUSÓFONA: DESENVOLVENDO AS HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA COM BASE NOS DESCRITORES DA PROVA BRASIL

Savina Cacilda de Sousa Oliveira (UESPI)

RESUMO: Este trabalho reflexionará sobre a escrita lusófona de autoria feminina e objetiva analisar diferentes textos de escritoras lusófonas, tendo como base os descritores da prova Brasil. A metodologia será de caráter bibliográfica, pesquisa de campo, e pesquisa-ação tendo como sujeitos da pesquisa os alunos no ensino fundamental maior 7º ano da escola estadual Edson Cunha, da cidade de Parnaíba. Utilizará como aporte teórico Antunes (2003), Cademartori (2009), Orlandi (1983), Prado (2010), entre outros. Desse modo, com esta pesquisa será mostrado como essas autoras representam um diferencial para o cânone literário e para cultura marcada pelo patriarcalismo e etnocentrismo presentes inclusive na sala de aula.

Palavras-Chave: Escrita feminina; Literatura Lusófona; Leitura e Escrita; Prova Brasil.

2. O EU-LÍRICO FEMININO ESCRITO POR UM HOMEM E EU-LÍRICO FEMININO ESCRITO POR UMA MULHER: POR MARQUESA DE ALORNA E CHICO BUARQUE

Ana Célia Francisca de Santiago Carvalho (IFCE)

Beatriz Araújo Brito (IFCE)

Mariana Antonia (UFC)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo o estudo comparativo das poesias de Chico Buarque e de Marquesa de Alorna, fazendo uma relação entre o eu-lírico feminino escrito por um homem e eu-lírico escrito por uma mulher. Chico Buarque de Holanda, conhecido artista contemporâneo da música popular brasileira, possui a autoria de inúmeras canções que tem a mulher como detentora da voz, como em Ana de Amsterdã, Teresinha, Bárbara. Já Marquesa de Alorna, poetisa portuguesa do séc. XIX, é um dos grandes nomes do movimento literário do Arcadismo português, além de ter sido vanguardista para seu contexto enquanto mulher. Este estudo intenta aproximar como escopo de estudo duas manifestações artísticas, a música e a poesia, e também analisar as semelhanças e diferenças das mulheres descritas por eles, e se, por Chico Buarque ser homem, ele constrói suas personagens com características que o patriarcado se agrada; e na contramão, se Marquesa de Alorna manifesta insubmissão a sociedade falocêntrica e tenta subverter com sua poesia. Para isso, utilizaremos Massaud Moisés (1987), Sânzio de Azevedo (1997) e Constância Lima Duarte (2016).

Palavras-Chaves: Eu-lírico; Chico Buarque; Marquesa de Alorna; Poesia; Música.

3. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM DONA SENHORA NA OBRA CARTILHA DO SILÊNCIO DE FRANCISCO J. C. DANTAS E A RELAÇÃO COM SEU CORPO E SUAS NECESSIDADES SEXUAIS

Tairine da Silva Ribeiro (UESPI)

RESUMO: Este estudo tem como objetivo explicar a autonomia da personagem Rosário, mais conhecida como dona Senhora, do romance *Cartilha do Silêncio* do autor sergipano, Francisco J. C.

Dantas e a relação que a mesma tem com seu corpo e suas necessidades biológicas sexuais. Usaremos como apoio teórico o *Neorregionalismo Brasileiro* do escritor Herasmo Braga (2017). Essa recente abordagem trás uma nova configuração à literatura regionalista brasileira, tanto no que diz respeito ao *espaço* e *enredo* quanto ao de suas *personagens femininas*, esta ultima a qual iremos nos aprofundar. Braga (2017) aborda em sua teoria essa autonomia feminina não pelo lado feminista e sim pela maior visibilidade que essas personagens ganham nos romances neorregionalistas.

Palavras-Chave: Neorregionalismo Brasileiro; Autonomia Feminina; Sexualidade.

4. OS DESCAMINHOS CONTEMPORÂNEOS DE JOÃO GILBERTO NOLL: UMA ANÁLISE DO HOMOEROTISMO EM BERKELEY EM BELLAGIO

Lucelia de Sousa Almeida(UnB)
Wagner dos Santos Rocha(UESPI)

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o homoerotismo presente no romance *Berkeley em Bellagio* de João Gilberto Noll. O autor foi um dos nomes que nos anos 1980 deu um novo tom à ficção brasileira com atenção para o experimentalismo e as questões de gênero e sexualidade. Sua obra tem como principal marca a abordagem da vida de personagens anônimas e errantes que estão sempre a buscar experiências com o outro, sobretudo através do sexo. A partir disso será feita uma conceituação do fenômeno homoerótico e como o mesmo se encontra presente no romance de Noll e no contexto literário contemporâneo. A metodologia usada é de cunho exploratório e bibliográfico e se apoia teoricamente em Santiago (2002), Trevisan (1986) e Foucault (1988).

Palavras-Chave: Homoerotismo; Literatura contemporânea; Sexualidade.

5. A FILHA PERDIDA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE

Renata Filipe da Silva(UESPI)

RESUMO: Neste artigo, dedica-se a analisar essa desconstrução da maternidade como desejo natural feminino por meio do romance *A Filha Perdida*, escrito pela italiana Elena Ferrante e publicado em 2006. Considera-se que essa imposição se utiliza de discursos políticos e econômicos ligados ao patriarcado que visa à manutenção de uma estrutura de perpetuação desse próprio sistema. A pesquisa divide-se em três momentos: a revisão dos conceitos de feminilidade versus feminismo; o segundo se debruça na supervalorização da maternidade e nos mecanismos criados para justificar o instinto materno; e o terceiro foca na análise do enredo e personagem da obra escolhida. Como fundamentação teórica, usam-se as ideias de LEMOS (2009), MENDES (2000), RIBEIRO (2011) entre outros autores.

Palavras-Chave: Maternidade; Feminismo; Elena Ferrante; *A Filha Perdida*.

6. CASAMENTO, MULHER E TRADIÇÃO EM AMOR E MARIA ANTÔNIA

Francisca de Paula Sousa Araújo (UFMA)
Lucelia de Sousa Almeida (UNB)

RESUMO: O presente trabalho compreende a relação matrimonial mostrada nos contos *Amor*, de C. Lispector e *Maria Antônia*, de Maria J. Silveira, a partir do seguinte problema: como se configuram as representações da mulher no casamento nos contos *Amor* e *Maria Antônia*? Assim, se objetiva, de modo geral, compreender a representação feminina no âmbito matrimonial; e especificamente, revelar as marcas da tradição patriarcal no casamento; mostrar aspectos da condição feminina; comparar os papéis femininos nas obras. A base teórica está na perspectiva da Sociologia da Literatura. Autores base Candido (2006); Mary Del Priore (1994), Oliveira (2009) dentre outros.

Palavras-Chave: Casamento; Mulher; Tradição; Amor; Maria Antônia.

7. O DESEJO DE MUDANÇA DA PERSONAGEM FÁTIMA E A RESISTÊNCIA DE SUA MÃE NO FILME O GRÃO, DE PETRUS CARIRY

Pauliane Alves de França Borges (UESPI)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as personagens femininas representadas por Fátima e sua mãe no filme *O Grão*, do diretor Petrus Cariry (2010), onde cada uma delas se apresentam de maneira bastante distinta, será usado como base de referências, a teoria do Neorregionalismo Brasileiro, de Herasmo Braga (2017), recente abordagem que se volta para a autonomia das personagens femininas, a transição do espaço rural para o urbano e a escritura memorialista como resistência. A primeira personagem a ser observada é a mãe de Fátima, que aparece como dona de casa dedicada, preocupada com os a fazeres domésticos e que ainda concilia com o tear. Diante dos problemas financeiros tenta manter as rédeas da casa, mas é notória sua dependência e submissão ao marido, exercendo assim um papel coadjuvante em todo o filme. De outro lado tem Fátima, jovem que se mostra completamente autônoma na trama, pretende se casar e mesmo ajudando nos afazeres de casa ela não domina boa parte de tudo que sua mãe tem como prioridades e necessidades para uma mulher casada. Fátima ver no casamento uma possibilidade de sair daquele lugar pacato e sem perspectiva de crescimento. Ela quer viver de maneira totalmente diferente de sua mãe, quer ir embora para a capital, trabalhar fora de casa e ajudar a família, nota-se que este é o seu principal interesse em se casar. Pretende-se abordar neste trabalho o comportamento destas duas mulheres, onde já foi dito que uma delas é coadjuvante, exemplo claro dos romances de 1930 e a outra se apresenta de maneira autônoma, que é como a figura feminina aparece hoje tanto no cinema como em obras regionalistas.

Palavras-Chave: Personagem feminina; Autonomia; Resistência; Neorregionalismo.

8. OUTRAS PÁGINAS DA GUERRA: HISTÓRIA, VIOLÊNCIA E GÊNERO NA OBRA DE CURZIO MALAPARTE

David Gonçalves Santos (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

RESUMO: O estudo analisa o olhar do escritor italiano, Curzio Malaparte, acerca das ressonâncias da Guerra, tendo como discussão a exploração sexual e as relações de poder e de gênero. O estudo analisou o livro “A Pele” (1949), destacando chaves de leitura como gênero, sexualidade e relações de poder. Foram utilizadas discussões feitas por Elcio Cornelsen e Tom Burns, Magali Engel, Roy Porter, Joan Scott e Raquel Soihet. Foi possível observar mudanças no cotidiano napolitano, principalmente nas relações de gênero e na sexualidade dos habitantes, assim como a prostituição das moças; a prostituição infantil. As relações de poder estão presentes na política, economia e sociedade e nas relações de gênero, dos discursos de poder que permeiam o tempo e o espaço.

Palavras-Chave: Curzio Malaparte; Literatura; Gênero.

9. A CONFIGURAÇÃO DO NEORREGIONALISMO CINEMATOGRAFICO A PARTIR DA ÓTICA DA AUTONOMIA FEMININA NA OBRA BOI NEON (2015) DE GABRIEL MASCARO

Letícia Maria Alves Braga (UFPI)

RESUMO: A presente análise se direciona para a configuração do Neorregionalismo Cinematográfico enquanto tendência cinematográfica partindo da questão da autonomia feminina no filme *Boi Neon* (2015) de Gabriel Mascaro através das personagens *Galega* e da menina Cacá. O Neorregionalismo Brasileiro se configura como uma nova tendência dentro do universo literário e cinematográfico. A sua caracterização reside na questão da autonomia das personagens femininas, na problematização do espaço com as mudanças do rural para o urbano com outras modulações de relacionamento entre o espaço e as personagens dos enredos, e na questão do uso da memória como instrumento de valorização da tradição em detrimento a homogeneização da cultura formulada pela

globalização hegemônica. Para esta empreitada iremos utilizar os seguintes autores Brito (2017), Bernadet (2007), Xavier (2001).

Palavras-Chave: Autonomia Feminina; Neorregionalismo; Cinema Brasileiro.

10. A POESIA DE SUSY SHOCK

Andra Del Valle Bazan (UFOP)

RESUMO: Neste trabalho pretendo apresentar um poema da escritora Susy Shock, de seu livro *Poemario Trans Pirado*, através de diferentes teorias como a de elocução performativa e a de arte e performatividade. Para a análise dos poemas foi considerada uma perspectiva interessada no seu carácter discursivo, já que os mesmos podem ser considerados tanto literários quanto cênicos e/ou performáticos. Além disso, explora-se a figura do “monstro” como elemento de relevância, entendendo as teorias sobre diversidade de gênero e fazendo uma análise da literatura de Susy. Previamente à análise, foram realizadas as respectivas traduções dos poemas, originalmente escritos em língua espanhola.

Palavras-Chave: Susy Shock; Poemario Trans Pirado; Gênero; Performance.

11. A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO FILME “AS TRÊS MARIAS”, BASEADA NA TEORIA DO NEORREGIONALISMO BRASILEIRO

Vitória Karolline dos Santos Sousa (UESPI)

Maryelly Brasilino Silva (UESPI)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o filme *As três Marias* (2002) de Aluizio Abranches, ressaltando a autonomia das quatro protagonistas femininas e suas respectivas singularidades, mostrando ainda as mudanças que marcam a representação do feminino no cinema e na literatura, que refletem a realidade social atual, tomando por base o aspecto da autonomia feminina, presente na teoria do Neorregionalismo Brasileiro. Observamos que o papel da mulher no cinema, assim como nas obras literárias e também na realidade social, tem se expandido nos últimos anos. O cinema brasileiro sempre buscou incorporar diversos contextos narrativos em suas histórias, porém, as personagens femininas eram criadas com base em concepções masculinas, assim, a imagem da mulher era construída apenas como objeto de cena para proporcionar o prazer masculino, assemelhando-se ao que ocorria fora das telas, já que as mulheres eram vistas unicamente para a realização das tarefas domésticas, atividades que eram consideradas femininas. Com o passar do tempo, e com as lutas realizadas pelas mulheres em busca de igualdade, a situação começou a mudar, e a mulher deixou de ser vista como mera coadjuvante, e passou a assumir o papel de protagonista, tanto em sua vida, como nas representações cinematográficas. Destarte, serão analisados os comportamentos das personagens femininas, destacando a personagem Filomena Capadócio, que é a mãe das três Marias e tem a sua vida marcada por uma tragédia por causa de acontecimentos de um passado que não fora bem resolvido, a personagem perde todos os homens da sua família em um ato de vingança encomendado por um amor do passado, mas rompendo com as tradições e com os padrões de comportamentos impostos às mulheres pela sociedade, ela arquiteta um plano de vingança, envolvendo as suas três filhas. E é a partir de então que se tornam explícito a força, determinação e autonomia que cada uma possui, e que se tornam mais presentes no decorrer do filme. A análise tem como base os autores: Brito (2017), Setaro (2010), Xavier (2001).

Palavras- Chave: Autonomia feminina; Neorregionalismo Brasileiro; Cinema.

12. REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CINEMA BRASILEIRO DE FICÇÃO: TIETA DO AGRESTE

Josineide Carvalho Costa (UESPI)
 Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

RESUMO: Cada vez mais vemos obras literárias deslocarem-se para as telas. Desde o surgimento do cinema o diálogo entre as duas artes se estreitam, explicitando as amplas possibilidades dessa relação interartística. Esse contato hibridizante é rico, plural, porém não isento de reflexões divergentes. A presente pesquisa tem por finalidade explorar as relações do cinema com a literatura a partir da representação do feminino no longa-metragem *Tieta do Agreste* (1996), de Cacá Diegues, sendo principal vetor de nossa análise. Ao longo dos anos, a luta por direitos de igualdade, construiu uma significativa representação da imagem da mulher na sociedade, que buscou ultrapassar a imagem tradicional e estereotipada, advinda de paradigmas patriarcais e sexistas. Além do diálogo entre literatura e cinema, estabeleceremos também paralelos entre a história do feminismo no Brasil e a exposição do feminino no filme em questão. Teremos como base para fundamentação das nossas ideias os seguintes autores Leite (2005), Bergan (2007), Pellegrini (2003), Saffioti (1979), Bosi (2002), Candido (2000).

Palavras-Chaves: Cinema brasileiro; Adaptação; Literatura; Autonomia feminina.

13. UMA ANÁLISE DA AUTONOMIA FEMININA DENTRO DO FILME AS SUFRAGISTAS

Thamara Ingrid Soares da Silva (UFPI)
 Hérica Vieira da Rocha Silva (UESPI)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo, analisar o filme as sufragistas de Sarah Gavron, mostrando as teorias encontradas, com ênfase na teoria do desejo triangular, a qual explícita que em toda a relação humana há o desejo mimético e que não há posições fixas para ninguém nessa relação (GIRARD, 2009). E também analisar os comportamentos das personagens femininas, com destaque na personagem Maual Watts, a qual percebe-se que sua autonomia é firmada no decorrer da narrativa. Com isso, o filme retrata a história do movimento sufragista inglês, liderado por Bertha Lutz, que incentivou mulheres a lutarem por igualdade, encorajando-as a desenvolver as mais diversas atividades. Assim, o resultado da análise desse filme parte do pressuposto da autonomia e luta feminina, mostrando a personalidade forte dessas mulheres. Que após muitas lutas conseguiram o que almejavam. Além de trazer a tona à luta que cada mulher teve para hoje obter seus direitos. Desse modo, é perceptível que as diversas áreas de estudo, assim como a cinematografia, enfatizaram a perspectiva sobre a mulher em consequência do movimento feminista das décadas 60 e 70, o qual visava/visa destruir os mitos da inferioridade “natural”, reivindicando também sua condição de sujeito na investigação da própria história. Nesse contexto, as ações geraram consequências positivas, pois, hoje o direito ao voto na maioria dos países é concedido às mulheres, assim como outras conquistas que ocorreram, e vem ocorrendo com o passar dos anos devido às militâncias que foram representadas no filme.

PALAVRAS-CHAVES: Sufragistas; relação triangular; autonomia feminina.

14. ANÁLISE DE TEXTOS DOS JORNAIS PIAUIENSES: ANDORINHA 1905, JORNAL BORBOLETA 1905, A PHALANGE 1889, O ARREBOL 1922, O TEMPO 1888

Waléria Guimarães de Sousa (UESPI)

RESUMO: A presente pesquisa, em andamento, tem como objetivo analisar em jornais e folhetins, o que foi deixado de lado pelos historiadores, seja por falta de leitores que o autorizassem, seja por não se enquadrar em modelos e padrões da época. No caso do Piauí, que se localiza na periferia de

onde foram produzidos e representados os discursos dominantes acerca do conceito de literatura e dos gêneros consagrados, o resgate do jornal se faz urgente para a construção de uma história na literatura. A presente pesquisa se insere, portanto na linha de pesquisa “História da Literatura memória e gênero”, buscando descobrir, primeiramente, em que gêneros produziam os escritores piauienses do século XX, bem como descobrir o que e como lia a comunidade de leitores local. Segundo, investigando como aqueles leitores representavam esse suporte de circulação da literatura (o jornal) e, principalmente, como definiam e o que consideravam literatura. A pesquisa está sendo realizada a partir de levantamentos dos poemas e outras produções literárias nos seguintes jornais: Andorinha 1905, jornal borboleta 1905, A Phalange 1889, O arrebol 1922, O tempo 1888.

Palavras-Chave: Literatura; Jorna Piauienses; Gênero.

15. ASPECTOS NEOSSIMBOLISTAS NA POÉTICA DE LORENA TORRES E MARIANA LUZ NO PERIÓDICO MARANHENSE NOVECENTISTA O ROSARIENSE

Luiza Natalia Macedo Marinho (UFMA)

RESUMO: A pesquisa em questão se articula com as reflexões e debates do “Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e Imprensa” (GEPELHI/UFMA/FAPEMA/CNPq), o qual iniciou suas atividades em setembro de 2015, pela Coordenação de Letras, do Campus Universitário Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A presente comunicação tem por objetivo analisar as reverberações da estética simbolista em poemas das autoras maranhenses Lorena Torres e Mariana Luz publicados no início do século XX no periódico maranhense *O Rosariense*. Para a realização dessa pesquisa, foram feitas consultas ao acervo digital da Biblioteca Benedito Leite, de São Luís, e à hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Lorena Torres; Mariana Luz; Neossimbolismo; Imprensa maranhense novecentista.

16. AUTORIA FEMININA NO PERIÓDICO REVISTA DO NORTE: ROSÁLIA SANDOVAL

Igor Luid de Souza Oliveira (UFMA)

RESUMO: A presente comunicação se articula com as reflexões do “Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e Imprensa” (UFMA/GEPELHI/FAPEMA/CNPq) e traz resultados a respeito da presença da produção poética da escritora Rosália Sandoval no periódico maranhense *Revista do Norte* no século XIX. Para a realização desta pesquisa, foram realizadas consultas ao acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, de São Luís. Propomos a análise de textos jornalísticos como fonte e objeto de pesquisa, já que desde o século XIX é um importante instrumento difusor da cultura e da literatura. O resultado da pesquisa será publicado no acervo digital do Centro de Documentação e de Pesquisa Maria Firmina dos Reis (CEMDOP/UFMA).

Palavras-Chave: Rosália Sandoval; *Revista do Norte*; Pesquisa, Periódicos.

17. O BILDUNGSROMAN FEMININO DO SÉCULO XIX EM A SENHORA DE WILDFELL HALL, DE ANNE BRONTË

Cindy Conceição Oliveira Costa (UFPI)

Lucélia de Sousa Almeida (UNB)

RESUMO: O presente artigo teve como objetivos: analisar como o *Bildungsroman* feminino do século XIX se manifesta na obra *A Senhora de Wildfell Hall* (1848), compreender o gênero, e comparar os processos da subjetividade feminina, mediante os valores sociais da época visíveis na protagonista. Quanto a metodologia: bibliográfica, de cunho sociológico. Fez-se explicações acerca da tradição do romance de formação alemão (*Bildungsroman*), e sua presença em obras escritas por

mulheres na Inglaterra do séc. XIX. Esse era um gênero unicamente masculino, pois na época não era dada às mulheres as mesmas oportunidades e privilégios. Assim, foram utilizados como aporte teórico: Maas (2000), Pinto (1990), Mendes (1983), Bakhtin (1997), entre outros.

Palavras-Chave: Literatura feminina; Bildungsroman; Séc. XIX; Era Vitoriana.

18. O DITO E O NÃO-DITO: EXPLORANDO A VOZ FEMININA MANIFESTA NA ENUNCIÇÃO LITERÁRIA EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA, DE CLARICE LISPECTOR

Maria Vitória Martins Souza (UESPI)

José Mágnio de Sousa Vieira (UNEMAT)

RESUMO: A geração Neomoderna é caracterizada como uma corrente subjetivista e introspectiva ou psicológica em que a personalidade humana é colocada em face de si mesma ou analisada nas suas reações com outros indivíduos. O objetivo deste trabalho será analisar o dito e o não-dito na construção das manifestações emocionais e afetivas das vozes femininas no conto *Os Laços de Família* (1998), de Clarice Lispector. O aporte teórico utiliza dentre outros pesquisadores Eni P. Orlandi (2015) e O. Ducrot (1972) que elucidaram sobre as construções discursivas do implícito e do explícito que se materializam nos pressupostos e subtendidos das enunciações. Os resultados obtidos foram as relações e emoções subtendidas entre os personagens que revelam a realidade de famílias brasileiras contemporâneas, onde Clarice Lispector manifesta de forma velada as emoções decorridas dos relacionamentos corriqueiros, que desaguam em distanciamento, ao mesmo tempo que prova ser possível uma epifania, uma alteração de comportamento diante do acontecimento mais banal do dia a dia.

Palavras-Chave: Clarice Lispector; Os Laços de Família; Dito; Não-dito.

19. A AUTONOMIA DA PERSONAGEM FEMININA APLICADA A OBRA EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS DE MARÇAL AQUINO

Valdenise Maria Mendes Ribeiro (UESPI)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo principal analisar um dos aspectos configuradores do *Neorregionalismo Brasileiro* de *Herasmo Braga*, que é a autonomia da personagem feminina. A teoria do *Neorregionalismo*, ou seja, o novo regionalismo, passa a predominar desde a década de 60, onde passa a ocorrer algumas mudanças sociais e também nas produções literárias, sendo uma delas as personagens femininas que antes eram meras coadjuvantes e sempre estavam atrás da figura masculina na maioria das obras regionalistas, com a mudança do cenário, em decorrência veio mudando também o papel destas personagens que hoje já apresentam autonomia nas obras, independente do gênero do autor. Então foi escolhida para esta análise a personagem Lavínia da obra *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de *Marçal Aquino*. A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfico e com análise de dados. À vista disso, para realização do trabalho foi usado como base teórica os autores: Braga (2017), Candido (2000), Watt (2010).

Palavras-Chave: Neorregionalismo; Regionalismo; Análise; Personagem.

20. A AUTONOMIA FEMININA NAS OBRAS CADERNO DE RUMINAÇÕES E CARTILHA DO SILÊNCIO DO AUTOR FRANCISCO DANTAS

Janne Kellen Rodrigues de Araújo (UESPI)

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise sobre a autonomia feminina presente na literatura, no caso desta análise, nas obras Neorregionalistas *Cartilha do Silêncio* e *Caderno de Ruminações* do

autor Sergipano Francisco Dantas. O Neorregionalismo também se configura por inserir nos enredos uma maior participação feminina, que não serão mais coadjuvantes, mas protagonistas, ao contrário de parte das obras de 30. Percebe-se nesses romances a conquista da autonomia feminina diante do poder masculino que se instaurou na sociedade. Pois a mulher era condicionada a ser inferior e submissa ao homem. Mas por serem obras verossímeis, assim como a mulher vem ganhando espaço, personagens tem autonomia sobre o poder masculino. Elas não se limitam apenas ao lar. Dentro dos romances, elas procuram sua afirmação como mulheres donas de si, de corpo, de seus desejos e anseios e de suas atitudes fora do molde patriarcal. Percebemos que hoje, fala-se da mulher independente. A mulher que após ter sido sustentada e submissa durante séculos pelo pai ou marido, vem deixando aos poucos essa submissão adquirindo novo patamar. A mulher vem ganhando seu espaço na sociedade, pois antes o único objetivo de vida era casar, ter filho, cuidar da casa. Sendo uma propriedade do marido, não tendo direito de agir, de ter certas atitudes e satisfazer seus desejos. Porém, ela vem aos poucos conquistando seu lugar, sua autonomia, mesmo ainda prevalecendo a cultura machista. Houve ainda transformações no que se refere à autonomia feminina no mundo real, nas obras literárias não é diferente, e especificamente nas obras regionalistas. Elas não são somente coadjuvantes como nos romances de outrora, mas estão presentes nas narrativas e ganham um papel de protagonista nas narrativas. Pois, em parte dos obras regionalistas de 30 elas ainda eram personagens de segundo plano. Seus papéis eram, a maioria, donas de casa que viviam sob ordens do marido ou prostitutas. Assim, não tinham participações protagonistas dentro das obras. Os personagens mais marcantes eram os masculinos, a personagem feminina não tinha voz nas narrativas. Portanto, os papéis femininos eram condizentes com a realidade, a maioria delas submissas, diante de uma sociedade patriarcal. As personagens não tinham liberdade, não haviam mulheres livres, viviam submissas às ordens de seus maridos. Então não havia autonomia feminina dentro das obras de 30. Francisco Dantas escreve em alguns de seus romances, a personagem feminina como centro de suas narrativas, como pessoas que procuram sua afirmação e seu reconhecimento, podemos citar então *Cartilha do Silêncio* e *Caderno de Ruminções* obras analisadas no presente trabalho, nesse romance a figura da personagem feminina é bem marcante e se configuram como personagens que tem autonomia bem representada e afirmada por elas mesmas. Em *Cartilha do silêncio*, percebemos a autonomia de dona Senhora, a medida em que ela se mostrava uma mulher livre mesmo frente ao poder patriarcal imposto pela sociedade. Ela olha com os outros olhos para o mundo, o amor, o homem, a mulher, sem estar presa aos condicionamentos que tanto limitam as mulheres, tem coragem de ser ela mesma na sua totalidade, se sente livre para expressar seus desejos, sentimentos e vontades, mesmo os considerados masculinos por nossa cultura excludora. Em *Caderno de Ruminções* (2012) a personagem feminina Analice exerce protagonismo no romance. Ela se destaca pela sua autonomia, tanto por ter condição social elevada, tendo, portanto autonomia financeira, como também em relação ao homem, pelo seu poder de sedução e dominar a relação. Em *Cartilha do Silêncio* presenciamos D. Senhora com uma invejável determinação, porém é a sensação de mulher esquecida pelo marido que acarreta preocupação. Pudera ser assim, Romeu Barroso, seu marido, mantém a tradição da época e de sua família, mantendo o pensamento de homem intocável pelas investidas da sua ou de qualquer outra mulher. Desejos e vontades reprimidas, quase um pecado capital. Mas eram os costumes da época, era como que tinha que ser, a mulher cuidando da casa, filhos e marido. A iniciativa sempre teria que partir do homem e não o contrário. Só que, não mais agüentando, D. Senhora, passou a violar essa regra, passou a procurar o marido dando-lhe motivos para que a quisesse, para que o prazer tomasse conta do seu casamento. Infelizmente tudo em vão, quanto mais houvesse investidas, mais decepção, mais desprezo e raiva. 15 anos de matrimônio, e inúmeras demonstrações de desinteresse por parte de Romeu, homem rústico, patriarca e fechado, impôs a sua esposa a troca de identidade, antes Rosário, agora D. Senhora. A prisão para uma mulher que almejava tanto, o desejo de ser bailarina, de freqüentar teatros, eventos culturais diversos, um casamento mais dinâmico e tentador, agora se restringe seus deveres como mulher disciplinada do lar. Mas que não perde sua essência buscando conquistar seu espaço como mulher.

Palavras-Chaves: autonomia; Neorregionalismo; protagonismo; espaço.

21. A ÓTICA DA AUTONOMIA FEMININA EM CINZA DO NORTE DE MILTON HATOUM

Marília dos Reis Silva (UESPI)

RESUMO: O presente trabalho visa analisar a autonomia feminina sob a ótica do neorregionalismo brasileiro a partir da obra de Milton Hatoum *Cinza do Norte*. Trata-se de uma análise que utiliza de ideias e conceitos da autonomia das personagens femininas com embasamento teórico de Herasmo Brito (2017) e sobre as ideias de Candido (2002) que destaca que as obras literárias se constituem a partir da verossimilhança, pois conforme as mudanças que ocorrem no universo real refrata nas narrativas. Em vista disso, pretende-se abordar esse diálogo de literatura e sociedade a questão do neorregionalismo brasileiro em função da autonomia feminina e a sua atuação na resistência da homogeneização da cultura e tradição os dilemas e as narrativas engajada e a alteridade das personagens na obra *Cinza do Norte*. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente como bibliográfica. Usando como base principal a teoria do Neorregionalismo Brasileiro de Herasmo Brito (2017) as concepções de Antonio Candido sobre Literatura e Sociedade (2002) e a Ficção Brasileira Contemporânea de Shcollhammer (2011).

Palavras-Chave: Neorregionalismo; Literatura; Sociedade; Autonomia Feminina.

22. A VIA CRUCIS MATERNA EM O ESTANDARTE DA AGONIA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

Camila Pereira de Sousa (UESPI)

Lucelia de Sousa Almeida (UNB)

RESUMO: A Ditadura civil-militar no Brasil silenciou seus opositores de forma desumana. Porém, muitos encontraram na Literatura um meio de expressar resistências e dramas vividos no período. Nesse sentido, este artigo objetiva analisar marcas da violência na personagem Açucena, em *O Estandarte da agonia*, de Heloneida Studart. Inicialmente, mostrará como se dá relação entre Memória, História e Literatura através da configuração política do país na época. A metodologia é bibliográfica e contará com teóricos como Netto (2014), Pesavento (2003), Pollak (1989), entre outros. A análise mostrará que a violência se dava também em torno daqueles que não estavam diretamente envolvidos na oposição do regime, principalmente ao se tratar de gênero.

Palavras-Chave: História; Memória; Via Crucis; Materna.

23. MARIA DA INGLATERRA: A RAINHA DAS COMPOSIÇÕES

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

Karyna Polyana Carvalcante de Paula (UESPI)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo compreender e analisar a produção musical de Maria da Inglaterra. Propõe, ainda, analisa duas dimensões na música produzida por Maria da Inglaterra: a linguagem verbal e a linguagem musical. Metodologicamente, o estudo está centrado nas análises sobre a vida e a obra da cantora, com destaque para as letras das músicas por ela interpretadas. Como arcabouço teórico-metodológico, o estudo recorreu aos debates sobre História, Memória e Identidades através de Jaques Le Goff, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e Marc Bloch. Os resultados indicam que a música popular, entre outros aspectos, está imersa nas nuances da memória, pois lida com as dicotomias da lembrança e do esquecimento, tendo em Maria da Inglaterra a sinalização dos limiares da memória.

Palavras-Chave: História; Música; Memória; Identidade.

24. MARIA DA INGLATERRA: A RAINHA DAS COMPOSIÇÕES

Ligia dos Santos Lima de Macêdo (UESPI)

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo compreender e analisar a produção musical de Maria da Inglaterra. Propõe, ainda, analisa duas dimensões na música produzida por Maria da Inglaterra: a linguagem verbal e a linguagem musical. Metodologicamente, o estudo está centrado nas análises sobre a vida e a obra da cantora, com destaque para as letras das músicas por ela interpretadas. Como arcabouço teórico-metodológico, o estudo recorreu aos debates sobre História, Memória e Identidades através de Jaques Le Goff, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e Marc Bloch. Os resultados indicam que a música popular, entre outros aspectos, está imersa nas nuances da memória, pois lida com as dicotomias da lembrança e do esquecimento, tendo em Maria da Inglaterra a sinalização dos limiares da memória.

Palavras-Chave: História; Música; Memória; Identidade.

25. RELATOS DE ESCRIVIVÊNCIA EM NO FUNDO DO CANTO, DE ODETE SEMEDO

Rafena Lima Araújo (UESPI)

Diala Rafaela (UESPI)

RESUMO: O objetivo do trabalho é analisar o poema No fundo do canto (2003), de Odete Semedo, verificando rastros autobiográficos que sugerem vivências coletivas da escritora no momento da construção da sua obra. Procuramos porções verossímeis que existam em sua poesia. Para alcançarmos este fim utilizaremos, na pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentação em estudiosos que tratam da questão como Leite (2014) e Couto; Embaló (2010). O trabalho se justifica pela relevância da autora para os estudos literários africanos de língua portuguesa. Buscaremos pistas que evidenciem quer questões políticas, quer questões sociais que perpassavam em Guiné-Bissau, bem como verificaremos se tensões vividas pela escritora foram absolvidas pelo eu lírico da obra.

Palavras-Chave: No Fundo do Canto; Odete Semedo; Rastros autobiográficos; Porções Verossímeis.

26. VERONICA STIGGER LÊ ANGÉLICA FREITAS: DOIS ÚTEROS ERRANTES INCOMODAM, INCOMODAM MUITO MAIS

Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias (UFPI)

Susana Souto Silva (UFAL)

RESUMO: Duas autoras. Duas mulheres. Dois úteros errantes. Angélica Freitas e Veronica Stigger têm pontos de contato bastante visíveis, entre os quais merece destaque a presença de um ácido humor. Seus risos estão no espaço do impensado; do (in)dispensável para apre(e)nder a totalidade existencial. Através dele, é possível se aproximar de um não-lugar; de uma não-linguagem, do não-nomeável. Dentro desse universo, humor bordeja essa não-linguagem tão animalesca e tão pouco divina, marcada culturalmente, muitas vezes, como uma função social da desordem e da

transgressão normativa. Angélica Freitas, poeta contemporânea, faz uso dessa estratégia tanto no seu primeiro livro, *Rilke Shake* (2006), quanto no seu segundo, *Um útero é do tamanho de um punho* (2012). Este trabalho tem por objetivo analisar os operadores de humor no poema que dá nome a seu segundo livro, buscando, assim, pensá-los como mecanismos de desestabilização. Mecanismos esses que atuam diante de um Útero errante através de um discurso também errante, em que cabe tanto o símbolo histórico do sagrado feminino, quanto o órgão associado a descontroles emocionais e mentais. Esse dualismo – que será analisado em diálogo com um texto crítico intitulado *Útero errante* (2015), de outra escritora contemporânea, Veronica Stigger – atua no sentido de produzir um ambiente profícuo para a análise, no que diz respeito à observação de um jogo de ambiguidades movente entre o sagrado e o profano. Para isso, serão referidos como base teórica o livro de Verena Alberti, *O riso e o risível* (2002) e o livro de Lélia Parreira Duarte, *Ironia e humor na literatura* (1994).

Palavras-Chave: Escritoras contemporâneas; Útero errante; Humor e ironia.

27. O OLHAR SOBRE A FIGURA FEMININA EM GABRIELA, CRAVO E CANELA, DE JORGE AMADO

Alícia da Silva Carvalho (UESPI)

Liliane Pessoa Seixas (UESPI)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo a análise da figura feminina sob à ótica da sociedade brasileira no século XIX na obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. Para realização de tal feito, procurou-se observar os diferentes perfis femininos encontrados relacionando-os à sociedade da época e o comportamento dessas mulheres frente às imposições estabelecidas. Assim é possível ter-se uma visão de como as mesmas eram tratadas e olhadas devido seu comportamento diferenciado. O trabalho teve como corpus duas personagens marcantes dentro da obra, *Malvina e Gabriela*, que mesmo sendo de classes sociais distintas mantêm em comum a ânsia por liberdade e o desejo de agir conforme suas próprias vontades. Com o intuito de dar suporte às prerrogativas apresentadas neste trabalho foram utilizados teóricos como Zolin (2009), Belline (2008) e Bosí (2017), realizadas por meio de análises interpretativas de cunho bibliográfico da obra e textos relacionados à temática. Por fim, a importância desse trabalho terá relevância para os estudos da figura feminina dentro da literatura e o seu reflexo na sociedade.

Palavras-Chave: Figura feminina; Comportamento; Perfis femininos.